



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de São José do Rio Preto

Luísa Ferrari

O papel dos contextos nas mudanças por gramaticalização e
subjativização: um estudo diacrônico das construções com *agora* e *now*

São José do Rio Preto
2018

Luísa Ferrari

O papel dos contextos nas mudanças por gramaticalização e
subjativização: um estudo diacrônico das construções com *agora* e *now*

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: FAPESP – Processos 2015/21358-6 e 2017/01933-1.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Sanderleia Roberta Longhin

São José do Rio Preto
2018

Ferrari, Luísa.

O papel dos contextos nas mudanças por gramaticalização e subjetivização: um estudo diacrônico das construções com agora e now / Luísa Ferrari . -- São José do Rio Preto, 2018
250 f. : il. , grafs. , tabs.

Orientador: Sanderleia Roberta Longhin
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

1. Linguística. 2. Gramática comparada e geral - Gramaticalização. 3. Polissemia. 4. Mudança. I. Título.

CDU – 41

Luísa Ferrari

O papel dos contextos nas mudanças por gramaticalização e
subjativização: um estudo diacrônico das construções com *agora* e *now*

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: FAPESP – Processos
2015/21358-6 e 2017/01933-1.

Comissão Examinadora

Prof^a. Dr^a. Sanderleia Roberta Longhin
UNESP – Universidade Estadual Paulista
Orientadora

Prof. Dr. Ivo da Costa do Rosário
UFF – Universidade Federal Fluminense

Prof^a. Dr^a. Rosane de Andrade Berlinck
UNESP – Câmpus de Araraquara

São José do Rio Preto
22 de agosto de 2018

A meus pais, dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A meus pais, Sueli e Luís, pelo amor incondicional, pela confiança em minhas escolhas e pela paciência. Agradeço pela vida e por não medirem esforços para meu bem e minha felicidade. Suas histórias de vida e os valores que sempre me motivaram a cultivar me tornaram capaz de desenvolver este trabalho, porque me ensinaram que dedicação e amor devem ser a essência de tudo que fazemos.

À Sanderleia, pela orientação dedicada e humana, pela confiança em meu trabalho e por tantos ensinamentos sobre a pesquisa e sobre a vida. Agradeço por me mostrar caminhos que nunca imaginei trilhar e por acreditar em minha capacidade para percorrê-los. Agradeço por me mostrar a relevância do “caminho do meio”, que me ensinou a buscar constantemente equilíbrio para o trabalho e para tudo na vida.

Aos professores Ivo e Rosane, pelas leituras tão minuciosas e pelas contribuições tão enriquecedoras, que, além de melhorarem tanto este trabalho, foram também tão relevantes para minha formação acadêmica e científica.

A meu namorado Henrique, pelo amor e paciência. Sua confiança em minhas decisões, mesmo nos momentos em que elas nos colocaram desafios, me deu suporte ao longo de todo o percurso até aqui. Agradeço por se esforçar tanto por minha felicidade e por, de fato, me fazer tão feliz. Agradeço por ter sido tão presente em todos os momentos e por compartilharmos cada vez mais projetos de trabalho e de vida.

A meus amigos Lilian, Sarah, Vânia e William, que contribuíram imensamente com este trabalho, tanto pela confiança que sempre depositaram em mim quanto por me inspirarem com suas virtudes raras e com suas lindas trajetórias de vida. Agradeço por tantas experiências, entre risos e lágrimas, compartilhadas desde o início da graduação.

A todos os amigos que o mestrado me proporcionou, com quem compartilhei frustrações, risadas, medos e esperanças.

À minha amiga Juliana, com quem, apesar de nosso amor por ciências diferentes, compartilhei alegrias e frustrações tão similares. Agradeço pelas tantas conversas, principalmente nos ônibus da vida, ao longo de tantos anos.

A todos os professores do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários do IBILCE, que, direta ou indiretamente, contribuíram para minha formação e para meu crescente amor pelos estudos da linguagem.

Ao professor Scott, pela orientação durante meu estágio de pesquisa no exterior e pelas tantas contribuições com este trabalho.

À FAPESP, pelo apoio financeiro no Brasil e no exterior (Processos 2015/21358-6 e 2017/01933-1).

“A língua se faz...: é um fazer-se num quadro de permanência e de continuidade... Mas o fato de se manter parcialmente idêntica a si mesma e o fato de incorporar novas tradições é, precisamente, o que assegura a sua funcionalidade como língua e o seu caráter de “objeto histórico”. Um objeto histórico só o é, se é, ao mesmo tempo, permanência e sucessão”.

(COSERIU, 1979, p. 236)

RESUMO

Neste trabalho, investigamos, em perspectiva longitudinal, trajetórias de mudança similares no português e no inglês, atravessadas pelas construções com *agora* e pelas construções com *now*. Originalmente, *agora* e *now* atuam como advérbios temporais que estabelecem relações entre o tempo de eventos no mundo e o tempo da enunciação (SCHIFFRIN, 1987; ILARI, 2002). Ao longo da história do português e do inglês, tanto *agora* como *now* adquirem significados não temporais, que se distribuem em dois tipos. Em um deles, expressam significados contrastivos e atuam na junção de enunciados; em outro, indicam uma mudança para novos (sub)tópicos discursivos, funcionando como marcadores discursivos (TRAUGOTT; DASHER, 2004). Assumindo que a mudança linguística se processa via contextos específicos, que evocam inferências de novos significados (TRAUGOTT; DASHER, 2004), o objetivo maior do trabalho é elucidar os percursos históricos de mudança de *agora* e *now* à luz dos arranjos contextuais que favorecem a emergência dos novos padrões de uso. Para tanto, a pesquisa é conduzida sob viés diacrônico, a partir de textos de tipologia variada produzidos em diferentes períodos do português e do inglês. Entendendo os contextos como a principal via de desenvolvimento das mudanças, assumimos os pressupostos da *Teoria da Inferência Convidada* (TRAUGOTT; DASHER, 2004), que atribui à pragmática o papel de força motriz da mudança e busca explicar a tendência à subjetivização dos significados. Aliamos o modelo aos pressupostos teóricos da Gramaticalização (HOPPER; TRAUGOTT, 2003), relevantes para o trabalho na medida em que as mudanças aqui investigadas afetam tanto o domínio do significado quanto da morfossintaxe.

Palavras-chave: Contextos. Polissemia. Mudança. Gramaticalização. Subjetivização.

ABSTRACT

In this paper, we investigate, in a longitudinal perspective, similar paths of change in Portuguese and English. Originally, 'agora' and 'now' work as temporal adverbs that establish a relationship between the time of events in the world and the speaking time (SCHIFFRIN, 1987; ILARI, 2002). Through the history of Portuguese and English, both 'agora' and 'now' acquire non temporal meanings, that are distributed in two types. In one of them, the itens express contrastive meanings and work as conjunctions; in the other one, they indicate a change to new discourse (sub)topics, playing the role of discourse markers (TRAUGOTT; DASHER, 2004). Assuming that linguistic change occurs in specific contexts, that evoke inferences of new meanings (TRAUGOTT; DASHER, 2004), our main purpose is to elucidate the paths of change of 'agora' and 'now' in the light of the contextual clusters that favour the emergence of the new usage patterns. For this purpose, the research is developed in a diachronic perspective, by means of different types of texts produced over different periods of Portuguese and English. Conceiving contexts as the main via to change, we affiliate to the Invited Inferencing Theory of Semantic Change (TRAUGOTT; DASHER, 2004), that conceives pragmatics as the chief driving force in semantic change and attempts to explain the tendency of subjectification of meanings. We combine that model with the theoretical assumptions of Grammaticalization (HOPPER; TRAUGOTT, 2003), that are relevant to this research since the changes investigated by us affect both meaning and morphosyntax.

Keywords: Contexts. Polysemy. Language Change. Grammaticalization. Subjectification.

LISTA DE FIGURAS, QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS

FIGURAS

Figura 01. O modelo da IITSC.	45
Figura 02. O modelo de Kortmann (1997)	70

QUADROS

Quadro 01. Bancos de dados do português.....	90
Quadro 02. Bancos de dados do inglês.....	91
Quadro 03. <i>Corpus</i> do português.....	92
Quadro 04. <i>Corpus</i> do inglês.....	95
Quadro 05. O modelo de Heine (2002)	99
Quadro 06. O modelo de Diewald (2002)	100
Quadro 07. Critérios para análise dos contextos polissêmicos tempo/contraste	134
Quadro 08. As trajetórias rumo a contraste: síntese dos estágios contextuais	202
Quadro 09. As trajetórias rumo à transição: síntese dos estágios contextuais	223
Quadro 10. Estágios evolutivos das mudanças de tempo a contraste, à luz do modelo de Diewald (2002).....	228
Quadro 11. Estágios evolutivos das mudanças de tempo à transição textual, à luz do modelo de Diewald (2002)	230

TABELAS

Tabela 01. Número de ocorrências de <i>agora</i> por número de palavras	97
Tabela 02. Número de ocorrências de <i>now</i> por número de palavras.....	97
Tabela 03. Tipos de oposição expressos nas construções de contraste com <i>agora</i>	117
Tabela 04. Tipos de oposição expressos nas construções de contraste com <i>now</i>	117
Tabela 05. Os tipos de contraste expressos nas construções juntivas com <i>agora</i>	120
Tabela 06. Os tipos de contraste expressos nas construções juntivas com <i>now</i>	120
Tabela 07. A trajetória de tempo a contraste de <i>agora</i> em perspectiva longitudinal	135
Tabela 08. A trajetória de tempo à oposição semântica de <i>agora</i> em perspectiva longitudinal	156
Tabela 09. Frequência dos estágios contextuais favoráveis à oposição semântica	156
Tabela 10. Frequência dos estágios contextuais favoráveis à oposição semântica, à luz da correlação entre estágios III e IV.....	158
Tabela 11. Tipo de oposição inferida nos contextos de polissemia entre tempo e oposição semântica	159

Tabela 12. A trajetória de tempo à quebra de expectativa de <i>agora</i> em perspectiva longitudinal.....	165
Tabela 13. Frequência dos estágios contextuais favoráveis à quebra de expectativa.....	165
Tabela 14. A trajetória de tempo a contraste de <i>now</i> em perspectiva longitudinal.....	167
Tabela 15. A trajetória de tempo à oposição semântica de <i>now</i> em perspectiva longitudinal.....	170
Tabela 16. Frequências dos estágios contextuais favoráveis à oposição semântica.....	185
Tabela 17. Frequências dos estágios contextuais favoráveis à oposição semântica, à luz da correlação entre os estágios III e IV.....	186
Tabela 18. A trajetória de tempo à quebra de expectativa de <i>now</i> em perspectiva longitudinal.....	187
Tabela 19. Frequências dos estágios contextuais favoráveis à quebra de expectativa.....	200
Tabela 20. A trajetória de tempo à transição de <i>agora</i> em perspectiva longitudinal.....	207
Tabela 21. Os contextos de polissemia envolvidos na trajetória de tempo à transição de <i>agora</i>	209
Tabela 22. Frequências dos estágios contextuais envolvidos na trajetória tempo > transição de <i>agora</i>	210
Tabela 23. A trajetória de tempo à transição de <i>now</i> em perspectiva longitudinal.....	218
Tabela 24. Os contextos de polissemia envolvidos na trajetória de tempo à transição de <i>now</i>	218
Tabela 25. Frequências dos estágios contextuais envolvidos na trajetória tempo > transição de <i>now</i>	221
Tabela 26. Frequência dos padrões de uso por gênero textual no <i>corpus</i> do português.....	235
Tabela 27. Frequência dos padrões de uso por gênero textual no <i>corpus</i> do inglês.....	235

GRÁFICOS

Gráfico 01. A trajetória de tempo a contraste de <i>agora</i> em perspectiva longitudinal.....	135
Gráfico 02. A trajetória de tempo à oposição semântica de <i>agora</i> em perspectiva longitudinal.....	157
Gráfico 03. A trajetória de tempo à quebra de expectativa de <i>agora</i> em perspectiva longitudinal.....	166
Gráfico 04. A trajetória de tempo a contraste de <i>now</i> em perspectiva longitudinal.....	167
Gráfico 05. A trajetória de tempo à oposição semântica de <i>now</i> em perspectiva longitudinal.....	171
Gráfico 06. A trajetória de tempo à quebra de expectativa de <i>now</i> em perspectiva longitudinal.....	187
Gráfico 07. A trajetória de tempo à transição de <i>agora</i> em perspectiva longitudinal.....	207
Gráfico 08. A trajetória de tempo à transição de <i>now</i> em perspectiva longitudinal.....	218

SUMÁRIO

Introdução	13
1. Revisão bibliográfica e breve diálogo com trabalhos anteriores	18
1.1. Trabalhos prévios sobre <i>agora</i>	19
1.2. Trabalhos prévios sobre <i>now</i>	31
1.3. Relevância e justificativa do presente trabalho	39
2. Fundamentos Teóricos e Empíricos	40
2.1. A Teoria da Inferência Convidada	40
2.2. A Teoria da Gramaticalização.....	52
2.2.1. A concepção de gramática.....	58
2.2.2. O desenvolvimento de marcadores discursivos.....	63
2.3. Evidências empíricas de mudança	69
2.3.1. Tempo como fonte de significados contrastivos	69
2.3.2. Significados adverbiais como fonte para marcadores discursivos	77
3. Material e Metodologia	86
3.1. A constituição dos <i>corpora</i>	86
3.2. Procedimentos metodológicos	97
4. As origens e os frutos da mudança	105
4.1. Etimologia de <i>agora</i> e <i>now</i> e seus usos temporais.....	105
4.2. Os contextos de contraste com <i>agora</i> e <i>now</i>	108
4.3. Os contextos de transição com <i>agora</i> e <i>now</i>	121
4.4. Síntese e encaminhamentos.....	126
5. As mudanças rumo a contraste	131

5.1. O percurso das construções com <i>agora</i>	134
5.2. O percurso das construções com <i>now</i>	166
5.3. Síntese e encaminhamentos.....	201
6. As mudanças rumo à transição textual	205
6.1. O percurso das construções com <i>agora</i>	207
6.2. O percurso das construções com <i>now</i>	217
6.3. Síntese e encaminhamentos.....	222
7. Implicações teórico-metodológicas.....	225
Considerações Finais	241
Referências bibliográficas.....	243

Introdução

Nesta pesquisa, investigamos instâncias de mudança linguística similares atravessadas pelas construções¹ com *agora* (port.) e pelas construções com *now* (ing.), em perspectiva longitudinal. Essas construções, no português e no inglês contemporâneos, mostram um quadro de polissemias, do qual fazem parte usos temporais e não temporais, que se diferenciam também em termos de morfossintaxe.

Nos usos temporais, *agora* e *now*, em conjunto com outros dispositivos da gramática, podem expressar diferentes nuances de tempo, mas estabelecem sempre (e essa é a base comum de todos os usos temporais) uma relação de proximidade entre o tempo em que eventos ocorrem no mundo e o tempo da enunciação, possibilitando, desse modo, a localização dos estados de coisas enunciados na realidade externa.

Por veicularem significados fortemente baseados nas situações comunicativas, *agora* e *now* são, nos usos temporais, amplamente reconhecidos como advérbios circunstanciais de natureza dêitica (SCHIFFRIN, 1987; AIJMER, 2002; ILARI *et al.*, 2002; NEVES, 2014). Segundo Neves (2014), os circunstanciais configuram uma classe adverbial consideravelmente distinta das demais, operando sobre o espaço e o tempo mediante a *formulação de relações* (NEVES, 2014, p. 330), constituídas, no caso dos circunstanciais de tempo, como relações cronológicas. Exemplos dos usos temporais de *agora* e *now* estão, respectivamente, em (01) e (02)².

(01) Em meio a uma das aulas, uma aluna – cujo nome não me recordo – fez exatamente a pergunta que reproduzo **agora**: o que é o ser? Para respondê-la, o professor utilizou as ideias de diversos filósofos e não conseguiu resultado convincente (PTPJ20-2/21: 01).

(02) It's also about raising awareness that there's a history of LGBTI service in the ADF and of people sacrificing their lives. We existed then, we exist **now**, and we no longer need to hide (NBBC20-2/21: 23).

¹ Neste trabalho, utilizamos o termo *construção* à maneira de Mauri e Ramat (2012, p. 05), que concebem construção como a associação de significados particulares a propriedades distribucionais, não nos filiando a abordagens construcionais da gramática. Falamos em “construções com *agora* e *now*”, ao invés de fazer referência aos itens em si, tendo em vista o pressuposto, assumido já nas obras clássicas sobre mudança gramatical (HEINE *et al.*, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 2003), de que reanálises semântico-pragmáticas e morfossintáticas se dão no nível da construção, dependendo de sua reconfiguração como um todo, e não apenas de alterações a nível do item em mudança.

² Nas siglas apresentadas para cada exemplo, as duas primeiras letras fazem referência ao gênero do qual a ocorrência foi extraída, e as duas seguintes, ao banco de dados. O número que segue as letras representa o século em que o texto apresentado foi produzido, com “:1” ou “:2” significando, respectivamente, primeira e segunda metade. O número após a vírgula corresponde à numeração da ocorrência em nossos dados. Apenas nos exemplos do português, esse número é seguido por C1 ou C2, que significam, respectivamente, *corpus 1* e *corpus 2*.

É também sobre desenvolver consciência de que há uma história do serviço de LGBTI no ADF e de pessoas sacrificando suas vidas. Nós existíamos naquela época, nós existimos agora, e nós não precisamos mais nos esconder.

Os usos não temporais, por sua vez, se distribuem em dois diferentes padrões semântico-pragmáticos, que mobilizam diferentes arranjos contextuais. Em um deles, *agora* e *now* explicitam relações contrastivas entre enunciados, desempenhando funções juntivas, ao passo que, em outro, explicitam uma mudança do texto para novas unidades discursivas, atuando como marcadores discursivos no âmbito da organização tópica. Os exemplos (03) e (04) ilustram o primeiro padrão de uso e (05) e (06), o segundo.

(03) Ninguém usa o morro, ninguém usa aquela via de acesso porque muitas vezes desconhece ou receia ir para um local ermo, né? Então o problema de percurso ela sempre encontra um jeito de contornar essas vias de, de acesso mais congestionadas, **agora** o problema de trânsito realmente ela não tem como fugir a ele porque, eh, ela vai para locais pegar crianças, entregar crianças, que são locais de fato de estacionamento difícil, né (TFCN20-2/21, C2, 226).

(04) The bourgeoisie has created a world market, **now** it's not like people weren't trading across national boundaries before. Remember for example Marco Polo (...) (TFCM20-2/21: 35).

A burguesia criou um mercado mundial, agora não é que as pessoas não faziam comércio além das fronteiras nacionais antes. Lembrem por exemplo de Marco Polo.

(05) E- [Um filme que você assistiu?] É, não é? (riso e)

F- ("Mas eu gosto"). Teve uns filme de bang-bang que eu gosto.

E- Ah! É? Por exemplo?

F- ("Tem aquelas <min->- tinha um-") (inint) São dois rapazes. cômico, não é? Então eu gosto. (est)O filme que... com... trabalha Tony Curtis. (est)Também... geralmente o filme dele, todos são filmes que a pessoa gosta de assistir.

E-É. São (hes) divertidos, não é? (est) Bonitos. Hum hum. **Agora** só uma curiosidade: hoje em dia... você tem carteira profissional? Tirou carteira profissional?

F- Tirei (TFIP20-2/21, C2, 386).

(06) One way to think about this is that maybe what's happening today around us is_ are changes which might be about as, big and as important as the changes we talked about, last week. **Now** how do we know this? we know this because, all kind of folks are talking about, about this stuff and they use words like globalization or a new_ the information age. (TFCM20-2/21: 57).

Uma forma de pensar sobre isso é que talvez o que está acontecendo ao nosso redor são mudanças que podem ser tão grandes e tão importantes quanto as mudanças de que nós falamos na semana passada. Agora como nós sabemos disso? nós sabemos disso porque, todo mundo está falando sobre essas coisas e eles usam palavras como globalização ou uma nova era da informação.

Tendências de mudança amplamente atestadas nas línguas, por meio de estudos empíricos (TRAUGOTT, 1995; KORTMANN, 1997), validam a hipótese, ponto de partida deste trabalho, de que os usos temporais alimentaram os não temporais. Se confirmada tal hipótese, as trajetórias de mudança atravessadas por *agora* e *now* podem ser assumidas como instâncias de regularidade translinguística, já que constituirão evidências empíricas de fontes históricas similares, em duas diferentes línguas, sustentando caminhos de mudança similares. Essas trajetórias representam, portanto, um possível lugar de observação de processos cognitivo-comunicativos (TRAUGOTT; DASHER, 2004) subjacentes ao uso da língua, que, operando translinguisticamente, resultam em tendências de mudança. Assim, são os objetivos mais gerais da pesquisa:

- (i) elucidar os percursos históricos das construções com *agora* e das construções com *now* e, com isso, confirmar (ou não) as relações de derivação hipotetizadas;
- (ii) com base nos percursos delineados, evidenciar possíveis regularidades de mudança e, a partir delas, atestar processos mais gerais, de natureza cognitivo-comunicativa, que estão na base da mudança linguística.

À luz de uma perspectiva teórica da mudança que a concebe como processo gradual constituído de múltiplos estágios evolutivos e determinado, desde sua origem até os últimos estágios, por *condições contextuais emergentes no uso da língua* (TRAUGOTT; DASHER, 2004) elegemos os contextos que moldam a história de *agora* e *now* no português e no inglês como a principal via para alcançarmos os objetivos do trabalho.

Na perspectiva de mudança assumida, novos significados emergem a partir de um contínuo enriquecimento semântico-pragmático, que se inicia com arranjos contextuais específicos disparando inferências dos novos significados e avança conforme essas inferências se tornam cada vez mais salientes na língua. Assim, o exame do papel dos contextos nas mudanças possibilita o cumprimento do primeiro objetivo na medida em que eles constituem o lugar em que se processam as mudanças. Também em conformidade com a perspectiva de mudança assumida, as contínuas remodelações dos contextos refletem no domínio linguístico os processos extralinguísticos que operam na mudança, e é nesse sentido que o viés contextual seguido no trabalho viabiliza a concretização do segundo objetivo.

Assim, assumidos como um caminho para a obtenção de evidências empíricas tanto das derivações históricas hipotetizadas quanto dos processos mais amplos que indiciam regularidades de mudança, os contextos têm papel central neste estudo, de modo que os objetivos mais amplos, apresentados acima, estão entrelaçados com objetivos mais específicos voltados ao domínio contextual. São eles:

(i) identificar e caracterizar os contextos que dão condições para o surgimento de inferências dos novos significados e para seu contínuo fortalecimento, elevando, gradualmente, os significados não temporais ao primeiro plano dos sentidos. Com isso, esperamos principalmente verificar se esses contextos mostram evidências de derivação dos significados não temporais a partir dos temporais.

(ii) evidenciar similaridades e diferenças entre os estágios contextuais que constituem as trajetórias percorridas pelas construções do português e do inglês. Similaridades entre os contextos condicionadores em cada língua podem fornecer explicações para o desenvolvimento de usos não temporais em ambas e, de tal modo, evidenciar princípios de validade translinguística atuantes na mudança. Por outro lado, diferenças podem mostrar o papel de especificidades dos sistemas linguísticos no desenvolvimento das mudanças.

Para cumprir os objetivos, o trabalho é conduzido em perspectiva longitudinal, com base em *corpora* constituídos a partir de amostras de diferentes gêneros textuais e de diferentes períodos do português e do inglês, à luz de modelos para análise contextual que, associando estágios de mudança a contextos específicos, tornam metodologicamente possível a apreensão das trajetórias via estágios contextuais.

O trabalho está organizado em sete capítulos. No primeiro, apresentamos uma síntese de trabalhos que já investigaram as construções com *agora* e *now*, tanto em perspectiva sincrônica quanto diacrônica. No Capítulo 02, expomos as teorias de mudança em que o trabalho se fundamenta e estudos que reúnem evidências empíricas de processos e regularidades que estão na base dos modelos teóricos adotados. No Capítulo 03, descrevemos os *corpora* de análise e os procedimentos metodológicos, sinalizando dificuldades encontradas na coleta de materiais e algumas consequentes limitações dos *corpora*, bem como as decisões tomadas diante das

dificuldades. No Capítulo 04, descrevemos as origens etimológicas de *agora* e *now*, seus usos exclusivamente temporais e seus novos usos, a fim de mostrar o antes e o depois das mudanças.

Nos Capítulos 05 e 06, desenvolvemos a análise diacrônica. Optamos por dividi-la em dois capítulos pelo fato de que, conforme sinalizamos acima, os usos não temporais de *agora* e *now* se distribuem em dois diferentes padrões semântico-pragmáticos, que resultam, de acordo com nossos dados, de trajetórias de mudança distintas. Assim, o Capítulo 05 focaliza o desenvolvimento dos usos para expressão de contraste e o Capítulo 06, o desenvolvimento dos usos para indicação de mudança a novas unidades discursivas.

No Capítulo 07, retomamos alguns dos resultados principais do trabalho para discutir suas possíveis implicações teórico-metodológicas, de modo a avaliar contribuições e limitações da pesquisa.

1. Revisão bibliográfica e breve diálogo com trabalhos anteriores

Neste capítulo inicial, elaboramos uma breve exposição de trabalhos que já elegeram os usos não temporais de *agora* e *now* como objeto de estudo, seja para elucidar aspectos de seu funcionamento no português e no inglês contemporâneos, em perspectiva sincrônica, seja para revelar aspectos de suas trajetórias históricas, em investigações diacrônicas. Os trabalhos a serem apresentados são de natureza diversa, constituindo-se em dissertações, teses ou artigos que têm *agora* ou *now* como principal objeto de estudo ou que, embora não estejam circunscritos a *agora* e *now* e abordem uma variedade de fenômenos, dão destaque aos itens em algum momento.

O capítulo não pretende uma apresentação exaustiva das contribuições anteriores, mas focaliza os trabalhos que, de algum modo, tocam em questões que são centrais em nossa pesquisa. Assim, três aspectos principais nortearam nossa revisão bibliográfica e foram priorizados na seleção dos trabalhos a serem expostos:

(i) Quais padrões de uso não temporais de *agora* e *now* já foram investigados.

Conforme sinalizado na *Introdução*, este trabalho focaliza dois padrões de uso não temporais de *agora* e *now*, um em que os itens expressam contraste e funcionam como juntores e outro em que os itens indicam transição para novos (sub)tópicos discursivos e funcionam como marcadores discursivos (MDs daqui em diante). Por esse motivo, foi importante para nós, na revisão da literatura, verificar se ambos os padrões já foram reconhecidos e quais de seus aspectos foram investigados. Isso implicou observar se os trabalhos os consideram padrões de uso distintos (como nós, neste trabalho) ou se os abordam como um conjunto uniforme de usos.

(ii) Sob qual perspectiva metodológica os novos padrões de uso foram investigados.

Aqui, a revisão verificou se os trabalhos investigaram os novos usos em perspectiva sincrônica ou diacrônica. Esse segundo aspecto considerado na revisão esteve entrelaçado com o primeiro, no sentido de que buscou identificar, nos trabalhos conduzidos em perspectiva sincrônica, se investigaram aspectos de funcionamento de *agora* e *now* enquanto juntores e/ou enquanto MDs, e, nos trabalhos conduzidos em perspectiva diacrônica, se investigaram o processo de desenvolvimento dos juntores e/ou o processo de desenvolvimento dos MDs. Particularmente nos trabalhos de viés diacrônico, buscamos observar se alguma atenção foi dada aos contextos que dão

condições para as mudanças. Alguns dos trabalhos conduzidos em perspectiva sincrônica levantam hipóteses sobre a diacronia dos itens, de modo que esses trabalhos, juntamente com aqueles de viés diacrônico, são os que serão priorizados neste capítulo.

(iii) Se os novos usos foram tratados como resultado de gramaticalização e/ou de subjetivização.

Na medida em que, conforme sinalizado na *Introdução*, o presente trabalho busca evidências de que os novos usos de *agora* e *now* resultam de processos de gramaticalização e de subjetivização, a revisão buscou verificar se os trabalhos anteriores já reuniram evidências do tipo, que têm ainda maior relevância se oriundas de trabalhos conduzidos em viés diacrônico, permanecendo enquanto hipóteses se levantadas por trabalhos de natureza sincrônica.

Ao longo da exposição, sinalizamos pontos de convergência e de divergência entre nosso trabalho e os trabalhos anteriores, a fim de não só apresentá-los, mas também estabelecer com eles um diálogo. Ao final do capítulo, sistematizamos as questões que, não tendo sido contempladas pelos estudos anteriores (em razão de seus objetivos), entram no âmbito deste trabalho, em consonância com nossos objetivos (cf. *Introdução*), de modo a mostrar a relevância e justificativa da pesquisa. A seção 1.1 focaliza trabalhos sobre *agora* e a seção 1.2 apresenta trabalhos sobre *now*.

1.1. Trabalhos prévios sobre *agora*

De acordo com nossa revisão bibliográfica, os seguintes trabalhos já investigaram *agora* em perspectiva sincrônica: Risso (1996, 2015), Duque (2002), Souza Júnior (2005), Lins (2007), Gryner (2008), Oliveira (2009), Antonio (2009), Rocha (2009), Ribeiro (2011), Philippsen (2011), Silva e Oliveira (2012), Fabri (2013), Bertuleza (2013), Lima, Silva e Sousa (2013). Em viés diacrônico, nossa revisão identificou o trabalho de Rodrigues (2009). Nessa exposição, em virtude do objetivo do capítulo, focalizamos Risso (1996, 2015), Duque (2002), Gryner (2008) e Rodrigues (2009).

Em Risso (1996, 2015), encontramos um dos trabalhos pioneiros sobre os usos não temporais de *agora*, baseado em dados sincrônicos do projeto NURC (Norma Urbana Oral Culta). Filiada à perspectiva textual-interativa (JUBRAN *et al.*, 2015), a autora concebe *agora* em tais

usos como um MD que atua no âmbito da organização tópica. Como sinalizamos brevemente na *Introdução* (e conforme discutimos mais detalhadamente no Capítulo 04), a perspectiva textual-interativa entende MDs como uma categoria pragmática, integrada por itens e expressões de diversas classes gramaticais. A definição de MD nessa perspectiva se fundamenta em um conjunto de traços assumidos como o núcleo piloto definidor dos MDs, o que fornece critérios mais precisos para a identificação de marcadores mais e menos prototípicos. Neste capítulo, esses traços serão apresentados de maneira breve, apenas para que possamos construir um panorama dos aspectos do uso não temporal de *agora* que são contemplados em Risso (1996, 2015). Como nossa concepção de MD se baseia, em parte, na perspectiva textual-interativa (cf. *Introdução*), o trabalho de Risso será retomado no Capítulo 04, em que caracterizamos os usos não temporais de *agora* e *now*.

A perspectiva textual-interativa admite que o núcleo definidor dos MDs compreende três traços que são constantes dentre os itens e expressões da categoria: *exterioridade em relação ao conteúdo proposicional*, no sentido de que, tipicamente, os marcadores não integram o conteúdo dos enunciados, embora atuem sobre ele de alguma forma, *independência sintática*, pois são itens e expressões que não desempenham função sintática na estrutura sentencial e *falta de autossuficiência comunicativa*, no sentido de que não são suficientes para constituírem conteúdos proposicionais por si próprios (JUBRAN *et al.*, 2015).

Além desses traços, há dois outros, relacionados às funções textual-interativas dos marcadores, que variam de marcador para marcador. Segundo Jubran *et al.* (2015, p. 390), duas funções básicas são desempenhadas pela categoria: a função de articular segmentos do discurso, estabelecendo entre eles nexos coesivos, e a função de orientar a interação, tornando explícito algum tipo de orientação do falante em relação ao ouvinte, ou deste em relação ao falante. Os autores admitem um contrabalanceamento entre as duas funções, de maneira que uma sempre prevalece e a outra é mais tênue. Assim, como afirmam os autores, “o maior peso do fator interacional corresponde normalmente a uma diluição do papel articulador e, inversamente, o crescimento da atuação sequenciadora convive com um grau mais atenuado de manifestação do jogo de relações interpessoais” (JUBRAN *et al.*, 2015, p. 390). Essa variabilidade de funções indicia, segundo a perspectiva textual-interativa, dois tipos principais de MDs: marcadores basicamente sequenciadores e marcadores basicamente interacionais.

É o conjunto de marcadores sequenciadores que *agora* integra nos usos não temporais, segundo Risso (2015, p. 391). A autora argumenta que, enquanto MD sequenciador, *agora* atua no

plano transfrástico, articulando tópicos discursivos³ ou partes internas a eles e assumindo uma função sempre prospectiva, na medida em que faz o texto avançar para uma situação sempre nova (RISSO, 2015, p. 393-94). Conforme a autora, duas funções podem ser desempenhadas por *agora* ao atuar como estruturador textual: abrir tópicos discursivos e encaminhá-los. No primeiro caso, *agora* indica uma mudança de centração no texto, enquanto, no segundo, indica mudança na estrutura interna de um mesmo tópico, de modo que não há mudança de centração (RISSO, 2015, p. 398). Essas duas possibilidades de funcionamento do *agora* MD foram também encontradas em nossos dados, fazendo parte do conjunto de características dos contextos de transição. Por esse motivo, optamos por discuti-las no Capítulo 04, ao retomarmos o trabalho de Risso.

Embora vamos nos aproximar, no Capítulo 04, da análise que Risso (1996, 2015) desenvolve para os usos de *agora* como MD, fundamentando parte da caracterização de tais usos em aspectos identificados pela autora, há uma diferença importante entre seu trabalho e nosso estudo. Aos usos de *agora* que considera instâncias do MD, a autora inclui usos que assumimos como representativos do outro padrão de uso não temporal e que, portanto, mostram, em nossa perspectiva, significado e função diferentes daqueles observados nos usos que admitimos como instâncias do MD⁴. A distinção que entendemos existir entre os dois padrões será discutida no Capítulo 04. No presente capítulo, apenas sinalizaremos os trabalhos que não fazem distinção entre os dois padrões, para, no Capítulo 07, buscarmos um diálogo entre as duas visões sobre os usos não temporais de *agora*.

Duque (2002) desenvolve um estudo sincrônico sobre os usos não temporais de *agora* com base em entrevistas do banco de dados do PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), estabelecendo distinção entre dois padrões de uso (a que também é admitida aqui), um em que *agora* atua como juntor contrastivo e outro em que funciona como MD, articulando segmentos tópicos. É o objetivo principal do autor descrever aspectos do funcionamento de *agora* tanto nos

³A perspectiva textual-interativa estabelece traços definidores de tópico discursivo para torná-lo uma categoria analítica operacionalizável de modo mais objetivo. Dois são os traços definidores principais: *centração* e *organicidade*. A centração diz respeito à manifestação do tópico discursivo em enunciados concernentes entre si e em relevância num dado ponto do texto (JUBRAN, 2015, p. 87), ao passo que a organicidade faz referência a relações de interdependência tópica que caracterizam um tópico discursivo (JUBRAN, 2015, p. 90).

⁴ Observam-se trabalhos que estabelecem equivalência entre juntores e MDs pelo fato de adotarem uma concepção de MD que inclui conjunções e outros elementos juntivos. Risso (1996, 2015) dá destaque para o fato de que a categoria (pragmática) dos MDs é composta por itens/expressões de diversas categorias gramaticais, dentre elas as categorias dos advérbios e das conjunções. Em relação aos usos de *agora* como MD, entretanto, a perspectiva da autora ao associar a tais usos usos que entendemos como juntivos não parece ser a de que são usos juntivos de *agora* desempenhando papel de MD. Assim, segundo nossa interpretação do trabalho da autora, ele admite que os usos não temporais de *agora* não incluem usos juntivos.

novos usos quanto nos usos adverbiais (DUQUE, 2002, p. 01), de modo a elucidar se os novos usos podem ser explicados em termos de gramaticalização (DUQUE, 2002, p. 02). Para isso, o autor se propõe a investigar como se processa o trânsito entre categorias (idem). Nesse sentido, embora o trabalho seja conduzido sob viés sincrônico e tenha como objetivo principal a descrição das diferentes funções desempenhadas por *agora* no português contemporâneo, busca também levantar hipóteses sobre o processo de constituição dos novos usos.

O autor identifica dois significados contrastivos que, conforme seus dados, são expressos nos usos juntivos de *agora*: adversidade e concessão. Segundo ele, em contextos de adversidade, *agora* estabelece “relação entre segmentos coordenados, sem eliminar o elemento anterior: admito, mas a ele se contrapõe” (DUQUE, 2002, p. 93), ao passo que, em contextos de concessão, “faz sempre uma retomada a uma porção discursiva anterior (...), anulando a direção argumentativa que vinha sendo desenvolvida” (DUQUE, 2002, p. 94). Cada tipo de contraste é ilustrado pelo autor com os seguintes exemplos (além de outros), respectivamente:

(01) Lavar roupa, arrumar a casa, eu faço para ela. **Agora**, cozinha não é comigo. (DUQUE, 2002, p. 94)

(02) O Império Serrano apresenta o carnaval bom. **Agora**, tem marmelada, não é? (DUQUE, 2002, p. 95)

Para os usos juntivos de *agora*, nossos dados também mostram dois diferentes significados contrastivos (cf. Capítulo 04), manifestos em contextos muito similares àqueles apresentados por Duque. No entanto, como será possível observar no Capítulo 04, concebemos os dois tipos de contraste de modo um pouco diferente do autor. O significado que Duque denomina adversidade corresponde ao contraste que interpretamos como oposição semântica, à maneira como esse valor contrastivo tem sido entendido na literatura (LAKOFF, 1971; DUCROT, 1977), e o significado que ele denomina concessão é entendido por nós como contraste por quebra de expectativa, também em conformidade com a literatura (LAKOFF, 1971; HEINE *et al.*, 1991). É interessante notar que, na descrição de um exemplo que caracteriza como representativo dos usos juntivos de *agora* para expressão de concessão, Duque (2002, p. 95) sinaliza que a sentença introduzida pelo item contraria uma expectativa, o que evidencia a similaridade entre o que o autor avalia como concessão e o que nós avaliamos como quebra de expectativa.

Como hipótese explicativa para a constituição dos usos juntivos de *agora*, Duque aponta a existência de usos dêiticos em que o item exprime uma oposição temporal entre passado e presente,

conforme o exemplo (03) abaixo. Segundo o autor, é provável que os traços juntivos de *agora* tenham se desenvolvido a partir da associação do item com outros elementos que sinalizam tal oposição (DUQUE, 2002, p. 96).

(03) A altura antigamente era documento. **Agora** não. (DUQUE, 2002, p. 96)

Além da oposição temporal, Duque identifica em seus dados ocorrências em que *agora* é antecedido por *mas* e *só que* e assim explica esse tipo de ocorrência: “Nesse casos, é como se houvesse um “insight” de consciência repentina por parte do falante. Tal “insight” representa uma espécie de ruptura em relação ao enunciado anterior, sem perder de vista o caráter temporal do elemento *agora*” (DUQUE, 2002, p. 71). O exemplo que o autor apresenta para ilustrar a explicação é o seguinte.

(04) Ah, não sei! deixa eu ver! Ah, como [eu] – eu já tive pensando um negócio: eu ia botar um- tem time de futebol, não é? Penso logo em futebol! as mulheres também iam jogar! por que não? mas **agora** acho que já saiu! é como é que é? Acho que já saiu um time de futebol <ma...> feminino. (DUQUE, 2002, p. 71)

Tanto a oposição entre passado e presente quanto a contiguidade de *agora* com juntores contrastivos são fatores contextuais que também se mostram, em nossos dados, relevantes para a emergência dos usos juntivos. Nesse sentido, as hipóteses explicativas levantadas por Duque a partir de dados sincrônicos se confirmam pelas evidências diacrônicas fornecidas por nosso trabalho. No entanto, nossa investigação mostra que o desenvolvimento da junção contrastiva com *agora* se dá através de uma relação complexa entre fatores, na qual a oposição temporal é fator necessário, mas não suficiente, para a emergência de contraste (cf. Capítulo 05).

Duque também identifica fatores que contribuem para dar suporte ao contraste nas construções em que *agora* já não veicula mais significado temporal. São eles a clivagem, a mudança de polaridade (afirmação – negação e vice-versa) e a presença de orações condicionais (DUQUE, 2002, p. 96). Os exemplos de (05) a (07) são apresentados pelo autor como ilustrativos de cada fator, respectivamente.

(05) Mulher nasceu mesmo para ficar em casa. **Agora**, homem é que tem que ficar trabalhando. (DUQUE, 2002, p. 96)

(06) A dona Inês é legal pra caramba, não é? Ela trata todo [gemidos] iguais. **Agora**, a dona Manoelina não. Ela trata você diferente. (DUQUE, 2002, p. 94)

(07) Dependendo da maneira que pede, eu faço. **Agora**, se chegar e – com muito autoritário, aí eu já num faço, aí é pior ainda. (DUQUE, 2002, p. 97)

A clivagem e a variação entre modalidades afirmativa e negativa nos segmentos coordenados são também fatores que nossos dados mostram como traços contextuais que, em algumas construções, reforçam o contraste. Mas nem todas as construções contrastivas com *agora* de nossos dados exibem fatores de suporte, de modo que a questão levantada por Duque sobre fatores que sustentam o contraste na junção com *agora* é relevante para pensar a semantização (ou não) do novo significado. O papel das orações condicionais, por outro lado, nos parece residir no fato de elas constituírem, em nossos dados, uma possibilidade de configuração de um dos tipos de arranjos contrastivos com *agora*.

Nos usos de *agora* em que Duque admite que o item funciona como MD, o autor assume que *agora* atua sobre unidades discursivas, na articulação de tópicos do texto (DUQUE, 2002, p. 101). Enquanto hipótese explicativa para o desenvolvimento de tais usos, o autor propõe um trânsito dos usos juntivos para os usos discursivos (DUQUE, 2002, p. 123). Ele identifica em seus dados construções que mostram uma ambiguidade entre as duas funções, isto é, “contextos nos quais *agora* podia ser interpretado quer como juntivo a articular uma oração a outra, quer como discursivo, a contribuir para a organização do tópico discursivo” (idem). Assim, segundo a hipótese do autor, essa ambiguidade constituiria um caminho para a emergência dos usos de *agora* como MD. O exemplo em (08) é fornecido pelo autor para ilustrar a ambiguidade de funções.

(08) E – Eles gostam mais é do quê?

F – O Nestor que como estou te dizendo: a feijoada e o pudim de leite. Meu marido adora um peixe. Numa panela de barro – uma – um peixe ensopado, um peixe assado, um creme de camarão. **Agora** a Fátima eu nem sei. (DUQUE, 2002, p. 115)

O tópico discursivo maior no contexto é o tipo de comida preferida pelos familiares da falante, e as preferências de cada familiar constituiriam diferentes subtópicos (DUQUE, 2002, p. 116). Além da mudança para um subtópico, o exemplo em questão mostra também tanto um confronto entre gostos culinários quanto uma mudança para um subtópico. Seguindo a análise de Naylor (1995) de alguns usos de *mas*, o autor admite que esse tipo de construção exhibe um nível

de funcionamento intermediário, no sentido de que *agora* desempenha dois papéis: “o de co-participar do estabelecimento do contraste entre orações (característica do seu uso juntivo), e o de contribuir para a organização de tópicos discursivos (característica de MD) (DUQUE, 2002, p. 118).

Em nossos dados, conforme sinalizamos em alguns pontos do Capítulo 05, também observamos, em várias ocorrências, a ambiguidade apontada por Duque, mas, pelo fato de nossos dados mostrarem contextos que indiciam a derivação dos usos como MD a partir dos usos temporais, não interpretamos construções ambíguas entre as funções de juntor e de MD como construções favoráveis à emergência dos usos de *agora* como MD. Segundo nossos dados, portanto, as mudanças que resultam nos usos juntivos e nos usos como MD constituem trajetórias distintas. Em nossa análise interpretativa, os contextos em que se configura ambiguidade entre as duas funções são consequência de algumas similaridades entre os usos temporais que alimentam contraste e os usos temporais que alimentam transição, sendo, desse modo, interessantes para pensar pontos de convergência entre os dois novos usos. Essa questão será discutida no Capítulo 07.

Gryner (2008) tem como objetivo maior investigar a emergência das construções contrastivas com *agora*. A autora considera que, nessas construções, o item assume a “função textual/discursiva de marcador/conector de contraste entre enunciados” (GRYNER, 2008, p. 207). Nesse sentido, ela concebe os usos de *agora* para marcar contraste e os usos para marcar mudança de tópico como um mesmo padrão de sentido, considerando que os usos em que *agora* marca mudança de tópico também veiculam significado de contraste, como mostra o exemplo (10) adiante.

Para investigar a emergência das construções contrastivas com *agora*, ela utiliza uma amostra de entrevistas com falantes cariocas sobre tópicos polêmicos (GRYNER, 1990). Duas são as questões centrais do trabalho: de que modo se deu a gramaticalização de *agora* como conector contrastivo interoracional e até que ponto as construções contrastivas com *agora* estão inseridas no sistema de contraste interoracional do português (GRYNER, 2008, p. 209).

Segundo nossa interpretação do trabalho, a autora concebe o contraste expresso por *agora* como associado à nuança de quebra de expectativa, não a diferenciando da nuança de oposição semântica. Isso porque a autora assim explica sua concepção de contraste:

“definimos a relação de contraste como a oposição entre duas ‘unidades’ (A e B) na sequência do discurso, de tal forma que uma inferência da primeira unidade (Inferência de A), recuperada através da negação da segunda (não B), estabelece, com essa segunda unidade (B), uma relação de oposição que provoca a ruptura de expectativa” (GRYNER, 2008, p. 209).

Nas construções (09) e (10), apresentamos exemplos fornecidos pela autora para ilustrar as construções contrastivas com *agora*. Na sequência de cada exemplo, reproduzimos os esquemas que a autora apresenta para mostrar a inferência envolvida na leitura contrastiva.

(09) E: Você participaria de uma greve?

I: Participaria. Agora, tem tem dois... ângulos nessa história aí... porque você fazer greve na escola, fazer greve em outros lugares, falar de greve é um papo; **agora**, quando tá em jogo o teu salário, o teu sustento, tarará-tará, essas coisas começam a [te] balançar.

A – fazer greve na escola... falar de greve... é um papo

B – quando tá em jogo teu salário... essas coisas começam a [te] balançar

Inferência de A: quando não tá em jogo teu salário, teu sustento... essas coisas não [te] balançam (GRYNER, 2008, p. 213)

(10) Pra você, pra você, o plano bem pensado dá sempre certo?

- [resposta]

- Hã...hã... **Agora** (mas) você já esteve em situação de um vizinho te ajudar?

A – Tópico precedente: plano bem pensado dá sempre certo

B – Mudança de tópico: você esteve em situação de um vizinho te ajudar

Inferência de A: ‘você já esteve em situação de um vizinho te ajudar’ não é o tópico em curso (GRYNER, 2008, p. 213)

O exemplo em (09) mostra um tipo de construção com *agora* que, em nosso trabalho, também é interpretado como veiculando contraste. Há, no entanto, uma diferença na nuance contrastiva que atribuímos a esse tipo de construção, na medida em que contextos desse tipo, que exibem dois pares de opostos (falar de greve X quando tá em jogo o teu salário, o teu sustento; é um papo X essas coisas começam a te balançar), foram analisados (cf. Capítulo 04) como expressando a nuance de oposição semântica, entendendo-se que não há propriamente uma suposição implícita na leitura do contraste (apenas a suposição de que os dois enunciados são concebidos pelo falante como contrastantes).

Contextos como aquele em (10), por outro lado, por mostrarem *agora* sinalizando mudança de tópico, foram analisados em nosso trabalho como representativos de outro padrão de uso, que

denominamos *transição textual* (cf. Capítulo 04) e no qual admitimos que *agora* não atua como conectivo interoracional, mas como MD.

Gryner se propõe a investigar duas hipóteses que poderiam explicar a emergência das construções contrastivas com *agora*: a) a de que existe uma fase intermediária de gramaticalização entre o *agora* temporal e o *agora* contrastivo, e b) a de que essas construções estão se desenvolvendo em contextos contrastivos caracterizados por uma relação coesiva mais frouxa entre os enunciados (GRYNER, 2008, p. 209).

A autora reúne evidências para a confirmação de ambas as hipóteses. No caso da primeira, ela identifica contextos de ambiguidade entre o uso dêitico e o uso contrastivo como aqueles que possibilitam a mudança. Conforme o exemplo (11) abaixo, nesse tipo de construção, ocorre uma espécie de neutralização entre os dois significados (GRYNER, 2008, p. 212).

(11) Hum... hum. Agora, você já esteve em situação de um vizinho te ajudar?
Eu já tive tantas vezes nessa situação... Quando eu era criança, muitas vezes, né? o vizinho ajudou a minha mãe. **Agora** (*Neste momento*)/(*Mas*) não me lembro exatamente em que já... ajudou assim... (GRYNER, 2008, p. 212).

Nessa construção, observa-se que *agora* pode ser interpretado tanto como advérbio temporal que veicula uma relação de simultaneidade entre o evento descrito e o momento da enunciação quanto como conector contrastivo que expressa uma quebra de expectativa (se o locutor sabe que a situação referida já aconteceu, é possível alimentar a expectativa de que se lembre de detalhes da situação).

Além de contextos do tipo, a autora também identifica em seus dados contextos em que *agora*, ainda veiculando significado temporal, ocorre na mesma oração introduzida por *mas*, estando, muitas vezes, em contiguidade com ele. Esses contextos, segundo a autora, e os contextos como aquele em (11), constituem o estágio intermediário no *continuum agora-temporal* – *agora* discursivo (GRYNER, 2008, p. 216), explicando uma das questões de pesquisa do trabalho da autora (como se deu a gramaticalização de *agora* em conector contrastivo). A relevância dos contextos em que *agora* ocupa a mesma oração que *mas* está no fato de que eles contribuem para uma proximidade semântica entre o conteúdo temporal e o conteúdo contrastivo de *agora* (GRYNER, 2008, p. 212). Segundo a autora, são contextos em que se estabelece uma oposição temporal interoracional (GRYNER, 2008, p. 216), que também é identificada em nossos dados,

conforme já sinalizado, como um fator favorável à mudança. O exemplo em (12) é fornecido pela autora para ilustrar tais contextos.

(12) Você trabalha em que?

Agora em nada, porque eu estou desempregado. Mas eu – não terminei o meu curso de direito e estava trabalhando como – não era nem auxiliar de escritório, era auxiliar de advogado. Mas eu **agora** estou sem emprego. Estou procurando realmente um. (GRYNER, 2008, p. 212)

A segunda hipótese que a autora investiga busca explicações para a outra questão de pesquisa de seu trabalho (até que ponto as construções contrastivas com *agora* estão inseridas no sistema de contraste interoracional do português). A hipótese de que as construções contrastivas com *agora* se desenvolvem em contextos caracterizados por uma relação coesiva mais frouxa entre os enunciados se baseia na tendência translinguística de que relações menos coesas constituem um lugar privilegiado para a emergência de novos conectivos (CREVELS, 2000, apud GRYNER, 2008, p. 213).

Para avaliar o grau de coesão entre as orações vinculadas, Gryner mobiliza dois critérios: sequência temporal em que os eventos ocorrem e polaridade das orações. Os dois critérios são aplicados não apenas às ocorrências de *agora* fornecidas pelos dados da autora, mas também às ocorrências do conector contrastivo prototípico *mas*, de modo que permitem não só averiguar a validade da hipótese em questão, mas, ainda, identificar aspectos que subjazem a variação entre *agora* e *mas* enquanto conectores contrastivos.

Conforme a análise da autora, a aplicação do primeiro critério aos dados mostrou que o uso de *agora* é mais frequente em contextos contrastivos que mostram posterioridade temporal do evento descrito na segunda oração (aquela introduzida pelo conectivo) em relação ao evento descrito na primeira, de modo que se configura uma sequencialidade entre eles (GRYNER, 2008, p. 214). A autora argumenta que esse resultado confirma a hipótese de emergência das construções contrastivas com *agora* em contextos de coesão mais frouxa entre as orações conectadas, pelo fato de que (i) a relação de sequencialidade entre antes e depois reflete de maneira icônica o avançar do discurso e (ii) relações interoracionais icônicas são as mais básicas e também as menos coesas (GRYNER, 2008, p. 215). Com base nisso, portanto, a autora conclui que “o antigo dêitico está entrando no sistema contrastivo a partir de vínculos menos coesos” (idem).

A aplicação do segundo critério, polaridade, parte do pressuposto de que a coesão entre orações em relação contrastiva é mais frouxa quando as orações exibem modalidades análogas

(ambas afirmativas ou negativas) do que quando as modalidades são opostas (*idem*). Aplicado aos dados, esse critério revelou, segundo a autora, que o uso de *agora* é favorecido em contextos contrastivos cujas orações exibem a mesma modalidade, também confirmando, assim, a hipótese da autora.

Validando a hipótese, a autora reúne evidências de que as construções contrastivas articuladas por *agora* entram em variação com as construções contrastivas articuladas por *mas*, a partir de contextos em que o vínculo entre as orações é menos coeso. Segundo a autora, uma vez em competição com as construções contrastivas prototípicas, as construções contrastivas com *agora* passam a integrar, gradualmente, o sistema de contraste do português (GRYNER, 2008, p. 217).

Rodrigues (2009) desenvolve um estudo diacrônico que busca analisar os padrões de uso e as trajetórias de gramaticalização de *agora* e *então* em português. A autora parte da hipótese de que *agora* atravessa a trajetória tempo > texto, admitindo que os usos no domínio do texto são usos em que o item atua como MD. O *corpus* da autora se constitui de textos de tipologia predominantemente narrativa (romances e peças teatrais), produzidos em quatro sincronias distintas: sincronia arcaica (do século XIII até a primeira metade do século XVI), sincronia clássica (da segunda metade do século XVI ao século XVIII) e sincronia moderna (do século XIX ao século XXI) (RODRIGUES, 2009, p. 68).

Rodrigues propõe que o trânsito de usos temporais para usos discursivos tem como estágio intermediário usos em que *agora* desempenha três diferentes funções de conexão (RODRIGUES, 2009, p. 80). As funções que a autora identifica são funções em que o item atua, em nosso entendimento, como advérbio juntivo, não se tratando, portanto, dos usos que aqui consideramos conjuncionais. O trabalho de Rodrigues, nesse sentido, focaliza o desenvolvimento dos usos de *agora* como MD, não estando em seu escopo o desenvolvimento dos usos conjuncionais. Na medida em que o eixo central de nosso trabalho são as condições de emergência dos novos usos, é importante discutirmos as três funções conectivas de *agora* que, conforme o estudo da autora, dão origem aos usos do item como MD. Os exemplos de (13) a (15) as exemplificam.

(13) Dom Gilvaz: Eu bem vejo o recato e honra desta casa. Que? Aquilo de subir um homem por uma janela, e ir-se para dentro atrás de uma mulher, não é nada?
Fagundes: Aquele homem é primo carnal da Senhora Dona Nize.

Dom Gilvaz: Pois eu também quero ser muito conjunto da Senhora Dona Clóris: **ora**⁵ faça-me o favor de a ir chamar. (RODRIGUES, 2009, p. 86)

(14) Mattos permaneceu em meio à massa compacta de pessoas que continuavam na pista e nas imediações do aeroporto. Getúlio morreu, ele pensava a todo instante. Aos poucos as pessoas foram saindo do curto estupor que as dominara quando o avião desapareceu no céu. **Agora**, homens e mulheres começaram a se enfurecer, a gritar e a se agitar de maneira caótica, espalhando-se pelas cercanias do aeroporto. (RODRIGUES, 2009, p. 87)

(15) (...) “Não se preocupe”, disse o comissário.
 “Meu Deus, meu Deus!”
 “Isso não é nada!”
 “Está doendo muito? Diz a verdade”.
 “Doeu na hora. **Agora** só está ardendo”. (RODRIGUES, 2009, p. 88).

Em (13), *ora* funciona, segundo Rodrigues, como um conectivo concluidor, e essa função se mostra a mais frequente dentre as funções de conexão encontradas em seus dados (RODRIGUES, 2009, p. 86). Em (14), a autora defende que *agora* atua como um conectivo sequencializador, função bastante recorrente em seus dados pelo fato de serem provenientes de textos predominantemente narrativos, que favorecem a sequencialização de fatos para a constituição da história (RODRIGUES, 2009, p. 87). Para a autora, *agora* nesse contexto tem posição fixa, exibindo, assim, um traço prototípico dos usos que ela trata como textuais (usos como MDs). Já em (15), *agora* tem o papel conectivo de opositor, e essa é a função conectiva menos recorrente nos dados da autora (RODRIGUES, 2009, p. 88). Rodrigues argumenta que, nesse tipo de construção, a gramaticalização de *agora* fica mais evidente do que nos outros dois tipos de conexão, pelo fato de que os traços prototípicos dos usos temporais estão obscurecidos (RODRIGUES, 2009, p. 89).

Como será possível observar no Capítulo 05, contextos como (11) também se mostram, em nossos dados, fundamentais para a gramaticalização de *agora*. No entanto, nossos dados sugerem que eles estão envolvidos em outra trajetória de mudança, naquela que dá origem aos usos de *agora* como juntor contrastivo. Já os contextos em que *agora*, na perspectiva de Rodrigues, exerce o papel de sequencializador se aproximam dos contextos que interpretamos como favoráveis às mudanças que levam aos usos de *agora* como MD, conforme o Capítulo 06. O traço de sequencialidade se mostra relevante em nossos dados, na verdade, tanto para a emergência dos usos de *agora* como MD quanto para seus usos como juntor contrastivo.

⁵ No trabalho da autora, *agora* e *ora* são tomados como formas variáveis. A autora sinaliza que, nas três sincronias analisadas, ambas as formas foram incorporadas à análise da trajetória de gramaticalização de *agora*.

Rodrigues atesta os usos de *agora* como MD e os usos que, segundo seus dados, alimentam os primeiros (aqueles com função de conexão) em todas as sincronias analisadas, de modo que o estudo da autora fornece evidências de que já desde o século XIII *agora* é mobilizado enquanto mecanismo de mudança de tópico. Apesar disso, ela identifica um aumento de ambos os padrões de uso na sincronia moderna. Em nossos dados, tanto os contextos em que *agora* atua como MD quanto os contextos em que funciona como juntor contrastivo também mostram maior frequência nas sincronias mais recentes. Isso nos levou, conforme sinalizamos em alguns pontos do trabalho e discutimos mais detalhadamente no Capítulo 07, a hipotetizar uma correlação entre os novos usos e determinados tipos de texto que não estão presentes nas sincronias mais passadas. O trabalho de Rodrigues, entretanto, ao identificar usos de *agora* como MD já desde o século XIII, permite questionar essa hipótese.

1.2. Trabalhos prévios sobre *now*

De acordo com nossa revisão bibliográfica de trabalhos prévios sobre *now*, ainda não foi desenvolvido um estudo de natureza diacrônica sobre a emergência dos usos não temporais do item. Nos trabalhos que já focalizaram o item, observamos que a preocupação maior está na descrição dos novos usos, havendo pouca atenção à sua trajetória de desenvolvimento. Nossa revisão identificou os seguintes trabalhos sobre *now*: Schiffrin (1987), Finell (1992), Redeker (1993), Ochs (1996), Aijmer (2002), Lee (2017), Migge (2015), Boulin (2017) e Carter e Altshuler (2017). Desses trabalhos, selecionamos para a exposição Schiffrin (1987), Finell (1992) e Aijmer (2002), dado o objetivo do capítulo e o fato de alguns dos trabalhos abrangerem padrões de uso que fogem ao escopo de nossa investigação.

Conforme nossa revisão, Schiffrin (1987) desenvolve o trabalho pioneiro sobre usos não temporais de *now*. Os usos tratados pela autora são usos em que o item atua como MD, cuja principal característica é sinalizar uma progressão no discurso, de modo a chamar a atenção para uma nova etapa no texto (SCHIFFRIN, 1987, p. 230). O eixo central do trabalho é descrever esses usos com base em um *corpus* constituído por entrevistas conduzidas pela autora, que foram realizadas em grupos de dois, três ou quatro falantes. Durante as sessões, a autora os incentivou a interagir entre si e com ela, buscando, com isso, uma variedade de “quadros de participação” (*participation framework*). A autora propôs aos participantes diferentes tipos de interação, como,

por exemplo, que recontassem uma história de família ou uma piada favorita (SCHIFFRIN, 1987, p. 42).

Dentre as ocorrências que a autora apresenta para ilustrar os usos de *now* como MD, encontramos algumas similares a casos que, em nossa investigação, foram interpretados como instâncias do juntor contrastivo. Nesse sentido, encontramos em Schiffrin (1987) um trabalho que, assim como alguns estudos sobre *agora* apresentados na seção anterior, concebe os usos juntivos e os usos como MD como um conjunto relativamente uniforme de usos.

A autora propõe como uma particularidade fundamental dos usos de *now* como MD o fato de que são típicos de textos em que o falante progride através de uma série cumulativa de unidades subordinadas a um tópico maior (SCHIFFRIN, 1987, p. 232), sendo crucial a noção de progressão *do falante*, que tem relação com propriedades dos usos dêiticos, conforme discutimos adiante. A autora destaca dois tipos de discurso em que *now* mais tende a atuar: comparações e listas descritivas (*idem*).

Em comparações, *now* pode ocorrer, segundo a autora, tanto nos casos em que a comparação está explicitamente identificada como envolvendo dois subtópicos quanto nos casos em que os subtópicos em comparação estão implícitos (*idem*). Os exemplos em (16) e (17) ilustram, respectivamente, cada caso.

(16) They aren't brought up the same way.
Now Italian people are very outgoing,
 they're very generous.
 When they put a meal on the table it's a meal.
Now these boys were Irish.
 They lived different. (SCHIFFRIN, 1987, p. 233)

Eles não são criados da mesma forma.
Agora as pessoas italianas são bastante extrovertidas,
 elas são muito generosas.
 Quando elas colocam uma refeição na mesa é uma refeição.
Agora esses meninos eram irlandeses.
 Eles viviam de forma diferente.

(17) He was giving a spelling test.
Now to me, if you're inviting parents t'come observe, y'don't give a spelling test! (SCHIFFRIN, 1987, p. 236)

Ele estava dando uma prova de soletração.

Agora para mim, se você vai convidar os pais para ir observar, você não vai dar uma prova de soletração!

Schiffrin explica que, na construção em (16), o locutor está comparando o modo de educar os filhos de italianos e irlandeses. A comparação está explicitada logo no início (*They aren't brought up the same way*), e *now* é utilizado para introduzir ambos os subtópicos: forma de educar dos italianos e forma de educar dos irlandeses (SCHIFFRIN, 1987, p. 233). Por outro lado, em (17), a autora defende que *now* também está envolvido em uma comparação, mas ela está implícita. Ela explica que, no contexto, o locutor está descrevendo uma visita recente à escola de seu filho e expressa sua opinião de que uma prova de soletração não é uma atividade apropriada para a observação dos pais. Trata-se, segundo a autora, de uma avaliação subjetiva de uma dada situação, que é uma comparação implícita entre o que o locutor pensa e o que outros pensam. Schiffrin argumenta que é esse traço de comparação do contexto o que favorece o uso de *now* (SCHIFFRIN, 1987, P. 236).

Listas descritivas também são, conforme a autora, um contexto favorável ao uso de *now*, pelo fato de configurarem um tipo de discurso também constituído de uma série cumulativa de unidades subordinadas a um tópico maior. Em (18), apresentamos um exemplo fornecido pela autora.

(18) Jack: **Now** another one, eh: what's the other one that eh: they made a lot of money with. And everybody jumped out of their seats. [Uh:] Exorcist.

Debby: [Oh..] The Exorcist. (SCHIFFRIN, 1987, p. 237)

Jack: Agora um outro, eh: qual é o outro com que eh: eles fizeram muito dinheiro. E todo mundo pulou de seus assentos. [Uh:] Exorcista.

Debby: [Oh..] O Exorcista.

Segundo a autora, no contexto prévio à construção em (18), Jack estava descrevendo filmes americanos de sucesso. *Now* é utilizado para marcar a informação que será adicionada a um conjunto prévio de itens (SCHIFFRIN, 1987, p. 237).

Schiffrin atribui as principais propriedades de *now* enquanto MD às propriedades de seus usos dêiticos. Segundo a autora, “*now* is used as a discourse marker in ways that reflect its properties as a time deictic: it provides a temporal index in discourse time, it is ego-centered, and it may be evaluative” (SCHIFFRIN, 1987, p. 245). Entendemos que essas três propriedades

identificadas pela autora como comuns a ambos os padrões de uso constituem evidências da derivação dos usos não temporais a partir dos temporais, fornecendo, portanto, pistas de sua história de constituição. Por esse motivo, as três propriedades elencadas por Schiffrin são relevantes para levarmos em consideração na investigação do processo que deu origem a *now* MD.

A primeira propriedade (índice temporal) mostra que os novos usos preservam traços de significado dos usos primeiros. Conforme a autora, nos usos dêiticos, *now* estabelece uma referência temporal para uma proposição em relação ao momento da enunciação (SCHIFFRIN, 1987, p. 244-245). Enquanto MD, *now* também funciona como um índice temporal, mas a relação resultante não se dá entre um evento e o tempo da enunciação, mas entre enunciados, veiculando aquilo que a autora denomina *tempo do discurso*, isto é, a ordem em que um falante apresenta os enunciados em um discurso (SCHIFFRIN, 1987, p. 229). Conforme mostramos no Capítulo 06, nossos dados sugerem que os usos de *now* (e também de *agora*) como MD resultam não apenas da função de índice temporal que o item desempenha nos usos adverbiais, mas de uma nuance temporal específica que se distingue de outras várias nuances temporais que o item pode veicular.

A segunda propriedade destacada por Schiffrin coloca em evidência, em nossa perspectiva, a subjetividade (TRAUGOTT; DASHER, 2004) que, conforme discutido no Capítulo 04, admitimos como inerente aos usos de *now* como MD. De acordo com essa propriedade, *now* MD é egocentrado, no sentido de que é orientado para o que o falante está para dizer, e não para o que o ouvinte diz (SCHIFFRIN, 1987, p. 245). Essa particularidade estaria relacionada, conforme a autora, ao fato de, nos usos adverbiais, *now* se configurar em um dêitico proximal, que situa um enunciado em um espaço egocentrado, porque é dominado pelo produtor do enunciado, e não pelo receptor (*idem*). Aqui temos, portanto, mais uma evidência apresentada pela autora da derivação entre o advérbio e o MD.

Por fim, a terceira propriedade apontada pela autora diz respeito ao fato de que os usos de *now* como MD podem ser considerados usos de natureza avaliativa, que, em alguns casos, está mais acentuada do que em outros, como, por exemplo, na construção em (19).

(19) **Now** I don't hate a Gentile girl, or a guy, I don't *hate*. But I know what's... what's good, what's good for them, and I know what's good for me. (SCHIFFRIN, 1987, p. 245)

De acordo com a autora, no contexto precedente ao trecho que apresenta em (19), o locutor estava desenvolvendo argumentos contra a exogamia, e introduz com *now* um enunciado que

funciona como uma estratégia de proteção de face, de modo que esse enunciado tem o efeito de modificar a orientação do discurso para uma avaliação do conteúdo que o próprio locutor enunciou (idem). A natureza avaliativa dos usos como MD, portanto, também evidencia seu alto grau de subjetividade. E essa propriedade do MD também é compreendida pela autora como um reflexo dos usos dêiticos, pois, segundo ela, advérbios temporais proximais também se constituem de uma carga avaliativa (idem), o que se deve, em nosso entendimento, ao fato de esses advérbios introduzirem uma perspectiva do falante/escrevente sobre a relação do enunciado com o tempo da enunciação.

Finell (1992) desenvolve um estudo de diferentes maneiras de sinalizar mudança de tópico em cartas pessoais, dentre as quais estão partículas pragmáticas que ela denomina *topic changers*⁶. *Now* está no conjunto de partículas abarcadas pelo estudo da autora, e mais importante do que isso para nosso trabalho é o fato de a autora verificar o item envolvido em diferentes estratégias de mudança de tópico, atuando, em algumas, ainda como advérbio temporal, e em outras, como um *topic changer* propriamente dito.

O objetivo principal da autora é propor um repertório de *topic changers* utilizados em cartas produzidas no século XVII e de *topic changers* utilizados em cartas do início do século XX. O *corpus* da autora se constitui de cartas de Dorothy Osborne escritas em 1653 e de cartas de Virginia Woolf escritas entre 1907 e 1908. A autora opta por cartas pessoais, de natureza informal, em virtude de elas serem consideradas pela literatura sociolinguística como um tipo de registro escrito próximo do modo de enunciação falado (FINELL, 1992, p. 720). Com base na comparação dos conjuntos de *topic changers* identificados em cada período, ela se propõe a investigar duas questões principais: se é possível encontrar padrões no modo como a mudança de tópico é efetivada e, de um ponto de vista histórico, se há um padrão na maneira como os *topic changers* se desenvolveram ao longo do período considerado (FINELL, 1992, p. 723).

Os resultados da autora revelam que as cartas de Virginia Woolf (VW daqui em diante) contêm número significativamente maior de *topic changers* do que as cartas de Dorothy Osborne (DO daqui em diante). Nessas últimas, Finell observa que são também mobilizadas estratégias para a sinalização de mudança de tópico, mas isso não se dá a partir de *topic changers*. Segundo a autora, para sinalizar que um dado tópico terminou e que um novo tópico vai ser iniciado, ou que o foco

⁶ Pelo fato de acreditarmos não haver um termo correspondente a *changer* em português, utilizaremos a expressão em inglês, *topic changer*, na exposição do trabalho de Finell (1992).

do tópico corrente será modificado, DO o faz verbalmente a partir de orações que tornam explícita a mudança (FINELL, 1992, p. 724). Nessas orações, é recorrente o uso de *now* como um dos indícios da mudança. De (20) a (22) apresentamos exemplos das sentenças em questão.

(20) And **now** Sir let mee tell you. (FINELL, 1992, p. 725)

E agora Senhor me deixe te contar.

(21) But I have done, and am **now** at Leasure to tell you. (idem)

Mas eu terminei, e estou agora disponível para te contar.

(22) But seriously **now**, I wonder at your Patience. (idem)

Mas seriamente agora, eu peço pela sua Paciência.

A autora argumenta que, nesse tipo de oração, os indícios de mudança de tópico não se sustentam por si só enquanto *topic changers*, mas sempre precisam ser reforçados por metacomentários, que explicitamente comuniquem ao destinatário que DO está redirecionando seu texto (FINELL, 1992, p. 724). Nesse sentido, a expressão de mudança de tópico nas cartas de DO funcionam de maneira mais literal do que nas cartas de VW, em que a mudança é sinalizada por *topic changers* propriamente ditos, sendo, conforme Finell, pouco frequente o uso de meios explícitos para a sinalização (FINELL, 1992, p. 727). Nessas cartas, *now* está entre os *topic changers* identificados.

Com base na diferença entre as estratégias de mudança de tópico utilizadas por DO e as utilizadas por VW, Finell propõe duas hipóteses explicativas para o desenvolvimento de *topic changers* no inglês:

- 1) *Topic changers* verbalmente estendidos se tornam mais reduzidos (frases verbais → itens lexicais).
- 2) *Topic changers* semanticamente explícitos se tornam pragmaticamente explícitos, isto é, funcionalmente especializados (FINELL, 1992, p. 732).

A primeira hipótese propõe que a expressão de mudança de tópico sofre alterações em sua forma de manifestação na língua, realizando-se primeiramente na forma de sentenças inteiras e, em períodos posteriores, na forma de itens individuais que, por si só, são capazes de sinalizar a

transição para outro tópico. A segunda hipótese, por sua vez, postula a tendência de que, primeiramente, a mudança de tópico é indicada de maneira mais transparente, enquanto, ao longo do tempo, passa a ser sinalizada por itens cujo significado semântico é mais opaco, prevalecendo o significado pragmático.

Independentemente de as hipóteses de Finell revelarem de fato ou não padrões de desenvolvimento de MDs que expressam mudança de tópico, o aspecto mais importante do trabalho da autora para nossa investigação é a identificação de contextos em que *now*, embora ainda atuando predominantemente como advérbio temporal, já tem algum papel na organização tópica do texto. Segundo nossos dados, são justamente contextos do tipo que condicionam a emergência de seus usos (e também dos usos de *agora*) como MD, em virtude de sua correlação com outros traços contextuais que explicitam a mudança de tópico.

Finell argumenta que a trajetória de desenvolvimento de *topic changers* identificada em seu estudo reflete a tendência, postulada por Traugott (1990), de que a mudança de significado caminha em direção a significados cada vez mais subjetivos, indo de um componente proposicional, passando possivelmente por um componente textual, e chegando a um componente expressivo. Isso porque os *topic changers* que a autora identifica nas cartas de VW (dentre os quais está *now*) atuaram primeiramente como componentes proposicionais em contextos como aqueles de (20) a (22), e, ao se constituírem como *topic changers* propriamente ditos, estão mais situados na atitude mental do falante em relação à situação (FINELL, 1992, p. 733).

Aijmer (2002) desenvolve uma descrição das funções textuais que *now* pode desempenhar enquanto um MD que indica mudança de tópico. A autora entende que, nesse padrão de uso, *now* sinaliza uma fronteira entre duas unidades discursivas, efetivando a mudança de tópico ao dirigir a atenção para algo novo no texto (AIJMER, 2002, p. 95). Para a descrição das funções de *now* como MD, a autora utiliza o *London-Lund Corpus of Spoken English*, que se constitui de conversações informais face a face, conversações telefônicas, discussões e discurso público e planejado, sendo os falantes amigos próximos ou associados acadêmicos discutindo uma variedade de tópicos (AIJMER, 2002, p. 04).

Embora o objetivo da autora esteja em descrever o funcionamento sincrônico de *now* MD, encontramos em seu trabalho algumas considerações sobre possíveis motivações que levaram ao desenvolvimento desses novos usos de *now*. Argumentando que existe uma íntima relação entre o significado temporal de *now* e suas funções como partícula discursiva, ela propõe que se questione

se essas funções são resultantes de gramaticalização (AIJMER, 2002, p. 62). A autora concebe a gramaticalização de partículas discursivas como um processo de pragmatização, entendido como um processo que resulta em significados pragmáticos, e não gramaticais, admitindo, assim, uma separação entre o domínio da gramática e o domínio da pragmática.

O desenvolvimento dos usos de *now* como MD também pode ser tratado, segundo a autora, em termos de subjetivização, compreendida pela autora como uma tendência diacrônica através da qual estruturas e estratégias emergem para expressar a perspectiva ou ponto de vista do falante (OCHS, 1996, apud AIJMER, 2002, p. 62).

Para a autora, a chave para a compreensão do desenvolvimento de *now* MD como um processo de gramaticalização/pragmatização está nos usos dêiticos do item. O significado temporal do advérbio, segundo ela, “colore” o significado do MD, e isso constituiria uma evidência da relação de derivação (AIJMER, 2002, p. 63). A autora defende esse ponto de vista com base na sugestão de Quirk *et al.* (1985) de que a mudança de advérbio para partícula discursiva tem lugar em contextos que envolvem a implicação de um verbo de dizer. Segundo os autores, a sucessão no tempo que é expressa pelo advérbio é convertida na sucessão lógica do discurso quando há um verbo de dizer implicado (QUIRK *et al.*, 1985, apud AIJMER, 2002, p. 63). Os autores argumentam que isso pode ser observado a partir da correspondência entre, por exemplo, as seguintes estruturas:

I will **now** say that/One can say that this is a success. → **Now** this is a success.

Aijmer ressalta que essa proposta de Quirk *et al.* (1985) vai ao encontro da tendência que Finell (1992) (trabalho discutido anteriormente) identifica para o desenvolvimento de *topic changers*: a tendência de que *topic changers* verbalmente estendidos se tornam mais reduzidos, passando de frases verbais para itens lexicais (AIJMER, 2002, p. 63-64). Conforme mostramos no Capítulo 06, a proposta elaborada por Quirk *et al.* (1985) e adotada por Aijmer (2002) como uma hipótese explicativa para o desenvolvimento dos usos de *now* como MD se confirma em nossa investigação diacrônica. Para além da implicação de um verbo de dizer, outros fatores também estão em jogo na mudança, sendo o significado fonte de *now* realmente a chave, como sugere Aijmer, para a compreensão da emergência dos usos de *now* como MD.

1.3. Relevância e justificativa do presente trabalho

A revisão dos trabalhos prévios sobre *agora* e *now* revela a carência de uma investigação diacrônica do percurso atravessado pelos itens até os novos usos. No caso do inglês, nenhum estudo com esse propósito foi encontrado. No caso do português, apenas o desenvolvimento dos usos de *agora* como MD foi investigado, em Rodrigues (2009).

Para além de uma investigação diacrônica do processo de constituição dos novos usos, acreditamos que há também a carência de uma análise do papel complexo dos contextos no processo, para que se reúnam evidências do *como* das mudanças. Julgamos importante, ainda, que o estudo das mudanças faça distinção entre aquelas que levam aos usos contrastivos e aquelas que levam aos usos para transição textual. Nos trabalhos já realizados, observamos que são poucos os que consideram os usos não temporais de *agora* e *now* como distribuídos em dois diferentes padrões. Do ponto de vista diacrônico, ela é relevante para um mapeamento de especializações contextuais que levam usos resultantes de fontes temporais tão similares a se delinarem a partir de aspectos de forma e significado distintos.

Do ponto de vista sincrônico, essa distinção é, em nossa perspectiva, relevante para uma maior compreensão das especificidades de funcionamento de *agora* e *now* no português e no inglês contemporâneos. Além de um tratamento que tome como distintos o padrão de uso contrastivo e o padrão de uso que indica transição textual, consideramos importante uma análise mais específica dos significados expressos por cada padrão, sobretudo pelo padrão contrastivo. Provavelmente pelo fato de os usos de *agora* e *now* como MDs terem recebido maior atenção nos trabalhos do que seus usos como juntores, encontramos na literatura uma preocupação maior em descrever as várias funções que *agora* e *now* desempenham enquanto MDs. No caso do padrão juntivo, por outro lado, observamos que há pouca atenção ao tipo de contraste que os itens podem veicular enquanto juntores.

À luz dos aspectos identificados como ausentes ou poucos explorados nos estudos prévios sobre *agora* e *now*, nosso trabalho busca contribuir com uma investigação que reúna evidências das trajetórias históricas de desenvolvimento das novas construções com *agora* e *now*, sobretudo em relação ao papel dos contextos nessas trajetórias, propondo-se também a elucidar especificidades dos significados expressos nas novas construções e as relações dessas especificidades com os percursos de desenvolvimento.

2. Fundamentos Teóricos e Empíricos

Neste capítulo, apresentamos subsídios teóricos e empíricos que norteiam o trabalho. Partimos, nas duas primeiras seções, das teorias de mudança em que a pesquisa se fundamenta e que justificam o peso atribuído aos contextos e os procedimentos metodológicos de análise. São modelos teóricos em certa medida distintos pelos tipos de mudança que buscam explicar, mas é possível, e produtivo, conjugá-los, sobretudo em virtude da convergência na concepção da mudança como processo gradual desenvolvido em contextos específicos. Ambos têm como eixo central regularidades de mudança, sustentadas por evidências empíricas atestadas através de línguas e tempos.

Dada a base empírica dos modelos e nosso objetivo de confirmar a hipótese de que as mudanças aqui investigadas constituem processos de amplitude translinguística, discutimos, nas duas últimas seções do capítulo, trabalhos que atestam empiricamente regularidades previstas pelos modelos em questão. A relevância teórica e empírica dos trabalhos que serão apresentados está tanto no fato de evidenciarem as amplas tendências de mudança sustentadas pelos modelos quanto no fato de focalizarem, no interior das macro tendências, tendências mais específicas, que se aproximam das mudanças investigadas neste trabalho.

2.1. A Teoria da Inferência Convidada

Proposta por Traugott e Dasher (2004)⁷, a *Invited Inferencing Theory of Semantic Change* (IITSC⁸ daqui em diante) constitui um modelo teórico que busca explicar a mudança de significado à luz de uma importante tendência evidenciada no desenvolvimento de novos significados: a tendência à *subjetivização*, processo através do qual significados passam a explicitar pontos de vista dos falantes/escreventes. Na perspectiva da IITSC, portanto, os significados tendem a mudar em direção a graus cada vez maiores de subjetividade, podendo, em estágios sempre posteriores à subjetivização, também experimentar *intersubjetivização*. Segundo os autores, o aumento de

⁷ Embora o modelo seja de fato apresentado enquanto modelo teórico a partir de Traugott e Dasher (2004), há trabalhos anteriores de Elizabeth Traugott que já exploram princípios importantes do modelo (cf., por exemplo, Traugott, 1988 e Traugott, 1999).

⁸ Ao utilizar expressões teóricas do modelo, preservaremos as siglas originais, correspondentes às expressões em inglês.

intersubjetividade corresponde a uma maior atenção do falante/escrevente ao ouvinte/leitor, não enquanto indivíduo no mundo, mas enquanto participante no evento discursivo. Os autores defendem que algum grau de subjetividade sempre precede (sendo um pré-requisito para) a intersubjetividade pelo fato de que uma atitude do falante/escrevente em relação ao ouvinte/leitor é, antes de tudo, uma atitude subjetiva, fundada na perspectiva do próprio falante/escrevente (TRAUGOTT; DASHER, 2004, p. 22).

Os dois novos significados de *agora* e *now* que resultam das mudanças aqui investigadas podem exemplificar ambos os tipos de significado (cf. exemplos de 03 a 06 na *Introdução*). Tanto contraste quanto transição constituem significados subjetivos. No caso de contraste, os itens explicitam que a relação entre os enunciados coordenados é, na *perspectiva* do falante/escrevente, uma relação contrastiva, ao passo que, no caso de transição, indicam que o falante/escrevente compreende o enunciado introduzido por *agora/now* como uma nova etapa no texto, também explicitando, assim, uma perspectiva do falante/escrevente, aqui referente à organização do texto. O significado de transição é, para nós, também intersubjetivo, na medida em que, ao explicitar a organização textual, o falante/escrevente mostra atenção explícita ao interlocutor enquanto ouvinte/leitor de seu texto, já que lança mão de uma estratégia que facilita a compreensão de que o texto está mudando de direção. No capítulo 05, em que descrevemos os novos contextos de uso, a (inter)subjetividade dos novos significados ficará mais evidente.

Significados (inter)subjetivos são significados *procedurais* (TRAUGOTT; DASHER, 2004, p. 10), no sentido de que fornecem instruções para o ouvinte/leitor sobre diversos aspectos referentes ao texto e aos participantes da interação. Como a própria denominação sugere, são significados que indiciam a perspectiva do falante/escrevente sobre como o ouvinte/leitor deve *proceder* na interpretação dos enunciados ou mesmo na interação. Tipicamente, segundo Traugott e Dasher, os itens que veiculam esse tipo de significado são conectivos e marcadores discursivos (MDs daqui em diante)⁹. Diferentemente dos significados procedurais, significados de *conteúdo* são significados expressos por nomes, verbos, adjetivos e advérbios (*idem*), isto é, são aqueles que têm alguma referência no mundo. A subjetivização, portanto, pode também ser compreendida

⁹ A noção de MD não é consensual na literatura, havendo uma grande diversidade de concepções. Indicamos nosso entendimento de MD no Capítulo 04, em que caracterizamos os usos de *agora* e *now* aos quais atribuímos essa função. Ao longo deste capítulo, faremos referência a esses itens/expressões para discutir questões controversas relacionadas a seu desenvolvimento. Para isso, consideramos suficiente ter em vista que a função de MDs é essencialmente pragmática, de modo que são itens/expressões que não têm consequências significativas para o conteúdo proposicional dos enunciados (TRAUGOTT; DASHER, 2004, p. 152).

como a tendência de significados mais procedurais se originarem a partir de significados menos procedurais e com maior carga de conteúdo.

A distinção entre significados de conteúdo e significados procedurais não é discreta. Os usos adverbiais de *agora* e *now*, por exemplo, permitem observar a gradiência existente entre os dois tipos. Os significados temporais que veiculam fazem alusão direta à realidade externa à linguagem, consistindo, portanto, de uma carga semântica altamente referencial. Mas a dêixis temporal explícita também contém certo grau de subjetividade, já que se trata de um significado altamente baseado na perspectiva do falante/escrevente (TRAUGOTT; DASHER, 2004, p. 23). Devido à não-discretude entre significados de conteúdo e procedurais, adotamos uma abordagem fundada na noção de gradiência, nos referindo a significados mais e menos procedurais, mais e menos subjetivos. Admitimos a carga subjetiva dos significados originais de *agora* e *now*, mas, dado seu conteúdo também referencial, assumimos que são significados menos subjetivos do que aqueles expressos nos novos usos, que se afastam de referências no mundo físico.

Na busca por explicações para a tendência à (inter)subjetivização na mudança de significado, a IITSC assume que a principal força que impulsiona o processo é pragmática, no sentido de que a via para novos significados não é abrupta, mas se dá a partir de um processo gradual de *enriquecimento pragmático*, viabilizado por contextos específicos: condições contextuais enriquecem significados já expressos pelo item/construção em mudança com *inferências* de novos significados, que têm estatuto pragmático justamente por sua dependência do contexto e da possibilidade de cancelamento. O papel da pragmática enquanto força propulsora da mudança explica a constituição da teoria como Teoria da *Inferência* e o peso dos contextos no modelo. Na medida em que as mudanças se desenvolvem via contextos, eles constituem um lugar privilegiado para análise das alterações de forma e significado. Por esse motivo, as análises, nos Capítulos 05 e 06, se fundamentam em modelos de estágios contextuais que viabilizam a operacionalização de estágios de mudança via contextos. Tais modelos, elaborados por Heine (2002) e Diewald (2002), constituem recursos metodológicos que vão ao encontro dos pressupostos teóricos da IITSC. No Capítulo 03, apresentamos as particularidades de cada modelo.

Assumindo que o enriquecimento de significado emerge no uso da língua e na contínua negociação de significados entre falantes/escreventes e ouvintes/leitores, a IITSC admite que tanto falante/escrevente quanto ouvinte/leitor têm papel relevante na mudança, mas atribui papel central ao falante/escrevente, concebendo-o como o negociador principal de significados, em virtude de

eleger estratégias comunicativas de acordo com suas intenções (TRAUGOTT; DASHER, 2004, p. 07). A maior relevância do falante/escrevente na mudança explica, segundo os autores, por que o principal tipo de mudança semântica é a subjetivização.

É justamente em razão de constituir um modelo de mudança orientado à produção que a IITSC, para além de uma Teoria da Inferência, se constitui como Teoria da Inferência *Convidada*: o que dispara o enriquecimento pragmático resultante em inferências de novos significados são contextos específicos, e quem produz contexto, moldando-o conforme suas intenções, é o falante/escrevente. Assim, a base da IITSC está na hipótese de que o falante/escrevente evoca implicaturas e *convida* o ouvinte/leitor a inferi-las (TRAUGOTT; DASHER, 2004, p. 05).

Bybee (2015), ao tratar da mudança semântica por meio da adição de significados ao contexto, sinaliza o papel do ouvinte/leitor no processo de inferir os significados evocados pelo falante/escrevente. Segundo a autora, os ouvintes/leitores não apenas decodificam palavras e construções, mas também se perguntam constantemente: “Por que ele está me dizendo isso?”. Assim, a autora propõe que, na base das inferências, está um esforço contínuo do ouvinte/leitor para identificar os objetivos do falante/escrevente na comunicação (BYBEE, 2015, p. 134).

O objetivo central da IITSC é explicar como se processa a semantização de significados pragmáticos, isto é, como inferências convidadas passam a fazer parte da semântica do item/construção. A teoria postula que a mudança atravessa estágios graduais de desenvolvimento, associados a tipos diferentes de significado. Postula também uma alteração no próprio estatuto pragmático do novo significado ao longo da mudança. Para compreender o modelo, é importante compreender uma distinção entre três tipos de significado proposta por Levinson (1995, apud TRAUGOTT; DASHER, 2004): significados codificados, significados *token* e significados *type*.

Conforme a autora, o significado *codificado* é aquele convencionalmente associado a um item/construção. Pode ser considerado como o significado semântico, não sendo dependente de traços contextuais. O significado *token* constitui uma inferência convidada (*Invited Inference*, IIN daqui em diante) ainda não cristalizada na língua. Esse tipo de significado pode emergir de conhecimentos enciclopédicos, linguísticos ou específicos à situação. Já o significado *type* é similar ao *token*, no sentido de que ainda é uma inferência convidada e, portanto, um significado cancelável. A diferença é que se trata de uma inferência convidada generalizada (*Generalized Invited Inference*, GIIN daqui em diante), que já constitui um significado preferido, comumente

associado a determinados contextos de uso. Assim, a principal distinção entre significados *token* e *type* está na maior frequência de uso dos últimos.

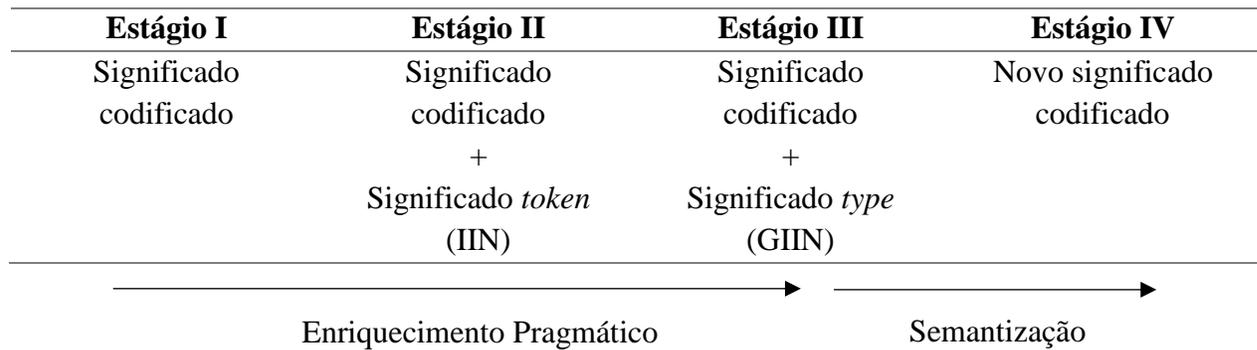
Segundo a IITSC, a mudança tem início quando um dado contexto evoca conhecimentos (de natureza diversa, como explicitado acima) que habilitam inferências de um novo significado. Surge um significado *token*, que constitui o primeiro estágio da mudança no modelo da IITSC. Instaura-se uma relação polissêmica entre o significado original e o significado inferido. A IIN pode permanecer restrita àquela situação de uso ou se espalhar para outros falantes/escreventes e para novos contextos linguísticos. Se a disseminação ocorre, ela se torna uma GIIN, que corresponde ao segundo estágio de mudança na proposta. Esse estágio é concebido como imprescindível para a semantização, o que decorre do papel fundamental da frequência de uso para a mudança (BYBEE, 2003). Isso porque a generalização das inferências, ao torná-las salientes na comunidade, fortalece a associação do novo significado ao item/construção. No estágio de generalização, o significado originalmente codificado ainda predomina ou é igualmente acessível. A diferença é que o novo significado tem um impacto pragmático maior, isto é, é mais saliente. A teoria admite que a semantização da GIIN ocorreu quando há contextos em que o significado original é apenas um traço ou é totalmente inacessível (TRAUGOTT; DASHER, 2004, p. 35).

Os autores propõem que a semantização de um novo significado é instantânea para o indivíduo, podendo se difundir lentamente para outros usuários da língua. Para que a inovação de fato constitua mudança, essa propagação precisa acontecer. Conforme Milroy (1992, apud TRAUGOTT; DASHER, 2004, p. 38), a mudança não é mudança até que seja adotada por mais de um falante (ou escrevente). Disso podemos depreender, então, que a frequência de uso é relevante não só para a generalização das inferências e sua consequente semantização, mas tem um papel também depois que a semantização ocorre para um grupo de indivíduos, sendo importante para que a nova polissemia de fato se espalhe para a comunidade. Ao sinalizar a relevância da disseminação da mudança para um conjunto maior de falantes/escreventes, Traugott e Dasher colocam mais uma vez em destaque o papel ativo do falante/escrevente, argumentando que, ao reproduzir uma inovação, o ouvinte/leitor faz isso enquanto produtor de linguagem, e não como receptor (*idem*).

Na Figura 01, esquematizamos o modelo da IITSC¹⁰.

¹⁰ Traugott e Dasher (2004, p. 38) propõem um esquema para o modelo, mas, em decorrência dos modelos metodológicos adotados para as análises, julgamos mais interessante para nós um esquema distinto daquele proposto pelos autores, que coloque em destaque a correlação entre estágios e mudanças de significado.

Figura 01. O modelo da IITSC.



Como é possível depreender do modelo, a polissemia é central na IITSC. Traugott e Dasher argumentam que uma teoria da mudança semântica não é possível sem se atribuir um papel privilegiado à polissemia, dada a própria natureza da mudança. Um significado A não passa abruptamente para um significado B, mas a mudança atravessa necessariamente estágios em que se tem A convivendo com (e sendo enriquecido por) B. Os autores argumentam que o modelo opera recursivamente, no sentido de que o significado codificado do estágio I pode ele mesmo ter sido derivado de mudança (TRAUGOTT; DASHER, 2004, p. 39).

Embora o modelo possa sugerir, a princípio, que a sobreposição de significados seja observada apenas em períodos de tempo posteriores, esse nem sempre é o caso. Os próprios autores sinalizam que a sobreposição sempre ocorre em um estágio intermediário de mudança, podendo também ocorrer, no entanto, em todos os estágios (TRAUGOTT; DASHER, 2004, p. 40). Esse é um aspecto importante para o trabalho, pois é o que as mudanças investigadas mostram. O modelo apresentado na Figura 01, ao buscar representar a mudança nos moldes propostos pela IITSC, coloca em foco a *evolução do novo significado* (significado *token* > significado *type* > novo significado codificado) até sua possível semantização, não propondo que a evolução se dá de forma discreta entre os quatro estágios.

Em outras palavras, o esquema propõe estágios para capturar o desenvolvimento do novo significado, e não para insinuar que cada estágio se restringe a apenas um cenário semântico-pragmático. Traugott e Dasher destacam que uma das razões para o enfoque no desenvolvimento do novo significado está na natureza amplamente regular dos ganhos de significado, em oposição à natureza irregular das perdas. Nas palavras dos autores: “Loss is unpredictable and irregular.

Development of incremental meaning, however, is largely regular, and this is what the model attempts to account for”¹¹ (TRAUGOTT; DASHER, 2004, p. 39).

A não-discretude entre os diferentes estágios que podem ser apreendidos do modelo significa, conforme entendemos, que não há uma correlação necessária entre eles e períodos de tempo particulares. Isto é, se a sobreposição pode ocorrer em todos os estágios da mudança, é possível que, em um mesmo intervalo de tempo, contextos que veiculam exclusivamente o significado codificado (original) coexistam com contextos de sobreposição entre ele e uma IIN e/ou uma GIIN.

No mesmo sentido, o último estágio não é necessariamente um cenário em que apenas o novo significado codificado está presente e o significado codificado original desapareceu. Os autores argumentam, inclusive, que a perda de um significado anterior é relativamente rara, sendo mais comum o acréscimo contínuo de significados ao longo do tempo (TRAUGOTT; DASHER, 2004, p. 12). Em síntese, embora tanto a correlação entre estágios e intervalos de tempo e o desaparecimento do significado original possam ser (e, em muitos casos, são) observados, eles não são aspectos necessariamente observados em todas as instâncias de mudança.

Assumindo que o desenvolvimento de novos significados segue uma direcionalidade típica, a IITSC tem como postulado central a regularidade e a previsibilidade da mudança de significado (TRAUGOTT; DASHER, 2004, p. 04). Assim, a teoria admite que existem macro-processos de mudança semântica, recorrentes no interior das línguas e translinguisticamente. Admite também, por outro lado, que cada instância de mudança semântica tem suas peculiaridades, devido a restrições de natureza diversa, como de propriedades específicas do item/construção em mudança ou mesmo do sistema linguístico de que faz parte. Reconhecendo que cada item/construção em mudança tem sua própria história, a IITSC se propõe a explicar processos individuais de mudança semântica no interior de macro-processos (idem).

Seguimos essa abordagem que conjuga um viés de mudança “micro” a um viés “macro”, o que justifica a organização dos capítulos de análise diacrônica dos dados. Nos Capítulos 05 e 06, cada trajetória de mudança atravessada por *agora* e *now* é discutida separadamente, enquanto instâncias de mudança individuais. No Capítulo 07, o enfoque muda, e buscamos rediscuti-las enquanto instâncias de macro-processos. Para tanto, é importante apresentar os mecanismos de

¹¹ “A perda é imprevisível e irregular. O desenvolvimento de significados adicionais, entretanto, é amplamente regular, e isso é o que o modelo tenta explicar”.

mudança que têm papel comprovado no desenvolvimento de macro-processos de mudança linguística.

A metáfora e a metonímia, reconhecidas como mecanismos de mudança não apenas na IITSC, ganham novos contornos no âmbito da teoria. Traugott e Dasher, para destacar a função processual de tais mecanismos, optam por referi-los como metaforização e metonimização.

A *metonimização* consiste em associações entre significados baseadas na contiguidade contextual. É a própria exploração de inferências convidadas a partir da manipulação contextual. Esse mecanismo pode ser identificado no modelo da IITSC (conforme esquematizado na Figura 01) com os estágios intermediários da mudança, aqueles em que há sobreposição de significados. Em um trabalho que contribui para a elaboração da IITSC, Traugott (1988) estabelece uma relação estreita entre metonimização (no trabalho ainda tratada por metonímia) e fortalecimento de informatividade. A autora argumenta que na base da metonímia está o Princípio da Informatividade, conforme proposto por Levinson: “Read as much into an utterance as is consistent with what you know about the world”¹² (LEVINSON, 1983, apud TRAUGOTT, 1988, p. 411). Assim, na perspectiva da autora, a metonímia é um mecanismo de mudança orientado ao fortalecimento de informatividade, no sentido de que leva à exploração de inferências e conseqüente enriquecimento de significado para o aumento da informatividade dos enunciados, isto é, para a indicação de que, além de um significado A, está presente no contexto também um significado B.

O processo de metonimização, portanto, tem uma direção típica: vai do menos para o mais informativo, especificando um significado em termos de outro que está presente no contexto, mesmo que de modo implícito. Conforme o processo avança, a especificação vai se tornando cada vez mais explícita, e a informatividade que antes era apenas implicitamente significada passa a ser codificada (TRAUGOTT, 1988, p. 413). É nesse sentido que Traugott (1988), bem como Traugott e Dasher (2004), equiparam a metonímia/metonimização à convencionalização de significados conversacionais. Traugott (1988) defende, ainda, que o tipo de informatividade que tende a ser enriquecida por meio da metonímia/metonimização é a subjetividade dos falantes/escreventes. A autora menciona o desenvolvimento de *instead of* (“ao invés de”) como um conectivo. O significado hoje expresso pelo conectivo emergiu, segundo a autora, em contextos que habilitavam implicaturas conversacionais de prioridade temporal, tal como em:

¹² “Leia um enunciado de maneira coerente com o que você sabe sobre o mundo”.

I planted roses **in (the) stead of** peonies.
 Eu plantei rosas **no lugar de** peônias.

Nesse tipo de contexto, segundo a autora, implica-se “Eu plantei rosas onde antes havia peônias”. Dessa relação temporal, infere-se um significado contrastivo, que, ao longo do tempo, se constituiu como um significado convencional (TRAUGOTT, 1988, p. 411).

Em uma relação complementar com a metonimização, está outro mecanismo de mudança amplamente reconhecido, a *metaforização*. Conforme definida por Traugott e Dasher (2004, p. 28), trata-se de um mecanismo de mudança que permite conceitualizar uma estrutura conceitual em termos de outra. Há uma direcionalidade típica nesse processo: estruturas conceituais menos abstratas, mais próximas do mundo sociofísico, tendem a ser mobilizadas para a expressão de estruturas conceituais mais abstratas, constituídas de maior complexidade cognitiva (TRAUGOTT, 1988; HEINE *et al.*, 1991; SWEETSER, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; TRAUGOTT; DASHER, 2004). A metaforização, portanto, se desenvolve entre domínios de significado, de modo que a apreensão do processo se dá de modo mais discreto do que a apreensão dos processos de metonimização. Em uma instância de mudança semântica, identificar o tipo de metaforização que operou no processo implicaria o exame dos estágios I e IV no modelo da IITSC apresentado na Figura 01.

Uma instância típica de metaforização comumente atestada nas línguas é o emprego de termos referentes a partes do corpo para expressão de significados espaciais (HEINE *et al.* 1991; BYBEE, 2015). Investigando um conjunto de línguas africanas, Heine *et al.* (1991) verifica que elas são particularmente ricas nesse tipo de extensão metafórica. Em Swahili, por exemplo, ele observa o uso de *mbele*, que significa “peito”, como uma preposição locativa para expressar o significado de “em frente de/a”. Conforme Bybee (2015, p. 135), esse tipo de metáfora é produtivo nas línguas porque partes do corpo e certos objetos, tais como relógios, televisões e casas, têm partes frontais e traseiras intrínsecas, diferentemente de outras coisas do mundo, como montanhas e árvores. A autora cita o seguinte exemplo, retirado de Svorou (1994), em que o termo referente a “face” é estendido metaforicamente para significar “frente”:

<i>i</i>	<i>kOmŊη</i>	<i>na</i>	<i>kadi</i>
em	face	POSS	casa
em	frente	da	casa

Em virtude da direcionalidade que lhe é típica, a associação metafórica é regulada por restrições de natureza cognitiva, não sendo qualquer estrutura conceitual que pode servir de base para uma associação metafórica. Ela demanda a existência de afinidades semânticas entre as estruturas conceituais em jogo. Essas afinidades não são pré-existentes no mundo: emergem se inferida pelos falantes/escreventes e ouvintes/leitores, de modo que “metaforizar” é também inferir e, nesse sentido, a associação metafórica também constitui, como a associação metonímica, um processo de inferenciação (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 84). A diferença é que, na metaforização, as inferências se estabelecem entre fronteiras conceituais, e um dos significados envolvidos não está presente no contexto, mas é inferido a partir da relação conceitual cognitivamente construída.

Os dois mecanismos, portanto, têm igual relevância para a compreensão da mudança semântica. Apesar disso, as associações metafóricas foram por muito tempo concebidas como mais importantes para a compreensão da mudança, ao passo que as associações metonímicas recebiam menor atenção (TRAUGOTT; DASHER, 2004, p. 28). Hock e Joseph (1996), por exemplo, postulavam que a metáfora é “the major vehicle through which words acquire new or broader meanings”¹³ (HOCK; JOSEPH, 1996, apud TRAUGOTT; DASHER, 2004, p. 78).

Embora defenda a relevância de ambos os mecanismos para a mudança, a IITSC prioriza o mecanismo de metonimização, dado o enfoque na exploração de inferências convidadas. Em função de nossos objetivos, seguimos também esse enfoque, de modo que os processos de metonimização que teriam levado aos novos usos de *agora* e *now* são a prioridade do trabalho. Consequentemente, os capítulos de análise, ao se constituírem essencialmente de discussões sobre inferências convidadas e(m) contextos, buscam elucidar como esse mecanismo de mudança operou no desenvolvimento dos novos usos de *agora* e *now*.

Traugott e Dasher (2004, p. 40) destacam que a metaforização e a metonimização constituem mecanismos de mudança externos à língua, já que envolvem processos de raciocínio, projeção mental e associações e são orientados à negociação de significado entre falante/escrevente e ouvinte/leitor, atuando, assim, em função de propósitos essencialmente comunicativos (TRAUGOTT, 1988). Conforme o que discutimos acima, a metaforização se volta ao objetivo de representar um domínio semântico mais abstrato a partir de outro, mais concreto, ao passo que a

¹³ “O principal veículo por meio do qual palavras adquirem significados novos ou mais amplos”.

metonimização está centrada no objetivo de fortalecer informatividade (TRAUGOTT, 1988, p. 413).

Apesar da natureza externa dos principais mecanismos de mudança, estudos sobre inferências convidadas como motivações para a mudança demandam uma abordagem que combina fatores tanto externos quanto internos (TRAUGOTT, 2010a, p. 02), pelo fato de que os processos externos desencadeiam, e mesmo dependem de processos internos. Conforme Traugott (2010a, p. 02) argumenta, a convencionalização de significados conversacionais (a metonimização), embora resultante de objetivos externamente fundados, se consolida a partir de um mecanismo que é interno, por operar na superfície linguística: a *reanálise*. A metaforização, que, como discutimos, também está fundada em propósitos comunicativos orientados à negociação entre falante/escrevente e ouvinte/leitor, é implementada a partir de mecanismo também interno, por estabelecer aproximações entre formas e/ou significados no sistema linguístico: a *analogia*.

Langacker (1977) define a reanálise como uma “change in the structure of an expression or class of expressions that does not involve any immediate or intrinsic modification of its surface manifestation”¹⁴ (LANGACKER, 1977, apud HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 51). Assim, a reanálise não afeta a manifestação linguística de formas/construções em mudança, mas afeta o modo como são analisadas (no sentido de interpretadas) pelos usuários da língua. Isso permite a compreensão da reanálise como um processo de reinterpretação. O prefixo *re-* é fundamental para a compreensão do processo. A forma/construção já recebia uma dada análise/interpretação na língua. Com a mudança, ela passa por uma *nova análise*, que pode ser semântico-pragmática (é atribuído um novo significado) e/ou morfossintática (é atribuída uma nova função). O que possibilita a reinterpretação, seja do significado ou da morfossintaxe, é o contexto linguístico, de modo que a reanálise opera no eixo sintagmático, resultando em uma reorganização linear e local (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 68).

A analogia, em contrapartida, opera em um eixo paradigmático: ela leva à emergência de novos paradigmas por meio da semelhança formal com paradigmas já estabelecidos (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 22). Por consequência, o processo de analogia só é possível quando um conjunto de formas já constitui um paradigma, ao qual novas formas podem ser integradas (idem). Hopper e Traugott (2003, p. 39) defendem que, na gramaticalização, a reanálise é um pré-

¹⁴ “Mudança na estrutura de uma expressão or classe de expressões que não envolve nenhuma modificação intrínseca ou imediata de sua manifestação na superfície”.

requisito para a atuação da analogia, constituindo, portanto, na visão dos autores, o mecanismo mais importante para o processo. Para exemplificar os mecanismos de reanálise e analogia e mostrar sua relação com os mecanismos de metaforização e metonimização, e, assim, a relevância de combinar mecanismos externos e internos, recorreremos à mudança atravessada por *be going to* no inglês, com base em Hopper e Traugott (2003).

Conforme os autores, essa mudança se desenvolve através de quatro estágios, que exemplificamos por meio das construções de (01) a (04), elaboradas a partir da base fornecida por Hopper e Traugott (2003, p. 69).

(01) He is going [to visit Bill].
Ele está indo visitar Bill.

(02) He [is going to] visit Bill.
Ele vai visitar Bill.

(03) He [is going to] like Bill.
Ele vai gostar de Bill.

(04) He [is gonna] like/visit Bill.
Ele vai gostar de/visitar Bill.

Em um primeiro estágio, que corresponde aos contextos de uso originais, ainda se tem uma leitura composicional de *be going to*: *is + -ing* indicam tempo progressivo, *go* atua como verbo de direção e *to* faz parte de uma oração de finalidade. Em conjunto, esses componentes expressam movimento espacial orientado a um dado objetivo. No segundo estágio, *go* não tem mais estatuto de verbo pleno, como tinha no estágio anterior ao expressar significado espacial (direção), passando a funcionar como verbo auxiliar (em conjunto com os outros componentes da expressão) que indica tempo futuro. No terceiro estágio, *be going to* tem funcionamento similar ao do segundo estágio, mas a mudança mostra evolução por um processo de analogia: o uso de *be going to* como auxiliar de futuro se estende para contextos em que o verbo principal não expressa significado de direção. Isso resulta, segundo Hopper e Traugott, da extensão, por analogia, da classe de verbos de direção para todas as classes verbais, inclusive a de verbos estativos (como *like*, em 03). Por fim, no quarto estágio, ocorre outro processo de reanálise, da expressão complexa *be going to* como um único morfema, *gonna*.

O que move os processos de reanálise e analogia são os processos de metaforização e metonimização. E tais processos, por sua vez, só se concretizam através da implementação dos

mecanismos internos. A reanálise, tanto semântica quanto morfossintática, resulta do mecanismo de explorar inferências convidadas para aumento de informatividade. No exemplo fornecido, o significado de finalidade (estar se locomovendo em função de um propósito) habilita inferências de intenção, de modo que a reanálise se processa pelo enriquecimento de significado: além de finalidade, o contexto também veicula, pragmaticamente, intenção. E intenção é significado intimamente associado a tempo futuro. Assim, as inferências evocadas pelo contexto habilitam a (re)interpretação de tempo a partir de espaço. As inferências não são aleatórias. Elas são possíveis em virtude de uma relação conceitual, cognitivamente fundada, entre espaço e tempo: movimento espacial implica também movimento temporal.

Quando, por analogia, a lacuna do verbo pleno passa à possibilidade de preenchimento por qualquer classe verbal (mesmo por classes que não expressem atividades), o novo significado de *be going to* (tempo) se torna ainda mais enriquecido, pois o sentido de intenção, traço do contexto que favoreceu a interpretação de tempo (futuro) em termos de espaço, desaparece, como se observa na construção (03), em que não é possível atribuir valor intencional ao contexto, estando disponível apenas o significado de predição, que é essencialmente temporal.

Admitindo a relevância de mecanismos externos e internos para a mudança semântica e/ou morfossintática, os capítulos de análise mobilizam fatores de ambos os tipos para a apreensão do desenvolvimento das mudanças atravessadas por *agora* e *now*.

Passamos a discutir, na próxima seção, uma outra teoria de mudança que fundamenta o trabalho, a Teoria da Gramaticalização.

2.2. A Teoria da Gramaticalização

O termo *gramaticalização* pode assumir dois sentidos, um mais amplo e outro mais específico. No sentido mais amplo, gramaticalização se refere a um quadro teórico que busca explicar fenômenos de mudança; no sentido mais específico, faz referência a um tipo particular de mudança linguística (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 02). Ao longo do trabalho, ambos os usos do termo estarão presentes¹⁵.

¹⁵ Para facilitar a identificação de cada uso do termo, empregaremos letra inicial maiúscula para referir o paradigma teórico e letra inicial minúscula para referir o processo de mudança em si.

O estatuto teórico da Gramaticalização já foi alvo de críticas na literatura, como se observa, por exemplo, em Newmeyer (1998, apud BYBEE, 2016). Segundo Bybee (2016, p. 180), essas críticas resultam principalmente da necessidade de reformulação de hipóteses sobre o desenvolvimento da gramática. Admitir a Gramaticalização como teoria implica admitir que a mudança gramatical se processa no uso linguístico, e isso vai de encontro a teorias, como a gerativa, que sustentam hipóteses fundadas na concepção de que a gramática é abstrata e imutável no indivíduo. Para Bybee, em uma perspectiva baseada no uso, a Gramaticalização constitui teoria na medida em que tem forte potencial preditivo e descritivo. Nas palavras da autora:

O termo “teoria da gramaticalização” refere-se às abordagens sincrônica e diacrônica. Nessa teoria, as duas dimensões não são opostas, mas devem ser consideradas juntas em nosso esforço para compreender a língua. Essa teoria não só faz previsões diacrônicas fortes, mas também tem profundas consequências para a análise e descrição sincrônicas. Isso a torna uma teoria” (BYBEE, 2016, p. 180).

À maneira de Bybee (2016), entendemos que a Gramaticalização tem estatuto teórico legítimo e a conjugamos com a IITSC na busca por explicações para as mudanças investigadas.

Enquanto quadro teórico, a Gramaticalização se constitui no domínio dos estudos de mudança linguística que busca explicar como formas mais lexicais dão origem a formas mais gramaticais, ou, ainda, como formas já constituídas de certo grau de gramaticalidade se desenvolvem em formas ainda mais gramaticais (TRAUGOTT, 1988; HEINE *et al.*, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; HEINE; KUTEVA, 2007; BYBEE, 2015, 2016). O desenvolvimento de itens/construções gramaticais a partir de itens/construções lexicais ou menos gramaticais é uma tendência translinguística, empiricamente atestada, que evidencia grande conjunto de regularidades de mudança, discutidas ainda nesta seção.

Conforme Hopper e Traugott (2003, p. 04), formas lexicais, também conhecidas como formas de conteúdo, expressam significados mais concretos, porque baseados no mundo sociofísico e nas experiências sensoriais dos indivíduos. São, assim, empregadas na descrição de fatos do mundo. Nomes, verbos e adjetivos, como *casa*, *gostar* e *vermelho*, são exemplos prototípicos. Em contrapartida, formas gramaticais veiculam significados mais abstratos, concernentes ao domínio intralinguístico. Trata-se de significados funcionais, que indicam diversos tipos de relações na língua, como relações entre nomes e entre partes do discurso. Formas gramaticais, portanto, são utilizadas para descrever fatos da língua. Exemplos prototípicos são

juntores em geral, como preposições e conjunções, pronomes, artigos e demonstrativos. Para nós, conforme discussão adiante, também integram o conjunto de formas gramaticais das línguas os marcadores e outras partículas de funções discursivas.

É importante ter em vista que as fronteiras entre formas gramaticais e lexicais não são discretas. Grande parte das formas adverbiais, por exemplo, contêm semântica tanto lexical quanto gramatical. Os usos originais de *agora* e *now* são exemplos disso. Significados temporais fazem referência ao mundo sociofísico e, por isso, se constituem de conteúdo lexical. Mas, justamente por serem significados dêiticos, também se constituem de uma carga gramatical, já que relações dêiticas são relações gramaticais (cf. discussão apresentada adiante, sobre a noção de gramática). Dada a não discretude entre léxico e gramática, é mais apropriado tratar esses domínios a partir de uma perspectiva de gradiência, de modo similar ao que sinalizamos na seção anterior para a subjetividade dos significados: falamos em itens mais e menos subjetivos e em itens mais e menos gramaticais. Os usos temporais de *agora* e *now* são menos gramaticais do que os usos derivados, mas fazem parte de um domínio mais gramatical do que outros domínios semânticos, como, por exemplo, o domínio de espaço.

Enquanto processo de mudança, a gramaticalização se caracteriza por uma particular conjugação de diversos processos, que desencadeiam mudanças tanto no significado quanto na forma¹⁶ de itens/construções (TRAUGOTT, 1988; HEINE *et al.*, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 2003). Assim, conforme sinaliza Diewald (2011), parece mais adequado conceber a mudança por gramaticalização não como *um* processo, mas como um conjunto de processos em interação (DIEWALD, 2011, p. 366). É o fato de esse conjunto de processos resultar em mudanças tanto de forma quanto de significado que torna a Teoria da Gramaticalização relevante para este trabalho, uma vez que as mudanças aqui investigadas não são apenas instâncias de mudança semântica, mas afetam também a morfossintaxe das construções com *agora* e *now*.

A possibilidade de conjugação entre a IITSC e a Teoria da Gramaticalização se sustenta por evidências empíricas de mudança: as tendências que as duas teorias focalizam, subjetivização e gramaticalização, estão, com frequência, correlacionadas. Segundo Traugott (2010b, p. 08), a subjetivização tende a acompanhar a gramaticalização, pelo fato de que esta dá origem, dentre outras possibilidades, a itens/construções que veiculam relações entre enunciados, e a expressão do modo como enunciados se relacionam é expressão de uma perspectiva do falante/escrevente.

¹⁶ Por *forma*, faremos referência às propriedades morfológicas e sintáticas (morfossintáticas) de itens/construções.

Embora a subjetivização não esteja restrita à gramaticalização, a autora argumenta que é mais provável que esteja associada a ela do que a outros processos de mudança. O próprio produto resultante de ambos os processos é evidência de sua interação, já que ambos dão origem a significados mais procedurais. Como vimos na seção anterior, significados mais (inter)subjetivos têm maior semântica procedural, e o mesmo pode ser observado nos significados mais gramaticais, que fornecem instruções sobre como relacionar elementos do texto. O caráter procedural dos significados gramaticais ficará mais evidente na discussão sobre a noção de gramática, adiante.

De acordo com Heine *et al.*, há um princípio básico que parece constituir uma das principais motivações para a gramaticalização, o princípio de explorar velhos significados para novas funções, mobilizando fenômenos mais concretos para a expressão de fenômenos mais abstratos (HEINE *et al.*, 1991, p. 28). Conforme explicam os autores, os usuários de diferentes línguas tendem a lançar mão de entidades mais claramente delineadas no mundo como base para referir entidades menos claramente delineadas, de modo que a experiência não física é compreendida em termos da experiência física. Entidades do mundo sociofísico são mais próximas dos indivíduos, sendo, por isso, mais conhecidas e mais acessíveis cognitivamente. Parece natural partir daquilo que se conhece bem para especificar aquilo que está cognitivamente mais distante. Desse modo, uma das principais formas de criar gramática é a extensão de uso, o aproveitamento de formas já existentes para a expressão de novos conceitos.

Inerente à gramaticalização, portanto, está o processo de metaforização, conforme discutido na seção anterior. Sweetser (1991, p. 08) defende que a língua opera metaforicamente porque esse é o modo como a cognição humana opera. A autora postula que a estruturação cognitiva molda a estruturação da língua. Para ilustrar a relação entre língua e cognição, Sweetser menciona o exemplo da extensão de significado atravessada pelo verbo *see* em inglês. Originalmente significando “ver”, o verbo passou a significar “saber/conhecer”. A escolha de tal verbo para expressar conhecimento, ao invés da escolha por outros verbos de percepção, como *feel* (“sentir”) ou *smell* (“cheirar”), não é aleatória, argumenta a autora, mas motivada pelo nosso conhecimento do mundo, que nos leva a estabelecer relação entre visão e conhecimento. Aquilo que se vê concretamente, de que se tem evidências visuais, é conhecido. Assim, ver significa saber/conhecer (SWEETSER, 1991, p. 06).

Tendo em vista a relação cognitiva existente entre significados metaforicamente aproximados, Sweetser (1988) postula que a associação metafórica implica uma transferência de

alguma parte conceitual do significado fonte para o significado alvo. Na perspectiva da autora, portanto, na mudança de significado, traços do significado fonte são preservados no significado que é fruto da mudança. Essa perspectiva vai de encontro ao modo como o desenvolvimento da gramaticalização foi concebido especialmente nos primeiros estudos sobre o tema, que o entendiam como um processo essencialmente de perdas.

Em *L'Evolution des Formes Grammaticales*, uma das obras pioneiras no âmbito da gramaticalização, Meillet (1912) afirma que:

“The development of grammatical forms by progressive deterioration of previously autonomous words is made possible by...a weakening of the pronunciation, of the concrete sense of the words, and of the expressive value of words and groupings and groups of words”¹⁷ (MEILLET, 1912, apud SWEETSER, 1988, p. 389).

É possível identificar na afirmação do autor uma concepção em certa medida negativa do desenvolvimento de formas gramaticais. Chamamos a atenção para os termos *deterioração* e *enfraquecimento*, que parecem sugerir que a gramaticalização envolve um processo de empobrecimento, que afetaria vários aspectos das palavras, dentre eles o significado.

Além de Meillet (1912), outros trabalhos também enfatizaram a perda de significado, defendendo, sobretudo, que a gramaticalização envolve o que ficou conhecido como *semantic bleaching* (“desbotamento semântico”)¹⁸. Conforme Heine *et al.* (1991, p. 40), nessa abordagem, a gramaticalização é vista da perspectiva do significado fonte, entendendo que ele é o significado “completo” e que o resultado do processo é uma forma empobrecida, esvaziada da semântica do significado fonte. É fato que a gramaticalização envolve perda de significado, mas há problemas em se conceitualizar o processo a partir da perspectiva de *bleaching*, pelo fato de que ela focaliza apenas um aspecto da mudança e acaba atribuindo a ele certa conotação negativa.

Conforme explicitamos acima, Sweetser (1988) defende que a compreensão metafórica de um significado em termos de outro envolve a preservação de traços do significado fonte. Segundo a autora, um mapeamento metafórico só é possível porque os domínios que estão em jogo são

¹⁷ “O desenvolvimento de formas gramaticais pela progressiva deterioração de palavras previamente autônomas é possível por um enfraquecimento da pronúncia, do significado concreto das palavras, e do valor expressivo das palavras e grupos de palavras”.

¹⁸ Heine *et al.* (1991, p. 40) mencionam outras expressões utilizadas para caracterizar a gramaticalização que refletem uma concepção do processo como processo de perdas: *semantic depletion* (Lehmann, 1982), *semantic weakening* (Guillaume, 1964; Guimier, 1985), *desemanticization* (Heine e Reh, 1984), *weakening of semantic content* (Bybee e Pagliuca, 1985).

experienciados a partir de alguma base comum, que a autora concebe como uma estrutura topológica, isto é, uma estrutura de significado altamente abstrata. A proposta da autora é a de que, na associação metafórica, essa estrutura topológica¹⁹ é transferida de um domínio de significado ao outro (SWEETSER, 1988, p. 391). É nesse sentido que a autora argumenta que não há perda total do significado fonte, estando uma parte dele presente no significado alvo.

Para exemplificar, a autora menciona a mudança atravessada pelo verbo *go*, do inglês, que, originalmente expressando movimento espacial, passa, através de gramaticalização, a expressar tempo futuro. Conforme a autora, essa mudança se desenvolve a partir da transferência de uma estrutura topológica básica de movimento, que envolve três traços principais do domínio de espaço sendo preservados no significado temporal resultante da mudança: (i) a linearidade da relação entre localizações (para passar de um ponto a outro no espaço, é preciso atravessar os pontos intermediários; do mesmo modo, para passar de um ponto a outro no tempo, é preciso atravessar todos os momentos existentes entre eles); (ii) a existência de um dado ponto como origem no percurso (o movimento no espaço tem início na localização atual, ao passo que o movimento no tempo tem o presente como ponto de origem); (iii) o movimento de um ponto de origem até um ponto mais distante (tanto no espaço quanto no tempo, a origem do movimento é sempre um ponto mais próximo. No espaço, não é possível se mover de um ponto mais distante para um ponto mais próximo, e, no tempo, o movimento sempre vai do presente para o futuro²⁰) (SWEETSER, 1988, p. 391-392).

Também criticando o modelo de *bleaching*, Traugott (1988) propõe uma nova abordagem, que reconhece as perdas, mas coloca em foco os *ganhos* de significado. Argumentando que o desbotamento se dá nos estágios mais tardios da gramaticalização, ela postula que, principalmente nos estágios iniciais, o processo se caracteriza por *enriquecimento* ou *fortalecimento* semântico-pragmático, à maneira como propõe a IITSC: via metonimização.

Quando consideramos a natureza necessariamente *polissêmica* da mudança (cf. *A Teoria da Inferência Convidada*), torna-se evidente a primazia dos ganhos de significado sobre as perdas. Se, para disparar mudança, é necessário que o significado fonte passe a conviver com inferências do significado alvo, a gramaticalização (bem como a mudança exclusivamente semântica) é essencialmente um processo de *adição* de significados. Seguindo Traugott (1988) e Sweetser

¹⁹ Também chamada pela autora de estrutura de imagem esquemática (*image-schematic structure*).

²⁰ Embora seja possível, da perspectiva do presente, conceber um caminho que vai do passado para o presente, o que do ponto de vista do presente é o passado era o presente no início do percurso.

(1988, 1991), investigamos a gramaticalização das construções com *agora* e *now* priorizando os ganhos semântico-pragmáticos que possibilitam a mudança.

Justamente por caminhar em direção a significados cada vez mais abstratos, a gramaticalização se caracteriza por um crescente aumento de complexidade cognitiva. Isso aponta para uma característica importante do processo: sua unidirecionalidade. Assim como a questão das perdas e ganhos de significado, a unidirecionalidade da gramaticalização também é amplamente discutida. Conforme discutem Hopper e Traugott (2003), ela já foi questionada, e um dos exemplos mobilizados para isso, segundo os autores, é o desenvolvimento de usos de itens previamente gramaticais como nomes ou verbos (tal como *up* preposição > *up* verbo, no inglês).

Os autores argumentam que há problemas para sustentar a chamada “desgramaticalização” (*degrammaticalization*), pois os exemplos que se tem desse possível fenômeno são esporádicos e não exibem padrões significativos (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 138). Enquanto contra-exemplos são escassos, exemplos de unidirecionalidade são sólidos e provêm de evidências translinguísticas. Nesse sentido, é possível sustentá-la enquanto tendência de mudança empiricamente comprovada. Em se tratando de mudança, que é domínio de possibilidades e não de obrigatoriedade, a identificação de *tendências* é valiosa.

Apesar de a hipótese da unidirecionalidade já ser bem aceita na literatura e, assim, ser relativamente consensual que mudanças de forma e significado tendem a se direcionar a graus cada vez maiores de gramaticalidade, existem questionamentos em relação à natureza do domínio gramatical. Se é um processo que caminha em direção à gramática e se há diferenças na concepção de gramática, há divergências em relação aos tipos de fenômenos que constituem (ou não) instâncias legítimas do processo. É relevante discutir essas diferenças e definir nosso posicionamento diante delas, tanto para delimitar nosso entendimento de gramática e de gramaticalização quanto para entrarmos, posteriormente, em outra discussão que é fundamental para o trabalho: a gramaticalização de MDs. Iniciamos pela discussão do que constitui o domínio gramatical das línguas.

2.2.1. A concepção de gramática

De acordo com Diewald (2011), existe um amplo consenso de que há três componentes essenciais para uma definição de gramática: paradigmaticidade, obrigatoriedade e significado

relacional. Em relação ao primeiro, a autora argumenta que, desde trabalhos de Jakobson, admite-se que uma categoria gramatical se constitui, por definição, de uma oposição paradigmática entre pelo menos dois elementos, sendo um deles o elemento marcado (nocional e formalmente) e o outro, o elemento “zero”, não marcado. Além disso, esse componente prevê que formas gramaticais compartilham alguma característica com as demais formas que fazem parte do paradigma (DIEWALD, 2011, p. 367). Nesse sentido, se uma forma ou construção tem estatuto gramatical, ela constitui um par opositivo com outro item e tem com ele algum aspecto funcional em comum.

A obrigatoriedade está intimamente relacionada à noção de paradigmaticidade. Diz respeito à necessidade de uma escolha entre os membros de um paradigma, isto é, se um paradigma gramatical existe, então um (e apenas um) de seus membros deve ser selecionado, não existindo a possibilidade de omitir a informação gramatical expressa pelo paradigma (idem).

Diewald (2011) sinaliza que tanto a noção de paradigmaticidade quanto a de obrigatoriedade não devem ser tomadas como categóricas, devendo ambas ser consideradas em uma perspectiva de gradiência. Especialmente em relação à obrigatoriedade, a autora chama atenção para o fato de que categorias gramaticais podem ser mais e menos obrigatórias. Conforme Lehmann (1995): “something is obligatory relative to the context; i.e., it may be obligatory in one context, optional in another and impossible in a third context”²¹ (LEHMANN, 1995, apud DIEWALD, 2011, p. 367). Lehmann fornece como exemplo a categoria de número em turco, que deve ser especificada em muitos contextos, é facultativa em outros e não deve receber nenhuma especificação em nomes precedidos por um número cardinal. O autor argumenta que a não obrigatoriedade da categoria em muitos contextos não é fator suficiente para não considerá-la categoria gramatical. Há, portanto, conforme destaca Diewald, diferentes graus de obrigatoriedade nos paradigmas gramaticais.

Para além disso, a autora defende que, em muitos casos, a escolha entre os membros de um paradigma não é governada por regras internas à língua, mas por intenções comunicativas do falante (DIEWALD, 2011, p. 368). Desse modo, ela propõe uma distinção entre *obrigatoriedade intralinguística* e *obrigatoriedade comunicativa*²². A primeira resulta de gatilhos formais, como concordância e seleção de caso, ao passo que a segunda, de gatilhos essencialmente pragmáticos. A obrigatoriedade comunicativa que Diewald propõe se dá no sentido de que o falante não pode

²¹ “Algo é obrigatório em relação ao contexto; i. e., pode ser obrigatório em um contexto, opcional em outro e impossível em um terceiro contexto”.

²² No inglês, *language internal obligatoriness* e *communicative obligatoriness*, respectivamente.

deixar a lacuna de uma dada categoria gramatical vazia se não quiser produzir enunciados inadequados (*idem*). Nos parece importante modalizar, ainda um pouco mais do que a autora já propõe, a noção de obrigatoriedade. Essa questão é relevante no contexto da discussão sobre a gramaticalização de MDs, de modo que optamos por tratá-la na próxima seção.

Por fim, o terceiro componente apresentado pela autora, o significado relacional, já foi amplamente reconhecido por linguistas²³. Ele implica que categorias gramaticais têm um núcleo comum de significado, que consiste em uma estrutura relacional: um item gramatical estabelece uma relação entre o elemento linguístico que modifica e alguma outra entidade (DIEWALD, 2011, p. 369). A natureza relacional atribuída às categorias gramaticais indicia a *fundação dêitica do significado gramatical* (BÜHLER, 1982, apud DIEWALD, 2011, p. 370). Nesse sentido, propriedades dêiticas são inerentes aos significados expressos por categorias gramaticais.

Diewald propõe que relações gramaticais podem ser relações dêiticas em um sentido literal ou podem consistir em diferentes tipos de relações derivadas (derivadas das relações dêiticas prototípicas). A autora explica que uma relação dêitica no sentido literal é uma relação entre a situação comunicativa real (a origem dêitica) e o enunciado (ou alguma parte dele), de modo que o enunciado está diretamente ligado ao evento comunicativo (DIEWALD, 2011, p. 369-370). Os usos originais de *agora* e *now* são exemplos típicos. Conforme especificamos no Capítulo 04, em seus usos primeiros, os itens veiculam diferentes tipos de relações temporais entre o enunciado de que fazem parte e o momento da enunciação²⁴.

Em relações gramaticais derivadas, de acordo com Diewald, a estrutura relacional que existe na relação dêitica prototípica é transferida para os planos sintagmático e paradigmático da estrutura linguística, o que produz diferentes tipos de estrutura relacional (DIEWALD, 2011, p. 370). Assim, embora essas relações não sejam propriamente dêiticas, elas ainda contêm a propriedade relacional de ligar o elemento linguístico modificado pelo item gramatical a algum ponto de origem. São também, portanto, relações indexicais, mas, por se constituírem no plano linguístico, são relações indexicais mais abstratas do que as relações propriamente dêiticas.

Uma das classes gramaticais que Diewald apresenta para exemplificar as relações gramaticais derivadas é a classe das conjunções. Conforme a autora discute, o conteúdo semântico

²³ Alguns exemplos de trabalhos que tratam desse componente, segundo Diewald (2011, p. 369), são: Anderson (1985), Langacker (1985), Traugott e König (1991) e Diewald (1991).

²⁴ Os significados originais de *agora* e *now*, portanto, já contêm algum nível de gramaticalidade, conforme discutimos no Capítulo 04.

básico da categoria constitui justamente uma estrutura relacional mobilizada para vincular orações, que poderia, propõe a autora, ser parafraseada do seguinte modo: “Go back to the (derived) origo, which is a proposition (proposition 1); from there interpret proposition 2 as being in a particular semantic relation to proposition 1 (according to the semantic features of the conjunction)”²⁵ (idem). Nessa perspectiva, no exemplo fornecido pela autora, *The weather is fine, but too hot for her*, a conjunção *but* aponta para a oração precedente e a relaciona à oração seguinte.

Diewald faz uma ressalva importante. Ao se postular que o denominador comum do significado gramatical é uma estrutura relacional, não se assume que o significado relacional em si é restrito à gramática (ou a advérbios que a autora qualifica como demonstrativos, tais como *here* e *tomorrow*, dentre os quais poderíamos também incluir *agora* e *now*). Há também elementos lexicais que o expressam. Como exemplo, ela cita *down, in the front* (advérbios), *mother, daughter* (nomes), *come* e *bring* (verbos). No entanto, Diewald argumenta que o significado relacional codificado pela gramática é funcionalmente diferente do significado relacional codificado pelo léxico. A diferença está, segundo ela, na oposição entre dois processos semióticos que Bühler (1982, apud DIEWALD, 2011, p. 370-371) distingue: apontamento (*pointing*), implementado pelos signos dêiticos (dentre os quais estão as formas gramaticais), e caracterização (*characterizing*), implementado pelos signos não dêiticos.

Propondo os três componentes como critérios para avaliar o estatuto gramatical de itens/construções, Diewald argumenta que eles não devem ser tomados como critérios independentes entre si, mas ser considerados em conjunto para julgar o grau de gramaticalidade de um item. Além disso, ela destaca a importância de se adotar uma perspectiva de gradiência, que recusa a abordagem em termos de extremos (lexical x gramatical) e que admite a possibilidade de, com base nos critérios, se reconhecer diferentes graus de gramaticalidade. À luz dos três critérios e das reconsiderações que sugere para sua adoção enquanto critérios de avaliação do estatuto gramatical, Diewald defende a relevância de uma noção mais ampla de gramática, que implica três pressupostos principais, decorrentes, na verdade, da negação de pressupostos subjacentes a abordagens mais tradicionais:

²⁵ “Volte para o ponto de origem (derivado), que é uma proposição (proposição 1); a partir desse ponto interprete a proposição 2 como estando em uma relação semântica particular com a proposição 1 (conforme as características semânticas da conjunção)”.

(i) A gramática não se restringe a fenômenos morfossintáticos de um tipo particular, como, por exemplo, morfologia flexional. Podemos identificar evidências disso na proposta da autora quando ela sugere que a gramática não se limita a uma obrigatoriedade governada por regras internas, havendo formas gramaticais também sujeitas a uma obrigatoriedade comunicativa.

(ii) A gramática não se restringe a um tipo particular de significado. Na proposta da autora, isso se observa na sugestão de que existem diferentes tipos de significados relacionais, de modo que mesmo formas gramaticais cuja estrutura relacional se distancia das relações dêiticas prototípicas ainda são parte da gramática, dada a natureza ainda indexical de seu significado.

(iii) A gramática não se restringe a um único plano funcional. Isso está entrelaçado com a sugestão de se considerar que existem formas gramaticais governadas por regras extralinguísticas. A autora argumenta a favor da noção de obrigatoriedade comunicativa pelo fato de que diferentes partes da gramática cumprem diferentes funções e, portanto, é natural que seu uso seja regido por diferentes tipos de fatores.

A proposta de uma noção mais ampla de gramática não está apenas em Diewald (2011), mas nasce, na verdade, em Traugott (1995). Essa proposta resulta sobretudo de questionamentos acerca do desenvolvimento de formas que desempenham funções discursivas. Tais formas são conhecidas como MDs e estão associadas a uma diversidade de concepções. Independentemente de definições mais específicas da categoria²⁶, pode-se considerar relativamente consensual a compreensão de que os MDs desempenham funções essencialmente pragmáticas. Conforme explicam Traugott (1995) e Diewald (2011), teorias mais tradicionais de gramática tendem a concebê-la como desvinculada da pragmática. Duas consequências são resultantes: para essas concepções, MDs não fazem parte da gramática e, portanto, abordagens de mudança que se filiam a tais concepções assumem que o desenvolvimento de MDs não constitui instância legítima de gramaticalização. Uma vez que, em uma das trajetórias de mudança atravessadas por *agora* e *now*, os itens se desenvolvem em MDs, é importante discutir o estatuto desse desenvolvimento, bem como o estatuto das funções dos marcadores, de modo a delimitar nosso posicionamento em relação a tais questões.

²⁶ Apresentamos no Capítulo 04 nosso posicionamento teórico diante da diversidade de definições de MD.

2.2.2. O desenvolvimento de marcadores discursivos

Dentre as propostas desenvolvidas para explicar o desenvolvimento de MDs, é possível reconhecer duas grandes vertentes. Uma assume que funções pragmáticas estão fora do domínio da gramática e consideram, conseqüentemente, o desenvolvimento de MDs incompatível com a mudança por gramaticalização. Outra defende uma concepção de gramática que inclui a pragmática, concebendo as instâncias de mudança que dão origem a MDs como instâncias legítimas de gramaticalização.

Na primeira vertente, encontramos diversas explicações para a emergência de MDs, todas baseadas na separação entre os domínios gramatical e pragmático. Dentre elas, destacamos a que propõe que o desenvolvimento desses itens é um processo de *pragmatização*²⁷, que se aproxima do processo conhecido no Brasil por *discursivização*, a partir da proposta de Martelotta *et al.* (1996).

Conforme Traugott (1995), o termo pragmatização (*pragmaticalization* no inglês) foi utilizado principalmente na Suécia para explicar o desenvolvimento de partículas discursivas de natureza diversa. Nessa linha de estudos, a autora destaca o trabalho de Aijmer (1997), que propõe que as expressões *y'know* e *I think*, do inglês, em seus usos discursivos, são pragmatizadas, ao passo que formas gramaticais que indicam tempo, aspecto e modo não o são. Segundo Diewald (2011), a necessidade de se introduzir o termo pragmatização como um tipo específico de mudança linguística surgiu de uma tentativa de conceitualizar os domínios da gramática e da pragmática como domínios claramente distintos (DIEWALD, 2011, p. 384).

De modo similar, o processo de discursivização, conforme a proposta de Martelotta *et al.* (1996), é entendido como um processo que, partindo do léxico ou da gramática, caminha em direção a graus menores de gramaticalidade. Se a proposta entende que o processo resulta em itens com funções discursivo-pragmáticas e, ao mesmo tempo, que ele resulta em funções menos gramaticais, é subjacente a ela a separação entre gramática e pragmática. Ao caracterizarem a discursivização em relação à gramaticalização, os autores afirmam que:

²⁷ O mesmo termo é utilizado em estudos da gramaticalização que incluem a pragmática no domínio gramatical. No âmbito desses estudos, o termo assume um sentido diferente, correspondendo ao processo de enriquecimento pragmático que discutimos na seção 2.1.

(...) como resultado da ação desses dois processos, o elemento pode se tornar mais gramatical, ou seja, assumir posições mais fixas na cláusula, apresentando-se mais previsível no que diz respeito a seu uso (gramaticalização); ou menos gramatical, ou seja, assumir funções relacionadas ao processamento do discurso (e, conseqüentemente, também interativas), perdendo as restrições gramaticais típicas de seus usos originais e tendo, assim, o seu leque de possibilidades de colocação aumentado (discursivização) (MARTELOTTA *et al.*, 1996, p. 24).

Na definição apresentada pelos autores, verifica-se que funções mais gramaticais são associadas a usos mais previsíveis, o que permite entender que, na perspectiva de Martelotta *et al.* (1996), o domínio do discurso é um terreno de imprevisibilidade. Também conforme a definição dos autores, o desenvolvimento de MDs implica a perda de propriedades gramaticais. É evidente, portanto, a concepção de discurso e de gramática como domínios sem interação.

Na outra vertente de estudos que buscam explicar o desenvolvimento de MDs, gramática e discurso são concebidos como domínios que se constituem mutuamente. Traugott (1995) argumenta, com base em Lichtenberk (1991, apud TRAUGOTT, 1995), que a gramática molda o discurso e o discurso molda a gramática. A autora propõe uma concepção de gramática que conjuga aspectos cognitivos e comunicativos da linguagem, entendendo o domínio gramatical como constituído não apenas de fonologia, morfossintaxe e semântica, mas também de inferências evocadas pelas formas linguísticas (TRAUGOTT, 1995, p. 05). Nessa concepção, portanto, a gramática inclui a pragmática e o desenvolvimento de MDs implica o desenvolvimento de funções gramaticais, pois funções discursivas contêm propriedades gramaticais. Mudanças que dão origem a marcadores e outras partículas discursivas são, em tal perspectiva, mudanças por gramaticalização.

Ao questionar a concepção de gramática que exclui pragmática, Traugott (1995) argumenta que categorias como tempo, modo e aspecto, amplamente consideradas como categorias tipicamente gramaticais, também exibem funções pragmáticas, ao contrário do que propõe Aijmer (1997). Como exemplo, a autora menciona alguns usos do passado em inglês que estão orientados a propósitos essencialmente pragmático-comunicativos. Com frequência, estruturas gramaticais de passado são mobilizadas para expressar polidez, em perguntas como, por exemplo, *What was your name?* O uso do passado, em casos como esse, não é governado por regras internas à língua, mas são motivados pelo que Diewald (2011) propõe chamar de obrigatoriedade comunicativa, conforme exposto na seção anterior. E, como a autora discute, esse tipo de obrigatoriedade também confere estatuto gramatical a formas e construções. Nesse sentido, as categorias de tempo, modo e aspecto,

para continuar com o exemplo de Traugott, são categorias gramaticais e se prestam a funções discursivas, uma coisa não excluindo a outra.

Como já sinalizado, Diewald (2011) também concebe gramática e pragmática como domínios mutuamente constituídos, filiando-se à perspectiva de Auer e Günthner (2005, apud DIEWALD, 2011, p. 375), que defendem que meios de estruturar o discurso também estão no domínio da gramática. Os autores propõem, assim, o abandono da distinção entre gramaticalização e pragmatização (no sentido da vertente de estudos que busca explicar o desenvolvimento de marcadores), que é também sugerido por Diewald (2011).

Para fornecer evidências de que partículas discursivas integram a gramática das línguas, Diewald (2011) analisa partículas modais do alemão que, segundo ela, desempenham funções essencialmente discursivas e exibem os três componentes que propõe como típicos do domínio gramatical. Dada a relevância dessa discussão para o trabalho, apresentamos os argumentos da autora a favor do estatuto gramatical das partículas em questão. O exemplo utilizado pela autora é o uso da partícula modal *denn* em construções interrogativas, como em (05). Sua função é melhor compreendida a partir da comparação de (05) com (06), em que se tem uma construção interrogativa não constituída por *denn*.

(05) Kommst du **denn** mit?
Você vem *deen* conosco?

(06) Kommst du mit?
Você vem conosco?

Segundo Diewald, por meio do uso da partícula modal *denn*, a pergunta é marcada como sendo consequência da interação precedente, de modo que o ato de fala é indicado como não inicial, como uma reação a uma pressuposição não explícita, mas pragmaticamente construída (DIEWALD, 2011, p. 378). Perguntas que não contêm a partícula, por outro lado, são entendidas, segundo a autora, como um turno inicial (*idem*).

O significado relacional, denominador comum das formas gramaticais, pode ser identificado no uso de *denn* na medida em que a partícula estabelece relação entre o ato de fala atual e algum fato transcorrido em momento anterior e amparado comunicativamente. O intercâmbio entre turnos iniciais e turnos de resposta, conforme argumenta a autora, é característica

constitutiva da interação falada, o que é, para ela, evidência da relevância comunicativa do dispositivo gramatical *denn* para a estruturação do discurso.

A autora, na verdade, argumenta não em termos de relevância, mas defende a indispensabilidade desse dispositivo (DIEWALD, 2011, p. 379), com base na qual ela atesta nos usos de *denn* o componente da obrigatoriedade comunicativa.

Ao caracterizar MDs, Fraser (1988) argumenta que sua ausência não torna uma sentença agramatical ou incompreensível, de modo que, de um ponto de vista estritamente semântico, não é possível defender sua indispensabilidade e conseqüente obrigatoriedade, mesmo que de natureza comunicativa. No entanto, Fraser (1988) e também Traugott (1995) sinalizam que a exclusão de um MD de uma dada sentença remove pistas importantes sobre o comprometimento do falante/escrevente em relação ao modo como os enunciados se relacionam.

Nesse sentido, a relevância comunicativa dos marcadores é evidente e pode, em nossa perspectiva, não necessariamente substituir a noção de obrigatoriedade comunicativa proposta por Diewald, mas ser a ela agregada enquanto uma variante, que poderia melhor explicar o funcionamento gramatical de determinadas partículas discursivas. Entendemos que há funções gramaticais que de fato podem ser analisadas em termos de obrigatoriedade comunicativa (do mesmo modo que outras estão sujeitas à obrigatoriedade mais tradicionalmente considerada, aquela condicionada por regras internas à língua), mas que outras, por serem motivadas por diferentes propósitos comunicativos, têm um papel na gramática das línguas por sua relevância pragmática. Em nossa perspectiva, portanto, a gramática está em função de fatores não apenas obrigatórios, mas também de fatores opcionais, relacionados a decisões dos falantes/escreventes no uso da língua.

Em relação ao outro componente da gramática, a paradigmaticidade, Diewald mostra que *denn*, enquanto partícula modal, exibe a integração paradigmática típica de formas gramaticais. Esse critério prevê que formas linguísticas que têm estatuto gramatical formam um par opositivo com pelo menos uma outra forma e têm uma base funcional em comum com os demais membros do paradigma que integram. Segundo a autora, a função de marcar um ato de fala como não inicial e relacionado a uma unidade pragmaticamente determinada não é restrita a *denn*, mas é o denominador comum de todas as partículas modais em alemão, variando apenas o tipo de ato de fala a que as diferentes partículas se associam (DIEWALD, 2011, p. 378). Verifica-se, portanto, que *denn* exibe integração paradigmática. Apesar da característica comum de marcar um ato de

fala como não inicial, cada partícula modal, conforme a autora, carrega um significado abstrato específico, que tem relação com a fonte lexical que lhe deu origem. Isso desencadeia valores opositivos entre as várias partículas modais, de modo que *denn* forma pares opositivos com outras partículas do paradigma de que faz parte.

Assumimos a concepção de gramática, proposta por Traugott (1995), como domínio constituído por aspectos cognitivos e comunicativos, que envolve, portanto, a pragmática. Por consequência, concebemos MDs²⁸ como formas gramaticais legítimas.

Alguns modos de entender a gramaticalização defendem que ela está associada à redução de determinadas características morfossintáticas. No trecho acima reproduzido de Martelotta *et al.* (1996), por exemplo, verifica-se a compreensão de que o desenvolvimento de formas gramaticais implica perda de liberdade morfossintática, pois o elemento, nas palavras dos autores, passa a “assumir posições mais fixas na cláusula”. Lehmann (1985) também concebe a perda de liberdade morfossintática como característica típica da gramaticalização. Na verdade, o autor defende que três aspectos morfossintáticos são alterados conforme o processo de gramaticalização avança: o escopo sintático, a independência da forma em mudança e a variabilidade sintagmática. Para os três casos, o autor admite que ocorre redução (LEHMANN, 1985, apud TRAUGOTT, 1995, p. 03).

Uma vez que o desenvolvimento de MDs mostra, com frequência, aumento de liberdade sentencial e aumento de escopo sintático²⁹, a associação de gramaticalização principalmente com perda de liberdade sentencial e redução de escopo é outro argumento amplamente utilizado para defender que esse desenvolvimento não configura processo de gramaticalização.

Traugott (1995), entretanto, argumenta que nem a perda de liberdade morfossintática nem a redução de escopo sintático podem ser tomadas como processos típicos da gramaticalização. Segundo ela, a extensa literatura sobre o desenvolvimento de conjunções (que é mais consensualmente considerado como processo legítimo de gramaticalização) tem mostrado muitos exemplos de aumento de escopo sintático nesse tipo de desenvolvimento (TRAUGOTT, 1995, p. 14). Há, por outro lado, processos mais canônicos de gramaticalização, que, para a autora, portanto, permitem caracterizar esse tipo de mudança de modo mais consistente. E o desenvolvimento de

²⁸ No Capítulo 04, em que caracterizamos os novos usos de *agora* e *now*, apresentamos uma definição teórica mais detalhada do que entendemos por MDs, dada a variedade de concepções que essas expressões já receberam na literatura.

²⁹ Nos referimos a escopo sintático conforme é definido por Lehmann (1995, apud TRAUGOTT, 1995), como o tamanho estrutural da construção de que uma dada forma faz parte.

MDs, segundo ela, mostra muitas das mudanças semântico-pragmáticas e estruturais que de fato são recorrentes nos fenômenos de gramaticalização (TRAUGOTT, 1995, p. 13). O fato de que o resultado do desenvolvimento de marcadores se diferencia do resultado de outros desenvolvimentos não é suficiente para excluir a emergência de marcadores da teoria da gramaticalização, uma vez que, como afirma Traugott, diferentes partes da gramática estão em função de diferentes propósitos (TRAUGOTT, 1995, p. 16).

Para além das semelhanças de vários aspectos do desenvolvimento de MDs com processos típicos da gramaticalização, Traugott (1995) postula que há um caminho diacrônico amplamente regular subjacente a esse desenvolvimento, propondo, assim, que a unidirecionalidade da gramaticalização seja revisitada (isto é, repensada) para que inclua também a trajetória tipicamente percorrida por MDs. Apresentamos essa trajetória à luz de estudos de caso discutidos pela autora na próxima seção, que tem justamente o objetivo de fornecer evidências empíricas dos percursos de mudança aqui investigados.

Ao apresentar estudos de caso que exemplificam o desenvolvimento de MDs, Traugott (1995) coloca em destaque mudanças semântico-pragmáticas e estruturais típicas da gramaticalização que podem ser observadas nas trajetórias que expõe. Seguindo a autora, entendemos essas mudanças como de fato relevantes para caracterizar a gramaticalização e, portanto, como suficientes para defendermos tanto o desenvolvimento dos usos juntivos de *agora* e *now* quanto o desenvolvimento de seus usos enquanto MDs como instâncias legítimas de gramaticalização.

As seguintes mudanças são referidas por Traugott (1995, p. 14): (i) **Descategorização**. A gramaticalização leva à mudança de estatuto categorial da forma/construção. Como sinalizamos no início da seção 2.2, o que diferencia a mudança estritamente semântica da mudança por gramaticalização é justamente o fato de a última desencadear alterações tanto de significado quanto de forma; (ii) **Generalização de significado**. O significado original se generaliza para outros significados, de modo que a forma permite “acessar” mais domínios de sentido, conforme vai adquirindo novas polissemias. (iii) **Aumento de função pragmática** e (iv) **Subjetivização**. Os dois processos parecem estar intimamente relacionados, por isso optamos por caracterizá-los em conjunto. A mudança de significado, conforme a seção 2.1, tende a tornar os significados cada vez mais associados a atitudes subjetivas dos falantes/escreventes, o que implica ganhos de natureza pragmática. Significados subjetivos, da natureza especificada por Traugott, revelam o

comprometimento do falante/escrevente em relação ao texto em desenvolvimento ou à própria interação. É um comprometimento, portanto, essencialmente pragmático-comunicativo.

A Teoria da Inferência Convidada e a Teoria da Gramaticalização têm um alto poder explicativo de fenômenos de mudança porque se fundamentam em evidências empíricas. Estudos de mudanças em diferentes línguas e tempos permitem identificar processos mais específicos no interior dos processos mais amplos reconhecidos por ambas. Passamos a discutir, nas duas próximas seções, estudos empíricos que focalizam especificamente o desenvolvimento de jutores contrastivos e de MDs.

2.3. Evidências empíricas de mudança

Para mostrar as tendências de mudança discutidas nas seções anteriores em fenômenos empiricamente comprovados, apresentamos nesta seção trabalhos que permitem atestá-las em trajetórias que envolvem especificamente os domínios de significado em jogo nas mudanças experimentadas por *agora e now*.

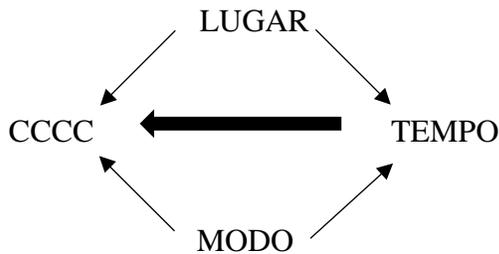
2.3.1. Tempo como fonte de significados contrastivos

Um dos principais estudos que evidenciam a mudança de significados temporais para significados contrastivos é o de Kortmann (1997), dada sua natureza tipológica e seu embasamento em grande número de línguas. Partindo do princípio de que significados sincronicamente relacionados partilham também relações diacrônicas, o autor admite que da relação sincrônica entre significados é possível reconstruir a direção de mudanças semânticas (KORTMANN, 1997, p. 176).

Focalizando o desenvolvimento de conectivos adverbiais, Kortmann mostra evidências de que as mudanças semânticas que dão origem a esses conectivos podem ser explicadas, e mesmo previstas, através de quatro grandes conjuntos de relações, que exibem fortes afinidades semânticas, havendo, entretanto, diferentes graus de relação semântica entre elas: espaço, tempo, modo e as chamadas relações de CCCC (causa, condição, concessão e contraste). A partir dessas grandes categorias de significado, o autor propõe um modelo de mudança semântica para o desenvolvimento dos conectivos adverbiais, que tem como princípio central a unidirecionalidade

dos canais de derivação previstos. O autor esquematiza o modelo a partir do mapa semântico, reproduzido abaixo.

Figura 02. O modelo de Kortmann (1997, p. 178)



Kortmann identifica que o maior grau de afinidade semântica se dá entre tempo e as relações de CCCC, o que torna tempo o principal canal de derivação para essas relações. Daí a maior espessura da seta que vai de tempo a CCCC. O modelo também capta outros canais de derivação: tanto as relações de lugar e modo alimentam relações temporais e também as relações de CCCC (mas, nesse caso, parcialmente via relações temporais). O autor destaca que, para nenhuma das relações de derivação capturadas pelo esquema, a direção inversa das setas correspondentes se aplica, de modo que não é atestado nas línguas conectivos que expressam relações de CCCC desenvolvendo significados temporais, modais ou locativos (KORTMANN, 1997, p. 178).

O que é central no modelo do autor para nós é o canal de derivação tempo > CCCC, especialmente a alta produtividade que Kortmann identifica para ele, já que constitui evidência de que as mudanças atravessadas por *agora* e *now* em direção a significados contrastivos são instâncias de uma importante tendência em mudança semântica. Conforme sinaliza o autor, esse canal de derivação é fruto diacrônico das fortes afinidades semânticas sincronicamente estabelecidas entre os dois domínios de sentido. As afinidades resultam do funcionamento metafórico da linguagem, que é independente das particularidades das línguas: uma categoria semântica mais básica à experiência humana, tempo, é mobilizada para a expressão de uma categoria mais abstrata, de maior complexidade cognitiva, contraste (cf. Seção 2.1).

A produtividade translinguística que Kortmann comprova para essa trajetória é evidência da propensão de falantes/escreventes de diferentes línguas a *subjetivizar* significados. Contraste, como discutimos no Capítulo 04, é significado altamente subjetivo e abstrato, ao passo que tempo, embora também implique uma perspectiva do falante/escrevente, é cognitivamente mais acessível,

especialmente por estar relacionado às atividades do mundo sociofísico em que os indivíduos se engajam.

Mauri e Ramat (2012), ao investigarem o desenvolvimento de três conectivos contrastivos do italiano, fornecem evidências de que dois deles têm origem em fonte temporal. Aqui vamos traçar um breve panorama da trajetória percorrida por *tuttavia*.

Conforme as autoras, originalmente os usos de *tuttavia* eram destinados à expressão de continuidade temporal, equivalendo a “sempre”, “continuamente”, ao passo que, no italiano corrente, o item é utilizado para expressar contraste por quebra de expectativa. Nos usos originais, atuava como advérbio sentencial, e, nos usos contrastivos, desempenha a função de conectivo oracional. O item atravessa, portanto, mudança tanto de significado quanto de forma, experimentando gramaticalização.

Para traçar o desenvolvimento dos três conectivos que investigam, Mauri e Ramat (2012) operacionalizam os modelos para análise contextual propostos por Heine (2002) e por Diewald (2002) (cf. Capítulo 03) por meio de três tipos contextuais que as autoras identificam em todas as trajetórias investigadas: contextos incompatíveis com o significado alvo (contextos fonte), contextos compatíveis tanto com o significado fonte quanto com o significado alvo (contextos de polissemia) e contextos incompatíveis com o significado fonte (contextos alvo)³⁰. Abaixo, apresentamos exemplos³¹ das autoras para cada tipo de contexto, a fim de mostrar como gradualmente se desenvolveu a derivação de contraste a partir de tempo.

(07) [...] l' uomo va III giornate ver' mezzodie, **tuttavia** trovando città e castella assai [...] (MAURI; RAMAT, 2012, p. 14).

[...] você caminha três dias a sul, sempre encontrando cidades e muitos castelos [...]

(08) [...] chè noi mangiamo sì poveramente in questo luogo, u voi mi vedete, che a grande pena ne possiamo sostenere nostra vitta; né non 'sciamo giammai di qua entro; **tuttavia** ci dimoriamo sì come noi lo possiamo fare. (MAURI; RAMAT, 2012, p. 14).

[...] porque nós comemos tão mal nesse lugar, onde você me vê, que com grande dificuldade nós conseguimos conduzir nossas vidas; tampouco nós saímos daqui; nós continuamos a viver/entretanto nós vivemos nesse lugar da melhor maneira possível.

³⁰ Nesse sentido, o estudo de Mauri e Ramat (2012) é relevante para esta pesquisa não só pelas evidências empíricas de que tempo é fonte produtiva para significados contrastivos, mas também pela exploração minuciosa do papel dos contextos nas mudanças. No Capítulo 03, sinalizamos procedimentos metodológicos das autoras que aplicamos às análises de *agora e now*.

³¹ As glosas apresentadas são traduções nossas das glosas fornecidas pelas autoras em inglês.

(09) Non há dubbio che questo che voi dite ha assai dell' apparente; **tuttavia** potete vedere come la sensata esperienza mostra il contrario (MAURI; RAMAT, 2012, p. 17).

Não há dúvida de que as coisas que você diz correspondem ao que parece; entretanto você pode ver como a experiência sensata mostra o contrário.

Os contextos apresentados em (07) e (08) correspondem, respectivamente, aos usos originais e aos usos contemporâneos de *tuttavia*. Verifica-se, em (07), que o significado é plenamente temporal: *tuttavia* veicula uma reiteração no tempo, indicando que o estado de coisas³² (EsCo daqui em diante) a que faz referência se repete ao longo do caminho mencionado na primeira oração. Em contrapartida, no contexto em (08), uma leitura temporal não é possível, e *tuttavia* explicita quebra de expectativa (entre o enunciado que introduz e uma inferência derivada do enunciado anterior, a de que o locutor está dando razão para o interlocutor).

É no contexto em (08) que se pode observar o processo de reanálise de tempo como contraste. O contexto possibilita duas interpretações, uma em que *tuttavia* é compreendido como indicando a continuidade temporal do EsCo descrito no enunciado que introduz, e outra em que *tuttavia* sinaliza não apenas a continuidade temporal do EsCo a que se refere, mas uma noção mais ampla de continuidade, que envolve as duas orações. Na segunda leitura possível, o segundo EsCo é interpretado como continuando durante o período de tempo em que o primeiro EsCo ocorre. A relação de continuidade entre os dois EsCos dispara inferências de contraste pelo fato de o primeiro EsCo exibir circunstâncias desfavoráveis para o segundo (MAURI; RAMAT, 2012, p. 14).

Conforme as autoras explicam, é fundamental a inferência de que existe uma relação de coerência entre as duas orações para que a inferência de contraste seja disparada. E a interpretação dessa relação de coerência está entrelaçada com uma reanálise também morfossintática de *tuttavia*, esquematizada por Mauri e Ramat (2012, p. 15) da seguinte forma:

A) [oração *a*], [**tuttavia** oração *b*] =
 [oração *a*], [*sempre/continuamente* → oração *b*]
 Leitura: interno à oração

³² Seguindo Mauri (2008) e Longhin (2016), ao longo do trabalho utilizaremos EsCo para referir situações, eventos, processos e ações.

B) [[oração *a*], **tuttavia** [oração *b*]] =
 [oração *a*] ← *continuamente, incluindo as circunstâncias de* [oração *a*] → [oração *b*]
 Leitura: interoracional

Na primeira interpretação, *tuttavia* é compreendido como advérbio interno à oração *b*, de modo que o falante, segundo as autoras, entende que a oração *b* é válida “em qualquer situação possível, sempre, continuamente”, não havendo uma ligação necessária entre os dois EsCos (MAURI; RAMAT, 2012, p. 15). Na segunda interpretação, por outro lado, são atribuídas a *tuttavia* funções juntivas, e ele é morfossintaticamente analisado não mais como fazendo parte da oração *b*, mas como conectivo interoracional, e tem, portanto, papel anafórico, que é típico dos conectivos.

Conforme mostramos no Capítulo 05, as trajetórias de *agora* e *now* rumo a significados contrastivos se constituem de contextos polissêmicos que exibem similaridades significativas com o contexto de *tuttavia* discutido: *posição inicial* do advérbio em mudança, significado temporal que não se restringe à oração ocupada pelo advérbio, configurando, na verdade, uma *relação temporal* entre as duas orações e elementos nas orações envolvidas que habilitam a reanálise da relação temporal como uma relação contrastiva (cf. Capítulo 05). Essas similaridades apontam para macro-processos de mudança: o canal de derivação tempo > contraste decorre tanto das afinidades semânticas entre relações temporais e relações contrastivas quanto de propriedades morfossintáticas que favorecem a identificação de afinidades. Evidências translinguísticas de papéis similares dos contextos na mudança de tempo a contraste (assim como de tempo a transição, como veremos adiante) têm implicações teóricas importantes, na medida em que agregam subsídios para a hipótese de Traugott e Dasher (2004) de que estruturas conceituais similares seriam expressas por estruturas morfossintáticas também similares.

Além das condições contextuais que alimentam o desenvolvimento dos usos contrastivos de *tuttavia*, Mauri e Ramat (2012) também identificam a frequência dos contextos polissêmicos como um fator essencial na mudança. As autoras mostram que na trajetória de *tuttavia*, assim como nas duas outras trajetórias que investigam, verifica-se uma correlação entre o aumento dos contextos de polissemia (mais especificamente, o pico da frequência de tais contextos) e o aumento dos contextos alvo. Isso leva as autoras a supor que o aumento dos contextos polissêmicos seria

uma espécie de pré-requisito para a mudança e para sua generalização na língua³³, conforme já mencionamos na seção 2.1.

Outro estudo que fornece evidências empíricas de derivação entre tempo e contraste é o de Longhin (2016a), que focaliza um fenômeno de mudança do português. A autora investiga o desenvolvimento de construções contrastivas com *enquanto (que)*, apreendendo as mudanças a partir da identificação dos três tipos de contextos propostos por Mauri e Ramat (2012). A mudança envolve algumas alterações morfossintáticas na construção de que *enquanto (que)* participa, mas não constitui gramaticalização, pois, nos usos originais, o item já desempenha funções juntivas. Para observarmos como se dá a transição entre significados e quais os tipos específicos de significado temporal e contrastivo em jogo, apresentamos abaixo exemplos fornecidos pela autora³⁴. O exemplo (10) ilustra os contextos exclusivamente temporais, os exemplos (11) e (12) ilustram dois diferentes tipos de contextos polissêmicos e o exemplo (13) ilustra os contextos exclusivamente contrastivos.

(10) Entam caeu ã corisco do céu e matou quantos cavaleiros comigo andavam; e eu fiquei esmorecido, mas outro mal me nom fez niũ, e jouve assi ataa manhã grande.

Enquanto eu assi jazia esmorido, veo ãa voz sobre mim que me disse: (...) (LONGHIN, 2016a, p. 282).

Então caiu um corisco do céu e matou quatro cavaleiros que andavam comigo, e eu fiquei esmorecido (...)

Enquanto eu jazia assim esmorecido, veio uma voz sobre mim.

(11) (...) posto que naõ o dezeio de comer mas a humana necessidade o trazia a isso nunca porem antes da litigima hora. E **emquanto** nos outros comiamos, elle segundo seu costume se hia sempre como escondido a Igreja por causa de mais livremente orar, como verdadeiro solicitario (LONGHIN, 2016a, p. 283-284).

E **emquanto** nós outros comíamos, ele segundo seu costume ia sempre comer escondido na igreja por causa de mais livremente orar.

³³ Nas palavras das autoras: “The fact that such a peak is followed by a gradual increase of contexts that are incompatible with the source value and only allow an adversative reading is further proof of the crucial role played by frequency in triggering the change and its extension in the language”. “O fato de que tal pico é seguido por um aumento gradual dos contextos que são incompatíveis com o valor fonte e só permitem uma leitura adversativa é uma prova adicional do papel crucial desempenhado pela frequência no gatilho da mudança e em sua propagação na língua” (MAURI; RAMAT, 2012, p. 17, tradução nossa).

³⁴ Reproduzimos as glosas que a autora apresenta para os exemplos que exibem algumas dificuldades de compreensão, por serem de épocas mais passadas.

(12) (...) os Onayvanesses, são pequenos, valorosos, e barrigudos, tendo os cabellos mui cumpridos; os Anaynassones, são simples e de boa altura, bem feitos, mas mui preguiçosos, passam os dias dormindo, **em quanto que** as mulheres trabalham (LONGHIN, 2016a, p. 284).

(13) Fizeram menção do açúcar Plínio, Dioscórides Galeno e Hesíquio. Os botânicos, porém, discutem se êste é o mesmo açúcar do nosso tempo. Os que sustentam que é outro dizem que o DOS ANTIGOS se cristalizava nas próprias canas, **enquanto** o NOSSO se espreme líquido e se condensa ao lume (LONGHIN, 2016a, p. 289).

Longhin (2016a) explica que o significado original de *enquanto (que)*, conforme o exemplo (10), é uma relação de simultaneidade temporal e mostra que há uma série de propriedades morfossintáticas³⁵ que particularizam os contextos em que o item ajuda a constituir essa relação. Em tais contextos, o EsCo que *enquanto* introduz abre um intervalo de tempo, durante o qual o outro EsCo se desenvolve (LONGHIN, 2016a, p. 282). Como vemos no exemplo (10), o EsCo *veio uma voz sobre mim* ocorre dentro do EsCo *eu jazia assim esmorecido*.

O EsCo que estabelece um intervalo de tempo e que é encabeçado por *enquanto* veicula, segundo a autora, informação partilhada ou pressuposta, o que é típico de construções temporais, que tendem a expressar informações de fundo. Há um traço morfossintático importante correlacionado ao tipo de informação que *enquanto* introduz nos contextos temporais: a ordem não marcada da oração com *enquanto* na construção complexa que integra é a anteposição (*idem*), posição relacionada ao papel de fundo dessa oração, na medida em que ela fornece um quadro temporal para o evento que segue (LONGHIN, 2016a, p. 288).

Com base nisso, a autora faz uma proposta importante, que tem relevância para as mudanças de *agora* e *now* em direção a contraste: “pensar a mudança entre os domínios de *tempo* e *contraste* como algo que afeta inerentemente o potencial informacional das unidades” (LONGHIN, 2016a, p. 283). Isso porque, nas construções de contraste do português brasileiro, a oração com o juntor é necessariamente posposta, tendo em vista que a segunda posição é reservada para o argumento mais decisivo (LONGHIN, 2016a, p. 288). Especificamente nas ocorrências da perífrase *enquanto que*, a autora identifica que a posposição da oração com o juntor é categórica (*idem*).

Nos contextos alvo, além da tendência à posposição da oração com *enquanto (que)*, Longhin explica que ainda há um significado temporal disponível no contexto, mas não se trata

³⁵ Cf. Longhin (2016a, p. 282).

mais do tipo temporal fonte, simultaneidade, o que permite verificar mudança. Conforme mostra o exemplo (13), o contraste nesses contextos emerge de uma relação de sequencialidade temporal alida a uma distância temporal. Segundo a autora, a nuance de distância no tempo é fator fundamental para a interpretação contrastiva, juntamente com outros traços do contexto que alimentam *oposição semântica*, o tipo específico de contraste veiculado pelas novas construções com *enquanto (que)*.

A correlação identificada pela autora entre sequencialidade temporal e contraste é interessante para pensar o papel desse tipo específico de tempo na derivação de contraste a partir de fonte temporal. Conforme mostramos no Capítulo 05, sequencialidade é a relação temporal chave para compreender as mudanças de *agora* e *now* rumo a contraste. A diferença entre a trajetória de *enquanto (que)* e as trajetórias de *agora* e *now* é que o significado contrastivo nas construções com *enquanto (que)* coexiste com o significado de sequencialidade, necessário para a interpretação daquele. Ainda assim, conforme argumenta Longhin, é possível defender mudança, na medida em que o significado temporal fonte não está mais disponível, dando lugar a um outro significado, que é duplamente temporal e contrastivo. Nas construções contrastivas com *agora* e *now*, por outro lado, a sequencialidade não está presente, sendo um dos fatores que alimentam contraste nos contextos de polissemia.

A polissemia que condiciona a emergência dos contextos de contraste com *enquanto (que)* se dá entre o significado temporal fonte, simultaneidade, e inferências de oposição. É interessante observar, assim, que, na trajetória de *enquanto (que)*, um significado temporal (simultaneidade) alimenta outro (sequencialidade) que habilita contraste. Apesar da diferença entre o papel da sequencialidade temporal na trajetória de *enquanto (que)* e seu papel nas trajetórias de *agora* e *now*, elas exibem evidências de que sequencialidade é relação temporal produtiva para o canal de derivação tempo > contraste. E isso tem importantes implicações teóricas, pois nos faz pensar, novamente, na relevância da hipótese de Traugott e Dasher (2004) de que similaridades entre estruturas conceituais poderiam estar na base de inferências convidadas similares.

No que diz respeito ao desenvolvimento gradual do novo significado temporal-contrastivo de *enquanto (que)*, Longhin identifica que dois tipos de polissemia têm lugar na trajetória. A autora argumenta que o ponto de partida para a mudança parece ser contextos em que a relação temporal de simultaneidade é enriquecida com inferências de *diferença* entre os EsCos simultâneos. A diferença resulta da comparação entre os EsCos. Discutindo o exemplo (11), Longhin argumenta

que a comparação dos EsCos leva ao destaque mais de diferenças do que de semelhanças que também existem entre eles (LONGHIN, 2016a, p. 283). Estão sendo comparados dois comportamentos, um que entendido como padrão e outro entendido como peculiar.

Por outro lado, em contextos como (12), o significado temporal está em segundo plano, e as diferenças avançam para oposição (LONGHIN, 2016a, p. 285). O significado de contraste, portanto, nesse tipo de contexto, é mais saliente. E, conforme a autora argumenta, o que eleva o contraste para o primeiro plano é, dentre outros fatores, uma suposição contextualmente inferida que leva à interpretação de um conflito entre os EsCos simultâneos, a de que “na vida em sociedade, homens e mulheres, ou pelo menos os homens (frequentemente eleitos como mentores), precisam trabalhar e contribuir com a manutenção da família” (idem). A suposição evidencia o alto grau de subjetividade de significados contrastivos, conforme discutimos no Capítulo 04.

Para além da suposição, são essenciais para as inferências de contraste elementos do contexto que ganham, na construção, estatuto de opostos semânticos (como *dormir* e *trabalhar*, por exemplo). Há, assim, a conjugação de traços do contexto linguístico (como simultaneidade temporal e pares de opostos) com crenças e atitudes subjetivas do falante/escrevente. Como será possível observar a partir da análise das trajetórias de *agora* e *now* rumo a oposição semântica, no Capítulo 05, elas são atravessadas por contextos linguísticos muito similares aos identificados por Longhin (2016a) no percurso de *enquanto* (*que*).

2.3.2. Significados adverbiais como fonte para marcadores discursivos

Assim como o trânsito tempo > contraste é um canal de derivação amplamente regular, a outra trajetória de mudança investigada neste trabalho também é produtiva nas línguas. Traugott (1995), discutindo o lugar do desenvolvimento de MDs³⁶ na Teoria da Gramaticalização, defende que ele configura instância legítima de mudança gramatical (cf. Seção 2.2). Para além disso, a autora identifica, com base em evidências do inglês, a tendência de significados adverbiais constituírem a fonte de significados pragmáticos expressos por MDs. Na medida em que assume que esse desenvolvimento deve ser tratado em termos de gramaticalização, a autora propõe revisar

³⁶ A autora compreende MDs à maneira de Fraser (1988, 1990), para quem essa categoria tem como função principal sinalizar um comentário do falante/escrevente sobre o tipo de relação discursiva sequencial que se estabelece entre o enunciado atual e o discurso anterior (FRASER, 1988, p. 21-22). Neste trabalho, nos aproximamos dessa concepção de MD. Conforme já sinalizado em nota, especificamos nosso entendimento de MDs em mais detalhes no Capítulo 04.

a unidirecionalidade desse tipo de mudança, para incluir dentre os *clines* “canônicos” da gramaticalização o *cline* que representa um caminho diacrônico tipicamente percorrido pelos MDs (TRAUGOTT, 1995, p. 13):

advérbio intra-oracional > advérbio sentencial > MD

A hipótese subjacente a esse *cline* é a de que, através de contínuas mudanças no significado de um dado advérbio, ele se desloca de uma posição interna à oração, sua posição típica, na qual tem escopo sintático altamente restrito e avalia o evento descrito, para uma posição de advérbio sentencial, na qual adquire escopo mais amplo e passa a avaliar o conteúdo da proposição (TRAUGOTT, 1995, p. 13). A autora argumenta que a posição de advérbios intra-oracionais é tipicamente direcionada ao final da oração, ao passo que a posição de advérbios sentenciais tende a ser imediatamente pós-verbal ou imediatamente após o complemento do verbo. Ela sinaliza que, independentemente de qual seja a posição dos advérbios sentenciais, eles podem adquirir novas funções pragmáticas se estiverem envolvidos em contexto semântico-pragmático propício (idem). Havendo condições, o advérbio passa a atuar como MD, tipicamente deslocando-se da posição que ocupava enquanto advérbio sentencial para a periferia esquerda da oração.

Exemplificamos a trajetória à luz do desenvolvimento dos usos de *in fact* como MD em inglês, com base em Traugott (1995) e Schwenter e Traugott (2000). Os exemplos de (14) a (16) ilustram o desenvolvimento gradual da trajetória. Cada exemplo é seguido de uma glosa em português.

(14) But it is evident **in fact** and experience that there is no such universal Judge, (...) (TRAUGOTT, 1995, p. 09).

Mas é evidente nos fatos e na experiência que não há tal Juiz universal.

(15) The levels of the dioxin appear to be small, but **in fact** they have been found to be higher in paper tissues and in paper towels than in some other things (SCHWENTER; TRAUGOTT, 2000, p. 11).

Os níveis de dioxina parecem ser pequenos, mas na verdade se descobriu que eles são mais elevados em lençóis de papel do que em algumas outras coisas.

(16) Furthermore, if for some reason the Americans deny benefits to Canadian entrepreneurs under this agreement, we would have every right to take it to the bi-national dispute settlement mechanism, and **in fact**, to take actions which would come out of those hearings that are open to Canadian entrepreneurs and to the Canadian Government (SCHWENTER; TRAUGOTT, 2000, p. 12).

Além disso, se por alguma razão os americanos negarem benefícios para empresários canadenses a partir desse acordo, nós teríamos todo o direito de levar isso ao mecanismo de instalação de disputa bi-nacional, e, de fato/até mesmo, tomar medidas que iriam revelar aquelas audiências que são abertas a empresários canadenses e ao governo canadense (SCHWENTER; TRAUGOTT, 2000, p. 12).

Em seus primeiros usos adverbiais, *in fact* é advérbio intra-oracional posicionado após o verbo ou após o predicativo do sujeito em construções de cópula (SCHWENTER; TRAUGOTT, 2000, p. 11), como se observa em (14). Nessas posições morfossintáticas, o significado veiculado por *in fact* ainda tem muito do valor lexical de *fact*, equivalendo, de acordo com Schwenter e Traugott (2000, p. 11) a “na prática, conforme se pode entender a partir das evidências”. Verifica-se que, enquanto advérbio intra-oracional, *in fact* veicula significado predominantemente referencial, na medida em que a semântica ainda em certa medida lexical de *fact* evoca eventos da realidade externa.

Em um estágio mais avançado da mudança, representado pelo exemplo (15), *in fact* adquire leitura formulaica (idem), de modo que não é possível inserir material linguístico entre *in* e *fact*, possibilidade que parece existir nos usos primeiros (é possível no inglês, em nosso entendimento, uma construção como *it is evident in this fact*). Em usos como o observado em (15), *in fact* expressa significado epistêmico adversativo (idem). No exemplo, vemos que *in fact* participa de um contexto de quebra de expectativa, explicitada por *but*. É possível ainda recuperar um pouco da semântica lexical de *fact*, no sentido de que os fatos observados no mundo seriam contrários a uma expectativa que pode ser criada. Parece que é justamente um resquício do valor de verdade de *fact* que confere à expressão adverbial como um todo valor epistêmico: o falante mostra seu comprometimento com a proposição baseado nos fatos, na “verdade” da realidade externa. Em usos desse tipo, *in fact* funciona como advérbio sentencial (idem), na medida em que, ao indicar o comprometimento do locutor com a verdade do conteúdo enunciado, escopa toda a oração.

Usos de *in fact* como advérbio sentencial parecem constituir, conforme os estudos de Traugott (1995) e Schwenter e Traugott (2000), o estágio intermediário de sua mudança em direção aos usos como MD. Em tais usos, segundo Schwenter e Traugott (2000, p. 12), *in fact* sinaliza que o que vem a seguir é um argumento mais forte do que aquilo que o precede, de modo que esses usos também expressam comprometimento do falante/escrevente. Aqui, entretanto, trata-se de outro tipo de comprometimento, não relacionado à verdade da proposição. É o comprometimento do falante/escrevente em mostrar o tipo de relação que existe entre os enunciados (SCHWENTER; TRAUGOTT, 2000, p. 12). Nos usos como MD, portanto, *in fact* assume um significado altamente

pragmático. Segundo os autores, sua posição mais típica nesses usos é a inicial, mas pode também, embora não com frequência, ocupar posições intermediárias ou finais (nesse caso, sobretudo no modo de enunciação falado).

Na trajetória específica de *in fact*, o que parece ser fator chave para a emergência dos usos como MD é a combinação do valor de verdade presente nos usos originais com manobras argumentativas, daí a relevância, conforme mostram Traugott (1995) e Schwenter e Traugott (2000), de contextos como (15) para a mudança. Como se observa nesse exemplo, *in fact* é empregado no segundo membro de uma relação coordenativa, que é justamente o membro de maior peso argumentativo (DUCROT, 1977). Parece que o locutor opta por fundamentar sua argumentação naquilo que é observável (e, portanto, acessível) no mundo. Assim, a semântica referencial de *fact* é mobilizada para estratégias argumentativas.

Com a mudança para MD, o valor de verdade inerente aos usos adverbiais primeiros e em parte recuperada nos usos adverbiais posteriores se perde em certa medida, mas permanece a associação de *in fact* com argumentos mais decisivos. Como mostram Schwenter e Traugott (2000), ao se constituir em MD que sinaliza argumentos mais fortes, *in fact* ganha funções escalares, o que torna possível, conforme nossa glosa para o exemplo (16), associar esse MD com a expressão *até mesmo* do português, que também é indicativa de escalaridade³⁷.

Em uma perspectiva mais restrita, a trajetória percorrida por *in fact* mostra especificidades que a distanciam das trajetórias atravessadas por *agora* e *now* até os usos como MDs, o que é evidentemente esperado, já que um mesmo tipo de significado, como o adverbial, se desdobra em diferentes nuances, associadas a diferentes propósitos comunicativos. Em uma perspectiva mais ampla, no entanto, há uma série de convergências entre essas trajetórias. O que é crucial da proposta de Traugott (1995) para este trabalho e que é observado na trajetória de *in fact*, nas outras duas trajetórias que a autora discute³⁸ e nas trajetórias de *agora* e *now* é a tendência translinguística de significados adverbiais darem origem a significados pragmáticos típicos de MDs.

Além dessa tendência semântico-pragmática, é possível também identificar na trajetória de *in fact*, bem como nas outras trajetórias mencionadas, alterações na posição dos advérbios, conforme a autora explicita no *cline* que propõe para o desenvolvimento dos MDs (advérbio intra-

³⁷ O trabalho de Schwenter e Traugott (2000), na verdade, tem como foco central o desenvolvimento de funções escalares de *in fact* nos usos como MD. Não exploramos essa questão aqui para focalizar os aspectos desse desenvolvimento que mais interessam para o trabalho.

³⁸ Os desenvolvimentos de *indeed* e de *besides*, no inglês, como MDs.

oracional > advérbio sentencial > MD). As mudanças de posição são resultado de mudanças de escopo, conforme se pode observar na trajetória de *in fact*.

Assim, o desenvolvimento de MDs é tipicamente uma mudança em direção a significados pragmáticos que veiculam algum tipo de comprometimento do falante/escrevente com o tipo de relação existente entre os enunciados (uma mudança, portanto, direcionada a aumento de subjetividade e, em alguns casos, de intersubjetividade, cf. Capítulo 04) e uma mudança caracterizada por aumento de escopo e, por consequência, deslocamento para a periferia esquerda da oração.

Além da tendência mais geral identificada por Traugott (1995) para o desenvolvimento de MDs, Manoliu (2000) identifica uma tendência mais específica, que permite elucidar aspectos mais particulares das trajetórias percorridas por *agora* e *now* até os usos como MDs. Isso porque a autora focaliza o desenvolvimento especificamente de advérbios temporais *proximais* em MDs.

Segundo a autora, o desenvolvimento de advérbios temporais *distais* em MDs é amplamente reconhecido como uma trajetória que parte de indexicais exofóricos, passa por indexicais anafóricos (e, portanto, endofóricos), podendo chegar a marcadores discursivos (MANOLIU, 2000, p. 243). Assim, a autora argumenta que um advérbio como *then*, por exemplo, pode passar a ser utilizado para fazer referência a uma expressão adverbial anterior, de modo a retomar, anaforicamente, o período de tempo referido por ela (*idem*). Isso não é possível, segundo ela, para advérbios *proximais* como *now*. Tal impossibilidade pode ser observada a partir da agramaticalidade da seguinte construção hipotética, se quisermos que o advérbio na segunda sentença retome o intervalo de tempo informado na primeira: *Ele frequentou a universidade em 2010. Agora era muito feliz*. Por outro lado, o uso adverbial de *então*, um advérbio *distal*, é capaz de fazer a retomada: *Ele frequentou a universidade em 2010. Então/Naquele tempo, era muito feliz*.

Com base nessa diferença de função dêitica entre advérbios *proximais* e advérbios *distais*, Manoliu (2000) argumenta que o desenvolvimento de advérbios *proximais* em MDs não pode ser adequadamente explicado como tendo usos anafóricos por estágio intermediário (*idem*). A autora propõe que, nesse desenvolvimento, os futuros MDs tendem a atravessar um estágio de *dêixis ad phantasma* até se constituírem como tais. O conceito de *dêixis ad phantasma* é desenvolvido por Bühler (1982), que sugere uma nova categorização para as expressões indexicais: *dêixis ad oculos* X *dêixis ad phantasma*, ao invés da divisão clássica dos elementos dêiticos entre indexicais exofóricos e expressões anafóricas (MANOLIU, 2000, p. 244). A *dêixis ad oculos*, conforme o

autor, faz referência ao contexto da enunciação, no qual o falante é o *origo*, o ponto de origem, e a dêixis *ad phantasma* se refere ao mundo criado pelo texto, o mundo da “imaginação” dos falantes e ouvintes (BÜHLER, 1982, apud MANOLIU, 2000, p. 244).

Em nosso entendimento, tanto a noção de dêixis *ad oculos* quanto a de dêixis *ad phantasma* não estão muito distantes da divisão tradicional entre elementos dêíticos, enquanto elementos que têm algum tipo de referência na realidade externa, e elementos fóricos, enquanto elementos que não têm referência no mundo real, mas apenas no mundo do texto. As próprias expressões anafóricas podem ser incluídas no que Bühler (1982) chama de dêixis *ad phantasma*. O que é, para nós, de fato singular na noção de dêixis *ad phantasma* é a especificidade que ela ganha no trabalho de Manoliu (2000), a partir da investigação da trajetória de um advérbio do romeno, conforme passamos a discutir.

Segundo Manoliu (2000, p. 245), em romeno, existiam três formas adverbiais proximais que veiculavam significados temporais similares aos significados temporais de *now* em inglês: *amú*, *acmú* e *acúm(a)*. Cada um era responsável por expressar uma nuance temporal de presente, respectivamente, “agora pouco”, “nesse exato momento” e “a hora é esta”³⁹. Ao longo do tempo, a distinção entre essas nuances se perdeu, e todos os significados temporais relacionados ao presente passaram a ser expressos unicamente pela forma *acum(a)* (MANOLIU, 2000, p. 246).

Independentemente da forma utilizada para sua expressão, o significado temporal de presente em romeno se desenvolveu em um significado pragmático que sinaliza mudança de foco no curso do texto, de modo a chamar a atenção do interlocutor para o que vem a seguir (MANOLIU, 2000, p. 257). O que Manoliu denomina mudança de foco é muito similar ao que neste trabalho denominamos transição textual (cf. Capítulo 04). Dessa forma, a trajetória de mudança que a autora investiga se aproxima do desenvolvimento de *agora* e *now* em MDs: a fonte que alimenta a mudança é, em romeno, em português e em inglês, um advérbio temporal de natureza proximal, que expressa, portanto, dêixis *ad oculos*, e o produto da mudança é, também nas três línguas, um MD que indica mudança de tópico discursivo.

Segundo a autora, a mudança em romeno de dêixis *ad oculos* para MD se dá via dêixis *ad phantasma*, e, nesse estágio intermediário, os usos adverbiais de *acum(a)* mesclam componentes do mundo real com componentes do mundo do texto, sinalizando o que a autora chama de *narrative*

³⁹ Adaptamos cada nuance para o português. As glosas apresentadas pela autora estão em inglês: *just now*, *at this very time/very moment* e *here is the time*, respectivamente.

switch (mudança narrativa). A diferença entre esses usos e os usos de *acum(a)* como MD está justamente no fato de que, no estágio de dêixis *ad phantasma*, ainda existem traços do significado referencial de origem. As construções de (17) a (19) ilustram, respectivamente, usos de *acum(a)* (e suas antigas variantes) para expressão de dêixis *ad oculos*, de dêixis *ad phantasma* e de mudança de tópico (ou mudança de foco, nos termos da autora). Os exemplos em (18) representam diferentes tipos de construções em que *acmu(a)* expressa dêixis *ad phantasma*.

(17) Stă movila si **acmu** pe drumul Băiei de la Suciavă, carea as pomenesti Movila lui Râzvan pînă astăzi (MANOLIU, 2000, p. 253).

Esse outeiro está agora mesmo na estrada que vai de Baia a Suceava, que é chamado outeiro de Râzvan até os dias de hoje.

(18a) Audziti **acmu**, fratilor, intoarcerea fiiului celui curvariu (MANOLIU, 2000, p. 254).

Ouçam agora, irmãos, a história do retorno do filho pródigo.

(18b) “Si iarta noao gresalele noastre, cumu iertămu si noi gresitilor nostri”. **Acumu** aicea noi cearem si lagoslovenie si blastem (MANOLIU, 2000, p. 255).

“E perdoe os nossos débitos, assim como nós perdoamos nossos devedores”. Agora aqui nós pedimos tanto pela bênção quanto pela maldição.

(18c) acum:Să încépem de **acum** arâta si de împărația rimlénilor, denceputul lor (idem).

Vamos começar agora a falar sobre o Império dos Romanos, sobre suas origens.

(19) Asà **acmu** si cela ce se apropie satanei, in chipulu năravului lui fi-va (MANOLIU, 2000, p. 248).

Então, agora, aquele que se aproxima de Satã vai se comportar da mesma forma que ele.

No contexto em (17), ao incluir o momento do evento no momento da enunciação, *acmu* expressa dêixis *ad oculos*. Em (19), não é mais possível atribuir valor temporal a *acmu*. Conforme a autora argumenta, o evento referido pela sentença que segue *acmu* é genérico, não se desenvolve em um período específico de tempo. Trata-se de uma predição de validade universal. *Acmu*, nessa construção, indica que haverá uma mudança no curso do texto. Embora a autora não apresente o cotexto anterior à sentença introduzida por *asà*, é possível reconhecer que a mudança se dá para uma conclusão, justamente pela presença de *asà*, que, segundo a autora, tem significado similar a *so* do inglês, que é utilizado com frequência para introduzir conclusões.

Como já sinalizado, nosso maior interesse no estudo de Manoliu (2000) está nos contextos em que *acmu* expressa dêixis *ad phantasma*. Como observamos nos exemplos de (18a) a (18c), em tais contextos, ainda é possível atribuir valor temporal a *acmu*, mas ele está enriquecido com o significado que neste trabalho chamamos de transição textual (cf. Capítulo 04). Esses contextos combinam uma mudança de eventos no mundo (o que tratamos em termos de transição referencial cf. Capítulo 04) a uma mudança de tópicos no texto (transição textual). Em (18a), ao pedir que seus interlocutores o escutem (e, assim chamar sua atenção), o locutor explicita que passará a tratar de um assunto diferente do anterior. Embora a autora não forneça o enunciado precedente, é possível identificar a transição pelo fato de que, se, em momento anterior, o locutor já estivesse focalizando a história em questão, ele não precisaria anunciá-la.

Passar a focalizar um outro assunto é uma mudança que ocorre, nos contextos de dêixis *ad phantasma*, tanto no mundo quanto no texto. É justamente o fato de a mudança acontecer também no mundo real que é possível uma leitura temporal de *acmu*. Nos contextos em que o item atua como MD, como em (19), não é possível interpretar mudança no mundo real, mas apenas no mundo do texto. Nossos dados mostram que as trajetórias de *agora* e *now* em direção aos usos como MDs são ambas atravessadas por contextos muito similares aos que Manoliu (2000) identifica como contextos de dêixis *ad phantasma* (cf. Capítulo 06).

No contexto em (18b), podemos mais facilmente reconhecer a mudança no curso do texto, já que o enunciado que precede a sentença introduzida por *acumu* está presente. Segundo Manoliu (2000, p. 255), o enunciado precedente constitui uma prece, e o enunciado que *acumu* encabeça é um comentário daquele que proferiu a prece, possivelmente um sacerdote. Assim, *acumu* contribui para tornar explícita a transição da prece para o comentário. A mudança ocorre no mundo real, uma vez que, em momento anterior, o locutor (e interlocutores) estava realizando uma prece, e, no momento presente, indicado por *acumu*, está empenhado em uma atividade diferente, a de tecer um comentário sobre a prece. Inerente a essa mudança entre eventos no mundo está a mudança entre tópicos do texto.

Por fim, em (18c), apenas o enunciado constituído por *acum* é suficiente para atestar a transição, pois o locutor afirma que *começará* a falar sobre um dado tema, o que torna evidente que o tema anterior era outro. A mudança no desenvolvimento do texto é bastante clara, pois a construção contém um verbo de dizer. Assim, *começar a falar* sobre algo é uma indicação explícita

do início de um novo tópico. Mas a transição se dá também na realidade externa, pois falar sobre algo é realizar uma ação (seja no modo de enunciação falado ou escrito).

À luz dos exemplos, é possível evidenciar a tendência que Manoliu (2000) identifica no desenvolvimento dos advérbios dêiticos proximais do romeno em MDs:

dêixis ad oculos > *dêixis ad phantasma* > MD (de mudança de tópico)

É importante ter cautela ao afirmar a amplitude translinguística desse *cline*, na medida em que o estudo da autora se refere a dados de uma única língua. Mas o fato de termos observado percursos similares ao do romeno em português e em inglês permite, ao menos, levantar a hipótese de que advérbios proximais, em contextos específicos, podem ter seu potencial de referência dêitica *ad oculos* estendido para referência dêitica *ad phantasma*. A adição do segundo tipo de dêixis ao primeiro possibilitaria, ao longo do tempo, com a generalização das inferências, a reinterpretção do advérbio como não mais indicando transições no mundo, mas exclusivamente transições no texto.

As evidências de mudança discutidas nas duas últimas subseções, colocadas à luz dos macro-processos sustentados pela IITSC e pela Teoria da Gramaticalização, permitem observar que formas/construções têm histórias individuais em suas respectivas línguas, e essas histórias podem ser agrupadas em micro-processos, nos quais fontes específicas tendem a dar origem a produtos específicos, como as duas micro tendências discutidas, tempo > contraste e dêixis *ad oculos* > MD. Essas micro tendências, por sua vez, constituem instâncias dos macro-processos subjetivização e, a depender do caso, gramaticalização. Assim, buscamos, ao longo do trabalho, pensar as mudanças aqui investigadas a partir dessas três dimensões, focalizando suas histórias individuais, as micro-tendências em que elas se inserem e os macro-processos que permitem unificá-las.

3. Material e Metodologia

Neste capítulo, apresentamos, primeiramente, o processo de constituição dos *corpora* de análise, descrevendo critérios que fundamentaram a seleção dos textos e decisões tomadas diante de dificuldades que surgiram na coleta de materiais. Posteriormente, explicitamos os procedimentos de análise e propostas que tornam metodologicamente viável a apreensão de mudanças pelo viés contextual.

3.1. A constituição dos *corpora*

Dados os objetivos da pesquisa, que demandam uma análise longitudinal das construções investigadas, foram constituídos *corpora* diacrônicos do português e do inglês, a partir de textos falados e escritos representativos de diferentes sincronias das duas línguas. Visando a maior aproximação possível do *quando* das mudanças, optamos por estabelecer períodos sincrônicos breves, associando cada sincronia ao período de meio século.

Para o português, o *corpus* tem início na primeira metade do século XVIII. Um estudo de Iniciação Científica⁴⁰ e uma pesquisa-piloto desenvolvida para o projeto do presente estudo nos levaram à hipótese de que os novos usos de *agora* (aqueles em que estão disponíveis apenas os novos significados) ainda não estão presentes no século XVIII, de modo que julgamos que o início da análise nesse período seria suficiente para que pudéssemos capturar os estágios iniciais das mudanças. Para o inglês, optamos por recuar mais no tempo. A pesquisa-piloto revelou usos não-temporais de *now* já na segunda metade do século XVII. Por esse motivo, definimos para início do *corpus* do inglês a primeira metade desse século. Dado o pouco tempo transcorrido do século XXI, agregamos os dados do período aos dados da segunda metade do século XX, para ambas as línguas. Essas decisões resultaram na delimitação de seis sincronias de análise para o português e oito para o inglês.

⁴⁰ A pesquisa, intitulada *Gramaticalização de jutores paratáticos: os padrões de uso de 'agora'*, investigou as construções com *agora* nos vieses sincrônico e diacrônico, buscando principalmente explicitar as relações de derivação entre os significados temporais de *agora* e seus significados causais e contrastivos, observados no português contemporâneo. Na etapa de viés diacrônico, a investigação utilizou textos produzidos entre o século XVIII e o XXI. Recebemos apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, processos 800132/2013-0 e 800733/2014-2).

A definição dos textos que comporiam cada sincronia, para a posterior extração dos dados de análise, se fundamentou em critérios de natureza quantitativa e qualitativa, com o objetivo, acima de tudo, de alcançar um equilíbrio entre as sincronias, para que diferenças no tipo e na quantidade dos materiais não enviesassem os resultados.

Da perspectiva quantitativa, foi considerado fundamental que todas as sincronias, em cada língua, se constituíssem de uma quantidade similar de textos. Como unidade de quantificação, elegemos o número de palavras, definindo, inicialmente, a quantidade de 40.000 palavras para cada período. Em ambas as línguas, essa quantidade forneceu um número total de ocorrências significativo em cada sincronia, mas uma quantidade de usos contrastivos insuficiente para a caracterização do padrão. Conforme explicamos na segunda seção deste capítulo, a compreensão dos traços típicos dos usos não-temporais de *agora* e *now* constitui uma etapa fundamental da análise, na medida em que permite definir critérios para avaliar o avanço das mudanças ao longo do tempo. Nesse sentido, diante da quantidade insuficiente de ocorrências contrastivas, identificamos a necessidade de ampliação da quantidade de textos por sincronia, com a expectativa de que um maior número de ocorrências de *agora* e *now* forneceria mais ocorrências dos usos contrastivos. Entendemos a baixa frequência de tais usos dentre o número de palavras inicialmente definido como um efeito da concorrência dos novos juntores com outros tantos juntores contrastivos disponíveis no português e no inglês.

No *corpus* do português, a ampliação se deu para 200.000 palavras por sincronia, e no do inglês, para 150.000. A diferença resulta da maior frequência de *now* no inglês do que de *agora* no português: uma quantidade menor de palavras para as sincronias do inglês foi capaz de fornecer um número de ocorrências contrastivas satisfatório para a caracterização do padrão⁴¹. Essa diferença na quantidade de materiais dos dois *corpora* não representa, em nossa perspectiva, um problema para os resultados, se há um equilíbrio interno em cada *corpus* e se eles se aproximam de um ponto de vista qualitativo. Buscamos essa aproximação por meio da seleção de gêneros textuais similares para ambas as línguas.

A seleção dos gêneros se fundamentou em dois critérios principais. Julgamos relevante que a amostra de dados fosse representativa de uma *diversidade tipológica*, a fim de obter um conjunto

⁴¹ Foi considerada a possibilidade de trabalhar com 200.000 palavras por sincronia também no estudo de *now* e chegamos a compilar um *corpus* com essa quantidade. Entretanto, dada a alta frequência de *now* no inglês, a quantidade de ocorrências resultante tornou inviável, no tempo de duração do Mestrado, a aplicação dos vários critérios de análise para cada ocorrência.

variado de usos de *agora* e *now*. Além disso, era fundamental que essa diversidade contemplasse os usos não-temporais que resultam das mudanças aqui investigadas. Assim, a seleção priorizou *tipos textuais favorecedores dos novos usos*. Admitimos que a predisposição ao uso de juntores contrastivos está, dentre outras possibilidades, em textos constituídos de interações dialógicas, já que a interação entre falantes/escreventes favorece a busca constante por recursos argumentativos, ao passo que a predisposição ao uso de marcadores de transição tópica está em textos cujas finalidades comunicativas levam falantes/escreventes a se preocuparem em tornar explícita para os ouvintes/leitores a organização interna do texto.

Em vista desses critérios, e considerando os materiais disponíveis em bases de dados eletrônicas⁴², definimos o seguinte conjunto de gêneros para a constituição dos *corpora*: peças teatrais, romances, cartas⁴³, notícias, aulas universitárias, inquéritos (conversação informal entre documentador e falante) e entrevistas. No *corpus* do português, todos esses gêneros estão presentes. Peças e cartas compõem todas as sincronias, com exceção do período de XVIII-2, conforme explicamos adiante. Romances e notícias estão presentes a partir do século XIX, em virtude da inexistência de romances brasileiros publicados antes desse século e da consolidação da imprensa moderna apenas no XIX. Já os gêneros característicos do modo de enunciação falado (aulas, entrevistas e inquéritos) constituem apenas a última sincronia, já que não há registro de textos falados em períodos anteriores.

Algumas dificuldades foram encontradas durante a coleta de materiais para os períodos de XVIII-1 e XVIII-2, no *corpus* do português, o que nos levou a também adicionar a essas sincronias gêneros distintos daqueles inicialmente estabelecidos. Para o XVIII-1, além das cartas e peças teatrais, utilizamos uma história econômica do Brasil⁴⁴, pelo fato de a quantidade de materiais disponíveis não ter sido suficiente para a coleta do número de palavras definido após a decisão de ampliar os *corpora*. Já para o XVIII-2, as dificuldades foram maiores, pois apenas cartas estavam disponíveis nas bases eletrônicas. Para que a sincronia não ficasse restrita ao gênero, recorremos a

⁴² A preferência por gêneros que tivessem materiais representativos em bases de dados eletrônicas se deve ao fato de elas permitirem um maior rigor no processamento dos dados e agilizarem o trabalho com grandes volumes de dados.

⁴³ No *corpus* do português, as cartas são de natureza diversa, podendo variar entre as sincronias e também no conjunto coletado para cada período. O intuito inicial era trabalhar exclusivamente com cartas pessoais, acreditando que, devido à intimidade do locutor com o destinatário, pudessem favorecer o uso de manobras argumentativas. Isso foi possível para o *corpus* do inglês, mas, para o português, em vista da disponibilidade de materiais, a diversidade foi necessária, tendo sido coletadas cartas pessoais, oficiais (com finalidades administrativas), de comércio e de leitores e redatores.

⁴⁴ ANTONIL, A. J. *Cultura e opolência do Brasil: por suas drogas e minas*. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia/Edusp, 1982. O texto está disponível na Biblioteca Virtual do Estudante de Língua Portuguesa (<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>).

outros tipos de textos, selecionando gêneros que, em função de suas características, fossem propícios aos diferentes usos de *agora*. Na sequência do quadro 03 abaixo, em que apresentamos os textos que constituem o *corpus* do português, relacionamos os textos que complementam o conjunto de cartas coletado para o XVIII-2.

Apesar da tentativa de estabelecer a maior proximidade possível, do ponto de vista qualitativo, entre o *corpus* do português e o *corpus* do inglês, algumas diferenças foram inevitáveis. O *corpus* do inglês também se constitui de peças teatrais, cartas⁴⁵, aulas universitárias, entrevistas e inquéritos, mas não contém romances e notícias, pelo fato de não termos encontrado materiais disponíveis nas bases de dados a que tivemos acesso durante a constituição do *corpus*.

Outra diferença está na adição de processos criminais ao *corpus* do inglês, provenientes do *Old Bailey Corpus*, banco de dados que disponibiliza processos transcorridos na *London's Central Criminal Court*, de 1674 a 1913. Embora o gênero não tenha sido inicialmente escolhido para a constituição dos *corpora*, sua incorporação ao *corpus* do inglês se mostrou não apenas uma forma de compensar a ausência de dois dos gêneros escolhidos, mas uma oportunidade de nos aproximar do modo de enunciação falado do inglês mesmo em épocas mais passadas da língua. Isso porque os processos registram todo o discurso produzido no tribunal, incluindo as falas dos diferentes integrantes. Conforme lemos na descrição do projeto:

(...) the verbatim passages are arguably as near as we can get to the spoken word of the period. The material thus offers the rare opportunity of analyzing spoken language in a period that has been neglected both with regard to the compilation of primary linguistic data and the description of the structure, variability, and change of English⁴⁶ (HUBER, M.; NISSEL, M.; MAIWALD, P.; WIDLITZKI, B, 2012).

Um último aspecto de distinção entre os *corpora* é a incorporação às aulas universitárias do inglês de outros tipos de textos também produzidos em contextos universitários – seminários e sessões de discussão –, pelo fato de terem se mostrado muito favoráveis aos usos não temporais de *now*.

⁴⁵ Não presentes apenas na última sincronia, por não termos encontrado materiais disponíveis, o que pode ser decorrente da própria mudança nos meios de comunicação utilizados pelas pessoas com a revolução tecnológica.

⁴⁶ “Os trechos literais provavelmente mostram a maior proximidade que podemos alcançar da enunciação falada do período. O material, portanto, oferece a rara oportunidade de analisar a língua falada em um período que foi negligenciado tanto em relação à compilação de dados linguísticos primários quanto em relação à descrição da estrutura, da variação e da mudança do inglês”.

Nos Quadros 01 e 02, abaixo, apresentamos as bases de dados eletrônicas das quais extraímos os materiais.

Quadro 01. Bancos de dados do português

BDPT	Biblioteca Digital de Peças Teatrais http://www.bdteatro.ufu.br/
GPD	Grupo de Pesquisas em Dramaturgia http://www.fclar.unesp.br/#!/pesquisa/grupos-de-pesquisa/dramaturgia-gpd/o-judeu/
PHPP	Projeto História do Português Paulista http://phpp.fflch.usp.br/corpus
PHPB	Projeto para a História do Português Brasileiro https://sites.google.com/site/corporaphpb/home
BBGJM	Biblioteca Digital Brasileira Guita e José Mindlin http://www.bbm.usp.br
CHPTB	<i>Corpus</i> Histórico do Português Tycho Brahe http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/index.html
VARPORT	Projeto Análise Contrastiva de Variedades do Português http://www.letras.ufrj.br/varport/
CDMA	Coleção Digital Machado de Assis http://machado.mec.gov.br/
CE-DOHS	<i>Corpus</i> Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão http://www.tycho.iel.unicamp.br/cedohs/corpora.html
OTE	Oficina de Teatro http://oficinadeteatro.com/
TPT	Teatro para Todos http://www.teatroparatodosufsj.com.br/
NURC	Projeto Norma Linguística Urbana Culta http://www.letras.ufrj.br/nurc-rj/
PEUL	Programa de Estudos sobre o Uso da Língua http://www.letras.ufrj.br/peul/
ALIP	Amostra Linguística do Interior Paulista (Banco de dados IBORUNA) http://www.iboruna.ibilce.unesp.br/index.php
GCL	Grupo Companhia das Letras https://www.companhiadasletras.com.br/
PPP	Projeto PorPopular (Padrões do Português Popular Escrito) http://www.ufrgs.br/textecc/porlexbras/porpopular/index.php

Quadro 02. Bancos de dados do inglês

OTA	The Oxford Text Archive https://ota.ox.ac.uk/
PL	Penn Libraries digital.library.upenn.edu/
PG	Project Gutenberg http://www.gutenberg.org/
IA	Internet Archive https://archive.org/
POB	The Proceedings of the Old Bailey Lond's Central Criminal Court, 1674 to 1913 https://www.oldbaileyonline.org//
TNP	The Newton Project http://www.newtonproject.ox.ac.uk/
RRBP	From Revolution to Reconstruction and beyond' Project http://www.let.rug.nl/usa/
CLO	The Carlyle Letters Online http://carlyleletters.dukeupress.edu/
MICASE	The Michigan Corpus of Academic Spoken English https://quod.lib.umich.edu/cgi/c/corpus/corpus?page=home;c=micase;cc=micase
BSC	The Buckeye Speech Corpus http://buckeyecorpus.osu.edu/

No interior de cada *corpus*, além da quantidade similar de palavras entre as sincronias, buscamos também uma distribuição equilibrada entre os diferentes tipos de texto no interior de cada uma. É exceção apenas a última sincronia em ambos os *corpora*. Para obter uma quantidade razoável de ocorrências contrastivas (que, conforme os capítulos de análise, se mostraram frequentes apenas nas últimas sincronias, em ambas as línguas), optamos por coletar maior quantidade dos textos que se mostraram favorecedores desses usos⁴⁷ e reduzir, conseqüentemente, a quantidade dos demais. Isso implicou, para o *corpus* representativo do XX-2/XXI, tanto no português quanto no inglês, uma redistribuição interna em termos do número de palavras coletado para cada gênero. No interior das demais sincronias, esse número é similar para todos os gêneros.

Embora essa reorganização nos *corpora* de XX-2/XXI tenha sido necessária para a obtenção de uma quantidade razoável dos usos contrastivos, reconhecemos que ela tem reflexos para os resultados, podendo comprometer afirmações baseadas na maior frequência dos contextos

⁴⁷ Esses gêneros são peças teatrais, aulas universitárias, entrevistas orais e inquéritos, no português, e peças teatrais, aulas universitárias, seminários e sessões de discussão, no inglês.

alvo nas últimas sincronias de análise. Em função dessa e de outras limitações do *corpus*, colocamos o exame qualitativo dos contextos como a principal via de análise do trabalho. Na medida do possível, levantaremos hipóteses com base na frequência de uso, mas reduziremos, no momento das discussões, o potencial explicativo de algumas delas, sobretudo daquelas relacionadas às últimas sincronias nas duas línguas e ao XVIII-2, no português.

Os Quadros 03 e 04 mostram a constituição do *corpus* do português e do inglês, respectivamente.

Quadro 03. *Corpus* do português

Gênero	Sincronias					
	XVIII-1	XVIII-2	XIX-1	XIX-2	XX-1	XX-2/XXI
Peças teatrais	<p>BDPT <i>Vida de Esopo</i>, de Antonio José da Silva</p> <p>GPD <i>Dom Quixote Encantos de Medeia Guerras de alecrim e mangerona Anfitrião Precipício</i> (Todas de Antonio José da Silva)</p>		<p>BDPT <i>Os três médicos O caixeiro da taverna As desgraças de uma criança Ingles maquinista O juiz de paz na roça O noviço Os ciumes de um pedestre Quem casa, quer casa</i> (Todas de Martins Pena)</p> <p><i>A moreninha</i>, de Joaquim Manoel de Macedo</p>	<p>BDPT <i>Como se fazia um deputado Caiu o ministério</i> (Ambas de França Junior)</p> <p>CDMA <i>Não consultes médico O caminho da porta O protocolo Quase ministro</i> (Todas de Machado de Assis)</p> <p>CHPTB <i>Maria, ou a menina roubada</i>, de Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa</p>	<p>PHPP <i>As noivas</i>, de Paulo Gonçalves</p> <p>TPT <i>Quebranto O dinheiro</i> (Ambas de Coelho Neto) <i>A descoberta da América</i>, de Armando Gonzaga</p> <p>OTE <i>A mulher sem pecado O anjo negro Senhora dos afogados</i> (Todas de Nelson Rodrigues)</p>	<p>BDPT <i>Crime sem castigo</i>, de Roberto Athayde</p> <p><i>O mendigo e o magnata</i>, de Rutinaldo Miranda Batista Junior</p> <p><i>Professor João</i>, de José Benedito de Almeida Júnior</p> <p><i>Rafameia</i>, de Gilvan de Brito</p> <p><i>Perfidia</i>, de Aziz Bajur</p> <p><i>A centelha</i>, de Abdon Milanez</p> <p>TPT <i>O berço do heroi O rei de Ramos</i> (Ambas de Dias Gomes)</p>
Romances			<p>BBGJM <i>O capitão Silvestre e Fr. Velloso; ou, A plantação de café no Rio de Janeiro:</i></p>	<p>BBGJM <i>Acayaca</i>, de Felício dos Santos</p> <p><i>Iracema</i>, de José de Alencar</p>	<p>BBGJM <i>Numa e a nymphá</i>, de Lima Barreto</p>	<p>GCL <i>A hora dos ruminantes</i>, de José J. Veiga</p>

			<i>romance brasileiro, de Luiz da Silva Alves Suzano</i>			
Cartas	<p>PHPP Cartas oficiais: Militares e Capitão Mór de São Sebastião e Vila Bela</p> <p>PHPB Cartas de aldeamentos de índios</p>	<p>PHPB Cartas particulares de José de Oliveira a Manoel de Oliveira</p> <p>Cartas de mercadores portugueses (cartas de comércio)</p> <p>Cartas oficiais da Paraíba</p> <p>Cartas oficiais de Pernambuco</p> <p>Cartas oficiais do Rio Grande do Norte</p> <p>Cartas oficiais da Bahia</p> <p>PHPP Cartas de aldeamentos de índios</p>	<p>PHPB Correspondência passiva de José Bonifácio de Andrada e Silva</p> <p>PHPP Cartas de leitores e redatores</p> <p>PHPB Cartas de leitores SC</p> <p>Cartas de leitores CE</p> <p>Cartas de leitores MG</p> <p>Cartas de redatores BA</p> <p>Cartas de redatores PE</p> <p>Cartas de redatores MG</p> <p>Cartas de leitores PE</p> <p>Cartas de redatores PE</p>	<p>CHPTB Cartas Brasileiras: um estudo lingüístico-filológico. Tese de doutorado.</p> <p>PHPP Cartas de leitor</p> <p>Cartas de redatores</p> <p>PHPB Cartas de leitores PB</p> <p>Cartas de redatores PE</p> <p>Cartas de redatores PE</p> <p>Cartas de redatores PR</p> <p>Cartas de redatores BA</p> <p>Cartas de leitores BA</p> <p>Cartas particulares BA</p> <p>Cartas de leitores SC</p>	<p>CE-DOHS Cartas baianas</p> <p>PHPB Cartas particulares BA</p> <p>Cartas de redatores BA</p> <p>Cartas particulares BA</p> <p>Cartas de amor BA</p> <p>Cartas de leitor RN</p> <p>Cartas de redator RN</p> <p>PHPP Cartas Familiares: em torno de Washington Luís</p>	<p>CE-DOHS Correspondências amigas: o acervo de Valente</p> <p>PHPB Cartas de leitores RJ</p> <p>Cartas de leitores SC</p>
Notícias			<p>CHPTB Jornais da Bahia (1833-1850)</p> <p>PHPB Diário do Rio de Janeiro</p> <p>VARPORT Jornais diversos</p>	<p>CHPTB Jornais da Bahia (1898-1900)</p> <p>PHPP Corpus de jornais paulistas dos séculos XIX e XX: contribuição para o Projeto</p>	<p>CHPTB Jornais da Bahia (1945-1948)</p> <p>VARPORT Jornais diversos</p>	<p>PPP Diário Gaúcho</p> <p>VARPORT Jornais diversos</p>

				de História do Português Paulista [notícias]		
				VARPORT Jornais diversos		
Aulas universitárias						<p>NURC Aula de administração sobre organização e métodos</p> <p>Aula de química para o terceiro científico</p>
Entrevistas orais						<p>PHPP Lima-Hernandes et. al. (2012) A Língua Portuguesa falada em São Paulo: amostra da variedade culta do século XXI.</p>
Inquéritos						<p>ALIP Inquéritos da Amostra Censo</p> <p>NURC Diálogos entre informante e documentador</p> <p>PEUL Inquéritos da Amostra Censo de 1980</p>

Os textos que complementam o conjunto de cartas do XVIII-2 são apresentados abaixo.

BARBOSA, D. C. Descrição da grandiosa quinta dos senhores de Bellas, e notícia do seu melhoramento, oferecida à ilustríssima, e excelentíssima senhora D. Maria Rita de Castello Branco Correa e Cunha, condeça de Pombeiro, e senhora de Bellas. (Banco de dados: BBGJM)

BARBOSA, D. C. Almanak das musas, oferecido ao gênio português. (Banco de dados: BBGJM)

BARBOSA, D. C. Viola de Lerenó: coleção das suas antigas, oferecidas aos seus amigos. (Banco de dados: BBGJM)

BARROS, J. B. Relação panegírica das honras funerárias. (Banco de dados: BBGJM)

COSTA, Renata Ferreira (2007). Edição semidiplomática de Memória Histórica da Capitania de São Paulo e todos os seus Memoráveis Sucessos desde o anno de 1531 até o presente de 1796, de Manuel Cardoso de Abreu. (Banco de dados: PHPP)

COSTA, C. M. Obras poéticas de Glauceste Satúrnio. (Banco de dados: BBGJM)

GONZAGA, T. A. Cartas chilenas. (Banco de dados: A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>)

VELOSO, J. M. C. Coleção de memórias inglesas sobre a cultura e comércio do linho canamo tiradas de diferentes autores que devem entrar no quinto tomo do Fazendeiro do Brasil. (Banco de dados: BBGJM)

VELOSO, J. M. C. Alografia dos alkalis fixos vegetal ou potassa, mineral ou soda e dos seus nitratos, segundo as melhores memórias estrangeiras que se tem escrito a este assunto. (Banco de dados: BBGJM)

Quadro 04. *Corpus* do inglês

Gênero	Sincronias							
	XVII-1	XVII-2	XVIII-1	XVIII-2	XIX-1	XIX-2	XX-1	XX-2/XXI
Peças teatrais	<p>OTA <i>The winter's tale</i></p> <p><i>The tragedie of Troylus and Cressida</i> <i>The tempest</i> (Todas de William Shakespeare)</p> <p><i>Volpone</i>, de Ben Jonson</p>	<p>PL <i>Convent of pleasure</i>, de Margaret Cavendish</p> <p>OTA <i>The country-wife</i>, de William Wycherley</p> <p>PG <i>All for love, or The world well lost</i>, de John Dryden</p>	<p>OTA <i>The Beggar's Opera</i>, de John Gay</p> <p><i>Silvia, or The country burial</i></p> <p><i>Marina: a play of three acts</i> (Ambas de George Lillo)</p>	<p>OTA <i>Plays of three acts: written for a private theatre</i>, de William Hayley</p> <p><i>The man of ten thousand</i>, de William Shakespeare</p>	<p>IA <i>Zaploya: a Christmas Tale</i>, de Samuel Taylor Coleridge</p> <p><i>Alfonso, King of Castile: a tragedy in five acts</i>, de Matthew Gregory Lewis</p>	<p>IA <i>The Colleen Bawn, or The brides of Garryowen</i>. A domestic drama in three acts, de Dion Boucicault</p> <p><i>Cesar and Cleopatra</i>, de George Bernard Shaw</p>	<p>IA <i>Death of a salesman</i>, de Arthur Miller</p> <p><i>Pygmalion</i>, de George Bernard Shaw</p>	<p>IA <i>Consequences</i>, de Paul Howard Surridge</p> <p><i>Breathe</i>, de Arcadia Ewell</p> <p><i>Not for coffee: a play in one act</i>, de Charles McWittig</p> <p><i>Philosophy on Trial</i>, de Jeff Fraser</p> <p><i>Justice of love</i>, de Nicolas Senchak</p>
Processos criminais		<p>POB Processos de 1674, 1675, 1676, 1677, 1678</p>	<p>POB Processos de 1730, 1731, 1740</p>	<p>POB Processos de 1760, 1762, 1787</p>	<p>POB Processos de 1820</p>	<p>POB Processos de 1870, 1885</p>	<p>POB Processos de 1910</p>	

Cartas	OTA The letters of Joan and Maria Thynne The letters of Dorothy Moore	OTA The Letters of Dorothy Moore TNP Letters of Isaac Newton	OTA Letters by Benjamin Franklin English Letters of the 18th century ⁴⁸	OTA Letters by Benjamin Franklin RRBP Letters of Thomas Jefferson	CLO Letters of Thomas and Jane Welsh Carlyle (de 1830 a 1838)	CLO Letters of Thomas and Jane Welsh Carlyle (de 1852 a 1863) IA Letters of Henry James	IA Letters of Ezra Pound	
Aulas universitárias, seminários e seções de discussão								MICASE Historical linguistics lecture History Review Discussion Section Intro to American Politics Discussion Section Principles in Sociology Lecture Professional Mechanical Engineering Seminar Rehabilitation Engineering and Technology Student Presentations

⁴⁸Apenas no XVIII-1, foram utilizadas cartas disponíveis em meio impresso, pelo fato de a quantidade acessível nas bases eletrônicas não ter sido suficiente para a constituição do conjunto de textos dessa sincronia. O material impresso utilizado foi AITKEN, J. (ed.) *English Letters of the XVIII Century*. London: Penguin, 1946.

								Visual Sources Lecture
Entrevistas								MICASE Interview with Botanist
Inquéritos								BSC Arquivos referentes aos falantes de 01 a 07

3.2. Procedimentos Metodológicos

A partir dos *corpora* constituídos, extraímos todas as ocorrências de *agora* e *now* fornecidas pelo conjunto de textos de cada sincronia, por meio de ferramentas de busca do Microsoft Word. Obtivemos um total de 4.222 ocorrências, 1.757 ocorrências de *agora* e 2.465 ocorrências de *now*. As tabelas abaixo mostram o número de palavras coletado para cada sincronia e a distribuição das ocorrências ao longo do tempo. Todos os procedimentos descritos nesta seção foram aplicados primeiramente aos dados de *agora* e posteriormente aos dados de *now*.

Tabela 01. Número de ocorrências de *agora* por número de palavras

	XVIII-1	XVIII-2	XIX-1	XIX-2	XX-1	XX-2/XXI
Nº de palavras	204.015	204.380	208.540	203.945	208.925	209.830
Nº de ocorrências	279	232	217	210	345	474

Tabela 02. Número de ocorrências de *now* por número de palavras

	XVII-1	XVII-2	XVIII-1	XVIII-2	XIX-1	XIX-2	XX-1	XX-2/XXI
Nº de palavras	148.620	150.700	150.540	150.220	149.630	150.210	150.350	150.790
Nº de ocorrências	489	300	268	219	304	255	238	392

Assumindo que diferentes estágios evolutivos da mudança são refletidos nos diferentes contextos que moldam a história das construções (TRAUGOTT; DASHER, 2004; HEINE, 2002),

a análise dos dados buscou identificar e caracterizar os diferentes *tipos contextuais* que *agora* e *now* integram ao longo do tempo. À luz do modelo da IITSC (cf. Capítulo 02), que defende a polissemia como base para a mudança, o objetivo principal da análise foi encontrar, dentre os tipos contextuais que constituem a história de *agora* e *now*, aqueles que favorecem a polissemia entre significado fonte e significado alvo, para, com isso, reunir evidências do desenvolvimento gradual das mudanças.

Assim, sendo os contextos o eixo central da análise, tomamos por base propostas que sustentam a correlação entre estágios evolutivos e arranjos contextuais e que, indo ao encontro da IITSC, também atribuem papel primordial à polissemia no processo de mudança. Tendo em vista que explicações de fenômenos de mudança são sempre interpretações, e não resultado de uma apreensão direta, dos fatos, essas propostas representam uma ferramenta metodológica importante, ao viabilizarem a operacionalização dos estágios graduais de desenvolvimento.

Uma das propostas é desenvolvida por Heine (2002). Argumentando que a variação contextual de formas em mudança constitui um recurso eficaz para a reconstrução dos estágios intermediários que caracterizam a passagem de uma construção A para uma construção B, o autor propõe um modelo que contempla quatro estágios de desenvolvimento, cada um associado a um tipo contextual específico. O primeiro estágio corresponde aos contextos de uso que a forma originalmente constitui, estando presente apenas o significado fonte. A mudança tem início em contextos que alimentam inferências de um novo significado (o significado alvo), que passa a coexistir com o significado fonte, mas tem estatuto ainda pragmático. Tais contextos, denominados pelo autor *bridging*, são os contextos de polissemia, nos quais, conforme a proposta de Heine, o significado fonte ainda predomina e não pode ser descartado, mas a adição de inferências do novo significado é o que abre o caminho para a mudança. No modelo da IITSC, o estágio correspondente aos contextos *bridging* equivale ao estágio de pragmatização (cf. Capítulo 02).

O autor ressalta que, ao longo do processo de mudança, uma forma linguística pode se associar a diferentes tipos de contextos *bridging*. As mudanças aqui investigadas mostram essa diversidade de contextos polissêmicos, e, conforme discutimos nos capítulos de análise, ela parece refletir a própria gradualidade das alterações de forma e significado.

Conforme argumenta Heine, embora representem um estágio indispensável para a mudança, no sentido de que, se um processo de mudança ocorreu, houve um estágio de polissemia, os contextos *bridging* não necessariamente dão origem a novas formas gramaticais. Se, entretanto,

o significado alvo passa do estatuto de pragmático para o de codificado, esse trânsito é precedido, na proposta do autor, por contextos em que o significado fonte já está obscurecido e o significado alvo é o que está em primeiro plano. Trata-se dos contextos *switch*, que se caracterizam pela impossibilidade de uma interpretação em termos do significado fonte, pelo fato de serem incompatíveis com alguma propriedade típica de tal significado.

Apesar de, nos contextos *switch*, o significado alvo já figurar em primeiro plano, ele ainda depende do suporte dos traços contextuais que lhe deram origem. Quando se desprende de tais traços, a mudança chega ao estágio de convencionalização, que é marcado, segundo Heine, por uma ampliação dos contextos de uso em que a forma pode ser utilizada. Esse corresponde, na IITSC, ao estágio de semantização. No quadro abaixo, reproduzimos o esquema apresentado por Heine com a sistematização dos quatro estágios.

Quadro 05. O modelo de Heine (2002)

Estágio	Contexto	Significado
I. Estágio inicial	Não restrito	Significado fonte
II. Contexto <i>Bridging</i>	Um contexto específico leva à emergência de uma inferência em favor de um novo significado	Significado alvo torna-se saliente
III. Contexto <i>Switch</i>	Um novo contexto surge, incompatível com o significado fonte	Significado fonte passa para segundo plano
IV. Convencionalização	O significado alvo se desprende dos suportes contextuais; se estende para novos contextos	Somente o significado alvo

Heine destaca que não há discretude entre as quatro etapas e concebe a distinção entre elas como uma estratégia de simplificação dos fatos para a apreensão das mudanças.

Diewald (2002) também postula um modelo de mudança baseado na correlação entre estágios e contextos. O modelo da autora é muito similar ao de Heine (2002), mas propõe um desdobramento dentre os contextos de polissemia, distinguindo contextos em que a polissemia envolve apenas propriedades de significado de contextos em que a polissemia se estende para o domínio morfossintático. A diversidade de contextos polissêmicos apresentada pelas trajetórias aqui investigadas exhibe essa distinção, que se revelou um recurso produtivo para a identificação de

estágios graduais de mudança. Isso porque, na medida em que estamos lidando com instâncias de gramaticalização, contextos em que tanto propriedades de forma quanto de significado dos novos usos estão presentes representam contextos mais próximos dos contextos-alvo prototípicos, pois fornecem um conjunto ainda maior de condições para a reanálise de forma e significado.

Conforme mostramos nos capítulos de análise, os contextos em que propriedades de forma se somam a propriedades de significado aparecem, em algumas das trajetórias, já nas primeiras sincronias, que representam estágios iniciais das mudanças. Assim, esses contextos foram assumidos como estágios mais avançados não porque típicos de estágios mais tardios (cronologicamente) das mudanças (embora, em algumas trajetórias, isso tenha sido observado), mas porque tornam mais salientes tanto o novo significado quanto a nova função morfosintática, e, portanto, sua presença em qualquer período da mudança é significativa.

Na proposta de Diewald (2002), a mudança tem início nos contextos *untypical*, contextos em que a forma em mudança não era utilizada antes. Nessa etapa, o novo significado emerge como uma implicatura conversacional. A um segundo estágio da mudança, Diewald associa os contextos *critical*, que se caracterizam por ambiguidades tanto semânticas quanto estruturais reunidas em um mesmo contexto. A autora defende que esse é o estágio em que o processo de gramaticalização é de fato disparado. O terceiro e último estágio da mudança é marcado, segundo a autora, pela separação dos dois significados (fonte e alvo), a partir do desenvolvimento dos contextos *isolating*, contextos linguísticos específicos que favorecem uma interpretação e excluem a outra. Trata-se de um processo de especialização, em que significado fonte e alvo são concebidos como significados independentes associados a diferentes contextos de uso. Quando ocorre a especialização contextual, se tem, conforme a autora, a consolidação ou completude do processo de gramaticalização. O Quadro 06 busca esquematizar a proposta de Diewald.

Quadro 06. O modelo de Diewald (2002)

Etapas	Contexto	Significado
I	<i>Untypical</i>	Significado alvo emerge como uma implicatura conversacional; ambiguidade semântica
II	<i>Critical</i>	Ambiguidade semântica e estrutural
III	<i>Isolating</i>	Significados fonte e alvo tornam-se independentes; especialização contextual

As diferenças que existem entre os dois modelos, especialmente em relação aos estágios de polissemia (equivalentes aos contextos *untypical* e *critical* na proposta de Diewald e aos contextos *bridging*, na de Heine), podem ser resultantes do fato de que cada modelo se baseia em diferentes fenômenos de mudança⁴⁹. Sendo a mudança um domínio de possibilidades, cada instância se desenvolve com suas próprias particularidades, e os tipos de contextos polissêmicos que condicionam as mudanças certamente variam de fenômeno para fenômeno. O que é comum, e central, nos mais variados fenômenos de mudança, de acordo com o que os estudos no campo têm mostrado, são os estágios de polissemia, em algum momento do processo. A polissemia é o principal aspecto que aproxima os dois modelos e que evidencia a relevância de ambos para este trabalho.

Além dos estágios de polissemia, ambos os modelos assumem que tais estágios são precedidos por contextos em que apenas o significado alvo está presente e seguidos por contextos que validam apenas uma interpretação em termos do significado alvo. Mauri e Ramat (2012), investigando o desenvolvimento de conectivos contrastivos do italiano, operacionalizam a apreensão das mudanças a partir desses três tipos contextuais básicos que podem ser depreendidos das propostas de Heine e Diewald. A análise das autoras é conduzida à luz de um critério semântico principal: a (in)compatibilidade do contexto em análise com o significado original, de um lado, e com o significado alvo, de outro (MAURI; RAMAT, 2012, p. 03). A aplicação do critério às ocorrências em cada caso de mudança que investigam resulta na associação de cada ocorrência com um dos três tipos contextuais: contextos incompatíveis com o significado alvo, contextos de dupla compatibilidade (compatíveis tanto com o significado fonte quanto com o significado alvo) e contextos incompatíveis com o significado fonte. Cada tipo contextual é também caracterizado em termos de propriedades morfossintáticas, mas o parâmetro que define o papel de cada contexto em análise na mudança é o semântico-pragmático.

Como já mencionado, nas instâncias de mudança aqui investigadas, se mostrou relevante a distinção entre contextos que exibem condições semântico-pragmáticas para a mudança e contextos em que a essas condições se somam condições morfossintáticas. Apesar de assumirmos que os últimos são contextos que favorecem ainda mais a reanálise, os contextos em que apenas nuances do novo significado estão presentes já representam estágios importantes da mudança, na medida

⁴⁹ Diewald investiga a gramaticalização de verbos modais do alemão, e Heine, a gramaticalização de pronomes e conjunções.

em que há arranjos contextuais não favoráveis a nenhuma inferência do significado alvo. Assim, seguindo Mauri e Ramat (2012), elegemos o critério semântico como o parâmetro principal das análises. Com base nesse critério, e nos três tipos contextuais básicos que subjazem as propostas de Heine e Diewald, a análise das ocorrências buscou identificar no percurso histórico de *agora* e *now* os seguintes tipos contextuais: *tempo*, contextos em que apenas os significados temporais de *agora* e *now* estão disponíveis, *tempo/contraste* ou *tempo/transição* (a depender da trajetória), contextos em que os significados temporais são enriquecidos por significados contrastivos ou pelo valor de transição, seja a combinação entre tempo e contraste ou tempo e transição acompanhada ou não por traços estruturais que permitam associar *agora* e *now* às novas funções morfossintáticas, *contraste* ou *transição*, contextos em que apenas os novos significados são possíveis, estando obscurecidos os significados temporais.

A identificação e caracterização dos tipos contextuais se fundamentou na associação dos diferentes padrões semântico-pragmáticos a propriedades morfossintáticas. Além da análise qualitativa das construções, foram também explorados aspectos quantitativos que se mostraram relevantes ao longo da pesquisa. Componente fundamental das análises, do ponto de vista quantitativo, foi a frequência longitudinal dos diferentes tipos contextuais. O papel relevante da frequência de uso nos estudos de mudança se deve, dentre outros fatores, à possibilidade de levantar pistas sobre os estágios de generalização das inferências dos novos significados (BYBEE, 2003; TRAUGOTT; DASHER, 2004; MAURI; RAMAT, 2012; LONGHIN 2016a, 2016b). Mauri e Ramat (2012) identificam em seus dados evidências quantitativas de uma correlação entre o aumento dos contextos de polissemia e o processamento da reanálise de forma e significado. Segundo as autoras, esse aumento parece constituir um pré-requisito para a reinterpretação.

Tanto na análise dos contextos com *agora* quanto dos contextos com *now*, identificamos outros padrões de uso, que, por não mostrarem uma relação direta com as trajetórias investigadas, fogem aos objetivos deste trabalho. Por esse motivo, tais padrões foram excluídos das análises, embora tenhamos buscado identificar suas propriedades mais gerais. No capítulo 06, exemplificamos e discutimos brevemente esses padrões.

Para ambas as línguas, iniciamos a análise dos tipos contextuais a partir da última sincronia (XX-2/XXI), com o objetivo de identificar e caracterizar os contextos-alvo, em termos de significado e morfossintaxe. Esse procedimento tem um peso importante para as análises, uma vez que a identificação das propriedades prototípicas dos novos contextos possibilita o levantamento

de critérios relevantes para o exame dos contextos de polissemia. Ao longo do tempo, os contextos atravessam contínuas reconfigurações até chegarem aos contextos alvo. A partir dos traços que são típicos a tais contextos, é possível “mensurar” o avanço das mudanças no tempo, por meio da identificação dos contextos mais e menos próximos dos contextos alvo.

O início das análises a partir das últimas sincronias também possibilitou o levantamento de hipóteses iniciais sobre as mudanças com base no quadro de polissemias que caracteriza os usos de *agora* e *now* no presente, admitindo o princípio do uniformitarismo (LABOV, 1972), que permite assumir que a variação observada no presente pode refletir relações de derivação transcorridas no passado.

Analisados os contextos das últimas sincronias, recuamos às primeiras e conduzimos a análise longitudinal das construções. Todos os contextos foram subclassificados em termos de nuances de sentido mais específicas. Os contextos associados ao padrão semântico *tempo* foram subclassificados em: *simultaneidade*, *posterioridade* (imediate) e *anterioridade* (imediate), valores que foram encontrados tanto nos usos de temporais de *agora* quanto nos de *now*. A caracterização dos valores de tempo veiculados por *agora* e *now* nos contextos exclusivamente temporais é relevante para distingui-los do(s) tipo(s) de significado temporal que dispara(m) as mudanças.

Os contextos associados ao padrão *contraste*, por sua vez, foram subclassificados a partir das diferentes manobras contrastivas de que *agora* e *now* participam: *oposição semântica* ou *quebra de expectativa*. De modo similar, os contextos de *transição* foram subclassificados conforme as diferentes manobras de organização tópica em que *agora* e *now* estão envolvidos, de acordo com os dados: *abertura de tópico* ou *transição para subtópico*.

No caso de *tempo/contraste*, buscamos identificar a nuance contrastiva que o contexto permite inferir: *oposição semântica* ou *quebra de expectativa*. Para *tempo/transição*, como grande parte dos contextos que exibem essa polissemia ainda não mostram uma transição textual (o que permitiria a subclassificação em termos de diferentes manobras textuais, como procedemos para os contextos de transição prototípicos), mas uma transição referencial (cf. Capítulos 06 e 07), que constitui, em nossa análise, justamente o início das mudanças, a subclassificação se deu em termos de *transição referencial* ou *transição referencial/textual*.

Após a análise longitudinal de todos os tipos contextuais, retomamos os contextos de polissemia, por constituírem o interesse central da investigação, para a aplicação de critérios mais específicos que permitissem a apreensão do desenvolvimento gradual das mudanças no domínio

contextual, à luz dos contextos mais e menos próximos dos contextos alvo. Além dos critérios definidos a partir da caracterização dos contextos alvo (na primeira etapa da análise), também mobilizamos critérios que já se mostraram relevantes em trabalhos voltados a fenômenos de mudança similares aos aqui investigados⁵⁰. Essa segunda análise dos contextos polissêmicos resultou na distinção de diferentes tipos, ou “graus”, de polissemia, descritos nos capítulos de análise.

O cumprimento dos objetivos do trabalho (cf. Introdução) implica um exame comparativo dos resultados das análises conduzidas individualmente para as construções de cada língua. Assim, na etapa final da investigação, a análise dos resultados esteve orientada principalmente às seguintes questões:

- (i) quais as semelhanças e diferenças entre os contextos que motivaram as trajetórias de tempo a contraste e as trajetórias de tempo a transição?
- (ii) à luz das semelhanças e diferenças identificadas, que regularidades de mudança podem ser extraídas?
- (iii) por trás das regularidades, depreendidas no viés contextual, domínio das associações metonímicas, quais associações cognitivas, de natureza metafórica, possibilitam o desenvolvimento de trajetórias de mudança similares nas duas línguas?

⁵⁰ Dada a variação desses critérios dentre as diferentes trajetórias, eles serão apresentados nos capítulos direcionados a cada uma.

4. As origens e os frutos da mudança

Este capítulo tem o objetivo de fornecer um panorama dos usos de *agora* e *now* antes e depois das mudanças, para, nos capítulos seguintes, traçar seu desenvolvimento gradual. A primeira seção se volta para as origens, apresentando a etimologia dos itens e seus usos temporais, ao passo que a segunda e a terceira seções focalizam os novos usos, caracterizando, respectivamente, os contextos de contraste e os contextos de transição.

4.1. Etimologia de *agora* e *now* e seus usos temporais

De acordo com as gramáticas e dicionários etimológicos consultados⁵¹, *agora* deriva do sintagma nominal *hac hora*, do latim, equivalente a *nesta hora*. *Hac* era pronome demonstrativo conjugado no feminino para concordar com o substantivo *hora*.

A etimologia de *agora* mostra que o próprio ponto de partida para um conjunto de mudanças no português é também resultado de mudança, cuja origem parece ter uma carga semântica ainda mais dêitica do que o significado resultante. O sintagma de que *agora* deriva também veicula significado temporal, mas admitimos que o valor dêitico de *hac hora* é ainda mais acentuado do que o de *agora* pelo fato de o sintagma contar com uma forma autônoma (*hac*) que tem uma função explícita de apontamento. Com a junção de *hac* + *hora* em *agora*, *hac* (*ag-*) não é mais lido de forma composicional, perdendo o valor demonstrativo. A forma única derivada, *agora*, também expressa dêixis temporal, mas esse significado é, em nosso entendimento, menos explícito do que era no sintagma latino. Nessa perspectiva, a fonte histórica dos usos adverbiais de *agora* no português é também adverbial, mas, para nós, é constituída de uma semântica mais lexical, porque mais referencial, do que a semântica temporal de *agora*.

A origem de *now*, por sua vez, conforme os dicionários consultados⁵², está em *nu*, que foi a forma primeira de *now* em inglês. *Nu* deriva de *nunc*, do latim, e é referida pelos dicionários examinados como uma base comum entre várias línguas indo-europeias, justamente por sua origem no latim. Dentre as formas cognatas de *nu* nas línguas referidas pelos dicionários, encontram-se

⁵¹ As seguintes gramáticas e dicionários etimológicos do português foram consultados: Nunes (1956), Ali (1964), Nascentes (1966), Gonçalves (1966), Coutinho (1971) e Cunha (1982).

⁵² Foram consultados Skeat (2005), o English Oxford Dictionary (disponível em <<https://en.oxforddictionaries.com/>>) e o Online Etymology Dictionary (disponível em <<https://www.etymonline.com/>>).

algumas pequenas variações de forma, mas, ainda assim, é grande a semelhança entre elas, e todas exprimem o significado de *nesse momento*: *nu*, em holandês, sânscrito, gótico, *nun*, em alemão e grego, *nuram*, no persa antigo.

Tanto o português quanto o inglês são línguas pertencentes à família indo-europeia (FARACO, 2005). Apesar disso, o inglês recrutou a forma latina *nunc*, que já era um advérbio temporal em latim, como o advérbio dêitico por excelência para a expressão de tempo presente. O português, embora também derivado do latim, não recorreu a *nunc*, mas criou uma nova palavra, a partir de um sintagma nominal, para a expressão de dêixis temporal de presente. Assim, é interessante notar que, *agora* e *now* atravessam histórias de mudança muito similares, como este trabalho mostra, apesar de serem provenientes de diferentes fontes.

As diferenças de origem e as similaridades de mudança entre *agora* e *now* parecem corroborar a hipótese de Traugott e Dasher (2004) (cf. Capítulo 02) de que regularidades de mudança podem ser em parte explicadas por similaridades nas estruturas conceituais de diferentes línguas. Embora suas origens no português e no inglês tenham se dado por vias diferentes, *agora* e *now* são ambos os advérbios dêíticos por excelência em suas respectivas línguas para a expressão de tempo presente (ou de outras nuances temporais relacionadas ao presente, como discutimos adiante). É possível supor, à luz da hipótese de Traugott e Dasher (2004), que as estruturas conceituais desse significado sejam similares em português e em inglês e, por suas semelhanças, tenham disparado inferências convidadas similares.

Em seus usos temporais, tanto *agora* como *now* podem veicular três diferentes tipos de relação temporal, todas de alguma forma amparadas no momento da enunciação: relação de *simultaneidade*, em que o tempo do evento expresso na oração que *agora* e *now* integram se sobrepõe ao momento da enunciação; relação de *anterioridade imediata*, em que a forma verbal da oração de que *agora* e *now* participam é pretérita, e os itens estabelecem proximidade entre o evento já ocorrido e o momento da enunciação, de modo que se configura o sentido de passado recente; e relação de *posterioridade imediata*, em que a oração que *agora* e *now* integram se constitui de uma forma verbal de futuro ou de presente com valor de futuro, e o uso dos itens tem o efeito de aproximar o evento futuro do momento da enunciação, instaurando o sentido de futuro próximo.

Do ponto de vista morfossintático, *agora* e *now*, nos usos adverbiais, se caracterizam pela mobilidade sentencial típica da categoria dos advérbios. Segundo nossos dados, podem tanto funcionar como advérbios intra-oracionais quanto como advérbios sentenciais. No primeiro caso,

os itens têm escopo mais restrito, modificando constituintes da oração. No segundo, têm escopo mais amplo, modificando toda a oração. Conforme os capítulos de análise mostram, os usos de *agora* e *now* como advérbios sentenciais parecem estar associados a contextos mais avançados das mudanças, tanto nas trajetórias rumo a contraste quanto nas trajetórias rumo à transição textual. O aumento do escopo estaria relacionado justamente à aquisição de significados e funções adicionais. Apesar disso, os itens ainda têm, em tais contextos, funcionamento adverbial, o que nos leva a incluir sua atuação como advérbios sentenciais no conjunto de características morfossintáticas dos usos temporais.

Os exemplos de (01) a (03) ilustram os usos temporais de *agora* quando expressam, respectivamente, relação de simultaneidade, relação de anterioridade imediata e relação de posterioridade imediata. Os exemplos de (04) a (06) mostram o mesmo para *now*.

(01) Essa fortuna devo estimar para o melhor acerto da nossa correspondência; e, porque **agora** falamos de amor, escuta, Filena, a frase das melhores expressões (PTVE18:1, 08, C1).

(02) Isto me faz desesperar! Tu podes negar o que eu vejo e o que **agora** te ouvi? (PTVE18:1, 01, C1)

(03) Velhaco insolente, tantas me tens feito, que **agora** te mandarei enforcar. (PTVE18:1, 57, C1).

(04) His wife interested me somewhat: in face and in character she reminded me of one who **now** lies beneath the ground (CACL19:1, 172).

A esposa dele me interessou um pouco: pela aparência e pelo caráter ela me lembrou de alguém que agora está debaixo da terra.

(05) Craik and I went as far as the extremity of the Regent's Park; I have dined and had tea, and **now** set to work again (CACL19:1, 301).

Craik e eu fomos até a extremidade do Regent's Park; eu jantei e tomei chá, e agora me sentei para trabalhar novamente.

(06) No: not when a Roman slays an Egyptian. All the world will **now** see how unjust and corrupt Caesar is (PTCC19:2, 109).

Não: não quando um romano mata um egípcio. O mundo todo verá agora o quão injusto e corrupto César é.

4.2. Os contextos de contraste com *agora* e *now*

Em um conjunto de usos não temporais de *agora* e *now*, os itens constituem construções de coordenação contrastiva, nas quais desempenham o papel de sinalizar o contraste entre dois enunciados, explicitando, assim, a junção entre eles. Discutiremos, primeiramente, as concepções de coordenação e de contraste adotadas no trabalho, para, em seguida, caracterizar as construções de junção contrastiva típicas com *agora* e *now*. A análise dessas construções se baseia em 88 e 17 ocorrências de *agora* e *now* juntos, respectivamente. A distribuição longitudinal dessas ocorrências pode ser observada no Capítulo 05.

Assumimos uma perspectiva semântico-pragmática da coordenação oracional, à luz de trabalhos que buscam caracterizá-la com base sobretudo em suas propriedades funcionais e de sentido (MAURI, 2008; RAMAT; MAURI, 2011; PEZATTI; LONGHIN, 2016). Segundo Mauri (2008), relações de coordenação exibem *paralelismo funcional* entre os membros envolvidos, o que implica, na perspectiva da autora, autonomia cognitiva e pragmática dos enunciados vinculados. A noção de autonomia cognitiva é abordada por Mauri (2008) à luz da Gramática Cognitiva de Langacker (1987), que propõe que toda estrutura linguística é composta por um polo semântico e um polo fonológico. O polo semântico se constitui de uma base cognitiva, que consiste no conjunto de conhecimentos indispensáveis para uma dada interpretação (FERRARI, 2016, p. 64), e de um perfil cognitivo, que pode ser compreendido como um recorte conceitual na base cognitiva mais ampla (FERRARI, 2016, p. 63).

Um exemplo, fornecido por Ferrari (2016, p. 64), que permite particularizar cada uma dessas noções é a interpretação de palavras como *tio*, *pai* e *irmão*. As três compartilham a mesma base conceitual (“relações de parentesco”), mas *perfilam* diferentes aspectos dessa mesma base. Segundo Langacker (1987), enunciados coordenados exibem perfis cognitivos autônomos, isto é, cada membro da relação coordenativa perfila um aspecto diferente no âmbito de uma base conceitual comum.

Segundo Cristofaro (2003), Mauri (2008) tenta operacionalizar a noção de perfil cognitivo equiparando-a à noção de *assertividade pragmática*. De acordo com Lambrecht (1994), assertividade se refere àquilo que se espera que o ouvinte passe a conhecer após ouvir o enunciado (LAMBRECHT, 1994, p. 52, apud MAURI, 2008, p. 153). Desse modo, tem assertão pragmática

o conteúdo sentencial que o falante/escrevente de fato intenciona comunicar. Um exemplo fornecido pelo autor está em (07).

(07) I finally met the woman who moved in downstairs (LAMBRECHT, 1994, apud MAURI, 2008, p. 153).
Eu finalmente encontrei a mulher que se mudou para o andar de baixo.

Ao enunciar uma sentença como (07), o que o falante realmente quer comunicar é seu encontro com a mulher, e não a mudança da mulher para o andar inferior. Assim, a sentença *I finally met the woman* apresenta *força assertiva*, que não é encontrada em *who moved in downstairs*, já que essa porção sentencial não tem saliência de um ponto de vista comunicativo.

Na perspectiva de Cristofaro (2003) e Mauri (2008), cada membro de uma relação coordenativa tem sua própria força assertiva, e é nesse sentido que a coordenação, na abordagem das autoras, implica, além de autonomia cognitiva, autonomia pragmática. Mauri (2008) reinterpreta a noção de força assertiva, argumentando que relações coordenativas são estabelecidas não apenas entre orações declarativas, mas também entre ordens e requisições, e que, portanto, é mais apropriado tratar o paralelismo pragmático inerente a essas relações em termos de força ilocucionária, de modo que “what characterizes two coordinate SoAs⁵³, then, is not their assertiveness, but more generally the presence of some illocutionary force, be it declarative, imperative or interrogative”⁵⁴ (MAURI, 2008, p. 155). Seguindo a autora, assumimos que uma construção tem natureza coordenativa se cada enunciado que faz parte da relação se constitui de força ilocucionária própria.

De acordo com Mauri (2008, p. 155), há testes que viabilizam a identificação de força ilocucionária em uma sentença, a partir dos quais é possível extrair evidências mais concretas para se sustentar a autonomia pragmática de dois enunciados relacionados e, conseqüentemente, a existência de relação coordenativa entre eles. No caso de construções declarativas, por exemplo, testes que permitem defender a presença de força ilocucionária são a verificação da possibilidade de a sentença ser negada e a verificação da possibilidade de a sentença ser alvo de uma pergunta de confirmação (*question tag*, no inglês). Conforme exemplo fornecido pela autora, uma construção como *The alarms rang and the burglars fled* (“As sirenes tocaram e os ladrões

⁵³ Estado de coisas, em português.

⁵⁴ O que caracteriza dois EsCos coordenados, então, não é sua assertividade, mas de modo mais geral a presença de alguma força ilocucionária, seja ela declarativa, imperativa ou interrogativa”.

fugiram”) tem natureza coordenativa, pois tanto a sentença *the alarms rang* quanto a sentença *the burglars fled* podem ser alvo de negação e estar no escopo de uma pergunta de confirmação, como se pode observar, respectivamente, em:

(08) It is not the case that the alarms rang and the burglars fled (MAURI, 2008, p. 156).

Ou, como seria mais natural em português:

As sirenes não tocaram e os ladrões não fugiram.

(09) The alarms rang and the burglars fled, didn't they? (idem)

Ou, como seria mais natural em português:

As sirenes tocaram, [não tocaram?/ né?/ certo?] e os ladrões fugiram, [não fugiram?/ né?/ certo?]

Ao focalizar o viés funcional da coordenação, a abordagem de Mauri (2008) viabiliza um tratamento translíngüístico desse tipo de relação. A autora privilegia o viés funcional para se opor à abordagem tradicional que conceitualiza a coordenação de um ponto de vista estritamente morfossintático e que, portanto, é incapaz de abranger esse tipo de relação em um grande conjunto de línguas, já que relações coordenativas podem se realizar de diferentes maneiras no âmbito da morfossintaxe. É justamente a orientação translíngüística dessa abordagem que a torna apropriada para o trabalho, uma vez que investigamos construções de junção atestadas em duas diferentes línguas.

Apesar da autonomia cognitiva e pragmática de enunciados coordenados, há entre eles um forte elo conceitual, que também representa, na perspectiva aqui assumida, um traço inerente a relações de coordenação. De acordo com Lang (1984, p. 70), em que também nos baseamos (parcialmente) para a caracterização das construções contrastivas com *agora* e *now*, do significado de toda uma construção coordenativa é possível extrair uma entidade conceitual que o autor denomina *integrador comum*⁵⁵. Como o próprio nome sugere, essa entidade é compartilhada pelos segmentos em coordenação, conferindo-lhes uma estreita relação de sentido, uma *interdependência semântico-pragmática*.

Além de um integrador comum, que Lang assume como característica das relações de coordenação em geral, o autor defende que especificamente as construções coordenadas

⁵⁵ Lakoff (1971) apresenta uma noção parecida, que denomina *tópico comum*.

contrastivas envolvem uma suposição que, aliada a fatores estruturais, sustenta o contraste. Focalizando a junção contrastiva com *aber/but* (do alemão e do inglês, respectivamente), Lang (2000, p. 247) argumenta que esse tipo de junção se fundamenta em um dispositivo de busca caracterizado por uma relação fonte-alvo. Nessa proposta, o segundo membro da junção constitui a fonte que contém uma indicação de que um alvo de contraste deve ser buscado, o qual se configura como uma suposição que pode ser lida ou inferida a partir do primeiro segmento coordenado.

Para defender o paralelismo funcional das construções juntas com *agora* e *now* e mostrar que são constituídas de um integrador comum, apresentamos, em (10) e (11), exemplos de contextos de contraste com *agora* e *now*, respectivamente.

(10) L1 compensou...acho que foi...me deu uma outra visão de mundo...eu aprendi também o que é um museu...porque eu acho que nós não sabemos o que é um museu...até o dia em que trabalhamos lá dentro...acho que você...sabe?...mesmo frequentando museu essas (posições)...acho que você só conhece o museu no momento em que você começa a trabalhar lá dentro...eu acho que é uma experiência gratificante...**agora** MUITO cansativa...também porque...sabe?... (TFCS20:2/21, C2, 255).

(11) This is an Elsevier journal, fewer people get the Elsevier, uh journals, for one fairly good reason, you know you can, get the Journal of Tribology, if you're a member of A-S-M-E for a hundred and ten bucks. hm? Elsevier journals cost four thousand bucks... a year. **now** you get twice as much paper (UNMI20:2/21, 225).

Esse é um periódico Elsevier, poucas pessoas adquirem os periódicos da Elsevier, uh por uma razão muito justa, você sabe que você pode ter o Journal of Tribology, se você é um membro da A-S-M-E, por cento e dez dólares. hm? Os periódicos da Elsevier custam quatro mil dólares... por ano. agora você tem acesso ao dobro de artigos.

Em (10), o integrador comum pode ser definido como a experiência de trabalho do locutor em um museu. O fato de que os segmentos apresentam diferentes aspectos da mesma experiência é evidência de que exibem paralelismo cognitivo: “perfilam” diferentes aspectos em uma mesma base conceitual. Em (11), a unidade conceitual compartilhada por ambos os enunciados vinculados por *now* se constitui em características do periódico em questão. Em relação a esse mesmo parâmetro, cada segmento “perfila” diferentes características, o que evidencia o paralelismo de ordem cognitiva. O primeiro segmento apresenta uma desvantagem na compra do periódico e o segundo, uma vantagem.

Aplicando às construções as estratégias sugeridas por Mauri (2008) para verificar se enunciados em relação exibem força ilocucionária própria, constata-se que ambas podem ser submetidas aos testes e exibem, portanto, autonomia pragmática. Em (10a) e (11a), abaixo, mostramos que os segmentos vinculados por *agora* e *now* são ambos suscetíveis à negação, e, em (10b) e (11b), mostramos que eles podem ser o alvo de perguntas de confirmação.

(10a) [*Não* é uma experiência gratificante] e [*não* é muito cansativa].

(11a) [Elsevier journals *do not* cost four thousand bucks... a year] and [you *do not* get twice as much paper].

(10b) [É uma experiência gratificante, *não é?*] e [é muito cansativa, *não é?*].

(11b) [Elsevier journals cost four thousand bucks... a year, *don't they?*] and [you get twice as much paper, *don't you?*].

Mauri (2008) identifica contraste como uma das relações básicas no domínio da coordenação, ao lado das relações de combinação e alternância⁵⁶, argumentando que tanto a relação de contraste quanto a de combinação se realizam na dimensão semântica da coocorrência, constituindo-se em relações nas quais os EsCos vinculados são apresentados como partes coexistentes de um quadro unitário⁵⁷, isto é, relações que concebem os EsCos como conjuntamente reais ou irrealis (MAURI, 2008, p. 158-159)⁵⁸.

O que distingue, segundo a autora, ambas as relações e que nos permite apontar mais uma importante característica da coordenação contrastiva é a presença, nesse tipo de relação, da perspectiva do falante/escrevente, que não apenas combina dois EsCos coexistentes, mas estabelece entre eles uma *comparação*, que coloca em destaque suas propriedades conflitantes (MAURI, 2008, p. 160). Dessa forma, a coordenação de natureza contrastiva pode ser compreendida como uma relação em que dois EsCos têm em comum uma mesma entidade conceitual, mas, justamente em relação a ela, são concebidos como divergentes pelos falantes/escreventes.

⁵⁶ Prototipicamente representadas pelos jutores *e* e *ou*, respectivamente.

⁵⁷ O que a autora denomina *quadro unitário* pode ser associado ao *integrador comum*, na proposta de Lang (1984, 2000), e ao *tópico comum*, na abordagem de Lakoff (1971).

⁵⁸ Já a relação de alternância, segundo a autora, se realiza na dimensão da não coocorrência, tendo em vista que duas possibilidades que se alternam não podem coexistir, sendo apresentadas como possibilidades potenciais para um único espaço disponível no interior do quadro comum (MAURI, 2008, p. 158).

Ao propor uma definição para contraste, Schwenter (1999) também ressalta o teor comparativo das relações que circulam por essa categoria semântica. O autor concebe contraste como uma noção não estritamente linguística, mas uma habilidade cognitiva mais geral que alimenta “the perception of difference, at some level and by any means possible, between two entities comparable on some other dimension” (SCHWENTER, 1999, p. 126).

Se fundados em comparações com realce em propriedades conflitantes, significados contrastivos implicam visões de mundo. Podemos considerar como o ponto de partida de qualquer relação contrastiva a percepção subjetiva da coexistência de dois EsCos como de alguma maneira conflitante. Não há conflito pré-determinado no mundo, é o indivíduo que interpreta duas situações como desiguais, sendo esse processo interpretativo inevitavelmente atravessado por suas crenças subjetivas, experiências e tudo aquilo que determina sua relação com o mundo. De tal modo, contraste é sempre um significado com elevado grau de subjetividade (SWEETSER, 1991; MAURI, 2008), por mais objetivas que sejam, no sentido de relacionadas ao mundo sociofísico, as entidades em comparação.

As propriedades discutidas até aqui constituem características semântico-pragmáticas típicas da coordenação contrastiva. Em termos de morfossintaxe, o contraste por coordenação se manifesta em uma *estrutura paratática e binária*, tanto nas construções coordenadas do português quanto nas do inglês. Entendemos parataxe à maneira de Hopper e Traugott (2003), que a concebem como um tipo de construção complexa constituída de orações sintaticamente autônomas, mas que configuram uma única sentença com múltiplos núcleos, de modo que, juntas, elas exibem um único contorno entoacional (HOPPER; TRAUOGOTT, 2003, p. 180). É possível, assim, que uma construção paratática seja composta por mais de duas orações, o que não se observa, entretanto, em construções paratáticas mobilizadas para expressão de relações de coordenação contrastiva, que envolvem, como discutido acima, uma comparação entre dois EsCos e, portanto, são sempre binárias. Desse modo, conforme argumentam Pezatti e Longhin (2016, p. 56), a construção coordenada contrastiva do português apresenta o seguinte padrão, que pode também ser estendido para o inglês: A, conjunção-B.

Para além das propriedades morfossintáticas da construção coordenada contrastiva como um todo, os juntores contrastivos também exibem características peculiares em termos de sua morfossintaxe. Ao atuarem como juntores contrastivos, *agora* e *now* sempre ocupam a posição inicial do segundo membro da coordenação, posição que é típica de juntores em geral (QUIRK *et*

al., 1985; KORTMANN, 1997). Nessa posição, são constituintes extra-oracionais, não desempenhando função morfossintática na oração que ocupam. Verifica-se, assim, que a mudança que dá origem aos usos contrastivos de *agora* e *now* afeta tanto a morfossintaxe dos itens em si, que passam de uma mobilidade sentencial para uma posição fixa, quanto a morfossintaxe de toda a construção de que participam.

Além das especificidades semântico-pragmáticas e morfossintáticas, as construções coordenadas contrastivas também exibem especificidades do ponto de vista informacional. Ducrot (1977) discute o estatuto comunicativo de cada membro da relação coordenada, defendendo que o segundo membro tem maior peso argumentativo. Bally (1965) também explora essa questão, considerando o estatuto informacional que o segundo membro adquire em relação ao primeiro e o estatuto informacional de partes internas de cada membro coordenado.

Para o autor, toda oração se constitui de dois segmentos, denominados *tema* e *propósito*, sendo cada um caracterizado por uma importância comunicativa diferente (BALLY, 1965, apud LONGHIN-THOMAZI; RODRIGUES, 2011, p. 119). O tema é um ponto de partida para o acréscimo do propósito, que consiste no elemento central da comunicação (*idem*). Essa articulação tema – propósito, que caracteriza, segundo o autor, qualquer oração simples, também pode ser observada nas orações complexas. Esse configura o pressuposto central da concepção de coordenação proposta pelo autor. Para ele, há coordenação entre dois segmentos (i) se O₁ constitui um ato de enunciação completo, podendo funcionar de forma independente, e (ii) se O₂ constitui o propósito de O₁ (BALLY, 1965, apud LONGHIN-THOMAZI; RODRIGUES, 2011, p. 120). Para analisar se as construções coordenadas com *agora* e *now* atendem aos dois critérios, apresentamos abaixo dois exemplos do *corpus*. Dado o conjunto limitado de ocorrências juntivas de *now* fornecido pelos dados, optamos por utilizar para exemplificação aquelas que julgamos mais representativas. Assim, mobilizamos novamente a construção com *now* apresentada em (11), acima.

(12) Doc.: então com você num teve nenhuma situação assim de:: [Doc.: (nunca)] briga assim?
 Inf.: de MUITO gra::ve não... nada assim de briga de discutí(r) não... ele já me deu um/ já me deu bronca sim... só que EU saio de(i)xo ele fala::n(d)o num... num implico com ele **agora** as meninas já gostam de retrucá(r) já [Doc.: ((risos))].... ele já sai/ já fica meio fo/ enTÃO é onde ele implica bastante aind/ onde eu escuto um monte que ele fica falan/ – “ah:: essas meninas num têm mais jei::to... (TFII20:2, 67, C1).

(11) This is an Elsevier journal, fewer people get the Elsevier, uh journals, for one fairly good reason, you know you can, get the Journal of Tribology, if you're a member of A-S-M-E for a hundred and ten bucks.

hm? Elsevier journals cost four thousand bucks... a year. **now** you get twice as much paper (UNMI20:2/21, 225).

Em (12), as orações *eu saio/deixo ele falando/não implico com ele* constituem juntas o segmento O₁. As três caminham na mesma direção argumentativa, fazendo referência ao comportamento apaziguador do falante e implicando que ele não dá margens para conflitos com G. O segmento O₂, por outro lado, caminha na direção argumentativa contrária, indicando que as meninas a que ele está se referindo estimulam o conflito com G. Considerando a construção em (12) no plano textual maior do qual ela faz parte, parece ser possível analisá-la em termos da proposta de Bally (1965). Em (12), abaixo, apresentamos o contexto linguístico anterior à construção em análise, no qual o falante busca defender que as brigas com G. ocorrem em frequência consideravelmente maior com as meninas do que com ele (o falante).

(12') Doc.: e disse também assim cê falô(u) que cê trabalha no cursinho né? e aí eu conheço o seu G. que cê tava falando ((risos))... eu queria que cê me falasse COmo ((risos)) que é as brigas com o seu G. e por que que cês brigam tan::to ((risos)) com ele
 Inf.: seu G. é um caso sério ele::... ele implica muito com as meninas que trabalham lá né?... num é nem tanto coMIgo assim é mais com as meninas... ele nossa... num PÁra de reclamá(r) um minu::to ele vem... reclama MUItto pra mim né?... que eu que tenho que::... que cortá::(r) que::... que elas num têm mas jei::to ele... ele acaba com elas fala muito.

Tendo em vista que o locutor já vinha, em seu percurso argumentativo, defendendo que os conflitos de G. na casa ocorrem em maior frequência com as meninas, parece que o segmento O₂ do exemplo em (12) tem relevância maior em relação ao primeiro de um ponto de vista argumentativo, no sentido de que apresentaria o conteúdo que, para o falante, é mais importante veicular. Nessa direção interpretativa, na estrutura conjunta em (12), o segmento O₂ parece funcionar como o propósito de O₁, atendendo à segunda exigência de Bally (1965). Uma vez que o complexo oracional que constitui o segmento O₁ exibe independência funcional em relação a O₂, a primeira exigência de Bally (1965) também parece ser atendida. Assim, se consideramos, em (12), o segmento O₁ como o tema que é ponto de partida para o acréscimo do propósito, podemos considerar que os dois segmentos formam uma “unidade funcional”, configurando a articulação tema – propósito que, segundo Bally (1965), constitui a oração simples e também a relação de coordenação.

No exemplo com *now*, em (11), a relação tema – propósito proposta por Bally (1965) também pode ser identificada. O segmento O₁ introduz uma característica do periódico em

discussão no contexto, podendo funcionar de forma independente, conforme a primeira exigência de Bally. A característica que o segmento O_1 apresenta sugere uma desvantagem na compra do periódico. O segmento O_2 , em contrapartida, enuncia outra característica, que parece funcionar no contexto como uma espécie de compensação, na medida em que aponta para uma vantagem do periódico. Ao reservar a característica vantajosa para o segundo membro da coordenação, aquele que contém o argumento mais decisivo, o locutor marca sua posição argumentativa: vale a pena comprar o periódico. Nessa leitura interpretativa, é possível afirmar que o segmento O_2 é o propósito de O_1 .

As construções coordenadas contrastivas em geral se desdobram em diferentes nuances de contraste. Dentre os tipos de contraste amplamente reconhecidos na literatura, oposição semântica, quebra de expectativa e refutação (LAKOFF, 1971; DUCROT, 1977; LANG, 1984, 2000; HASPELMATH, 2007; MAURI, 2008), os dados mostram que tanto as construções juntivas com *agora* quanto as juntivas com *now* podem veicular os dois primeiros tipos.

Conforme Lakoff (1971) e Mauri (2008), no contraste por oposição semântica, os membros coordenados se constituem de itens/expressões que formam pares de antônimos. A oposição é interpretada, segundo Lakoff (1971), a partir da pressuposição de alguma incompatibilidade entre elementos dos enunciados. A análise dos contextos de oposição semântica com *agora* e *now* mostra que os elementos que podem entrar em oposição são de natureza variada, mas parece haver uma organização sistemática de tais contextos, no sentido de que as possibilidades de configuração da oposição se restringem a duas: se os sujeitos de ambos os segmentos não são correferenciais, eles constituem um dos pares da oposição, e o segundo par é estabelecido entre os EsCos descritos por cada segmento; se os sujeitos são correferenciais e, portanto, não podem entrar em oposição, um dos pares é constituído por quadros circunstanciais de natureza diversa (como espacial e temporal), e o outro par é formado pelos EsCos. Abaixo, esquematizamos as duas possibilidades de estruturação da oposição semântica com *agora* e *now*, conforme os dados:

Sujeitos não correferenciais

Suj X \rightarrow EsCo A X Suj Y \rightarrow EsCo B

Sujeitos correferenciais

Circunstâncias X \rightarrow EsCo A X Circunstâncias Y \rightarrow EsCo B

Buscaremos explorar essa aparente sistematicidade dos contextos de oposição semântica em trabalho futuro.

Segundo Mauri e Ramat (2012), é possível depreender uma gradualidade no domínio de contraste por oposição semântica, no sentido de que a oposição pode ser *mais objetiva*, se fundada em propriedades do mundo sociofísico, como quantidade (um x muitos), distribuição (um x o outro), tamanho (grande x pequeno), ou *mais subjetiva*, se fundada, por exemplo, em crenças e avaliações subjetivas (falso x verdadeiro) ou expectativas (expectativa atendida x expectativa frustrada). A análise das construções contrastivas com *agora* e *now* que veiculam oposição semântica buscou identificar se a oposição expressa é mais ou menos subjetiva. Apresentamos os resultados nas Tabelas 03 e 04, abaixo. As tabelas excluem as sincronias que não contêm ocorrências contrastivas.

Tabela 03. Tipos de oposição expressos nas construções de contraste com *agora*

	XIX/1	XIX/2	XX/1	XX/2 -XXI
Oposição objetiva	1/1 (100%)	3/3 (100%)	2/6 (33,4%)	21/56 (37,5%)
Oposição subjetiva	0 (0%)	0 (0%)	4/6 (66,7%)	35/56 (62,5%)

Tabela 04. Tipos de oposição expressos nas construções de contraste com *now*

	XX/2 -XXI
Oposição objetiva	5/5 (100%)
Oposição subjetiva	0/5 (0%)

A apuração do tipo de oposição que um determinado tipo de construção contrastiva expressa constitui um recurso para avaliar instâncias de subjetivização, uma vez que tendências filogenéticas permitem prever que oposições de natureza mais subjetiva se desenvolvam em períodos posteriores a oposição de natureza mais objetiva (MAURI; RAMAT, 2012; LONGHIN, 2016a). Em nosso trabalho, embora tenhamos investido nessa análise, ela tem sua legitimidade comprometida pela baixa quantidade de contextos de oposição semântica com *agora* nas sincronias anteriores a XX-2/XXI e pela baixa quantidade de contextos de oposição semântica com *now* em todas as sincronias, inclusive em XX-2/XXI. Se considerarmos apenas as frequências percentuais na trajetória de *agora*, conforme a Tabela 03, poderíamos argumentar que ela vai ao encontro do que se espera com base em tendências, pois, nas duas primeiras sincronias que exibem contextos

de oposição semântica com *agora*, a oposição é mais objetiva em 100% dos casos, ao passo que, nas duas sincronias mais recentes, a oposição é majoritariamente mais subjetiva. Entretanto, dadas as baixas frequências absolutas de tais contextos em três das sincronias que contêm ocorrências, optamos por deixar essa análise para nosso projeto de trabalho futuro. Na medida em que ele envolverá uma caracterização mais circunstanciada das construções contrastivas com *agora*, a natureza da oposição será alvo das análises.

Em (13) e (14), ilustramos os contextos de oposição semântica com *agora* e *now*.

(13) Nós aqui no Rio nos habituamos sempre a seguir pelos caminhos, eh, que todo mundo segue, muitas vezes deixando de usar atalhos, usar, eh, outros caminhos que às vezes são tão curtos ou talvez são mais longos mas mais rápidos de percorrer. É o caso por exemplo do, do acesso entre Laranjeiras e Botafogo. Ninguém usa o morro, ninguém usa aquela via de acesso porque muitas vezes desconhece ou receia ir para um local ermo, né? Então o problema de percurso ela sempre encontra um jeito de contornar essas vias de, de acesso mais congestionadas, **agora** o problema de trânsito realmente ela não tem como fugir a ele (TFCN20-2/21, 226, C2).

(14) A number of years ago when we were traveling a lot and everything else i uh we did absentee voting and i've just kept it up **now** one year i forgot to send it in so i went to the polls (CEBC20:2/21, 312).

Muitos anos atrás quando nós estávamos viajando muito e tudo mais nós de fato votamos por procuração e eu continuei fazendo isso agora um ano eu esqueci de enviá-la então eu fui às urnas.

No exemplo em (13), a oposição semântica se estabelece entre os pares: *o problema de percurso X o problema de trânsito, sempre encontra um jeito X não tem como fugir*. Observamos que, nesse caso, os elementos em oposição são fenômenos observáveis no mundo sociofísico, de modo que se consolida uma oposição de natureza mais objetiva. Em (14), os pares em oposição são: *a number of years ago X one year, we did absentee voting X I went to the polls*. Trata-se de uma oposição mais objetiva, pelo fato de que envolve diferentes formas possíveis de votação e está, portanto, associada ao mundo sociofísico. Podemos observar um exemplo de oposição mais subjetiva na construção em (12), discutida acima. O locutor estabelece oposição entre seu comportamento e o comportamento das meninas, de modo que são atitudes subjetivas propriamente ditas que estão sendo colocadas em confronto.

As características semântico-pragmáticas da coordenação oracional podem ser identificadas tanto nas construções com *agora* quanto nas construções com *now*. Em (13), o integrador comum pode ser definido como tipos de problema que a esposa do locutor encontra ao dirigir, ao passo que em (14), o integrador comum faz referência ao modo de votação utilizado pelo

locutor. Do ponto de vista morfosintático, observamos a estrutura binária e paratática típica das construções de junção contrastiva, e *agora* e *now* encabeçam o segundo membro coordenado.

No contraste por quebra de expectativa, as características prototípicas da coordenação contrastiva também são encontradas. A única diferença entre esse tipo de contraste e o contraste por oposição semântica se dá no processo de construção do contraste. Conforme Lakoff (1971), o contraste por quebra de expectativa é fortemente baseado em uma pressuposição. Lang (2000), ao caracterizar essa manobra contrastiva, ressalta que a suposição que fornece a base para o contraste pode ser lida ou inferida no primeiro segmento da coordenação. Assim, os contextos de quebra de expectativa não exibem opostos semânticos, e, conforme Lakoff (1971), o tópico comum entre os enunciados (correspondente ao integrador comum de Lang) está menos explícito do que está nos contextos de oposição semântica. Na construção em (13), por exemplo, verifica-se que ambos os segmentos compartilham o termo *problema*, que está na base do integrador comum entre eles. Já em contextos de quebra de expectativa, conforme (15) e (16), o elo de sentido que une os dois enunciados não pode ser depreendido a partir de itens ou expressões lexicais presentes na construção, mas depende, em nossa análise, de um maior esforço cognitivo do falante/escrevente para sua identificação.

(15) L1 (...) provavelmente nós temos MAis mulheres no Museu Paulista do que homens...entre os docentes principalmente...porque olha...nós somos seis docentes e nós só temos um homem ((desânimo))...entre os docentes principalmente...

L2 cê... acha que é...uma falta de interesse por falta dos homens...?

[

L1 Eu acho que...

L2 () o que que é?

L1 não...eu não sei...vai ver que os homens não tem um grande interesse ... olha nós temos...uhm...uhm..tem um (lado) mais feminino no Museu na verdade...**agora**...os diretores SEMpre foram homens... (TFCS20:2/21, C2, 251)

(16) The bourgeoisie has created a world market, **now** it's not like people weren't trading across national boundaries before. Remember for example Marco Polo (...). (TFCM20:2/21, C2, 35)

A burguesia criou um mercado mundial, agora não é que as pessoas não faziam comércio além das fronteiras nacionais antes. Lembrem por exemplo de Marco Polo.

Em (15), o primeiro membro evoca expectativas em relação à distribuição dos cargos funcionais no museu, permitindo supor que, de forma geral, esses cargos tendem a ser mais ocupados por mulheres. Essa expectativa recebe suporte não apenas do primeiro segmento da

coordenação, mas também do contexto anterior, em que a locutora explicita que existem mais mulheres do que homens trabalhando no museu. No segundo membro, a expectativa alimentada pelo primeiro é frustrada, pelo fato de ser aí afirmado que um cargo específico é mais assumido por homens. Já no exemplo com *now*, em (16), o primeiro membro da coordenação habilita a expectativa de que a burguesia foi quem primeiro criou um mercado mundial. O segundo membro vai de encontro a essa expectativa, afirmando que antes da burguesia as pessoas já tinham relações comerciais além das fronteiras nacionais.

Nas Tabelas 05 e 06, mostramos as frequências de cada tipo de contraste nas ocorrências juntivas do *corpus*.

Tabela 05. Os tipos de contraste expressos nas construções juntivas com *agora*

	XIX-1	XIX-2	XX-1	XX-2/XXI
Oposição semântica	1/1 (50%)	3/3 (100%)	6/8 (75%)	56/76 (73,7%)
Quebra de expectativa	1/1 (50%)	0/3 (0%)	2/8 (25%)	20/76 (26,3%)

Tabela 06. Os tipos de contraste expressos nas construções juntivas com *now*

	XX-1	XX-2/XXI
Oposição semântica	0/1 (0%)	5/16 (31,2%)
Quebra de expectativa	1/1 (100%)	11/16 (68,8%)

Com base nos dados, é possível verificar que os usos juntivos de *agora* expressam predominantemente contraste por oposição semântica, ao passo que os usos juntivos de *now* veiculam predominantemente contraste por quebra de expectativa. A análise dos contextos que condicionaram a emergência dos usos juntivos especificará os tipos de contextos que favorecem o desenvolvimento de oposição semântica e os contextos que favoreceram o desenvolvimento de quebra de expectativa.

4.3. Os contextos de transição com *agora* e *now*

Os usos adverbiais e conjuncionais de *agora* e *now* coexistem, no português e no inglês contemporâneos, com usos em que os itens explicitam a transição entre tópicos ou subtópicos discursivos, funcionando como recursos metatextuais mobilizados por falantes/escreventes para indicar que, a partir do enunciado introduzido pelos itens, o texto estará orientado em outra direção discursiva. Nesses usos, assumimos que *agora* e *now* funcionam como MDs, entendendo MDs, com base em Traugott (1995) e Traugott e Dasher (2004), como itens/expressões que revelam a avaliação dos falantes/escreventes sobre como se dá a organização entre os enunciados. Conforme argumentam Traugott e Dasher (2004, p. 152), MDs não dão contribuições significativas para o conteúdo proposicional dos enunciados, mas se constituem de pouca semântica conceitual e veiculam significados essencialmente pragmáticos. Os dados forneceram 116 e 264 ocorrências de *agora* e *now*, respectivamente, atuando como MDs. A distribuição longitudinal dessas ocorrências pode ser observada no Capítulo 06.

Na medida em que configuram marcas explícitas de que novas unidades discursivas serão iniciadas, *agora* e *now* desempenham funções textuais prospectivas. Segundo Aijmer (2002), MDs prospectivos são *attention-getters* (“capturadores de atenção”), anunciando “a new point in the discussion, a new topic, or items on a list” (AIJMER, 2002, p. 54). Ao explicitarem a transição para novas unidades do discurso, *agora* e *now* também desempenham o papel de estabelecer coesão textual, já que, ao indicarem o início de uma nova unidade discursiva, determinam o término de outra, por maior que seja a relação entre a nova unidade e a unidade anterior. Dessa forma, nos usos como MDs, *agora* e *now* também atuam na articulação entre enunciados, organizando-os e estabelecendo uma espécie de ordenação entre eles.

O valor de prospecção dos usos discursivos parece refletir o valor temporal dos usos adverbiais de *agora* e *now*, considerando-se que, como MDs, eles também exibem nuances do significado de tempo, não sendo, entretanto, o mesmo tipo de tempo expresso nos usos adverbiais. Como advérbios temporais, *agora* e *now* expressam tempo de referência (SCHIFFRIN, 1987, p. 228), indicando a relação dêitica entre um conteúdo proposicional e seu momento de enunciação. Ao expressarem esse valor temporal (que emerge não apenas dos itens em si, mas de sua correlação com outros dispositivos gramaticais, tal como tempo e modo verbais), *agora* e *now* situam o evento

descrito no enunciado como coincidente com o momento de sua produção ou como próximo a ele (cf. Seção 4.1).

Nos usos para expressão de transição textual, assumimos que *agora* e *now* expressam o que Schiffrin (1987) denomina tempo do discurso, que, segundo a autora, faz referência às relações temporais entre enunciados em um discurso, de modo a indicar a ordem em que um falante (ou escrevente) apresenta os enunciados (SCHIFFRIN, 1987, p. 229). Esse valor temporal, portanto, permite explicar a função de ordenação que pode ser identificada nos usos de *agora* e *now* como MDs, constituindo evidência de que o significado de tempo se reflete em tais usos.

Investigando o funcionamento de um MD do espanhol (o sea), Schwenter (1996) defende (assim como muitos estudos de gramaticalização) que o significado pragmático de MDs preserva traços do significado fonte que lhes dá origem e que, para se compreender o significado dos MDs, é preciso recuperar o significado de conteúdo expresso pelas fontes lexicais. Nas palavras do autor, “ ‘content-less’ forms retain both semantic and distributional idiosyncrasies that can only be accounted for when these are traced back to their ‘content-full’ origins” (SCHWENTER, 1996, p. 871-872).

A relação entre o significado fonte e o significado de *agora* e *now* enquanto MDs pode ser explicitada a partir de um recurso mobilizado por Quirk *et al.* (1985) para evidenciar o caráter transicional do que os autores chamam de advérbios discursivos (dentre os quais incluem alguns usos de *now*). Segundo os autores, as construções com esses advérbios podem ser reformuladas em estruturas nas quais o advérbio transicional é precedido por uma oração constituída de um verbo de dizer e de um sujeito geralmente correspondente ao falante, conforme a seguinte estrutura, proposta em Quirk *et al.* (1985, p. 640):

<i>One can</i>	}	
<i>I will</i>		
		say + adverbial

Nessa perspectiva, ao introduzir um enunciado por meio de *agora* e *now* MDs, falantes/escreventes parecem implicar *eu direi agora/now X*.

Embora a expressão de tempo do discurso represente um importante vínculo entre o advérbio e o MD, e essa ligação entre fonte e alvo, conforme observa Schwenter (1996) no estudo

de *o sea*, é essencial para a compreensão dos novos significados, as construções com os MDs mobilizam contextos de uso particulares, com propriedades morfossintáticas significativamente diferentes daquelas apresentadas pelas construções em que os itens têm função adverbial. Nesse sentido, se é importante compreender as relações entre os usos primeiros e os usos derivados, é também importante compreender as diferenças entre eles, na medida em que tais diferenças podem revelar especializações (na morfossintaxe e no significado) resultantes do processo de mudança. Discutiremos como essas especializações se desenvolveram ao longo do tempo no Capítulo 06. Aqui, focalizamos particularidades semântico-pragmáticas e morfossintáticas que caracterizam a função de *agora* e *now* como MDs e que permitem defender sua gramaticalização.

Em termos de significado, a diferença entre expressão de tempo referencial e expressão de tempo discursivo parece ser decorrente da diferença no grau de subjetividade (TRAUGOTT; KÖNIG, 1991; TRAUGOTT, 2010a; TRAUGOTT; DASHER, 2004, cf. Capítulo 02) subjacente a cada valor temporal. Quando veiculam tempo discursivo, *agora* e *now* revelam a avaliação do falante/escrevente sobre como se dá a ordenação entre os enunciados no discurso. Esse significado, portanto, é fundado na situação interna ao texto e exibe um grau maior tanto de subjetividade quanto de intersubjetividade em relação ao significado dos usos adverbiais. A subjetividade pode ser evidenciada no papel que *agora* e *now* assumem na ordenação dos enunciados pelo falante/escrevente, já que ela passa pela avaliação subjetiva sobre o modo como os enunciados se organizam, ao passo que a intersubjetividade se revela na preocupação do falante/escrevente em indicar para o ouvinte/leitor que uma nova etapa se inicia no texto, pois ele volta sua atenção para a interpretação que o interlocutor fará dos enunciados.

Tempo referencial constitui uma noção semântica já atravessada por certo grau de subjetividade. Segundo Traugott e König (1991, p. 208), relações temporais são relações “internas” no sentido de que exibem menos correlatos físicos do que outros tipos de relações. Entretanto, tendo em vista que o tempo de referência, conforme definido por Schiffrin (1987), estabelece uma relação dêitica entre um conteúdo proposicional e seu momento de enunciação, trata-se de um valor temporal que tem fortes ligações com a situação externa de comunicação. Desse modo, é possível assumir o significado dos usos adverbiais como um significado mais próximo da situação externa e, portanto, menos subjetivo. Isso implica reconhecer que a trajetória de desenvolvimento do MD vai do menos para o mais subjetivo e intersubjetivo.

A partir das construções de (17) e (18), exemplificamos os contextos de transição com *agora*, e, a partir das construções de (19) e (20), os contextos de transição com *now*.

(17) Então você não tem uma concentração que te atue suficientemente... por isso a gente diz que... existem compostos solúveis... alguns pouco solúveis e outros totalmente insolúveis... esses totalmente insolúveis são totalmente insolúveis?

AL.: não...

INF.: a prova é que quando se alcança o grau de solubilidade máxima... ele passa a ser insolúvel... então... o conceito de solubilidade é um conceito relativo... tá? um conceito político é um conceito relativo... **agora**... em relação a nós... é que nós definimos o que é solubilidade... a gente aqui diz... ó... daqui até aqui é muito solúvel... daqui até aqui é pouco solúvel... daqui até ali é... insolúvel... (TFCN20:2, 56, C1).

(18) **AL.:** porque ela devia dissociar o produto sete... né? pelo que eu sei isso é alguma coisa assim...

INF.: ao contrário... né? tem menos do que o sete...

AL.: tem menos que sete...

INF.: então... não alcançarei sete ainda... então... está tudo solúvel... **agora**... suponhamos que você colocasse por exemplo... eh:... vamos... vamos (colocar uma coisa bonitinha aqui nove)... vamos imaginar que tivesse colocado três... de prata... três de prata... e quatro... de cloro... tá? imaginem que eu coloquei três de prata e quatro de cloro... que que ia acontecer? eu ia ter uma precipi-ta-ção... por quê? porque o produto tem que ser... quanto? (TFCN20:2, 44, C1).

(19) You'll have more and more of these oxides all ready to uh uh to prevent severe contact by some passing marauding, asperity. that's the hypothesis **now** how do you verify or prove this? well, the common metallurgical tools don't work (UNMI20:2/21, 261).

Você vai ter cada vez mais esses óxidos todos prontos para uh uh impedir contato profundo por alguma acidez passageira. Essa é a hipótese agora como você verifica ou prova isso? Bem, as ferramentas metalúrgicas comuns não funcionam.

(20) He had a little knife and he was managing it with his hand right? and and and when he did etchings he was managing it again with his hand and his fingers, he had control over this part of his arm. **now** this is heavy labor. so um, to carve stone especially stone of this size, we're not talking about a Venus of Willendorf size stone which is, uh you can hold in your hand, here we're talking about, a block of marble that's bigger than the artist. right? (UNMI20:2/21, 283).

Ele tinha uma pequena faca e ele estava a manuseando com sua mão certo? e e e quando ele fez gravuras ele estava a manuseando de novo com sua mão e seus dedos, ele tinha controle sobre essa parte do braço dele. agora esse é um trabalho pesado. então um, para esculpir com pedra especialmente com uma pedra desse tamanho, nós não estamos falando de uma pedra do tamanho da Venus de Willendorf que é, uh você pode segurar em sua mão, aqui nós estamos falando sobre, um bloco de mármore que é maior do que o artista. certo?

Na construção em (17), o enunciado que *agora* introduz acrescenta uma informação referente ao tópico já focalizado no enunciado anterior, no qual o locutor está argumentando que solubilidade é um conceito relativo. No enunciado seguinte, ele restringe essa relatividade,

especificando que a solubilidade de um dado composto é definida pelo químico que está trabalhando com ele. Assim, *agora* explicita a transição para um subtópico.

No exemplo (18), *agora* introduz um enunciado constituído de conteúdo não factual, sendo a semântica do verbo *supor*, aliada ao pretérito imperfeito do subjuntivo de *colocar*, os principais traços do contexto que sustentam a não factualidade. Nesse enunciado, o professor incentiva os alunos a imaginarem uma situação em que o composto em foco na aula sofre precipitação, situação distinta da considerada anteriormente, na qual está tudo solúvel. Ocorre, portanto, uma mudança no curso da aula, que é reorientada para uma outra situação envolvendo o mesmo composto. *Agora* explicita a transição no texto, sinalizando para os ouvintes (alunos) que o falante (o professor) mudará a direção do texto, introduzindo, desse modo, um novo subtópico discursivo. O verbo *suponhamos*, tanto pelo valor de condição subjacente a suposições quanto pelo modo imperativo em que está conjugado, também contribui para a abertura do subtópico, já que leva os ouvintes a reconsiderarem o mesmo tópico da aula à luz de novas circunstâncias (hipotéticas).

Na construção em (19), *now* sinaliza a transição de uma hipótese para sua verificação empírica. O enunciado que introduz tem força ilocucionária interrogativa, de modo que a transição se dá para o questionamento do locutor sobre como é possível comprovar a hipótese anteriormente discutida. Trata-se de transição para um subtópico, na medida em que o texto permanece centrado no tópico maior da aula (o funcionamento de óxidos). É possível notar que a transição no texto parece refletir uma ordenação geralmente seguida no trabalho científico, que tende a partir de hipóteses primeiramente levantadas e posteriormente confirmadas ou refutadas.

São frequentes nos dados contextos em que a transição sinalizada por *now*, ou mesmo por *agora*, se dá para uma interrogação. A constituição interna dos contextos de transição mostra-se consideravelmente variáveis nos dados, mas alguns modos de estruturação informacional (como por exemplo uma declaração no enunciado anterior e uma interrogação no enunciado introduzido por *agora* ou *now*) parecem mais recorrentes que outros. Dessa forma, o próximo passo da análise dos contextos de transição é verificar se é possível uma sistematização das estruturas informacionais desses contextos. Isso é relevante para identificar funções mais especializadas de *agora* e *now* enquanto MDs.

Na construção em (20), todo o conjunto de enunciados anterior está centrado na descrição de como um determinado tipo de arte é realizado. *Now* indica uma transição para um comentário

subjetivo do locutor sobre o trabalho artístico em questão. Essa também é uma estrutura informacional recorrente nos dados, tanto de *agora* quanto de *now*.

Além de verificar se é possível uma sistematização da constituição interna dos contextos de transição, a análise também está apurando a frequência dos tipos de transição que *agora* e *now* sinalizam: transição para tópico novo ou transição para subtópico. O objetivo, assim, é aliar essa subclassificação à possível organização interna sistemática dos enunciados articulados por *agora* e *now* enquanto MDs.

Independentemente do tipo de transição em jogo, há um traço morfossintático que é essencial nos contextos em análise. Enquanto MDs, *agora* e *now* sempre ocupam a posição inicial do enunciado de que fazem parte, como se pode observar em todos os exemplos apresentados. Se, em tais contextos, os itens forem deslocados para posições à direita, eles recuperam o estatuto original de advérbios temporais. Desse modo, a posição inicial é um correlato morfossintático crucial para a leitura de transição textual, o que pode sugerir, conforme vamos discutir no Capítulo 07, que os itens ainda não atravessaram semantização, já que ainda são fortemente dependentes de suporte contextual para que sejam interpretados como MDs.

4.4. Síntese e encaminhamentos

Neste capítulo, focalizamos os contextos de origem e os novos contextos de uso de *agora* e *now*. Nos contextos de origem, vimos que tanto *agora* quanto *now* expressam três nuances temporais – simultaneidade, anterioridade imediata e posterioridade imediata –, todas elas indicando proximidade entre o EsCo descrito e o momento da enunciação.

Os novos contextos de uso, por sua vez, se distribuem em dois diferentes padrões semântico-pragmáticos, distintos também em termos de morfossintaxe: contraste e transição textual. No primeiro padrão, *agora* e *now* atuam como juntores coordenativos e, no segundo, como MDs no âmbito da organização tópica.

Vimos que, segundo os dados, os usos juntivos de *agora* são mais frequentes em português do que os usos juntivos de *now* em inglês. De forma inversa, os usos de *now* como MD são mais

frequentes do que os usos de *agora* com essa função⁵⁹. Apesar da diferença de frequência, as novas construções com *agora* e *now* mostraram-se bastante similares do ponto de vista qualitativo.

No caso dos usos contrastivos, a partir de testes propostos por Mauri (2008), pudemos atestar paralelismo funcional entre os membros que fazem parte da construção contrastiva com *agora* e os membros que participam da construção contrastiva com *now*, o que nos permitiu defender o estatuto coordenativo de ambas as construções.

Em termos de significado, elas se caracterizam, como é típico de relações coordenadas, pelo compartilhamento de um integrador comum entre os membros em coordenação (LANG 1984, 2000). Podem veicular, segundo nossos dados, duas nuances de contraste: *oposição semântica*, em que o contraste se dá entre dois pares de opostos, constituídos principalmente a partir de enunciadores lexicais que carregam pontos de vista socialmente concebidos como incompatíveis, e *quebra de expectativa*, em que o contraste se instaura entre uma expectativa que pode ser lida ou inferida no primeiro membro e um resultado, no segundo, que a frustra. Em termos de morfossintaxe, exibem uma *estrutura binária e paratática*, na qual *agora* e *now* ocupam *posição inicial fixa* no segundo membro.

Nos usos para expressão de transição textual, os dados mostram que tanto *agora* quanto *now* podem veicular mudança para novos tópicos discursivos ou para novos subtópicos. Em ambos os casos, os itens contribuem para tornar explícito o redirecionamento do texto e chamar atenção para o novo (sub)tópico. Vimos que, em tais usos, verifica-se o significado de tempo do discurso (SCHIFFRIN, 1987), que revela a ordenação que o falante/escrevente estabelece entre enunciados. Como, nos contextos em questão, o enunciado introduzido por *agora* e *now* e o enunciado precedente focalizam diferentes (sub)tópicos, o sentido de tempo de discurso aqui está atrelado à ordem que o falante/escrevente determina para os (sub)tópicos. De tal modo, *agora* e *now*, enquanto MDs, configuram-se em recursos de organização textual.

Do ponto de vista da morfossintaxe, foi observada uma grande variedade de estruturas possíveis, mas existe um aspecto regular e que representa para nós um ponto de distinção fundamental entre os usos em foco e os usos juntivos. O enunciado que *agora* e *now* integram

⁵⁹ Essas diferenças talvez constituam simplesmente um reflexo dos textos dos quais os dados foram extraídos. Embora a última sincronia (onde reside a maior parte das ocorrências juntivas) seja composta por gêneros bastante similares nos *corpora* das duas línguas, é possível que as manobras argumentativas e de mudança de tópico que cada língua tipicamente mobiliza para tais gêneros sejam de natureza distinta, o que poderia levar à maior e menor frequência de uso de *agora* e *now*, enquanto juntivos e MDs. Outra explicação que julgamos ainda mais plausível é que as trajetórias de *agora* e *now* rumo a contraste e transição estejam se desenvolvendo em passos diferentes em cada língua.

como MDs não está em relação linguística com o enunciado anterior, o que é reflexo do próprio significado de transição textual. A relação de significado que existe entre os dois enunciados pode ser maior ou menor, a depender do tipo de transição em jogo.

Se se trata de uma transição para tópico novo, a relação entre o enunciado que contém *agora* e *now* e o enunciado precedente é mínima, configurando-se apenas como uma relação entre tópico anterior e tópico posterior. Se, por outro lado, a transição se dá para novo subtópico, a relação entre os enunciados é mais estreita, porque focalizam subtópicos associados a um tópico maior. Mas, ainda assim, cada enunciado é autônomo em relação ao outro (diferentemente de enunciados em coordenação), o que leva à inexistência de relação morfossintática entre eles. Dessa forma, eles não constituem juntos uma construção linguística, e, por isso, sua caracterização morfossintática demanda um viés de análise diferente daquele empreendido para a particularização morfossintática dos contextos de contraste.

Pelo fato de não participarem de uma mesma construção linguística, não desenvolvemos, neste capítulo, uma sistematização mais precisa das propriedades morfossintáticas dos contextos de transição. Essa sistematização, no entanto, parece relevante para analisar, dentre outras coisas, se a manobra de transição textual efetivada por *agora* e *now* se correlaciona com traços morfossintáticos específicos do enunciado precedente e do enunciado de que os itens fazem parte. Entre outras vias de análise possíveis, julgamos relevante verificar o tipo de estrutura morfossintática que segue *agora* e *now* na oração que ocupam. Observamos com frequência nos dados, por exemplo, casos em que os itens são seguidos por sintagmas nominais com o papel de qualificar o novo (sub)tópico (como, por exemplo: *agora uma curiosidade...*, *agora uma pergunta...*). Independentemente do tipo de estrutura morfossintática de que *agora* e *now* participam enquanto MDs, sempre ocupam a *posição inicial* da sentença.

Ao descrever contextos de uso em que *agora* e *now* expressam novos significados, este capítulo nos encaminha a uma questão que tem papel central no âmbito da IITSC: a questão da semantização dos significados resultantes de mudança. Conforme discutido no Capítulo 02, a emergência de novos significados não está necessariamente correlacionada à sua semantização na língua. Isso acontece apenas quando o novo significado não depende mais de suporte contextual.

Os novos significados de *agora* e *now* ainda não passaram por semantização, em nossa análise. Tanto contraste quanto transição parecem depender de uma correlação modo-temporal que exclua a possibilidade de uma leitura de desigualdade no tempo, a nuance que está na base de

ambos os significados (cf. Capítulo 07). Uma vez que os significados temporais de ambos os itens são altamente produtivos no português e no inglês, tempo nos parece ser o significado preferido em contextos que habilitem a interpretação tanto do significado fonte quanto dos significados alvo.

Além da correlação modo-temporal, há outros traços contextuais que parecem também fornecer suporte para os novos significados. O desafio que enfrentamos nessa análise, entretanto, é distinguir traços de suporte de traços que constituem, na verdade, características prototípicas dos novos contextos de uso. Um exemplo é a presença de pares de opostos nos contextos de oposição semântica. Os pares são um aspecto fundamental do contexto para essa interpretação, de modo que ainda nos questionamos sobre o estatuto desse traço nos contextos em questão: é um traço que sustentou as trajetórias rumo à oposição semântica e que permanece nos contextos alvo como um resquício do percurso de desenvolvimento, mas que pode deixar de ser necessário para leitura de oposição ou é um traço que caracteriza qualquer contexto de oposição semântica, não sendo necessário, assim, seu desaparecimento para se afirmar a semantização do novo significado? Na medida em que Lakoff (1971) admite como típico do contraste por oposição semântica a existência de dois pares de opostos, julgamos, ainda em viés preliminar, que esse não seria um traço suficiente para afirmar que esse significado ainda não consiste em uma polissemia semantizada de *agora* e *now*.

Entendemos que uma avaliação mais segura do estatuto dos novos significados de *agora* e *now* no português e no inglês contemporâneos depende de análises mais circunstanciadas dos contextos em que eles se manifestam e um posterior exame comparativo entre suas características típicas e características típicas de outros contextos de contraste e transição, para que seja possível distinguir traços de suporte remanescentes e traços comuns a tais contextos. Julgamos essas análises, que não serão desenvolvidas neste trabalho, em função dos objetivos prioritários, pertinentes para trabalhos futuros.

No caso dos contextos de transição, fica ainda como um plano de trabalho futuro a investigação de subtipos de transição textual que *agora* e *now* podem veicular. Embora não tenha sido possível desenvolver essa questão aqui, identificamos, na análise dos contextos de transição, diferentes tipos de mudança para subtópico, como, por exemplo, casos em que a mudança ocorre para novos itens em uma lista descritiva e casos em que a mudança se dá para um comentário subjetivo do falante/escrivente sobre o tópico desenvolvido anteriormente. Para além de analisar os subtipos no período contemporâneo das duas línguas, é pertinente conduzir a análise em

perspectiva longitudinal, a fim de identificar possíveis padrões de desenvolvimento do significado de transição textual.

As propriedades de forma e significado que, neste capítulo, particularizaram os novos contextos de uso são importantes para a compreensão das análises desenvolvidas nos capítulos seguintes, à medida que norteiam os critérios definidos para a análise dos contextos de polissemia. Assim, tendo fornecido um panorama geral das origens e dos frutos das mudanças, passamos a focalizar, a partir do próximo capítulo, seus percursos graduais de desenvolvimento.

5. As mudanças rumo a contraste

Neste capítulo, propomos uma reconstrução diacrônica das trajetórias de mudança que resultaram nos contextos de junção contrastiva com *agora* e *now*. No capítulo anterior, descrevemos as propriedades típicas de tais contextos de acordo com nossos dados. Este capítulo descreve os contextos que motivam as mudanças, aqueles que se constituem de polissemia entre tempo e contraste. Ao colocarmos em foco fatores que adicionam inferências de contraste aos significados temporais, estaremos evidenciando os processos de metonimização que atuam nas mudanças experimentadas por *agora* e *now*.

A análise dos contextos de polissemia tempo/contraste identificou uma grande diversidade de tipos contextuais, tanto no percurso de *agora* quanto no percurso de *now*. Em primeiro lugar, a diversidade se dá em termos do tipo de contraste que pode ser inferido. Se os usos contrastivos de *agora* e *now* podem expressar tanto oposição semântica quanto quebra de expectativa (cf. Capítulo 04), é esperado que os dados mostrem contextos específicos para o desenvolvimento de cada significado contrastivo. De fato, é possível identificar essa especialização dentre os contextos polissêmicos, o que nos leva a tratar separadamente, na análise da trajetória de cada item, o desenvolvimento de oposição semântica e o desenvolvimento de quebra de expectativa.

Além da diversidade de contextos polissêmicos em termos de nuances de contraste, tanto o trânsito tempo > oposição semântica quanto o trânsito tempo > quebra de expectativa mostram diversidade de tipos de construções que condicionam as polissemias tempo/oposição semântica e tempo/quebra de expectativa. Identificamos contextos que fornecem condições para inferências do novo significado e contextos em que a essas condições se somam condições morfossintáticas, favorecendo, assim, a reanálise tanto de forma quanto de significado. A identificação desses dois grandes tipos de contextos polissêmicos nos dados nos encaminhou para uma via de análise que distingue contextos mais e menos próximos dos contextos alvo prototípicos. Por estarmos lidando com instâncias de gramaticalização, assumimos que os contextos em que condições semântico-pragmáticas se aliam a condições morfossintáticas estão mais próximos dos contextos alvo, reunindo, portanto, maiores condições para a mudança. Por esse motivo, associamos tais contextos com estágios mais avançados da mudança e os contextos que se mostram mais distantes dos contextos alvo, com estágios mais iniciais. Esse procedimento deriva da noção de estágio de mudança assumida no trabalho (cf. Capítulo 02).

Assumindo, nesse sentido, a maior ou menor proximidade dos contextos polissêmicos em relação aos contextos alvo como o parâmetro principal de análise, definimos critérios morfossintáticos e semântico-pragmáticos com base em características típicas dos usos de *agora* e *now* como juntores contrastivos e com base nos diferentes tipos de contextos polissêmicos encontrados. Três foram os critérios para a sistematização da diversidade de contextos polissêmicos em diferentes estágios: *tipo de relação linguística*, *ordem das orações* e *posição de 'agora/now'*. O papel de cada critério na análise ficará mais claro ao longo da descrição dos contextos.

O primeiro critério busca distinguir construções em que a polissemia emerge em meio a uma *relação coordenativa* de construções em que as inferências emergem em outros tipos de relação linguística. A relevância desse critério está no fato de que a expressão de tempo/contraste por meio de relação coordenativa fornece condições de natureza tanto semântico-pragmática quanto morfossintática para a mudança. As inferências de contraste são habilitadas por uma relação temporal que estabelece um elo de sentido entre os dois enunciados, de modo que eles compartilham um integrador comum, aspecto de significado típico dos contextos alvo. Além disso, como consequência da relação coordenativa, os enunciados se organizam em uma estrutura binária e paratática, que é a arquitetura morfossintática típica dos contextos de junção contrastiva.

A aplicação de tal critério aos dados nos levou, inicialmente, à distinção de três grandes grupos contextuais: contextos em que as inferências de contraste estão disseminadas em contextos mais amplos, não sendo provenientes de uma relação do enunciado⁶⁰ que *agora* ou *now* ocupa e um outro enunciado (critério preenchido com *sem relação linguística*); contextos em que o contraste é inferido a partir de uma relação entre o enunciado que *agora* ou *now* ocupa e um outro enunciado, mas essa relação não é coordenativa (critério preenchido com *relação não coordenada*, sendo posteriormente especificadas as diferentes possibilidades encontradas nos dados); e contextos em que o enunciado constituído por *agora* ou *now* está em relação coordenativa com um outro enunciado (critério preenchido com *relação coordenada*).

Os outros dois critérios, ordem das orações e posição de *agora* e *now*, foram mobilizados para um desdobramento maior entre os contextos polissêmicos com relação coordenativa, sendo aplicados, portanto, apenas para esse tipo contextual. Sua relevância resultou da identificação, nos dados, de contextos em que a coordenação é estabelecida por um juntor, seja ele contrastivo (como

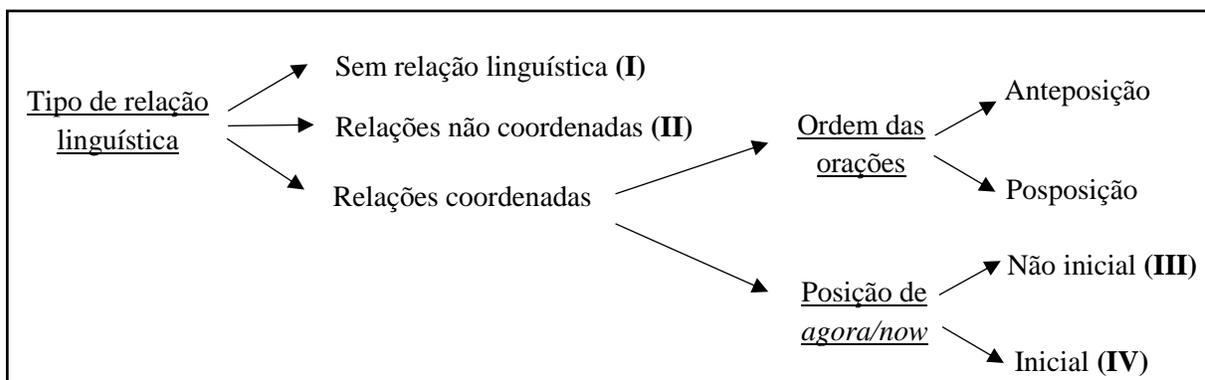
⁶⁰ Utilizamos o termo *enunciado* para que possamos também incluir os casos nos quais o que está em relação não são orações individuais, mas conjuntos de orações, que, juntas, formam uma unidade de sentido.

mas, no português, e *but*, no inglês) ou multifuncional (*e*, no português, e *and*, no inglês), contextos em que a coordenação se dá por justaposição dos enunciados e contextos em que *agora* e *now* encabeçam o segundo membro da coordenação, funcionando como advérbios *juntivos*. Avaliamos os últimos como os contextos que mais agregam condições para a mudança, já que, além dos traços de significado, *agora* e *now* ocupam a posição prototípica de juntores contrastivos (KORTMANN, 1997), aspecto da morfossintaxe muito favorável à sua reanálise como juntores.

Além disso, é possível que *agora* e *now* ocupem o primeiro ou o segundo membro da coordenação. Com base nisso, o critério ordem das orações buscou identificar se o enunciado que *agora* ou *now* ocupa está anteposto ou posposto na relação coordenada. A aplicação do critério aos dados evidenciou uma importante regularidade nos contextos em que a polissemia emerge de relação coordenativa: apenas em três ocorrências dos dados do português e duas ocorrências dos dados do inglês, *agora* e *now* estão no primeiro membro, sendo majoritariamente utilizados no membro que de fato coroa a relação contrastiva. Assim, esse critério não resultou em nenhuma distinção no interior do tipo contextual em foco, pois praticamente não houve variação entre anteposição e posposição. Na descrição dos contextos, mostramos a qual estágio as cinco ocorrências de anteposição foram associadas.

O critério posição de *agora/now*, por outro lado, levou ao desdobramento dos contextos polissêmicos com coordenação em dois tipos: contextos em que o item não está em posição inicial, e a coordenação é sinalizada por um juntor (contrastivo ou não) ou se dá por justaposição, e contextos em que *agora/now* está em posição inicial e atua como advérbio juntivo. Desse modo, a análise dos contextos de polissemia foi operacionalizada a partir de quatro estágios contextuais. Em todos eles, há relações temporais específicas que alimentam as inferências de contraste. A relação temporal por si só, entretanto, não é suficiente para que contraste seja inferido. O que leva à adição desse significado é sua conjugação com traços contextuais que levam à (re)interpretação da relação temporal como uma relação contrastiva. Os diferentes tipos de relação temporal identificados e sua combinação com outros aspectos contextuais serão mostrados ao longo da descrição dos diferentes arranjos contextuais polissêmicos. O Quadro 07, abaixo, esquematiza os três critérios e seus desdobramentos. O esquema contém indicações (I, II, III, IV) dos quatro tipos de contextos decorrentes da aplicação dos critérios aos dados. Os quatro tipos são exemplificados, na sequência do quadro, por meio de construções do português, que voltam a aparecer e são discutidas ao longo das análises.

Quadro 07. Critérios para análise dos contextos polissêmicos tempo/contraste



(I) Eurípedes. Deite-me esse monturo pela porta fora; não o quero em casa nem um instante. Xanto. Maldito de todos os diabos, **agora** estás mudo? Dize-lhe alguma cousa, com que se desenfade e se alegre.

(II) Ficou absorto, imóvel, estático na contemplação dos astros; elle que tudo conhecia, tudo previa com a mais ligeira observação, **agora** nada soletrava na natureza, sinão vaga e confusamente.

(III) As folhas lastrão o chão; as flores leva-as a brisa. Como o imbú na varzea era o coração do guerreiro branco na terra selvagem. A amizade e o amor o acompanharão e sustiverão algum tempo; mas **agora** longe de sua casa e de seus irmãos, sentiu-se em um ermo.

(IV) Dantes quatro vintens de feijão era quasi um balaio, **agora** é um fiapinho que nem os olhos enxergam.

Destacamos que, para cada tipo contextual, serão apresentadas características de forma e significado que os particularizam, mas, no interior de alguns dos tipos, há casos que desviam de uma ou outra característica. Como esses casos não se mostraram frequentes nos dados, julgamos que não seria produtivo propor outros grupos de contextos apenas para incluí-los. Optamos por avaliar a quais tipos contextuais essas ocorrências mais se aproximam, e, ao longo da descrição, as discutimos oportunamente.

5.1. O percurso das construções com *agora*

Do total das ocorrências de *agora* fornecidas pelo *corpus* (1757), 404 (23%) participam de contextos que condicionam a adição de significados contrastivos aos significados temporais. No

Gráfico 01 e na Tabela 07, abaixo, mostramos a distribuição de tais contextos ao longo das sincronias. Para traçar o percurso diacrônico em questão, consideramos apenas os contextos relevantes à trajetória: tempo, tempo/contraste e contraste.

Gráfico 01. A trajetória de tempo a contraste de *agora* em perspectiva longitudinal

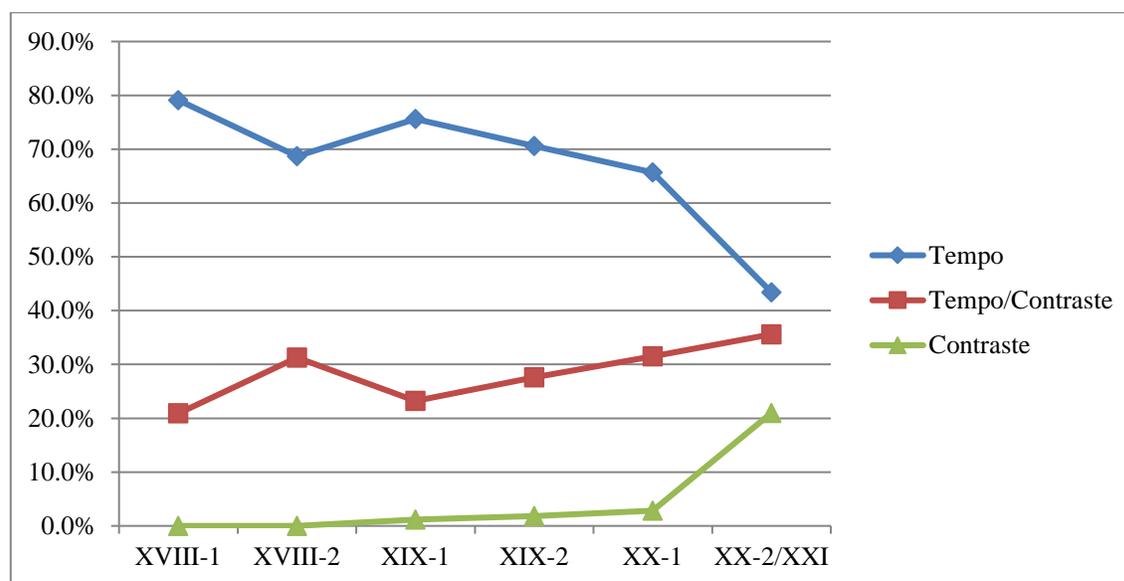


Tabela 07. A trajetória de tempo a contraste de *agora* em perspectiva longitudinal

	XVIII-1	XVIII-2	XIX-1	XIX-2	XX-1	XX-2/XXI
Tempo	189/239 (79,1%)	121/176 (68,7%)	124/164 (75,6%)	115/163 (70,6%)	188/286 (65,7%)	155/357 (43,4%)
Tempo/contraste	50/239 (20,9%)	55/176 (31,3%)	38/164 (23,2%)	45/163 (27,6%)	90/286 (31,5%)	127/357 (35,6%)
Contraste	0/239 (0%)	0/176 (0%)	2/164 (1,2%)	3/163 (1,8%)	8/286 (2,8%)	75/357 (21%)

Na discussão de estudos sobre instâncias de mudança resultantes em significados contrastivos (cf. Capítulo 02), colocamos em evidência a importância da frequência dos contextos polissêmicos para o processamento da reanálise de forma e significado. O estudo de Mauri e Ramat (2012) sobre trajetórias de conectivos adversativos no italiano reúne evidências de que um aumento significativo dos contextos polissêmicos constitui uma espécie de pré-requisito para o período de reanálise. Conforme mostram o Gráfico 01 e Tabela 07, os contextos que expressam tempo/contraste já exibem uma frequência de 20,9% em XVIII-1, mas crescem para 31,3% na sincronia seguinte, XVIII-2. Considerando que, até XIX-2, essa é a maior frequência do padrão

polissêmico, pode representar indícios de que a reanálise se processa em XVIII-2. Os indícios se tornam mais fortes com o surgimento, um período sincrônico depois, dos primeiros contextos exclusivamente contrastivos. Conforme discutimos adiante, entretanto, a diferente constituição do *corpus* dessa sincronia deve ser considerada nas análises, pois pode comprometer afirmações baseadas nos dados quantitativos referentes ao período.

Como sinalizam Mauri e Ramat (2012, p. 27), há trajetórias de mudança que exibem diminuição na frequência dos contextos condicionadores após o período de reanálise. Esse não é o caso, conforme o estudo das autoras, do desenvolvimento de *mentre*, e também não é o caso do percurso de *agora*. Nossos dados mostram evidências de que o resultado da mudança de *agora* em direção a contraste não é apenas uma situação de *layering* em que significado fonte e significado alvo coexistem, mas uma complexa rede polissêmica da qual fazem parte, inclusive, os variados tipos de contextos que aliam tempo a contraste. A nuance temporal que alimenta a trajetória fornece subsídios para a compreensão da permanência, com frequência tão importante, dos contextos de polissemia.

Os contextos que condicionam inferências de contraste por oposição semântica e os que permitem inferir contraste por quebra de expectativa têm em comum uma base conceitual: implicam *desigualdade no tempo*. A depender da configuração contextual, a desigualdade avança para oposição ou para frustração de expectativas, conforme discutimos em detalhes adiante. É possível, entretanto, que falantes/escreventes intencionem veicular especificamente desigualdade no tempo, de modo que a combinação do significado temporal com o significado contrastivo lhes seja produtiva.

Dessa forma, os contextos de tempo/contraste nos parecem desempenhar um duplo papel na história dos usos de *agora*: tanto atendem à intenção comunicativa de veicular desigualdade no tempo, que depende da combinação de ambos os significados por meio de traços contextuais que adicionam nuances de contraste a tempo, quanto fornecem condições para que *agora* atravesse mudança em direção a significados contrastivos não correlacionados a significados temporais. A relevância da combinação de tempo e contraste se reflete nas consideráveis frequências do padrão polissêmico ao longo das sincronias. Em todas elas, esse é o padrão que exhibe a segunda maior frequência.

Por se originarem, de acordo com nossos dados, a partir de uma base temporal comum (desigualdade no tempo), assumimos que oposição semântica e quebra de expectativa

compartilham o estágio inicial de suas trajetórias e que a especialização para cada tipo contrastivo se dá em um segundo estágio da mudança, a partir do qual passamos à análise de cada trajetória em particular.

Os dados sugerem que o primeiro passo de *agora* a significados contrastivos se dá em contextos em que veicula, juntamente com outros elementos, apenas *diferenças no tempo*. Há uma combinação do valor temporal expresso por *agora* com traços que insinuam desigualdade entre o EsCo que caracteriza o momento presente (referido por *agora*) e um EsCo ocorrido em momento anterior ou que configura uma situação habitual, que se repete ao longo do tempo, sendo suspensa pelo presente EsCo⁶¹. Os exemplos de (01) a (04) são representativos.

(01) Esopo. E, pois Geringonça sempre me quis bem, há-de ser minha mulher. Geringonça, dá cá essa mão de almofariz, para com ela pisar a pimenta do meu afecto.
 Geringonça. Lembrou-se Deus da minha pobreza e honestidade.
 Eurípedes. Já **agora**, não andará Xanto com Geringonça com amorinhos.
 Esopo. Senhores, isto está concluído; e com vodas se perdão dos erros, repetindo o coro os vivas desta vitória (PTVE18:1, 62, C1).

(02) Geringonça. Que gritos são estes, Senhora? Mas ai, coitada de mim, que demónio tão feio!
 Periandro. Boa a veio vossa mercê fazer; ela lhe dará o recado.
 Eurípedes. Deite-me esse monturo pela porta fora; não o quero em casa nem um instante.
 Xanto. Maldito de todos os diabos, **agora** estás mudo? Dize-lhe alguma cousa, com que se desenfade e se alegre.
 Esopo. Suponha vossa mercê que se me secou a prosa e que estou na hora do burro.
 Xanto. Dize-lhe alguma cousa sequer (PTVE18:1, 02, C1).

(03) D. Quixote. Com que, vossa mercê é cavaleiro andante? Ora ajunte-se comigo, e falemos na matéria, que, como professor dela, estimo muito estas práticas.
 Criado*. Enquanto nossos amos lá praticam sobre os seus amores e valentias, vamos dando à taramela e fazendo pela vida.
 Sancho. Meu amigo, **agora** fico mais consolado nos meus infortúnios, pois mal de muitos consolo é. Até aqui, cuidava que só eu era desgraçado, em ser escudeiro de cavaleiro andante; mas já vejo que vossa mercê nasceu debaixo da minha estrela (PTDQ18:1, 78, C2).

(04) Hum Pedro filho de João, perguntando a Christo pelos sucessos da vida, e da morte de outro João, a quem amava, como filho, he o que nos dizem as palavras, que citey. Muito Alto, e muito Poderoso Rey, e Senhor Nosso; **agora**, quando já Rey immortal, muito mais alto, e muito mais Poderoso: muito mais Alto, quando vay da terra ao Ceo (RPHF18:2, 113, C2).

⁶¹ Essa dupla possibilidade de configuração do EsCo que é colocado em desigualdade com o EsCo do momento presente é importante para a distinção, nas próximas seções, da relação temporal específica que alimenta oposição ou quebra de expectativa.

Em (01), o enunciado que *agora* constitui tem relação com um período de tempo anterior durante o qual o personagem Xanto tem um caso amoroso com Geringonça. Após observar o casamento de Esopo e Geringonça, Eurípedes (esposa de Xanto) compreende a situação que se configurará daquele momento em diante como diferente da situação que observava durante todo um intervalo de tempo anterior. O papel predominante de *agora* no contexto é expressar tempo (mais especificamente, posterioridade em relação ao momento da enunciação), mas ele adquire nuances de desigualdade na medida em que veicula justamente o EsCo que se diferencia do EsCo anterior. A expressão do novo EsCo a partir de uma estrutura negativa (*não andaré Xanto com Geringonça com amorinhos*) é fator importante para a construção de desigualdade. Conforme Traugott (2010b), construções negativas fazem remissão à sua contraparte afirmativa e a refutam. Assim, a escolha por referir à nova situação a partir do que ela *não vai ser* é forte indício de que o locutor a compreende como desigual à situação anterior e concebe uma *relação temporal contrastiva* entre ambas.

Em (02), o conteúdo formulado em *agora estás mudo* está em relação com todo um conjunto de situações anteriores em que o locutor observa no personagem referido a capacidade de falar. Esse conteúdo resulta, portanto, da concepção de uma relação desigual entre o período anterior ao momento da enunciação, em que o locutor observa uma dada situação no mundo (Esopo se comunicando com outras pessoas), e o momento presente, em que verifica uma situação diferente da anterior (o personagem mudo). O verbo *estar* contribui para a construção de diferença, uma vez que pode veicular transitoriedade, se aliado a outros fatores contextuais. No contexto em questão, parece que é justamente sua combinação com *agora* que dispara desigualdade em relação à toda a situação anterior na peça.

Os exemplos (03) e (04), por sua vez, mostram o advérbio *mais* como marca explícita de diferença. Nessas construções, a diferença é construída a partir da intensificação de uma situação já observada em momento anterior. Em ambos os casos, o contexto permite identificar o que leva à intensificação dos estados já anteriormente observados. Em (03), o locutor se afirma *mais consolado* porque tomou conhecimento de que seu interlocutor tem um trabalho semelhante ao seu. Em (04), o locutor afirma que o indivíduo que está homenageando se tornou, *agora, mais alto* (em termos de poder e superioridade) por conta de sua morte. O fato de esses contextos possibilitarem a identificação daquilo que gera a diferença é um aspecto que contribui para a constituição de

desigualdade, já que se tem disponíveis as motivações da mudança no tempo, isto é, se tem evidências explícitas da mudança.

Conforme os exemplos apresentados, os contextos que assumimos como representativos do **estágio I** de ambas as trajetórias de contraste atravessadas por *agora* envolvem uma *comparação* entre EsCos por parte do locutor, que confronta o EsCo escopado por *agora* com EsCos que observa em outros momentos no tempo. Desse modo, tais contextos se caracterizam pela evocação de dois EsCos que entram na comparação, mas apenas um deles está *localmente codificado*. De (01) a (04), o caso amoroso de Xanto com Geringonça, as várias situações em que Esopo interage com outros personagens, o período em que o locutor estaria “menos consolado” e o período em que o homenageado do locutor seria “menos alto” são todos EsCos inferidos, não presentes no contexto linguístico que *agora* ajuda a constituir. Nesse estágio da mudança, portanto, os fatores que dão condições para a leitura de desigualdade estão disseminados em contextos mais amplos, que extrapolam as fronteiras da construção de que *agora* faz parte.

A partir do segundo estágio, em que já é possível contemplar a especialização para diferentes tipos de contraste, o EsCo que está em relação temporal com o EsCo do momento presente está explícito na construção linguística de que *agora* participa. Admitimos que é justamente isso que permite a identificação de especificidades contextuais que alimentam oposição semântica e de especificidades que alimentam quebra de expectativa, pois a codificação explícita de uma relação entre os dois EsCo torna possível a identificação de como o locutor interpreta e avalia a desigualdade no tempo, isto é, de qual sua *atitude subjetiva* diante da desigualdade: se a concebe simplesmente como uma relação entre situações opostas ou se ela resulta da frustração de expectativas. Passamos, então, à discussão de cada trajetória de contraste em particular.

De tempo à oposição semântica

À luz dos dados, distinguimos para a trajetória tempo > oposição semântica atravessada por *agora* três diferentes tipos de arranjos contextuais em que tempo se alia a oposição semântica. Propomos que os três diferentes tipos refletem diferentes estágios evolutivos, conforme se aproximam mais ou menos dos contextos de oposição semântica prototípicos.

A proposta não pressupõe discretude entre os três estágios, nem assume que cada estágio se correlaciona exclusivamente a um intervalo de tempo. Na verdade, o que os dados mostram é

uma sobreposição entre eles ao longo do tempo, na medida em que todas as sincronias analisadas exibem todos os estágios propostos. Não há, portanto, uma passagem linear e homogênea de um estágio a outro. O que torna relevante, em nossa perspectiva, a distinção entre os três estágios é a possibilidade de nos aproximar do desenvolvimento gradual das mudanças, assumindo que alguns contextos fornecem contribuições maiores para a reanálise de forma e significado.

Como anteriormente assinalado, o primeiro estágio do percurso tempo > oposição semântica (comum à trajetória rumo a quebra de expectativa) é marcado por inferências de diferença no tempo favorecidas por fatores disseminados em contextos que extrapolam os limites da construção com *agora*. Ao **estágio II** dessa trajetória, associamos diferentes tipos de construções, que, apesar da variedade, têm em comum o fato de não se constituírem em construções de coordenação e, portanto, exibirem propriedades de forma e significado que, em decorrência dos critérios mobilizados, as tornam mais distantes dos contextos de oposição prototípicos.

Do ponto de vista morfossintático, os contextos desse estágio se afastam dos prototípicos ao mostrarem *agora* ocupando diferentes posições sentenciais, em construções complexas de vários tipos, exibindo, assim, a mobilidade sentencial que é tão típica da categoria dos advérbios. Em termos de significado, *agora* ainda atua como advérbio circunstancial temporal. O contexto ainda não tem elemento explícito indicativo de contraste, de modo que o sentido de oposição semântica é altamente dependente do contexto como um todo. As construções de (05) a (10) são ilustrativas.

(05) Nesses dias de | verdadeira vertigem até o bello sexo se de-|grada, perde s seos foros de pudor, de | gravidade, e delicadeza para se entregar aos | furores, e expor-se as grosserias, a até as | porquidades do entrudo. Esta jovem cheia de encantos, que a pouco vos atrahia pela sua modestia, por suas maneiras doces, mas, graves, e reportadas, por certo acanhamento pudibundo, e por isso mais gracioso, **agora** a vereis desgranhada, como huma Bachante, destemida como huma furia, ensopada em cantaros d'agua, salpicada de lama, investindo a todos, e arcando com homens igulamente desassisados, e loucos (CAPH19:1, 131, C2).

(06) Na largura do gradeamento da porta, e pelo seu comprimento, se estende huma Rua, que ao longe vejo adornada em meio, com hum formoso Obelisco em fôrma pyramidal, o qual logo hiremos ver , e notar de mais perto. Que maravilhosa mudança vejo eu da parte da Serra! Efte terreno que eu vira inculto, cuberto de aspero, rasteiro, e esteril Tojo, **agora** se mostra a meus olhos ondeando todo com a larga Seara, e do meio dela brotaõ milhares, e milhares de viçosas Oliveiras, que aftermofeaõ , e enriquecem efta agradável encofta (DEQB18:2, 102, C2).

(07) Ficou absorto, immovel, estático na contemplação dos astros; elle que tudo conhecia, tudo previa com a mais ligeira observação, **agora** nada soletrava na natureza, sinão vaga e confusamente (ROAY19:2, 07, C2).

(08) No governo anterior, como já dice, a estrada em questão, e outras muitas estavam optimas, e nunca vi na | minha Freguezia intrigas, e indignidades, como **agora** presenciei na ocasião das eleições (CAPP19:2, 140, C2).

(09) Essa tua contínua primavera,
 Privilégio do clima, em que nasceste,
 Bem te posso dizer, que hoje a perdeste
 Não é **agora** já o que antes era (RPHF18:2, 109, C2).

(10) N'esses tempos de trevas, quan- | do ainda os nossos pais acreditavão em Deus e em sua Mae Santissima, erão verdadei- | ramente dias de descanso para esses mise- | seraveis; mas a diminuição da piedade, e o | augmento da ambição nos seus descendentes | tem privado os pobres escravos d'esses mo- | mentos de folga; e muitos dias santos que | antigamente erão de guarda são **agora** dias | santos dispensados, nos quaes os trabalhadores | braçaes sao permittidos, ficando com tudo | a obrigação de assistir a missa do dia, da | qual os Srs. mui brevemente dispensarão não | só aos seus escravos mas tambem a si (NRIO19:1, 43, C1).

Nas construções de (05) a (07), as orações de que *agora* participa são matrizes de orações tradicionalmente concebidas como orações adjetivas explicativas. Hopper e Traugott (2003, p. 182) as denominam relativas apositivas, dada sua semelhança com expressões de aposição. Em (08), *agora* faz parte de uma oração hipotática, que tem valor de comparação em relação à sua matriz. Em (09) e (10), os enunciados de que *agora* faz parte são novamente matrizes, e a eles estão subordinadas orações relativas restritivas.

Apesar da variedade de construções associadas ao estágio II, em todas está implicada, entre a oração matriz e a hipotática, ou entre a matriz e a subordinada, uma relação de *sequencialidade temporal*, construída pela morfologia verbal e/ou por expressões adverbiais. Sequencialidade é a nuance, no domínio das relações temporais, que é base para a desigualdade que alimenta o percurso de *agora* rumo à oposição semântica. Apenas sequencialidade, entretanto, não é suficiente para a emergência de inferências de oposição. O que possibilita a interpretação da sequencialidade temporal como uma instância de desigualdade é sua correlação com outros traços contextuais. Como mostram os exemplos de (05) a (10), cada momento que participa da relação sequencial – um momento anterior e um momento posterior – está associado a um EsCo. Os enunciados que veiculam cada EsCo contêm termos ou expressões que, em decorrência de crenças subjetivas mobilizadas pelos falantes/escreventes em sua interpretação do mundo, indiciam oposição entre os EsCos. Descrevemos cada exemplo para, posteriormente, extrairmos deles as características fundamentais do estágio II.

Em (05), a sequencialidade é indiciada tanto pela oposição temporal entre a locução adverbial *há pouco* e o advérbio *agora* quanto pela correlação modo-temporal entre a oração hipotática, que contém morfologia verbal indicativa de pretérito (*atraía*) e a oração matriz, constituída de verbo com morfologia de futuro (*vereis*). Os EsCos que se sucedem no tempo são descritos por termos e expressões que carregam um ponto de vista intrínseco a seu significado. São termos e expressões que Ducrot (2009) denomina *enunciadores lexicais*. Alguns enunciadores, segundo o autor, exibem orientação argumentativa, no sentido de que são capazes de justificar uma certa conclusão ou torná-la aceitável (DUCROT, 2009, p. 49). No exemplo em análise, *encantos, modéstia, maneiras doces* e os demais termos e expressões utilizados para caracterizar *esta jovem* se constituem, em nossa perspectiva, em enunciadores lexicais que, ao passarem por modelos de mundo subjetivamente constituídos, caminham em uma mesma direção argumentativa e constroem o retrato de um comportamento socialmente avaliado como “bom”, “direito”. Por outro lado, *desgranhada e bachante*, na oração matriz, evocam uma imagem de desordem, seguindo uma orientação argumentativa distinta. A sequencialidade no tempo, assim, é enriquecida com elementos contextuais que, embora não indicativos de contraste por si mesmos, evocam orientações argumentativas socialmente concebidas como instâncias de oposição.

No exemplo em (06), a correlação modo-temporal é o elemento gramatical que indicia sequencialidade no tempo (*vira x se mostra*). Nessa construção, a oposição que se combina com a sequencialidade no tempo é evocada novamente por expressões que, ao atravessarem crenças subjetivas, constituem enunciadores lexicais orientados a diferentes direções argumentativas. Enquanto, na oração hipotática, principalmente os adjetivos *inculto, áspero, estéril* indiciam improdutividade (situação socialmente compreendida como ruim, adversa), na oração matriz, *seara e viçosas* sugerem produtividade (socialmente avaliada como uma situação positiva).

Em (07), tanto a oração hipotática quanto a matriz exibem morfologia verbal de pretérito, mas a presença de *agora* na oração matriz indica que o EsCo aí expresso é posterior ao EsCo da oração hipotática. Na verdade, o uso do pretérito nessa construção tem relação com o gênero textual (romance), que, composto especialmente por sequências narrativas, tende a se constituir de formas pretéritas. As inferências de oposição aqui são condicionadas especialmente pelos quantificadores *tudo e nada* e pelos sintagmas adverbiais *com a mais ligeira observação* e *vaga e confusamente*. Assumindo que as noções de *ligeiro, vago e confuso* funcionam como enunciadores lexicais, admitimos que contribuem para a construção de orientações argumentativas que levam a

conclusões contrárias. *Ligeiro*, em usos como o observado em (07), é geralmente associado a qualidade positiva, ao passo que *vago* e *confuso* tende a ganhar conotações negativas.

Na construção em (08), novamente observamos entre a oração matriz e a hipotática a correlação modo-temporal de formas pretéritas (*vi/presencieï*), mas a sequencialidade se torna evidente pelas expressões adverbiais *no governo anterior* e *nunca*, de um lado, e *agora* e *na ocasião das eleições*, de outro. Nesse caso, a oposição emerge a partir da afirmação, na oração hipotática, do EsCo que é negado na oração matriz. Também admitimos que enunciadores lexicais alimentam a oposição. Enquanto, no momento anterior, o locutor não observa *intrigas* e *indignidades* (nomes que evocam avaliações negativas), no momento posterior, afirma presenciá-las.

Em (09), de modo similar ao exemplo (07), a negação tem papel importante, na medida em que o mesmo EsCo que era atestado em momento anterior não o é no momento presente, posterior. Assim, na construção com *agora* em si (*não é agora o que antes era*), só o que permite inferir oposição é a negação de um EsCo na oração matriz e sua afirmação na oração subordinada. O contexto precedente, entretanto, contém mais elementos indicativos de oposição, exibindo evidências de que o momento anterior é avaliado, pelo locutor, como melhor em relação ao momento presente. É interessante que *privilégio* tem papel importante na construção (e interpretação) dessa atitude avaliativa, ao atuar como enunciador lexical indicativo de julgamentos favoráveis. É um exemplo típico de termos que, conforme a proposta de Ducrot (2009), carregam um ponto de vista intrínseco.

Por fim, no exemplo em (10), além da correlação, expressa pela morfologia verbal, pretérito/presente, a correlação entre *antigamente* e *agora* também contribui para a construção de sequencialidade no tempo. Nessa construção, assumimos não haver enunciadores lexicais propriamente ditos evocando orientações argumentativas distintas, mas, considerando a construção em seu entorno contextual maior, em que o locutor argumenta a favor da importância dos dias santos para o descanso dos escravos, é possível validar uma oposição entre as expressões *de guarda* e *dispensados* e assumir que, no contextos, elas funcionam como enunciadores lexicais, na medida em que podem ser associadas a atitudes avaliativas do locutor: em relação ao EsCo que marca o momento anterior (dias santos eram de guarda), o locutor mostra uma atitude positiva, ao passo que, em relação ao EsCo que observa em sua realidade atual (dias santos são dispensados), mostra um julgamento negativo, porque, dispensados os dias santos, os escravos perdem seus momentos de descanso.

Como buscamos mostrar para cada exemplo, os enunciados que constroem a sequencialidade no tempo contêm termos e expressões que evocam pontos de vista, julgamentos. Na medida em que, a partir dos pontos de vista implicados, cada EsCo pode ser associado a diferentes avaliações do locutor e que a sequencialidade entre um EsCo e outro constitui uma *mudança no tempo*, o posicionamento do locutor em relação a cada EsCo implica um posicionamento diante dessa mudança. O fato de a sequencialidade temporal receber avaliações dos locutores é evidência, para nós, de que o valor temporal já está, no estágio II, se *subjetivizando*. O locutor não deseja apenas expressar uma mudança no tempo, mas, também, expressar sua atitude subjetiva em relação a ela.

Conforme pontuado no Capítulo 04, Mauri e Ramat (2012) propõem que diferentes graus de subjetividade podem estar subjacentes ao contraste por oposição semântica. Há construções em que a oposição é mais objetiva, por ser baseada em características mais relacionadas ao mundo sociofísico, e construções em que a oposição é mais subjetiva, porque envolve crenças, sentimentos, comportamentos. Em um como o apresentado na construção em (06), por exemplo, assumimos que a oposição que pode ser contextualmente inferida é mais objetiva, pelo fato de que os EsCos descritos fazem referência a propriedades objetivas do mundo sociofísico. O que está em relação temporal é o aspecto físico de um terreno. O locutor apresenta suas propriedades físicas em um momento anterior e suas propriedades físicas em sua realidade presente. Isso difere, em nossa perspectiva, de construções como o exemplo (05), em que o que está sendo descrito e colocado em relação temporal é justamente um comportamento e, assim, são atitudes subjetivas em si que estão sendo relacionadas. Aqui, consideramos a oposição inferida uma oposição mais subjetiva.

Em (06), entretanto, apesar de a relação temporal incidir sobre propriedades físicas, argumentamos que por trás de uma descrição mais objetiva do mundo subjaz uma avaliação subjetiva. O locutor avalia a mudança de um conjunto de propriedades físicas X para um conjunto de propriedades físicas Y como uma mudança positiva, o que está, inclusive, explícito no enunciado anterior à construção com *agora* (*Que maravilhosa mudança vejo eu da parte da Serra!*). Propomos que a avaliação subjetiva por trás da descrição de EsCos mais objetivos constitui, na trajetória de *agora* em direção a oposição semântica, um passo inicial no processo de subjetivização. Os demais exemplos apresentados, de (07) a (10), também evidenciam, para nós, esse passo inicial, diferenciando-se de casos como (05), já discutido, e como (11), abaixo.

(11) Os partidos políticos vivem sob as mesmas | condições. Lutam, esbravejam, triumpham, | tripudiam ao remanso da victoria, mas o can-|saço se manifesta logo em todas as suas arterias. Suas legiões debandam-se, e lá vão invernar em seus arraiaes. Os lidadores ainda | há pouco activos e ardentes, vê-los-heis **agora** | tibios e bisonhos (CAPH19:2, 119, C2).

De modo similar a (05), no contexto em (11), também representativo, em nossa análise, do segundo estágio da mudança, a oposição que pode ser inferida envolve comportamentos (*ativos/ardentes vs. tibios/bisonhos*), já configurando, portanto, uma oposição mais subjetiva.

O fato de, mesmo nos casos em que a oposição inferida é mais fundada em propriedades objetivas, ser possível identificar atitudes avaliativas do locutor diante da mudança constitui indício de que, nos variados contextos representativos do estágio II, *agora* já está participando de construções com finalidades argumentativas. Ao avaliar uma mudança como positiva ou negativa, o locutor argumenta a favor de uma dada conclusão. Em (05), por exemplo, já no contexto anterior à construção com *agora*, o locutor explicita que considera sua realidade presente como *dias de verdadeira vertigem*, que, para ele, equivalem a uma situação de degradação de valores morais. A mudança de comportamento das mulheres jovens, que é expressa pela construção com *agora*, caminha nessa direção argumentativa. O resultado da mudança é justamente um comportamento que corrobora o ponto de vista de que os valores morais estão degradados. Em (08), para citar mais um exemplo, a avaliação da mudança como negativa favorece a conclusão de que o governo anterior era melhor do que o governo que tem início a partir das eleições.

Como é possível observar nos exemplos apresentados (e nos demais encontrados no *corpus*), os dados mostram a tendência de, na relação de sequencialidade, *agora* veicular o tempo posterior e, assim, estar associado ao EsCo resultante da mudança. Como vimos, esse EsCo tem o efeito de “coroar” uma posição argumentativa em desenvolvimento no entorno contextual maior, favorecendo a conclusão a que ele deseja chegar. Isso é relevante para pensar o papel argumentativo dos contextos em análise. Ao trazer especificamente o desfecho da mudança no tempo, a oração com *agora* parece veicular a informação de maior relevância comunicativa.

Para além disso, a posterioridade temporal expressa pela oração com *agora* parece também se refletir na arquitetura morfossintática em que ela se insere. Seja constituindo a oração matriz, a oração hipotática ou a oração subordinada, a oração com *agora* tende a estar posposta à outra oração com que se relaciona. Embora existam exceções⁶², admitimos tratar-se de uma tendência

⁶² Dentre os próprios exemplos apresentados, a construção em (09) exhibe a oração com *agora* anteposta à oração que se subordina a ela. Nesse caso, entretanto, a anteposição pode estar relacionada ao gênero em que a construção se

mostrada pelos dados, que tem grande relevância se levarmos em conta que, em construções de coordenação contrastiva típicas (cf. Capítulo 02), (i) a oração que o juntor encabeça geralmente constitui o segundo membro da junção, isto é, é posposta a uma outra oração, (ii) o segundo membro da junção geralmente contém a informação mais relevante do ponto de vista comunicativo. Nessa perspectiva, a posterioridade implicada no valor temporal de *agora* e a posposição da oração que ocupa (uma espécie de posterioridade na construção linguística) configuram propriedades dos contextos do estágio II que também contribuem para a constituição dos novos usos.

À luz das propriedades que caracterizam os contextos associados ao estágio II (e que permitem reuni-los em um só conjunto), assumimos que fornecem condições favoráveis tanto ao enriquecimento pragmático do novo significado quanto à assimilação de traços morfossintáticos relevantes a construções de junção. O papel de *agora* (o item em si) para o convite às inferências de oposição ainda é secundário, sendo tempo seu significado predominante (daí observarmos *agora* exibindo a mobilidade sentencial típica de sua categoria). No entanto, o significado temporal que veicula é sempre, nesses contextos, *um dos pilares da relação de sequencialidade*, fazendo parte, assim, do conjunto de elementos que convidam inferências de oposição.

De acordo com o que mostram nossos dados, em um estágio mais avançado da mudança, que consideramos o **estágio III** da trajetória rumo a oposição semântica, estão contextos que também exibem relação de sequencialidade entre EsCos e que também se constituem de expressões que, por intermédio de crenças subjetivas, evocam oposição. São, entretanto, contextos que avançam em relação aos contextos do estágio II por três características principais, que, somadas àquelas já atestadas no estágio anterior, tornam esses contextos mais próximos dos contextos de oposição prototípicos: (i) apresentam jutores que explicitam a ligação entre os EsCos em relação de sequencialidade e que, em muitos casos, inclusive, explicitam o próprio contraste por oposição semântica (configurando-se em jutores tipicamente contrastivos), (ii) a relação que se instaura entre as orações envolvidas na sequencialidade temporal já é uma relação coordenativa, (iii) nessa relação, *agora* constitui o segundo membro.

Nessa perspectiva, a contribuição de tais contextos para a mudança se dá tanto no domínio do significado quanto da morfossintaxe. Em termos de significado, as condições emergem a partir da correlação de oposição temporal com oposição entre EsCos, de modo que também se

insere. Trata-se de um poema introduzido em uma lista panegírica, como uma forma de ornamentar a homenagem que está sendo desenvolvida.

configuram nesses contextos, assim como naqueles associados ao estágio II, dois pares de opostos. No entanto, o fato de, aqui, a dupla oposição se manifestar através de coordenação representa ainda mais ganhos para a mudança do ponto de vista dos sentidos, na medida em que a construção habilita a identificação de um *integrador comum* entre os enunciados, aspecto semântico tão saliente nas construções coordenadas. Além disso, a relação coordenada tem consequências para a morfossintaxe, pois resulta na *disposição paratática* dos enunciados, configurando, assim, a estrutura binária que caracteriza construções de junção contrastiva.

Vimos que, nos contextos associados ao estágio II, os dados já mostram a tendência à posposição para a oração com *agora*. No estágio em análise, a posposição é, em nossa perspectiva, ainda mais relevante, justamente por se tratar de uma posposição no interior de construções coordenadas. A posposição da oração com *agora*, seja nos contextos do estágio II ou nos contextos do estágio III, pode ser motivada pela atuação, em vários domínios da língua, do princípio da iconicidade. Segundo Haiman (1985), o meio linguístico tende a se adaptar estruturalmente para representar, de forma icônica, instâncias de sucessão temporal. Isto é, o meio linguístico representa estruturalmente o meio extralinguístico. Isso coloca em evidência, mais uma vez, a importância da sequencialidade temporal para a constituição de *agora* enquanto juntor contrastivo, na medida em que, ao veicular, na relação sequencial, especificamente posterioridade, vai, com o tempo, se associando também à “posterioridade” na construção de que participa.

Embora os contextos do estágio III mostrem *agora* constituindo, majoritariamente, o segundo membro da coordenação, no interior desse segmento o item ainda exibe mobilidade sentencial, como já assinalado. Isso leva a diferentes possibilidades de arranjos contextuais. Os dados mostram construções em que *agora* está contíguo ao juntor e construções de não contiguidade, em que seguem o juntor um ou mais constituintes e *agora* ocupa posições mais à direita da oração.

A contiguidade entre *agora* e jutores típicos é um fator importante, na medida em que *agora* ocupa uma posição próxima à posição típica de jutores (KORTMANN, 1997; cf. Capítulo 02). Quando o juntor a que *agora* está contíguo é um juntor contrastivo, tem-se uma condição ainda mais favorável à reanálise de forma e significado. Acreditamos que a proximidade morfossintática pode tornar mais saliente a proximidade conceitual, isto é, favorecer ainda mais a correlação entre os significados de tempo e contraste e, assim, a nuance *oposição temporal*. De (12) a (15), apresentamos contextos que mostram *agora* contíguo a jutores contrastivos, e, em (16) e (17),

contextos em que também se observa contiguidade, mas o juntor presente, *e*, ganha valor de oposição no contexto, não se constituindo propriamente de semântica contrastiva.

(12) Fidalga. Marido, este é o célebre D. Quixote? Temos muito que rir e nós o faremos mais doudo. Vós não sois por outro nome o Cavaleiro da Triste Figura?

D. Quixote. Algum dia tive esse apelido, mas, **agora**, depois que matei um leão, me chamo o Cavaleiro dos Leões (PTDQ18:1, 98, C2).

(13) As folhas lastrão o chão; as flores leva-as a brisa. Como o imbú na varzea era o coração do guerreiro branco na terra selvagem. A amizade e o amor o acompanharão e sostiverão algum tempo; mas **agora** longe de sua casa e de seus irmãos, sentiu-se em um ermo (ROIR19:2, 44, C2).

(14) Cruzando vão os paramos do vento

Sem festejar o Sol com melodia

Os seus habitantes, que algum dia

Fazião coro, e musico instrumento.

Algum tempo se ouvia a voz canora,

Porém agora

Os passarinhos

Nos seus raminhos

Não dão recreos

Com seus gorgêos,

E só no alto silencio gemem graves

Com vozes tristes as nocturnas aves (RPHF18:2, 110, C2).

(15) Os projetos mais recentes sobre a Censura teriam sido examinados por três homens, em reunião de que não foi dado a conhecer objetivo. Esses três homens eram o sr. Agamemmon, o Sr. João Alberto e o general Dutra, pessoas todas comprometidas por declarações precedentes contra a Censura, porém, **agora** admite-se nela empenhadas (NOJB20:1, 272, C2).

(16) E no que toca aos indios não digo a Vossamerce nada, pois de tudo tem noticia que Veviam e[rasurado]morriam Como ereges e **agora** ja parecem emparte Christaos, e não digo mais porque Vossamerce como vezinho Sabera detudo melhor de que eu (CAAI18:1, 74, C1).

(17) A Capitania de São Vicente tão celebre noutro tempo, e **agora** tão desconhecida, que nem o nome primitivo conserva para memoria de sua antiga existencia, foi a maior entre as dez grandes Provinciaz, em que ElRey Dom Ioaõ terceiro dividio anova Luzitania, (...) (MH18:2, 32, C2).

Em (12) e (13), *agora* está contíguo ao juntor contrastivo por excelência, *mas*. Em ambas as construções, a correlação entre *agora* e outras expressões adverbiais (*algum dia* e *algum tempo*) evidencia a sequencialidade temporal, que, do mesmo modo como destacamos no estágio II, se

combina com enunciadores lexicais para a constituição de oposição entre os EsCos sucessivos no tempo. Em (12), assumem o papel de enunciar pontos de vista contrários as expressões *triste figura* e *cavaleiro dos leões*. Em (13), *amizade* e *amor* evocam para o EsCo anterior avaliações positivas, ao passo que *ermo* refere o EsCo posterior como um cenário negativo. Embora esses elementos lexicais contribuam significativamente para a leitura de oposição, ela está efetivamente codificada por *mas*.

Em (14) e (15), *porém* é o elemento que torna explícito o contraste. De acordo com Neves (2000), *porém* ainda não exhibe características típicas de conjunções, constituindo um advérbio juntivo em processo de gramaticalização. Embora os contextos em que *agora* está contíguo ao item não têm, para nós, o mesmo estatuto daqueles em que a contiguidade se dá com *mas*, ainda assim atendem aos critérios necessários, em nossa proposta, para que sejam associados ao estágio em análise: exibem relação de coordenação, *agora* ocupa a oração posposta e há um elemento, com propriedades juntivas (apesar de não conjuncionais), que explicita o contraste. Em (14), a oposição temporal se dá entre *ouvir a voz canora* e toda a oração *os passarinhos não dão recreos com seus gorgêos*, que se resume em seguida em *silêncio*. A qualificação construída pelo significado de *canora* indica uma avaliação favorável do EsCo anterior, enquanto *silêncio*, especialmente ao ser escopado por *só*, um típico marcador de quebra de expectativa (HEINE *et al.*, 1991, p. 193), permite associar o EsCo posterior a uma avaliação negativa. Em (15), o sintagma preposicional *contra a Censura* adquire valor opositivo em relação à forma de particípio *empenhadas*.

Nos exemplos em (16) e (17), por sua vez, o juntor que sinaliza a relação coordenativa, *e*, não tem semântica contrastiva, mas sua multifuncionalidade o habilita, a depender de traços contextuais, à expressão de contraste. Em ambos os exemplos, é justamente a sequencialidade temporal que *agora* ajuda a construir o fator contextual principal que possibilita a atribuição de valor contrastivo a *e*. Embora construções desse tipo não tenham o sentido de oposição tão saliente como nas construções apresentadas anteriormente, em que a semântica dos juntores é de fato contrastiva, optamos por agrupá-las àquelas, a fim de nos manter consistentes com os critérios estabelecidos para a delimitação de diferentes estágios contextuais. A não-discretude que defendemos entre esses estágios e entre os contextos reunidos em cada um nos permite trabalhar com essa variedade de tipos de construções no interior de cada estágio.

Em (16), enquanto *viviam e morriam como hereges* caminha argumentativamente para uma direção negativa (se considerarmos os objetivos de catequização dos índios), indicando que a

situação anterior é avaliada pelo escrevente como uma situação ruim, *agora já parecem em parte cristãos* exibe uma orientação argumentativa diferente, sendo julgada pelo escrevente como uma situação positiva, em que os índios apresentam uma espécie de “progresso religioso”. Em (17), os qualificadores *célebre* e *desconhecida* entram na oposição, estando cada termo correlacionado, respectivamente, à luz de crenças subjetivas, a um cenário bom e a uma situação desfavorável.

Como observamos acima, o funcionamento ainda adverbial de *agora* no estágio em análise possibilita a configuração de contextos em que o item não está contíguo ao juntor. De (18) a (20), apresentamos exemplos ilustrativos.

(18) A primeira operação do affedador he corcovar, ou' bater o Canamo: isto se fazia primeiramente à mão e ainda se faz em alguns lugares; mas em Suffolk servem-se **agora** de hum moinho, que levanta dois, e algumas vezes três pezados maços, os quacs cahem fobre o Canamo, que hum homem , ou rapaz conduz á roda para fer regularmente maçado (MCM18:2, 85, C2).

(19) Amanheceo pois o dia onze de Dezembro, consignado antigamente pelos Pythagoricos ao pranto; e destinado **agora** para em Catholico verdadeiro Rito enviar a Sé da Bahia ao Rey dos Reys, e Senhor dos Senhores, que lá tem o seu Solio na esplendissima eternidade, os seus ternissimos suspiros (RPHF18:2, 106, C2).

(20) O christão lhe promettera voltar; todas as manhã subia ao morro dasareias e volvia os olhos ao mar a ver si branqueava ao longe a vela amiga. Afinal volta Martim de novo ás terras, que forão de sua felicidade, e são **agora** de amarga saudade (ROIR19:2, 52, C2).

Apesar de assumirmos que a proximidade morfossintática favorece a proximidade conceitual, conforme argumentamos acima, as construções de não contiguidade atendem às características mobilizadas como critérios para a associação de contextos ao estágio III. Apesar de não contíguo ao juntor, *agora* ainda está no membro da junção que consolida a relação contrastiva.

Buscamos mostrar que contextos correspondentes a um possível terceiro estágio da mudança somam, às características já atestadas no segundo estágio, a presença de um *juntor*, que organiza a relação de sequencialidade em uma *relação coordenativa*, e a disposição de *agora* no segundo membro dessa relação. Os dados exibem contextos que mostram um arranjo ainda mais próximo dos contextos de oposição prototípicos e que, por isso, representam, em nossa proposta, um estágio mais avançado, em virtude da seguinte diferença em relação às construções anteriormente descritas: *agora* encabeça o segundo membro da relação coordenativa e ocupa, assim, a posição típica de juntor. Não há mais, portanto, um juntor indicativo de contraste (seja por sua semântica contrastiva ou por contraste estar entre suas multifunções). A soma dos dois fatores

resulta em um contexto propício à reanálise de *agora* como o elemento que indicia a junção entre os enunciados e, também, a oposição entre eles. Propomos que o item adquire, em contextos do tipo, o papel de *advérbio juntivo*. Associamos tais contextos ao estágio IV da mudança. As construções de (21) a (29) são ilustrativas.

(21) E estas tábuas para as caixas vêm da serraria já serradas, e no engenho só se levantam, endireitam e aparam e hão de ter nos lados, para bem, dous palmos e meio de largo, e o mesmo de comprimento. Valia uma caixa, nos anos passados, dez ou doze tostões, **agora** subiram a maior preço (HECO18:1, 176, C2).

(22) O filho, Doroteu, tomou-lhe as manhas: Era um triste pingante, que só tinha o seu pequeno soldo, **agora** veio para inspetor das obras e já ronca, já empresta dinheiros, já tem casas, já tem trastes de custo e ricos móveis, mas logo, Doroteu, verás o como (POCC18:2, 37, C2).

(23) Noutro tempo ninguém se retirava dos amigos, sem que dissesse adeus. **Agora** é moda sairmos dos congressos em segredo (POCC18:2, 44, C2).

(24) Aromaticas - Até aqui erão bebidas que embrutecião a intelligencia, e desenvolvião os instinctos de animalidade **agora** são bebidas que communicão uma doce excitação às faculdades d'alma, e desenvolvem os instinctos de sociabilidade (NOJB19:1, 150, C2).

(25) Ora mamãe, fala porque não ando com o pescoço direito; ora porque estou com a cabeça torta. No outro dia implicou com o meu vestido porque estava muito escorrido; **agora** porque está muito estufado... Hoje diz que falo assim... amanhã diz que falo assado... Eu não entendo (PTCD19:2, 22, C2).

(26) Eu lhe digo, pelo que eu quero a esse legumezito era capaz até de pol-o n'um throno, mas com esta guerra estão todos muito agarrados e a gente anda escorrida de bolsa e não póde fazer africanas nem proezas. Dantes quatro vintens de feijão era quasi um balaio, **agora** é um fiapinho que nem os olhos enxergam (CAPP19:2, 132, C2).

(27) Quem tem cauda e medo da calumnia, não agarra pela colleira à um cão damnado como tu. Os teus ataques me honram muito. O senhor Torteroli tambem não te vê. Quando elle corrigia os teus escriptos era bom. **Agora** o despresou, é bandalho. Ladra rafeiro, que nenhum homem de bem te ouve (CAPP19:2, 148, C2).

(28) É que o senhor tem olho pra coisa, eu não. Demais a mais... eu lhe digo... tenho pena do olho esquerdo. Com os óculos os dois viam, **agora** com o vidrinho só o direito é que vê. Não é justo. Ambos são filhos de Deus (PTQU20:1, 117, C2).

(29) Mas fiquei muito tempo, sem ir à missa. A patroa não. Ela ia todo domingo, quando podia, ("mesmo") quando (gaguejo) não tinha neta para cuidar, ia todo dia à missa. (est) **Agora**, com a neta para cuidar, já não pode, não é? (TFIP20-2/21, 366, C2).

Em tais contextos, seria possível que *agora* ocupasse outras posições sentenciais que não a inicial, mas essa posição parece ter um peso importante para a saliência da relação de sequencialidade temporal e mesmo para a saliência do contraste no tempo que emerge dessa

relação. Considerando possíveis construções resultantes da reformulação dos contextos acima de modo a inserir *agora* em outras posições, parece que, quanto mais o item se desloca para a direita da oração, menos é evidente a relação temporal contrastiva. Modificando, por exemplo, a construção em (23) para as construções hipotéticas abaixo, tal relação é, em nossa interpretação, mais saliente em (23a) do que em (23b), e, em relação às duas, a construção original (23) seria a que contém o contraste temporal mais evidente.

(23a) Noutro tempo ninguém se retirava dos amigos, sem que dissesse adeus. É moda **agora** sairmos dos congressos em segredo.

(23b) Noutro tempo ninguém se retirava dos amigos, sem que dissesse adeus. É moda sairmos dos congressos em segredo **agora**.

Do mesmo modo, aplicando modificações na posição de *agora* para o exemplo (26), a proeminência do contraste temporal também parece diminuir gradualmente, de (26a) para (26c), conforme *agora* se afasta da posição inicial.

(26a) Dantes quatro vintens de feijão era quase um balaio, é **agora** um fiapinho que nem os olhos enxergam.

(26b) Dantes quatro vintens de feijão era quase um balaio, é um fiapinho **agora** que nem os olhos enxergam.

(26c) Dantes quatro vintens de feijão era quase um balaio, é um fiapinho que nem os olhos enxergam **agora**.

A modificação da saliência da relação temporal contrastiva conforme as alterações na posição é evidência, em nossa perspectiva, do papel juntivo de *agora* nas construções associadas ao estágio IV. Os casos em que deslocamos o item para a posição final não constituem construções agramaticais, mas a relação entre as orações se torna consideravelmente menos explícita. Isso parece decorrer sobretudo do fato de que a mudança de posição gera alterações de escopo e, conseqüentemente, produz diferenças semântico-pragmáticas. Em (26c), por exemplo, *agora* parece ter um escopo mais restrito, mais interno à oração, incidindo sobre o verbo *enxergam*. Ao ocupar a posição inicial, por outro lado, o escopo de *agora* parece ser mais amplo e recair sobre toda a sentença, de modo que, nas construções do estágio IV, o item funciona, em nossa perspectiva, não mais como advérbio de constituintes, mas como advérbio sentencial⁶³.

⁶³ Conforme discutiremos no Capítulo 07, a mudança de advérbio de constituinte para advérbio sentencial é uma tendência amplamente observada, segundo Traugott (1995), no desenvolvimento de marcadores discursivos, e parece também ser constatada no desenvolvimento de conjunções.

Ao longo das sincronias, são importantes as frequências de construções em que a oração do primeiro membro contém uma forma ou oração adverbial que especifica o tempo anterior. Já argumentamos que, mesmo nas construções em que o primeiro membro codifica anterioridade apenas pela morfologia verbal, é possível atestar a relação de sequencialidade. No entanto, a existência de uma expressão adverbial indicativa do tempo anterior é uma característica que tem especial relevância nos contextos em análise. Em 100% das construções assim configuradas⁶⁴, a expressão adverbial ocupa a posição inicial da sentença que constitui, do mesmo modo como *agora* no segundo membro. Com isso, instaura-se um paralelismo de natureza tanto morfossintática quanto conceitual, que resulta no arranjo ANTES X, AGORA Y, sendo o momento anterior codificado por uma variedade de expressões, como as que observamos nos exemplos acima apresentados (*nos anos passados, noutro tempo, até aqui, no outro dia, dantes*, e orações temporais introduzidas por *quando*). Não encontramos nos dados casos frequentes em que relações sequenciais similares têm o momento posterior codificado por uma outra forma linguística além de *agora*. Isso constitui, para nós, indício de que *agora* é forma preferida para marcar, em relações de sequencialidade do tipo que estamos analisando, o EsCo posterior e, assim, explicitar o vínculo desse EsCo a outro.

Desde os contextos polissêmicos que correlacionamos ao estágio II da mudança até os contextos *agora* em análise, temos buscado mostrar que a oposição que pode ser inferida entre EsCos está entrelaçada com uma oposição temporal, constituída a partir da relação sequencial entre um tempo anterior e um tempo posterior. Os vários contextos de polissemia mostram, portanto, dois pares de opostos, característica que é típica aos contextos de oposição prototípicos. Nos contextos que estamos associando ao estágio mais avançado da mudança, a posição inicial de *agora* no segundo membro torna mais explícito o par de opostos no domínio temporal e, por consequência, favorecem mais a associação de um valor opositivo a *agora*. Nos contextos que mostram o arranjo ANTES X, AGORA Y, a dupla oposição (entre tempos e EsCos) é ainda mais saliente.

No exemplo (21), o contexto favorece inferências de oposição mais objetiva, e o centro da oposição está em *dez ou doze tostões vs. maior preço*. Nesse caso, não é possível identificar se há uma atitude avaliativa do locutor diante da mudança no tempo. O aumento de preço pode estar

⁶⁴ As frequências das construções em que, nos contextos do estágio IV, o tempo anterior é explicitado por expressões adverbiais são as seguintes, ao longo das sincronias: XVIII-1: 50%, XVIII-2: 46,7%, XIX-1: 80%, XIX-2: 85,7%, XX-1: 43,7%, 20-2/21: 50%.

sendo apenas constatado por ele ou, por trás da descrição objetiva desse fato no mundo, pode haver uma avaliação da mudança como positiva ou negativa.

Em (22), por outro lado, o contexto permite atestar que há atitudes subjetivas do locutor por trás da descrição dos EsCos. O segundo segmento se constitui de uma sequência de orações que exibem a mesma direção argumentativa, todas exprimindo evidências da riqueza do indivíduo referido no momento presente. Os EsCos expressos por esse conjunto de orações assumem valor opositivo em relação aos sintagmas *triste pingante* e *pequeno soldo*, no primeiro segmento. Esse exemplo é parecido com o que observamos em (26), no qual a oposição se instaura principalmente entre *balaio* e *fiapinho*, e é possível identificar que o locutor avalia a mudança como desfavorável.

As construções de (23) a (25) mostram *agora* colocando em relação atitudes subjetivas propriamente ditas. Em (23), o locutor descreve uma mudança no âmbito das relações sociais, colocando em oposição o modo com as pessoas se retiravam de eventos públicos no passado e o modo como o fazem no momento presente. Trata-se, portanto, de uma mudança de comportamentos. Há julgamentos do locutor diante dessa mudança, o que pode ser evidenciado, inclusive, no contexto maior em que a construção se insere, no qual o locutor apresenta uma série de mudanças sociais argumentando que valores morais importantes foram perdidos ao longo do tempo.

O exemplo (24) faz parte de uma notícia em que estão sendo descritos diferentes tipos de bebidas. A construção com *agora* inicia o relato daquelas denominadas pelo locutor “aromáticas”. Apesar de os dois segmentos coordenados se constituírem de orações predicativas, que podem sugerir uma descrição de propriedades das bebidas, o que o locutor está de fato veiculando é uma mudança de crenças em relação aos efeitos de tais bebidas aos consumidores. Em um momento anterior, eram concebidos como efeitos negativos, ao passo que, no momento presente, são avaliados como benéficos. A construção exibe um alto grau de paralelismo, que é um traço contextual muito favorável à leitura de oposição, na medida em que os enunciados coordenados exibem exatamente as mesmas estruturas morfossintáticas, diferenciando-se apenas por alguns pontos lacunares, onde justamente são expressas as oposições.

Na construção em (25), a oposição mostra um conflito entre pontos de vista expressos pela mãe da locutora em diferentes momentos. Aqui, também se verifica paralelismo entre os segmentos coordenados, que é acentuado pela elipse oracional no segundo segmento. De acordo com Quirk *et al.* (1985, p. 929), a elipse constitui uma relação de correspondência sistemática entre

enunciados, tanto de um ponto de vista estrutural quanto semântico. Consequentemente, é mais uma evidência da coordenação entre as orações e de que *agora* tem estatuto juntivo no contexto.

Em (27), o locutor coloca em oposição avaliações subjetivas de um indivíduo em diferentes circunstâncias. Trata-se de um contexto que reúne grande conjunto de marcas contextuais favoráveis a inferências de contraste. O paralelismo semântico e estrutural tem um peso importante. Os dois membros coordenados se iniciam com circunstâncias temporais expressas por orações adverbiais. Em ambos, as circunstâncias temporais são seguidas por orações que veiculam a avaliação subjetiva do indivíduo referido pelo locutor nas diferentes circunstâncias. Essas orações exibem paralelismo tanto semântico quanto estrutural, pois ambas expressam o mesmo conteúdo semântico (atitudes avaliativas) e ambas se constituem do mesmo verbo (*ser*). A conjugação desse verbo nas formas de passado e presente, respectivamente, é fator importante para a constituição da relação de sequencialidade, que é, novamente, um dos pares da oposição. Os qualificadores que preenchem a lacuna de predicativo do sujeito em cada membro coordenado (*bom x bandalho*) têm estatuto de enunciadores lexicais, na medida em que contêm pontos de vista intrínsecos a sua semântica.

No exemplo em (28), *agora* atua em conjunto com o sintagma preposicional *com o vidrinho* para a descrição de circunstâncias que caracterizam o momento presente. Recuando um pouco no texto em que essa construção se insere, encontramos uma passagem, apresentada abaixo, que facilita a compreensão da relação opositiva em análise, permitindo compreender o sintagma preposicional *com os óculos* como descrevendo circunstâncias do passado.

Convenci-o a raspar a barba intonsa, substitui-lhe os óculos de ferro por um monóculo decente; vesti-o no Rabelo, arranjei-lhe uma amante supimpa.

Essa construção também se constitui de paralelismos que favorecem inferências de oposição: ambos os membros da coordenação têm início com circunstâncias temporais expressas por sintagmas preposicionais e as orações principais de ambos contêm o mesmo verbo (*ver*). A correlação modo-temporal (*viam x vê*) alimenta a sequencialidade temporal, e o preenchimento de lacunas morfossintáticas similares com itens lexicais diferentes enriquece a sequencialidade com inferências de oposição semântica (*óculos x vidrinho; os dois x o direito*). Destacamos que o segundo membro exhibe duas formas de focalização, que é uma manobra essencialmente contrastiva (LONGHIN, 1999): o advérbio focalizador *só* e a clivagem (*é que*). Essas também são, portanto,

traços do contexto que evocam as inferências. É possível observar, assim como em contextos anteriores, uma avaliação negativa do falante sobre a mudança no tempo, principalmente a partir de duas orações presentes no entorno contextual: *tenho pena do olho esquerdo e não é justo*.

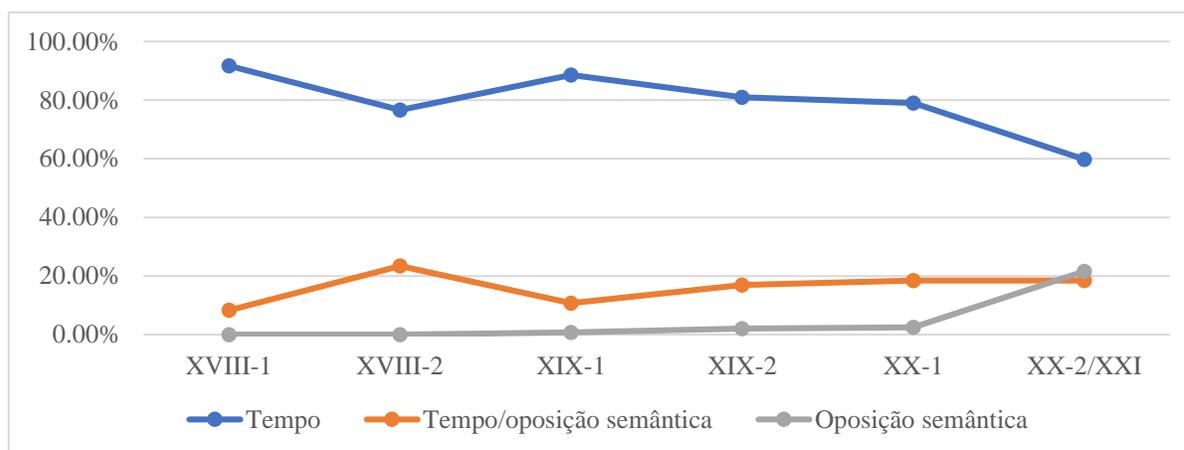
Após termos caracterizado qualitativamente os três estágios propostos para a trajetória tempo > oposição semântica, voltamos a análise para a distribuição quantitativa de cada um ao longo do tempo. Embora não exista a correlação entre cada estágio e períodos de tempo particulares, como já destacamos, assumimos que a frequência longitudinal de cada estágio pode revelar indícios do avanço da mudança, à medida que há tipos contextuais mais favoráveis do que outros para a assimilação, por *agora*, do sentido de oposição semântica e de traços juntivos. Não se pode perder de vista, entretanto, que todos os contextos condicionadores de inferências do significado alvo são relevantes para a mudança. Por esse motivo, apresentamos, na Tabela 08 e no Gráfico 02, as frequências de todos os contextos relevantes à trajetória de oposição semântica, para observarmos como se dá a distribuição dos contextos polissêmicos em geral favoráveis a esse desenvolvimento. Na sequência da Tabela 08, a Tabela 09 mostra a frequência de cada estágio discutido.

Tabela 08. A trajetória de tempo à oposição semântica de *agora* em perspectiva longitudinal

	XVIII-1	XVIII-2	XIX-1	XIX-2	XX-1	XX-2/XXI
Tempo	189/206 (91,7%)	121/158 (76,6%)	124/140 (88,6%)	115/142 (81%)	188/238 (79%)	155/259 (59,8%)
Tempo/oposição semântica	17/206 (8,3%)	37/158 (23,4%)	15/140 (10,7%)	24/142 (16,9%)	44/238 (18,5%)	48/259 (18,5%)
Oposição semântica	0/206 (0%)	0/158 (0%)	1/140 (0,7%)	3/142 (2,1%)	6/238 (2,5%)	56/259 (21,6%)

Tabela 09. Frequência dos estágios contextuais favoráveis à oposição semântica

	XVIII/1	XVIII/2	XIX/1	XIX/2	XX/1	XX/2 - XXI
Estágio II	10/17 (58,8%)	11/37 (29,7%)	7/15 (46,7%)	11/24 (45,8%)	08/44 (18,2%)	10/48 (20,8%)
Estágio III	5/17 (29,4%)	09/37 (24,3%)	3/15 (20%)	6/24 (25%)	20/44 (45,4%)	14/48 (29,2%)
Estágio IV	2/17 (11,8%)	17/37 (46%)	5/15 (33,3%)	7/24 (29,2%)	16/44 (36,4%)	24/48 (50%)

Gráfico 02. A trajetória de tempo à oposição semântica de *agora* em perspectiva longitudinal

Tendo em vista a importância da frequência de uso para a generalização de inferências convidadas (TRAUGOTT; DASHER, 2004; MAURI; RAMAT, 2012; LONGHIN, 2016a, 2016b), os resultados mostrados pela Tabela 06 e Gráfico 02 podem nos levar à hipótese de que, no percurso de *agora* em direção à oposição semântica, a generalização das inferências se processou por volta da segunda metade do século XVIII. Esse é o período que mostra a maior frequência dos contextos polissêmicos em geral (23,4%). Há outras sincronias que exibem frequências não muito diferentes, mas o que é relevante, para nós, é o aumento significativo da polissemia de XVIII-1 para XVIII-2. Mais uma evidência importante é o fato de que, logo após o crescimento dos contextos polissêmicos, começam a aparecer nos dados as primeiras ocorrências contrastivas. Essa hipótese, contudo, tem sua legitimidade comprometida quando consideramos as dificuldades encontradas na coleta de materiais para o período de XVIII-2 (cf. Capítulo 03). Por conta das dificuldades, o *corpus* dessa sincronia contém gêneros diferentes daqueles presentes nas demais, de modo que isso pode ter consequências para os resultados quantitativos relacionados ao período. No Capítulo 07, discutimos essas possíveis consequências a partir do controle dos padrões de uso por gênero textual.

Conforme mostra a Tabela 09, todas as sincronias exibem os diferentes tipos contextuais identificados. Ao longo da análise qualitativa desses tipos, buscamos mostrar que há contextos que parecem fornecer maiores contribuições para a mudança, porque reúnem condições tanto semântico-pragmáticas quanto morfossintáticas. Assumimos, portanto, que os contextos associados ao estágio IV são os que mais favorecem a gramaticalização propriamente dita, na

medida em que *agora* ocupa posição inicial e sua mobilidade sentencial já parece mais restrita do que nos estágios anteriores, traços categoriais que se somam a traços de sentido já atestados nos estágios anteriores.

Isso nos leva a avaliar como o principal indício da generalização em XVIII-2 o considerável crescimento dos contextos do estágio IV de XVIII-1 para XVIII-2, (de 11,8% para 46%). Se esses são os contextos que mais favorecem a reanálise de forma e significado, sua alta frequência é fator importante para o processamento da mudança. Conforme Mauri e Ramat (2012, p. 29), os falantes/escreventes tendem a procurar por um elemento linguístico que atue como um marcador explícito de contraste. Nos contextos em discussão, a posição inicial de *agora* associada aos demais traços contextuais possibilita a reinterpretação do item como esse marcador. Por esse motivo, é relevante que, nos períodos sincrônicos seguintes a XVIII-2, também observamos frequências importantes de tais contextos.

A frequência longitudinal dos diferentes estágios propostos nos leva a hipóteses explicativas para o desenvolvimento de *agora* em juntor especificamente coordenativo, se agruparmos os conjuntos contextuais III e IV, conforme a Tabela 10.

Tabela 10. Frequência dos estágios contextuais favoráveis à oposição semântica, à luz da correlação entre estágios III e IV

	XVIII/1	XVIII/2	XIX/1	XIX/2	XX/1	XX/2 - XXI
Estágio II	10/17 (58,8%)	11/37 (29,7%)	7/15 (46,7%)	11/24 (45,8%)	10/44 (22,7%)	11/48 (22,9%)
Estágios III e IV	7/17 (41,2%)	26/37 (70,3%)	8/15 (53,3%)	13/24 (54,2%)	34/44 (77,3%)	37/48 (77,1%)

Os estágios III e IV têm em comum a expressão de oposição a partir de relação coordenativa. Se correlacionados, verificamos que os casos em que *agora* participa da construção de sequencialidade temporal em construções coordenadas têm frequência notavelmente maior do que aqueles em que a sucessão no tempo é estabelecida por outros tipos de construções. Em todas as sincronias, com exceção de XVIII-1, os contextos de coordenação superam os contextos caracterizados por outros tipos de relação. Isso permite supor que contextos que somam condições de forma a condições de significado tenham maior peso em instâncias de gramaticalização. Traugott (2012) também encontra evidências que caminham nessa direção, conforme discutimos no Capítulo 07.

Ao longo das descrições dos contextos de oposição semântica, buscamos sinalizar a natureza da oposição inferida, se mais objetiva ou mais subjetiva. Apuramos a frequência longitudinal dos dois tipos de oposição nos contextos polissêmicos, apenas para a trajetória de *agora*⁶⁵. O objetivo foi reunir mais indícios da subjetivização envolvida na mudança, com a expectativa de que, mesmo ainda enquanto significado inferido, a oposição mais subjetiva se mostrasse mais frequente em sincronias mais recentes. Julgamos que os resultados obtidos, apresentados na Tabela 11, confirmam essa expectativa.

Tabela 11. Tipo de oposição inferida nos contextos de polissemia entre tempo e oposição semântica

	XVIII/1	XVIII/2	XIX/1	XIX/2	XX/1	XX/2 - XXI
Oposição objetiva	13/17 (76,5%)	30/37 (81,1%)	8/15 (53,3%)	10/24 (41,7%)	15/44 (34,1%)	29/48 (60%)
Oposição subjetiva	4/17 (23,5%)	7/37 (18,9%)	7/15 (46,7%)	14/24 (58,3%)	29/44 (65,9%)	19/48 (40%)

Conforme a tabela, os dados mostram índices altos de oposição mais objetiva em XVIII-1 e XVIII-2. A partir de XIX-1, a oposição mais subjetiva torna-se mais frequente, alcançando o percentual mais alto em XX-1. Embora, em XX-2/XXI, a frequência de oposição mais subjetiva apresente redução, ela ainda é consideravelmente maior do que em XVIII-1 e XVIII-2. Nesse sentido, os dados permitem supor que o grau de subjetividade nos contextos de oposição semântica se torna mais elevado ao longo do tempo, conforme a mudança avança.

De tempo à quebra de expectativa

De acordo com os dados, é possível reunir os diversos contextos de polissemia entre tempo e quebra de expectativa em três grandes conjuntos contextuais, muito similares àqueles propostos para a trajetória rumo a oposição semântica. Desse modo, as principais características que associamos aos três estágios de tal trajetória também podem ser atribuídas a três estágios na

⁶⁵ O motivo de desenvolvermos essa análise apenas para os dados do português está no fato de que ela não estava entre nossos objetivos inicialmente. Como outras análises também não inicialmente previstas se mostraram relevantes ao longo da pesquisa, optamos por analisar o tipo de oposição em perspectiva longitudinal apenas em uma parte dos dados. Esperamos, em pesquisas futuras, aplicar essa análise também aos dados do inglês.

trajetória em direção a quebra de expectativa. O que diferencia os dois desenvolvimentos e nos leva a tratá-los separadamente são dois fatores principais: (i) há mais um tipo de relação temporal, além de sequencialidade, que instaura desigualdade no tempo e (ii) a desigualdade não está fundada na oposição entre EsCos, mas se constitui a partir de um conflito entre expectativas que são alimentadas por um EsCo e o que o falante/escrevente de fato observa em um EsCo posterior.

Ao **estágio II** dessa trajetória, associamos contextos em que a desigualdade no tempo se manifesta em construções hipotáticas e subordinadas, que, portanto, em termos de relação semântico-pragmática e arquitetura morfossintática, são as mais distantes dos contextos de quebra de expectativa prototípicos. Os exemplos de (30) a (33) ilustram os contextos atribuídos ao estágio II e também os dois diferentes tipos de relação temporal que podem alimentar inferências de quebra de expectativa.

(30) Ah! nota, Doroteu, que ação tão feia! Aquele bruto chefe que não paga, As pessoas mais nobres, o cortejo Sequer por um criado, **agora** manda Que o seu próprio Robério, o seu bom aio Ande de porta em porta, qual mendigo, Pedindo para um bode a benta esmola! (POCC18:2, 79, C2).

(31) Pensou naturalmente, como eu pensava até hoje, que eras um esposo digno. Não é muito que se tenha enganado quem te conhece de hontem, quando eu, que vivo contigo ha cinco anos, só **agora** decifro o teu caracter. Vendo-me com o colar tomou-o pelo que compraras e, com ele, quis defender-te das minhas acusações (PTOD20:1, 77, C2).

(32) Arlete ainda não tinha saído do quarto e Macieira já se havia embrenhado mil vezes nessas considerações. Arlete que, tantas vezes, intervieria para salvá-lo de dificuldades, **agora** lhe parecia impotente. Se estivesse em casa, seria pior...(RONN20:1, 94, C2).

(33) O que parecia bem singular e extraordinário era que, tendo a tempestade, durante a noite.feito tantos estragos, **agora** não apparecia vestígio algum (ROAY19:2, 10, C2).

As construções em (30) e (31) são representativas de uma desigualdade no tempo construída entre um EsCo que se configura no momento presente e expectativas que podem ser alimentadas por um EsCo habitual. Em (30), na oração *que não paga, As pessoas mais nobres, o cortejo Sequer por um criado*, a morfologia verbal de presente contribui para a configuração de um EsCo habitual, que se repete no tempo. Na oração matriz, o uso de *agora* para especificar o momento presente possibilita a interpretação do EsCo veiculado nessa oração como um EsCo mais delimitado no tempo. Modelos de mundo compartilhados pelos usuários da língua validam a percepção dos dois EsCos como conflitantes, e o valor de habitualidade contribui para isso. O fato de o indivíduo

referido pelo locutor habitualmente não conceder esmolas pode criar a expectativa de que, por qualquer motivo, não é favorável a essa prática. Essa expectativa é frustrada no EsCo veiculado pelo enunciado seguinte, na medida em que o mesmo indivíduo dá a seu criado a ordem de pedir esmolas.

Em (31), a desigualdade no tempo também se estabelece entre expectativas favorecidas por um EsCo habitual e um EsCo observado no momento presente. O conhecimento do caráter de uma pessoa somente após anos de convivência vai de encontro a crenças socialmente compartilhadas. Segundo Heine *et al.* (1991), *só* (*only*, no inglês) constitui uma partícula tipicamente utilizada para a expressão de quebra de expectativa. A associação de *agora* a esse significado se torna ainda mais saliente ao estar sob o escopo de *só*.

Nas construções (32) e (33), inferências de quebra de expectativa emergem a partir de uma relação de sequencialidade, similar à que discutimos ao longo da trajetória rumo a oposição. A diferença é que aqui o EsCo posterior não está em relação de oposição direta com o EsCo anterior, mas contrasta com suposições que podem ser inferidas a partir do EsCo anterior. Em (32), a intervenção contínua no passado pode levar à suposição de que Arlete detém certo poder. A situação que se configura no momento presente, entretanto, é incompatível com essa suposição, frustrando expectativas. É importante observar que a expressão adverbial *tantas vezes* está atrelada à noção de habitualidade, e a repetição no tempo que ela evoca pode reforçar a suposição de que Arlete tem de fato poder para intervir nos acontecimentos. Nessa construção, portanto, embora a sequencialidade prevaleça em nossa perspectiva, é também possível atribuir as inferências de quebra de expectativa ao conflito entre um EsCo da realidade presente e um EsCo de caráter habitual.

No exemplo em (33), as inferências emergem do conhecimento da ordem natural das coisas no mundo. Tempestades são fenômenos da natureza que normalmente trazem consequências para o espaço sociofísico. A relação sequencial que a construção mostra vai de encontro a uma relação de causa e efeito que pode ser evocada pela oração hipotática (*tendo a tempestade durante a noite feito tantos estragos*): se a tempestade provocou estragos, então, é esperado que haja vestígios.

Em um estágio mais avançado da mudança, que concebemos como o **estágio III**, identificam-se contextos em que a quebra de expectativa está realmente codificada na construção, havendo um juntor tipicamente contrastivo ou o juntor multifuncional *e* que explicita o conflito. Os exemplos de (34) a (36) são ilustrativos.

(34) Ainda ontem saíra da Câmara e nada vira, nada notara de extraordinário, a não ser um tenente do seu Estado a conversar à parte com um deputado veterano. Vira-os, lembrava-se de que quase sempre confabulavam; mas **agora** é que notava os reiterados encontros de ambos e o cuidado que tinham em falar baixo, quando se acercava deles. Haveria uma revolução? Mas não podia haver! (RONN20:1, 85, C2).

(35) Ismael - Não te disse que precisava descobrir um lugar onde me esconder contigo? Lugar que ninguém entrasse e onde o desejo dos brancos não te alcançasse? É este o lugar, mas **agora** quem vai entrar aí comigo e para sempre não é você...

Virgínia - É minha filha.

Ismael - Tua filha! Filha tua e de Elias! (PTAN20:1, 109, C2).

(36) O que fiz para ser tão miseravelmente ferida, roubada nos sonhos nas ilusões? Aquele monstro, Otto, tem idade de ser meu pai. Nos visitava com a mulher e filhos e **agora** acontece isto. Há uma semana que ele passa aqui para saber de Rege mas nunca deixou perceber os seus intentos (CAPH20:1, 230, C2).

De modo similar aos contextos do estágio III no percurso de *agora* à oposição semântica, *agora* ainda exhibe funcionamento predominantemente adverbial nessas construções. É relevante, entretanto, o fato de *agora* já participar, em contextos do tipo, de construções coordenadas e, acima de tudo, figurar no segundo membro. Em (34), além do juntor contrastivo por excelência, *mas*, o segundo membro mostra *agora* sob o escopo de clivagem, que se constitui em uma manobra essencialmente contrastiva. O contraste que se configura na construção é fortemente baseado em suposições. O primeiro segmento coordenado sugere que o indivíduo em questão já teve, em momento anterior, uma situação propícia à percepção de que a relação entre o tenente e o deputado envolvia algum segredo. O segundo segmento, também dependente de suposições, leva à conclusão de que, no momento presente, o indivíduo percebeu que havia algo de diferente na relação entre os dois. O momento em que isso acontece, entretanto, vai de encontro às expectativas do locutor, tendo em vista as evidências já presentes em momento anterior.

Em (35), o enunciado *é este o lugar*, dentro do contexto maior de que faz parte, leva à conclusão de que o locutor e a pessoa a quem se dirige irão entrar juntos no lugar em questão. O enunciado introduzido por *mas* vai de encontro a essa conclusão. Além de *mas*, a clivagem e a negação, recursos linguísticos essencialmente dialógicos (TRAUGOTT, 2010b), também têm papel importante na formulação de contraste.

A construção em (36) faz parte de uma carta em que a locutora fala de seus sentimentos em relação a uma tentativa de estupro de que foi vítima. O enunciado *nos visitava com mulher e filhos* alimenta expectativas positivas em relação à conduta moral do indivíduo, na medida em que

constrói a imagem, socialmente estabelecida, de um “homem de família”. Assim, o EsCo referido no segundo segmento da junção frustra as expectativas alimentadas pelo primeiro.

Os contextos polissêmicos mais próximos dos contextos de quebra de expectativa prototípicos são aqueles em que *agora* adquire propriedades juntivas, embora ainda exerça função adverbial e seu significado predominante seja tempo. Esses contextos, representativos do **estágio IV** da trajetória em análise, são exemplificados pelas construções de (37) a (39).

(37) *Senhor* Cazuzza – Tenho-o atravessado nas goélas. Foi | a Pirapóra, trouxe rapaduras para todos e para mim | uma figa. || Pois olhe, escusa de me trazer calças velhas para | remendar que perde o tempo. || Ora, vejam, se eu não tenho razão? || O *senhor* Cazuzza sempre que tem meias esburacadas, camisas sem botões calça rota nos fundilhos põe-se comigo de voltas e não me deixa enquanto o não sirvo, | **agora** foi a Pirapóra, trouxe o “Sapicuá” a derramar | rapaduras, deu-se todas a essas tinosas e eu fiquei a | lamber imbiras! (CAPP19:2, 129, C2).

(38) E- O que que o senhor está fazendo aí em madeira?

F- Estou fazendo um armário para minha filha. (est) Armário para cozinha. (est) Com <for->- boto fórmica e tudo. (est) **Agora**, com a doença tem que parar, não é? (TFIP20-2/21, 385, C2).

(39) Doc.: e a história do seu primo como que é... como que ele foi pará(r) lá no C.D.P.?

Inf.: então ele fez formação de quadrilha... ele foi assaltá(r) lá no Cristo Rei... uma mansão no Cristo Rei... aí pegaram ele tam(b)ém em flagrante... aí passô(u) ele na T.V. Tem também [Doc.: ah é?] passô(u)... então ele tá agora lá no C.D.P.

Doc.: ele já tinha (assim::)?

Inf.: já já pa/[Doc.: (inint.)] ele já tinha ido po C.D.P três vez essa é a quarta... **agora** num sabemo(s) se ele vai saí(r) agora (TFII20-2/21, 411, C2).

Em (37), no segundo segmento da coordenação, a atitude do indivíduo que está sendo referido pelo locutor contraria expectativas que o EsCo expresso no primeiro segmento alimenta. Dentre normas socialmente partilhadas, existe um modelo baseado em relações de troca de favores, a partir do qual o primeiro segmento da construção em análise gera a expectativa de que o indivíduo em questão deva favores ao locutor, pelo fato de este lhe prestar serviços habitualmente. É importante notar o peso da noção de habitualidade para o conflito entre o que se observa no mundo e o que é esperado. A reiteração de situações em que o locutor prestou favores ao indivíduo a quem se refere parece reforçar a expectativa de que este deva retribuí-los. A possibilidade de uma leitura exclusivamente contrastiva pode ser evidenciada pelo alto grau de aceitabilidade da construção se substituíssemos *agora* por *mas*.

Acreditamos que essa possibilidade resulta do fato de que, no interior do segundo segmento, existe uma relação entre dois EsCos que pode ser analisada, por si só, como uma instância de quebra de expectativa. À luz das expectativas que o segmento anterior já alimentou, as orações *foi a Pirapóra, trouxe o “Sapicuá” a derramar rapaduras, deu-se todas as essas tinhosas* parecem construir um novo quadro de expectativas, que é frustrado na oração *e eu fiquei a lamber imbiras!*. Se o indivíduo a quem o locutor se dirige lhe deve favores, é possível que se crie a expectativa de que, ao dispor de uma grande quantidade de doces, ofereça uma parte ao locutor, correspondendo ao modelo da troca de favores. Assim, tem-se elementos para sustentar a quebra de expectativa sem o suporte da relação temporal veiculada por *agora*.

Em (38), assumimos que inferências do novo significado também são condicionadas pelo conflito entre um EsCo habitual e um EsCo que se molda em um intervalo de tempo mais definido, expresso por *agora*. No segundo segmento da construção coordenada, o locutor afirma a necessária interrupção, no momento presente, de um trabalho que estava fazendo para sua filha. Entretanto, no primeiro segmento, ele afirma *estar fazendo* o trabalho, levando à expectativa de que isso está em andamento no momento presente, o que é invalidado no segundo membro.

A possibilidade de atribuir a *agora* significado exclusivamente contrastivo decorre da presença, no segundo enunciado da coordenação, do sintagma preposicional *com a doença*, que fornece circunstâncias para justificar a necessidade da interrupção. Sem esse sintagma, não julgamos possível excluir a leitura temporal. O contexto parece depender dessa justificativa para sustentar o contraste, seja ainda enquanto um significado pragmático ou como o significado predominante. No primeiro caso, *com a doença* complementa a circunstância temporal fornecida por *agora* com uma circunstância causal. Na segunda interpretação, *com a doença* constitui a única circunstância apresentada para explicar a interrupção.

Na construção em (39), por sua vez, novamente vemos a repetição no tempo como um fator que favorece expectativas. Se *ele* já foi para o lugar em questão tantas vezes e conseguiu sair (o que não está explícito na construção, mas pode ser inferido), é possível, e provável, que se conclua que *ele* conseguirá sair outras vezes. O enunciado introduzido por *agora* invalida essa conclusão, ao expressar uma dúvida sobre a saída no momento presente. O que nos leva a assumir a possibilidade de uma interpretação exclusivamente contrastiva é o uso inquestionavelmente temporal de *agora* no final do segundo enunciado. Assim, nessa interpretação, *agora* em posição

inicial funciona como marcador de quebra de expectativa, ao passo que, na posição final, fornece circunstâncias de tempo.

A Tabela 12 e o Gráfico 03 (na próxima página) mostram a frequência de todos os contextos relevantes para a trajetória de tempo à quebra de expectativa. Na Tabela 13, apresentamos as frequências dos diferentes tipos de contextos polissêmicos envolvidos na trajetória.

Tabela 12. A trajetória de tempo à quebra de expectativa de *agora* em perspectiva longitudinal

	XVIII-1	XVIII-2	XIX-1	XIX-2	XX-1	XX-2/XXI
Tempo	189/197 (95,9%)	121/131 (92,4%)	124/130 (95,4%)	115/116 (99,1%)	188/209 (90%)	155/196 (79,1%)
Tempo/quebra de expectativa	8/197 (4,1%)	10/131 (7,6%)	5/130 (3,8%)	11/116 (0,9%)	19/209 (9,1%)	21/196 (10,7%)
Quebra de expectativa	0/197 (0%)	0/131 (0%)	1/130 (0,7%)	0/116 (0%)	2/209 (0,9%)	20/196 (10,2%)

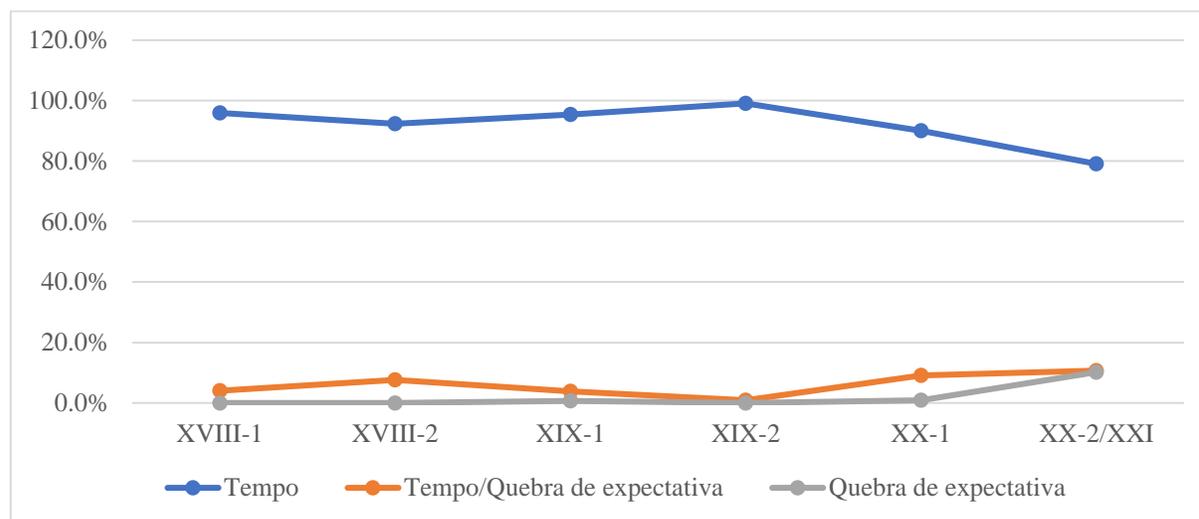
Tabela 13. Frequência dos estágios contextuais favoráveis à quebra de expectativa

	XVIII/1	XVIII/2	XIX/1	XIX/2	XX/1	XX/2 - XXI
Estágio II	4/8 (50%)	6/10 (60%)	3/5 (60%)	2/11 (18,2%)	5/19 (26,3%)	3/21 (14,3%)
Estágio III	4/8 (50%)	4/10 (40%)	1/5 (20%)	3/11 (27,3%)	10/19 (52,6%)	9/21 (42,85%)
Estágio IV	0/8 (0%)	0/10 (0%)	1/5 (20%)	6/11 (54,5%)	4/19 (21,1%)	9/21 (42,85%)

As tabelas e o gráfico mostram que não há correlações discretas entre os diferentes estágios e intervalos de tempo específicos. Dois aspectos indicados pelas Tabelas 12 e 13 parecem estar correlacionados. Conforme a Tabela 12, as frequências dos contextos polissêmicos em geral são baixas ao longo do tempo. E, conforme a Tabela 13, os contextos em que *agora* assume propriedades juntivas, encabeçando o segundo membro de uma relação coordenativa, começam a aparecer nos dados apenas em XIX-1. Esses dois fatores podem, em conjunto, explicar a frequência ainda baixa da nuança de quebra de expectativa dentre os usos contrastivos de *agora*. É interessante observar que, na trajetória rumo à oposição semântica, que é a nuança mais frequente em tais usos, os dados mostram frequências um pouco maiores dos contextos polissêmicos em geral e frequências também maiores dos contextos representativos do estágio IV. Esses indícios parecem

corroborar a hipótese (cf. Capítulo 04) de que os usos juntivos de *agora* estão se especializando em contraste por oposição semântica.

Gráfico 03. A trajetória de tempo à quebra de expectativa de *agora* em perspectiva longitudinal



5.2. O percurso das construções com *now*

Nesta seção, apresentamos as mudanças atravessadas pelas construções com *now* em direção a significados contrastivos. Similaridades significativas foram encontradas entre o percurso de *now* e o percurso de *agora*, de modo as descrições dos tipos contextuais serão simplificadas por já terem sido desenvolvidas de maneira mais circunstanciada na seção anterior.

Das 2.465 ocorrências de *now* fornecidas pelos dados, 275 constituem contextos de polissemia entre tempo e contraste. Na Gráfico 04 e na Tabela 14, apresentamos a distribuição de tais contextos ao longo do tempo, em relação aos contextos fonte e aos contextos alvo.

O gráfico e a tabela mostram que os contextos tempo/contraste estão presentes nos dados desde o XVII-1. Como já sinalizado na seção anterior, tendências em mudança alimentam a expectativa de um aumento dos contextos de polissemia correlacionado ao período de reanálise, quando as inferências do novo significado se generalizam (TRAUGOTT; DASHER, 2004; MAURI; RAMAT, 2012). O gráfico e a tabela mostram que não há, em nossos dados, um aumento significativo dos contextos polissêmicos ao longo das sincronias, conforme a tendência prevê. Em XIX-1 e XX-2/XXI, observa-se uma frequência um pouco maior de tais contextos, mas ainda se trata de uma variação pequena, não suficiente para afirmações baseadas na frequência de uso. Desse

modo, assim como procedemos na análise do percurso das construções com *agora*, a análise dos estágios evolutivos envolvidos no percurso das construções com *now* será mais orientada a evidências de natureza qualitativa, que se mostram, em nossos dados, mais seguras para hipóteses sobre a generalização das inferências.

Gráfico 04. A trajetória de tempo a contraste de *now* em perspectiva longitudinal

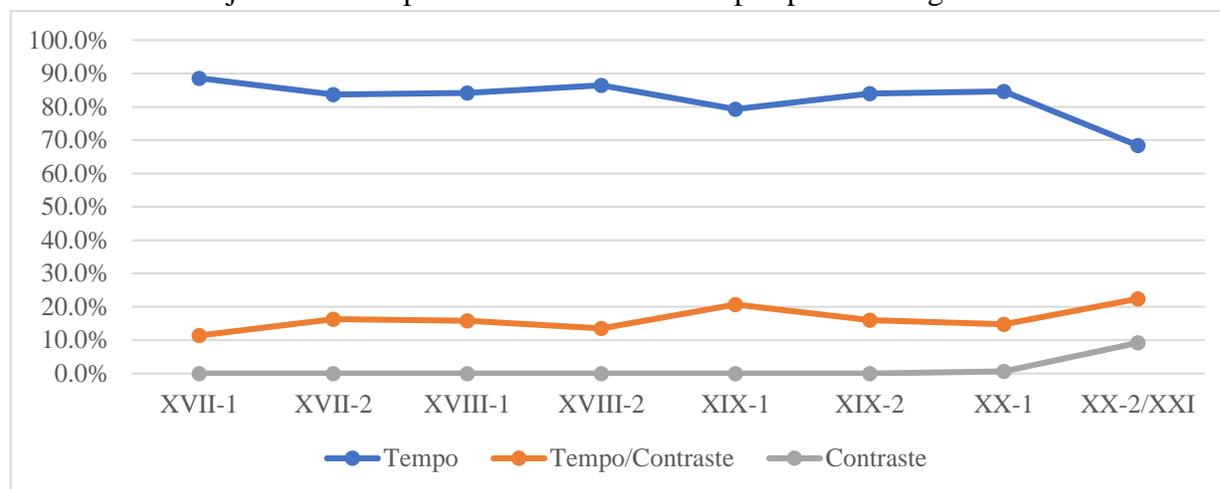


Tabela 14. A trajetória de tempo a contraste de *now* em perspectiva longitudinal

	XVII-1	XVII-2	XVIII-1	XVIII-2	XIX-1	XIX-2	XX-1	XX-2/XXI
Tempo	286/323 (88,6%)	205/245 (83,7%)	160/190 (84,2%)	148/171 (86,5%)	207/261 (79,3%)	152/181 (84%)	132/156 (84,6%)	119/174 (68,4%)
Tempo/Contraste	37/323 (11,4%)	40/245 (16,3%)	30/190 (15,8%)	23/171 (13,5%)	54/261 (20,7%)	29/181 (16%)	23/156 (14,8%)	39/174 (22,4%)
Contraste	0/323 (0%)	0/245 (0%)	0/190 (0%)	0/171 (0%)	0/261 (0%)	0/181 (0%)	1/156 (0,6%)	16/174 (9,2%)

O surgimento de contextos exclusivamente contrastivos nos dados apenas em XX-2/XXI (embora exista uma ocorrência do padrão em XX-1) pode estar relacionado à constituição do *corpus* dessa sincronia, que contém alguns gêneros diferentes daqueles presentes nas demais. Os dados do XX-2/XXI são provenientes de gêneros (entrevistas orais, aulas universitárias, sessões de discussão, inquéritos) de que não se tem registro em períodos anteriores, e é possível que os novos usos tenham se generalizado primeiramente para textos que contenham características como as

apresentadas por tais gêneros, que, por envolverem um elevado grau de interação entre os falantes, são um domínio propício para o uso de juntores contrastivos. Voltamos a essa questão no Capítulo 07, para, a partir do controle dos diferentes padrões de *agora* e *now*, verificar se os novos padrões se mostram mais frequentes em gêneros circunscritos às últimas sincronias.

Por outro lado, é importante lembrar que as outras sincronias (com exceção de XVII-1) contam com transcrições de processos criminais oriundas do *Old Bailey Corpus*. O discurso produzido em contextos jurídicos também é favorável ao uso de juntores contrastivos (por favorecer recursos argumentativos em geral), e as transcrições mostram-se consideravelmente fiéis às falas dos envolvidos nas sessões, de acordo com as informações do projeto (cf. *Material e Metodologia*).

De modo similar ao que identificamos no percurso de *agora*, em um primeiro estágio da mudança atravessada por *now*, ainda não há propriamente uma relação contrastiva, mas uma *relação de desigualdade* entre estados de coisas (EsCo daqui em diante) que constituem diferentes momentos no tempo. Há elementos na oração com *now* que permitem identificar uma *comparação* entre os dois EsCos, e é o resultado dessa comparação que alimenta a desigualdade. Apenas um deles, no entanto, está localmente codificado. Os exemplos (40) e (41) são representativos. Na sequência de cada exemplo, apresentamos glosas em português que buscam preservar os textos originais o tanto quanto possível, para nos aproximar do uso original de *now* no contexto. Assim, em muitos casos, os textos em português acabam por gerar estranhamento.

(40) SCENE XII.

Lettice. I'm **now** a Lady indeed. A fine House, fine Cloaths, and Servants to command. And this Sir John is the finest, handsomest Gentleman. Not that I care for him, any more than I should for any Body else, that would but make a Gentlewoman of me (PTCB18:1, 54).

Lettice. Eu sou agora uma dama de fato. Uma casa elegante, roupas elegantes e servos para comandar. E esse senhor John é o cavaleiro mais elegante e bonito. Não que eu ligue para ele, não mais do que eu devo ligar para qualquer pessoa que faça de mim uma dama.

(41) We were to have both gone down with him last night, and (with Tea) warmed the house for him: but it was a deluge of rain, and none of us stirred out. Archy Glen has sent down a Carpet and bed-mattress, with various etceteras; and **now** it is really quite a respectable little apartment (CACL19:1, 212).

Nós deveríamos ambos ter descido com ele na noite passada, e (com chá) ter aquecido a casa para ele: mas choveu muito, e nenhum de nós saiu de casa. Archy Glen enviou um tapete e um colchão, com vários etceteras; e agora é um pequeno apartamento realmente muito respeitável.

Em (40), o enunciado de que *now* faz parte é o primeiro de uma cena em uma peça teatral. Esse enunciado, assim como os que o seguem, está em relação com todo o contexto anterior da peça, em que a personagem Lettice busca constantemente adquirir hábitos cultivados por pessoas das classes sociais altas. O enunciado em questão é produzido após um longo percurso percorrido pela personagem e amigos para a transformação almejada. *Now*, ao fazer referência ao momento presente, em que a transformação se completou, alude também, por inferências habilitadas pelo contexto maior da peça, o momento que antecede a mudança, em que a personagem é caracterizada por um comportamento distante daquele que busca (o comportamento de uma “dama”). *Indeed* é um traço contextual importante. Funciona como um advérbio sentencial de valor adversativo, sendo utilizado para “refute either an earlier argument, or one presupposed to be in the hearer's mind”⁶⁶ (TRAUGOTT, 1995). É, portanto, um índice de polifonia. Ao longo da peça, diferentes personagens duvidaram da possibilidade de Lettice se tornar uma dama. Ao afirmar que agora é uma dama *de fato*, a locutora afirma sua transformação e refuta “vozes” que poderiam tentar negá-la. Isso parece reforçar ainda mais a desigualdade no tempo, pois *indeed* acaba trazendo para o enunciado vozes que aludem ao comportamento antigo da locutora.

Em (41), a desigualdade inferida se dá entre o estado atual do apartamento referido pelo escrevente e um estado anterior, que não está explícito no enunciado e nem mesmo é mencionado ao longo de toda a carta. Entretanto, o envio, expresso no enunciado antecedente, de objetos para o apartamento permite inferir que houve uma mudança e, a partir disso, é possível evocar uma situação anterior em que o apartamento não era “respeitável”. Assumimos que inferências de que houve mudança e de que essa mudança resulta em uma diferença no estado anterior e no estado presente do apartamento são possíveis em decorrência de modelos de mundo, com base nos quais alimentamos crenças do que seja um domicílio socialmente aceitável.

A esse estágio, também associamos contextos em que é possível identificar desigualdade no tempo, mas a diferença não se dá pela mudança de um EsCo a outro, mas pela intensificação de um EsCo já observado em momento anterior, conforme mostram (42) e (43).

(42) My Father will be very angry if he shou'd know that I am here; and yet I must speak to him. Father, Father! Bless me, he is not here. I'm frighten'd worse **now** than I was before. Sure he is not fallen into my Mother's Grave. The Moon shines so directly into it, that I can see him if he be (PTCB18:1, 42).

⁶⁶ “Refutar ou um argumento prévio ou um argumento que se pressupõe estar na mente do ouvinte”.

Meu pai ficará muito bravo se souber que eu estou aqui; e ainda assim eu devo falar com ele. Pai, pai! Bless me (exclamação de surpresa), ele não está aqui. Eu estou assustado de uma forma pior agora do que eu estava antes. Com certeza ele não caiu na cova de minha mãe. A lua está brilhando tão diretamente lá que eu vou poder vê-lo se ele estiver lá.

(43) Perhaps we may bring our selves into Trouble about it.
I think we are in a worse Quandary **now** than we were before (PTCB18:1, 35).

Talvez nós vamos ter problemas com isso.
Eu acho que nós estamos em dilema pior agora do que nós estávamos antes.

Nesse tipo de construção, há referência explícita a momentos anteriores. Nos exemplos apresentados, essa referência se dá pelo advérbio temporal *before*. Embora casos como esses sejam um pouco diferentes de (40) e (41), que constituem a maioria dos contextos do estágio I, optamos por associá-los a esse estágio pelo fato de a desigualdade resultar da intensificação de uma situação já existente, de modo que também não há, ainda, uma relação propriamente contrastiva.

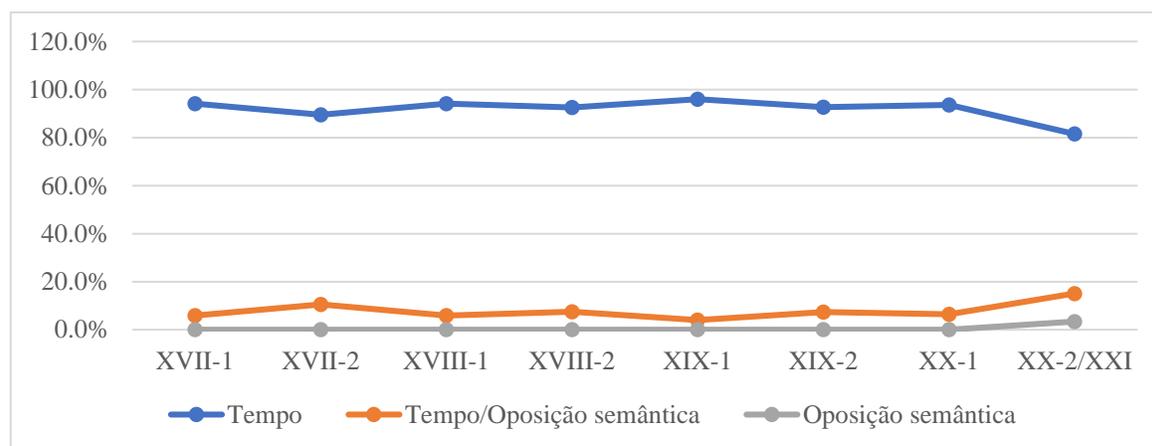
Assim como procedemos na análise do percurso de *agora* rumo a contraste, admitimos que os contextos correspondentes ao estágio I são comuns às trajetórias de *now* em direção a contraste por oposição semântica e a contraste por quebra de expectativa. Passamos a discutir e exemplificar esses estágios à luz de cada trajetória em particular.

De tempo à oposição semântica

A Tabela 15 e o Gráfico 05, abaixo, apresentam a frequência dos contextos favoráveis à trajetória de tempo à oposição semântica, em relação aos contextos temporais e aos contextos de contraste por oposição.

Tabela 15. A trajetória de tempo à oposição semântica de *now* em perspectiva longitudinal

	XVII-1	XVII-2	XVIII-1	XVIII-2	XIX-1	XIX-2	XX-1	XX-2/XXI
Tempo	286/304 (94,1%)	205/229 (89,5%)	160/170 (94,1%)	148/160 (92,5%)	207/228 (96%)	152/164 (92,7%)	132/141 (93,6%)	119/146 (81,5%)
Tempo/Oposição semântica	18/304 (5,9%)	24/229 (10,5%)	10/170 (5,9%)	12/160 (7,5%)	21/228 (4%)	12/164 (7,3%)	9/141 (6,4%)	22/146 (15,1%)
Oposição semântica	0/305 (0%)	0/229 (0%)	0/164 (0%)	0/156 (0%)	0/228 (0%)	0/164 (0%)	0/141 (0%)	5/146 (3,4%)

Gráfico 05. A trajetória de tempo à oposição semântica de *now* em perspectiva longitudinal

Assim como a Tabela 14 e o Gráfico 04 acima, que sistematizam os resultados gerais das trajetórias de contraste, sem fazer distinção entre oposição semântica e quebra de expectativa, a Tabela 15 e o Gráfico 05 também sugerem que os contextos de oposição semântica com *now* são recentes no inglês, aparecendo nos dados apenas em XX-2/XXI, justamente quando os contextos polissêmicos exibem a maior frequência. Isso, entretanto, requer confirmação a partir do controle dos padrões por gênero, pois pode ser reflexo da constituição do *corpus* dessa sincronia (cf. Capítulo 07).

De modo similar à trajetória do português, o padrão tempo/oposição semântica se manifesta em três diferentes tipos de arranjos contextuais, cada um associado a um estágio da mudança, conforme as condições que fornecem para as alterações de forma e significado. Os contextos que correlacionamos ao **estágio II** mostram tipos variados de construções, que, apesar da variedade, têm em comum dois aspectos principais: (i) a sequencialidade está localmente codificada por meio de uma relação linguística (e aqui é onde se dá a variedade) entre o enunciado que *now* ocupa e um outro enunciado, o que distingue tais contextos daqueles do estágio I; (ii) a relação linguística nunca é uma relação de coordenação, ponto principal de distinção entre tais contextos e os contextos dos estágios III e IV. As construções de (44) a (47) são ilustrativas.

(44) Sure it was the same ill spiritt that possessed Saul which hath governed mee lattly, of which I am **now** free I blesse God and this weeke past have had good health (CADM17:1, 406).

Certamente era o mesmo espírito doentio que tomou posse de Saul que tem me governado ultimamente, do qual eu estou agora livre eu agradeço a Deus e essa semana passada tive boa saúde.

(45) His wife Octavia, Driven from his house, solicits her revenge; And Dolabella, who was once his friend, Upon some private grudge, **now** seeks his ruin (PTAL17:2, 189).

Sua esposa Octavia, tirada de sua casa, solicita sua vingança; E Dolabella, que era outrora sua amiga, por conta de algum ressentimento particular, agora busca sua ruína.

(46) Too late I know thee;
The fpell is broke, and where an Houri fmiled,
Now scowls a fiend. (PTAK19:1, 34).

Muito tarde eu te conheço;
O feitiço está quebrado, e onde uma Houri⁶⁷ sorria,
Agora olha carrancudo um demônio.

(47) He takes his valises out of the car and puts them back and takes them out again and he's exhausted. Instead of walking he talks **now**. He drives seven hundred miles, and when he gets there no one knows him any more (PTDS20:1, 55).

Ele pega suas pastas do carro e as coloca de volta e as tira de novo e ele está exausto. Ao invés de caminhar, ele conversa agora. Ele dirige setecentas milhas, e quando ele chega lá ninguém o conhece mais.

Nos contextos de (44) a (46), uma relação de sequencialidade emerge entre uma oração matriz e uma oração relativa. Em (44), *now* integra a oração relativa, e, em (45) e (46), a oração matriz.

Em (44), a sequencialidade é construída tanto pelos tempos verbais (*has governed x am*) quanto pelos advérbios temporais (*lately x now*), instaurando-se, assim, uma oposição no tempo (antes x agora), que ganha nuances de oposição semântica a partir da associação dos dois períodos de tempo com diferentes EsCos. Em momento anterior, o escrevente se diz governado por um espírito, enquanto, no presente, se julga livre dele. Os dois EsCos não são contrastivos por si mesmos, é o arranjo da construção linguística, ao colocá-los em relação de sequencialidade, que leva à possibilidade de inferir oposição. Há, nesse sentido, dois domínios que participam da oposição: o domínio temporal e o domínio dos EsCos no mundo. *Now* ainda atua essencialmente como um advérbio circunstancial de tempo, mas está envolvido em um contexto que enriquece seu significado temporal com nuances de oposição. O valor de tempo que expressa constitui um dos pilares da relação de sequencialidade, de modo que *now* é fator relevante para a leitura de oposição temporal. A tentativa de ler a construção como se *now* não estivesse presente gera certo estranhamento, o que é forte indício da importante contribuição do item para a leitura de oposição.

⁶⁷ De acordo com o Dicionário Oxford, húrís são belas ninfas do paraíso islâmico, que estão associadas à pureza e virgindade (<https://en.oxforddictionaries.com/definition/houri>).

Crenças religiosas validam, ainda, uma avaliação positiva da mudança que se processa do tempo anterior ao tempo presente. O próprio escrevente revela essa avaliação ao dizer em seguida que agradece a Deus e que na última semana teve bom estado de saúde. Conforme os diferentes graus de subjetividade previstos por Mauri e Ramat (2012) para o contraste por oposição semântica (cf. Seção 5.1), na construção em (05), se considerarmos que o escrevente está descrevendo seu estado de saúde em dois diferentes momentos no tempo, a oposição se mostra mais objetiva. Mas o fato de ele conceber a mudança de um estado a outro como uma mudança boa permite atribuir à construção certo grau de subjetividade.

Em (45), também vemos os tempos verbais (*was* x *seeks*) e os advérbios temporais (*once* x *now*) construindo sequencialidade, que é acompanhada pela oposição entre o comportamento de um indivíduo no passado e seu comportamento no presente. Nesse contexto, novamente a exclusão de *now* da construção parece gerar estranhamento. O item parece ser no contexto peça importante para que a oração *seeks his ruin* faça sentido em relação a *who was once his friend*.

No exemplo (46), as expressões *Houri* e *fiend* têm estatuto de enunciadores lexicais (DUCROT, 2009). Enquanto *Houris* são, no domínio religioso de que fazem parte, associadas ao bem, *fiends* (demônios) são associados ao mal. Nesse contexto, portanto, a sequencialidade temporal, construída pelos tempos verbais (*smiled* x *scowls*) e por *now*, se alia à oposição entre um símbolo de pureza e um símbolo de pecado.

Os exemplos de (44) a (46) mostram o mesmo tipo de construção (uma oração matriz associada a uma relativa), mas apresentam variação em relação ao lugar que *now* ocupa na construção. Em (44), como já sinalizamos, *now* aparece na relativa, e, em (45) e (46), na oração matriz. Apesar dessa variação, é interessante observar que, independentemente de qual oração *now* ocupa, ela é sempre linguisticamente posterior. Em (45), mesmo a oração matriz já tendo sido iniciada antes da relativa, *now* ocupa justamente a parte da matriz que é posposta à relativa. Essa posterioridade linguística de *now* parece ser consequência do princípio de iconicidade, que leva o domínio linguístico a refletir o domínio extralinguístico (HAIMAN, 1985). Na relação de sequencialidade que estamos defendendo como a nuance temporal que alimenta as mudanças, *now* tende a veicular o tempo presente, que, na grande maioria dos casos, é posterior em relação ao outro período de tempo envolvido. A posterioridade linguística, que seria, nessa linha interpretativa, reflexo da posterioridade temporal (no mundo), é um aspecto contextual importante

para a constituição dos contextos de contraste com *now*, nos quais o item está sempre no segundo enunciado da relação coordenativa.

O exemplo (47) mostra um outro tipo de contexto polissêmico que associamos ao estágio II. Há uma oração hipotática adverbial que constitui uma relação de sequencialidade com sua matriz, ocupada por *now*. No exemplo, o sintagma preposicional *instead of* é marca explícita da existência de oposição. A sequencialidade temporal não está explícita como nos exemplos anteriores, na medida em que o verbo da oração adverbial está em uma forma não finita, que não fornece informações de tempo. Entretanto, o arranjo contextual valida a pressuposição de que o ato de caminhar se associa a tempo passado. O próprio significado de *instead* leva à conclusão de que, se ao invés de X, se fez Y, em algum momento anterior se fez X. A partir do entorno contextual maior, a oposição aqui inferida também tem traços de subjetividade, na medida em que a locutora está descrevendo uma série de mudanças na vida de seu marido, e, em conjunto, elas resultam em um cenário que avalia como ruim para ele.

Os contextos discutidos são os prototípicos do estágio II, no qual também incluímos três casos que se diferenciam dos prototípicos, mas que optamos por aqui incluí-los pelo fato de não atenderem a critérios importantes definidos para os contextos dos estágios III e IV. De (48) a (50), apresentamos os casos em questão.

(48) What tell'st thou me of Egypt? My life, my soul is lost! Octavia has him! – O fatal name to Cleopatra's love! My kisses, my embraces **now** are hers (PTAL17:2, 234).

O que você me diz sobre o Egito? Minha vida, minha alma está perdida! Octavia o tem! – Ó nome fatal para o amor de Cleopatra! Meus beijos, meus abraços agora são dela.

(49) it put a price tag on everything, and it, sort of would change the way people looked at class structure it was **now**, how much money you had and not who, what your title was or who you were related to or something (UNMI20:2/21, 188).

Adicionou uma etiqueta de preço em tudo, e, meio que mudaria o modo como as pessoas olhariam para a estrutura de classes era agora quanto dinheiro você tinha e não quem, qual o seu título era ou a quem você estava relacionado.

(50) yeah the same thing you were talking about and uh we're only the third people to live in it <VOCNOISE> and so <VOCNOISE> it needed <SIL> everything yknow and it had gold <CUTOFF-carp+carpet> **now** gold's back but in those days everything was like gold and yknow and <VOCNOISE> green it was horrible (CEBC20:2/21, 373).

sim a mesma coisa que você estava falando e uh nós somos apenas a terceira família a morar lá e então precisou de tudo você sabe e tinha (carpete?) dourado agora dourado está fora de moda mas naquela época tudo era dourado e você sabe e verde era horrível.

Em (48), temos uma oração simples, que parece, a princípio, por não estar em relação com nenhum outro enunciado, se aproximar dos contextos do estágio I. Entretanto, uma oposição semântica se instaura entre os sintagmas nominais *my kisses*, *my embraces* e *hers*. Embora *now* constitua a única referência de tempo presente na oração, o contexto permite a associação de *my kisses* e *my embraces* com tempo passado, justamente pela caracterização do EsCo referido por *hers* como um EsCo do momento atual.

A oposição entre sintagmas nominais em uma oração simples não se mostrou frequente nos dados, sendo o exemplo apresentado o único caso encontrado. No entanto, é um contexto que contém elementos explícitos colocados em confronto, motivo pelo qual ele se distancia dos contextos do estágio I. E, por não se tratar de uma construção coordenada, não preenche o critério principal para ser associado aos estágios III e IV.

Em (49) e (50), *now* participa de relações de coordenação, mas ocupa o primeiro membro em ambos os casos. Como sinalizado na seção introdutória deste capítulo, a aplicação do critério *ordem das orações* aos dados evidenciou a tendência de, nos contextos polissêmicos que exibem coordenação, *now* figurar majoritariamente no segundo membro coordenado, sendo (49) e (50) as únicas exceções. Assim, de acordo com o que sugerem os dados, a disposição de *now* no segmento que consolida a relação contrastiva foi um fator contextual persistente na mudança, o que nos levou a assumir essa disposição como uma característica típica dos contextos associados aos estágios III e IV e, por isso, não incluir os contextos em (49) e (50) em tais estágios.

Tanto em (49) quanto em (50), o enunciado de que *now* faz parte veicula o EsCo posterior na relação de sequencialidade. Em (49), *now* está associado a uma forma verbal de passado, mas é utilizado para fazer referência ao tópico que está em discussão naquele momento da aula⁶⁸, o período de ascensão da burguesia. Para caracterizar tal período, o professor o compara com o anterior, em que o sistema de organização da sociedade era o feudalismo. Desse modo, o segundo segmento da coordenação de que *now* participa, embora ainda faça referência, de certa forma, ao período de ascensão da burguesia (porque está enunciando aquilo que não caracteriza a sociedade burguesa), também acaba por aludir ao período de tempo anterior, por indicar uma característica

⁶⁸ Esse é um uso temporal de *now* muito frequente no inglês, de acordo com Aijmer (2002).

típica do feudalismo (a supremacia do *status* social). É possível, portanto, identificar uma relação de sequencialidade entre os dois enunciados que estão em coordenação e, nessa relação, *now* faz referência ao EsCo posterior.

Em (50), a sequencialidade é mais evidente. Há, no segundo segmento, uma expressão adverbial que refere o tempo anterior (*in those days*), em oposição a *now*, que refere o posterior. A correlação modo-temporal (*'s x was*) também atua na construção da relação sequencial.

Conforme explicamos na seção anterior, a partir do **estágio III**, em nossa proposta, *now* integra contextos em que a relação de sequencialidade é construída por enunciados em relação de coordenação, e *now* ocupa o segundo membro coordenado. Os exemplos de (51) a (59) são representativos.

(51) Hah, ha, he, at my first coming in, and finding her arms about him, tickling him it seems, I was half jealous, but **now** I see my folly (PTCW17:2, 165).

Hah, ha, he, na primeira vez que eu entrei e encontrei os braços dela sobre ele, fazendo cócegas nele parece, eu fiquei com um pouco de ciúmes, mas agora eu vejo minha estupidez.

(52) I've been remiss. I know that, Mom. But **now** I'll stay, and I swear to you, I'll apply myself (Kneeling in front of her, in a fever of self-reproach). It's just — you see, Mom, I don't fit in business. Not that I won't try. I'll try, and I'll make good (PTDS20:1, 59).

Eu tenho sido omissos. Eu sei disso, mãe. Mas agora eu vou ficar, e eu te prometo, vou me dedicar (ajoelhando em frente a ela, em uma febre de auto-repreensão). É só – você vê, mãe, eu não dou certo em negócios. Não que eu não vá tentar. Eu vou tentar, e eu vou ter sucesso.

(53) Sir

I parseiue mr Dury is againe as farr from coming home as hee was 6 weeks paste, for then hee sayd hee had but one place to goe to before hee came to Amsterdam and **now** hee speakes of 2 (CADM17:2, 245).

Senhor

Eu percebo que o senhor Dury está novamente longe de vir para casa como ele estava seis semanas atrás, pois naquele momento ele disse que ele tinha apenas um lugar para ir antes de vir para Amsterdam e agora ele fala de 2.

(54) When i was working full time even with my child at home just the frustration of getting home i was so stressed with work and **now** being part time i'm so much more relaxed (CEBC20:2/21, 304).

Quando eu estava trabalhando período integral mesmo com meu filho em casa só a frustração de chegar em casa eu ficava tão estressado com o trabalho e agora sendo meio período eu estou tão mais relaxado.

(55) But on the other hand the thing would have been then only an experiment more or less like another— whereas **now** it's an absolute necessity, imposing itself without choice if I wish a loaf on the shelf for my old age (CAHJ19:2, 239).

Mas por outro lado a coisa teria sido naquela época apenas um experimento mais ou menos como outros – enquanto agora é uma absoluta necessidade, se impondo sem escolha se eu quiser um pão na prateleira para minha velhice.

(56) John Couley. I have known all the prisoners 3 or 4 years; they have measured coals for me, and are sober, industrious, honest men. I believe they all deserve that character.

James Gordon. I was clerk at a wharf in Durham Yard, but am **now** a dealer in coals, and keep a wharf (PROB18:2, 21).

John Couley. Eu conheço todos os prisioneiros há 3 ou 4 anos; eles faziam contagem de carvão para mim, e são homens sérios, esforçados, honestos. Eu acredito que todos eles merecem esse caráter.

James Gordon. Eu era encarregado em um cais em Durham Yard, mas sou agora um fornecedor de carvão, e mantenho um cais.

(57) This is awkward. It was never awkward talking to you. I guess, well I guess I kind of just wanted to say I'm sorry for what I said to you. I don't hate you. I was mad and hurt for a long time. And I still think what you did was pretty stupid but I forgive you. Heck for a while there I was pretty messed up myself, and maybe **now** I can kind of understand why you did what you did (PTBR20:2/21, 38).

Isso é estranho. Nunca foi estranho conversar com você. Eu acho, bem eu acho que eu meio que queria pedir desculpas pelo que eu te disse. Eu não odeio você. Eu estava chateada e ferida por muito tempo. E eu ainda acho que o que você fez foi muito estúpido mas eu perdoo você. Naquela época eu estava eu mesma confusa, e talvez agora eu possa meio que entender por que você fez o que você fez.

(58) I am delighted to have heard about you and your reputation and thank heaven for knowing a lady like yourself, such a respected lady of your people, because owing to my ignorance, I thought that no clever woman had remained in England after the death of Jane Grey and Queen Elizabeth. However it is **now** evident that God has selected you to be the most honourable woman because of your great achievements and actions (CADM17:1, 366).

Estou muito feliz por ter recebido notícias suas e de sua notoriedade e agradeço aos céus por conhecer uma dama como você, uma dama tão respeitada por seu povo, pois devido à minha ignorância, eu pensava que nenhuma mulher sábia tivesse permanecido na Inglaterra depois da morte de Jane Grey e da Rainha Elizabeth. Entretanto é agora evidente que Deus escolheu você para ser a mulher mais honrada por suas grandes conquistas e feitos.

(59) James Hargrave. I am the landlord of the Crown at Kitts Inn. I have known Mr. White about a year and three quarters. He did live next door to me: he lives **now** in our parish, the parish of South Mims (PROB18:2, 25).

James Hargrave. Eu sou o proprietário do Crown em Kitts Inn. Eu conheço o senhor White há mais ou menos um ano e nove meses. Ele realmente morava na casa vizinha: ele mora agora em nossa paróquia, a paróquia de South Mims.

Os exemplos permitem observar que os contextos com *now* associados ao estágio III (assim como os contextos com *agora* associados a esse estágio) variam em termos de mecanismos de junção e da posição de *now* em relação ao juntor. De (51) a (55), vemos contextos em que *now* está

contíguo ao juntor, ao passo que, de (56) a (58), vemos contextos de não contiguidade. O exemplo em (59) exhibe coordenação por justaposição, caso que não foi encontrado nos dados do português.

Dentre os diferentes arranjos, aqueles em que *now* está contíguo a jutores contrastivos parecem favorecer sua aproximação conceitual com o significado alvo (cf. Seção 5.1). Nas construções em (51) e (52), representativas de tais contextos, a oposição se estabelece entre atitudes subjetivas dos locutores. Além de *but*, há expressões que também atuam na formulação de oposição. Em (51), *was halfjealous* está em confronto com *see my folly*, na medida em que perceber sua estupidez implica na anulação dos ciúmes. Em (52), *remiss* entra em oposição com *stay* e *apply myself*. *But* é por si só capaz de expressar oposição semântica, já que essa é uma das nuances de contraste que são típicas de seus usos (SWEETSER, 1991). Nos contextos em análise, entretanto, o contraste não é expresso apenas por *but*, pois eles não veiculam exclusivamente contraste, mas, especificamente, *contraste temporal*. Para a constituição desse significado, portanto, outros elementos contextuais entram em cena, além de *but*. Os enunciados que são conectados pelo juntor, além de estarem em relação de oposição, estão também em relação de sequencialidade, e ela parece ser, inclusive, um componente importante para que a própria oposição semântica faça sentido. Em (51), por exemplo, a exclusão de *now*, um dos componentes que constroem a sequencialidade, parece resultar em uma construção que gera estranhamento.

Desse modo, há uma conjugação de fatores que adicionam nuances de tempo à oposição veiculada por *but*. Em alguns contextos, a correlação modo-temporal atua por si só na construção de sequencialidade; em outros, ela se combina com expressões adverbiais de tempo. Em (51), a relação sequencial se dá entre um EsCo específico, que ocorre em um momento pontual, explicitado pela expressão *at my first coming in*, e o momento da enunciação, explicitado por *now*. A oposição passado x presente é também indiciada pelos tempos verbais: *was* x *see*. Em (52), a sequencialidade se estabelece entre um período de tempo que se estende no passado, extensão que é expressa pelo presente perfeito (*'ve been*), e um período de tempo que tem início no presente e que vai continuar a partir desse momento. Em contextos como esses, portanto, a sequencialidade não apenas alimenta, em conjunto com outros traços contextuais, inferências de oposição semântica, como nos contextos do estágio II, mas ela está diretamente associada à oposição, que emerge enquanto significado codificado, e não inferido.

As construções em (53) e (54) exemplificam contextos em que *now* está contíguo ao juntor multifuncional *and*. Nesses casos, o sentido de oposição semântica tem novamente estatuto

pragmático, já que não é inerente à semântica de *and*. Em (53), a sequencialidade se sustenta tanto pela correlação entre *now* e *then* quanto pela correlação entre os tempos verbais (*sayd* x *speakes*). No âmbito dos EsCos, a oposição se dá basicamente entre *one place to goe* e 2. Em (54), *now* está em correlação com toda uma oração adverbial no primeiro enunciado (*when I was working full time*), estando associado a uma forma verbal de presente (*'m*), que entra em oposição com a forma verbal indicativa de tempo passado, na oração adverbial (*was*). Nessa construção, estão presentes qualificadores (*stressed* e *relaxed*) que funcionam como enunciadores lexicais, conforme a proposta de Ducrot (2009), uma vez que, inerente à sua semântica, geralmente estão pontos de vista que relacionam *stressed* a situações negativas e *relaxed*, a situações positivas.

O contexto exhibe uma característica recorrente em construções de oposição semântica, que se mostra frequente nos contextos favoráveis à trajetória em análise: a organização da construção a partir de *paralelismos* em diferentes níveis. Ambos os enunciados em coordenação têm início com circunstâncias temporais, seguidas da caracterização do modo como o locutor se sentia/se sente em cada momento no tempo. Ambos os qualificadores, inclusive, são precedidos do advérbio *so*, e o verbo utilizado pelo locutor para a descrição de seu estado emotivo em cada momento é *be*, em ambos os segmentos. Assim, o domínio morfossintático reflete o paralelismo semântico-pragmático que caracteriza a construção. A presença de paralelismos fortalece ainda mais a relação entre os enunciados coordenados, já que explicita a existência de um elo comum entre eles.

Em (55), *whereas* é o juntor que explicita a coordenação. De acordo com o Dicionário Oxford⁶⁹, trata-se de uma conjunção que expressa contraste ou comparação⁷⁰. Esse é mais um contexto, portanto, em que *now* está contíguo a um juntor contrastivo típico e em que, devido a isso, a oposição se constitui em significado codificado. O que está em relação de oposição no contexto não são EsCos já concretizados, pois o escrevente descreve o que um dado experimento representaria em sua vida em um momento anterior e no momento presente, se de fato se concretizar.

No primeiro segmento, o sintagma verbal *would have been* constrói um quadro temporal que remete ao passado, também referido por *then*, ao passo que, no segundo, *'s* juntamente com *now* fazem referência ao presente. O primeiro segmento caminha na direção argumentativa de que o experimento, em momento anterior, não tinha relevância: se seria igual a outros, não faria

⁶⁹ Utilizamos a versão disponível online, que pode ser acessada em <https://en.oxforddictionaries.com/>.

⁷⁰ <https://en.oxforddictionaries.com/definition/whereas> .

diferença para sua carreira. O advérbio focalizador *only* reforça a avaliação do escrevente sobre o papel irrelevante do experimento no passado. O segundo segmento, caminhando em uma diferente direção argumentativa, afirma indispensabilidade do experimento no presente (o que fica evidente em *without choice*). Assim, a oposição no tempo, *then X now*, é acompanhada pela oposição entre os sintagmas que caracterizam o experimento, *experiment more or less like another X absolute necessity*.

Os exemplos de (56) a (58) representam contextos em que *now* não está contíguo ao juntor que encabeça o segundo segmento, ocupando, em alguns casos, posições mais à direita da oração, em outros, posições mais à esquerda. Apesar de tais contextos não mostrarem a contiguidade, é possível observar que *now* desempenha, em boa parte deles, papel relevante para a própria constituição do significado contrastivo.

Em (56), por exemplo, a ausência de *now* no segundo membro parece tornar os enunciados contraditórios. A oposição, nesse caso, incide sobre as atividades profissionais do falante (*clerk X dealer*), e a sequencialidade é construída pelos tempos verbais (*was X am*). Já em (57), a construção de oposição depende de uma suposição que emerge a partir do primeiro membro coordenado. Ao afirmar que ele mesmo estava confuso, o falante sugere que, por esse motivo, não era capaz de compreender o interlocutor. O pronome *myself* tem um papel importante para essa suposição. No primeiro segmento, a expressão adverbial *heck for a while there* constroi, juntamente com *now*, no segundo segmento, a relação de sequencialidade, que também se sustenta pela correlação modo-temporal (*was X can*).

O exemplo em (58) ilustra construções em que a oposição é explicitada por *however*, juntor de natureza adverbial (QUIRK *et al.*, 1985). A oposição emerge em meio a uma relação de sequencialidade, sustentada pela correlação modo-temporal (*thought X is*). A oposição que pode ser inferida no contexto se estabelece entre a crença do locutor, em momento passado, de que não havia mulheres com determinada qualidade naquele tempo e sua crença atual de que existe uma mulher com a característica em questão.

Em (59), vemos um exemplo de coordenação por justaposição, caso em que o sentido de oposição mais depende de traços contextuais, sendo fundamental, portanto, na construção, o paralelismo entre os segmentos coordenados: exibem correferencialidade de sujeitos, se constituem do verbo *live* e apresentam para o verbo um complemento circunstancial de lugar. A oposição no tempo e entre EsCos se fundamenta nas diferentes flexões do verbo em cada membro (*did live X*

lives) e no preenchimento do complemento circunstancial com lugares diferentes (*next door to me X in our parish*).

Dentre os contextos de (51) a (59), as construções em (51), (52), (54), (57) e (58) se caracterizam por uma oposição mais subjetiva, conforme a proposta de Mauri e Ramat (2012), uma vez que estão sendo confrontadas crenças e atitudes subjetivas (em todos os casos, dos próprios falantes/escreventes). Além disso, comportamentos e sentimentos tendem a receber valores sociais, de modo que a mudança de um comportamento ou sentimento a outro pode (e, em geral, é, em nossos dados) ser avaliada como positiva ou negativa. Em (52), por exemplo, a mudança que está sendo prometida pelo locutor é socialmente concebida como uma boa mudança, pelo fato de, usualmente, se acreditar que os filhos devem mostrar dedicação aos pais. *Now*, em tais contextos, está associado justamente ao EsCo posterior, aquele que constitui o resultado da mudança. Assim, se a mudança está sendo subjetivamente avaliada pelos falantes/escreventes e *now* é um dos elementos contextuais que a tornam explícita, uma carga subjetiva pode ser também atribuída ao item. Nessa análise, contextos do tipo favorecem a *subjetivização* do significado expresso por *now*.

Conforme argumentamos na seção anterior, o estágio III corresponde, em nossa proposta, a contextos que já fornecem condições tanto para a mudança de significado (tempo > oposição semântica) quanto para a mudança morfossintática (advérbio > juntor). Na trajetória em análise, também identificamos contextos que, para além das condições já disponíveis nos contextos do estágio III, exibem uma propriedade morfossintática favorável à reanálise de *now* como juntor: *now* ocupa a posição inicial do segundo membro coordenado, desempenhando a função de *advérbio juntivo*. As construções de (60) a (64) são ilustrativas do **estágio IV**.

(60) Gonzallo. I remember You did supplant your Brother.

Prospero. True: And looke how well my Garments sit vpon me, Much feater then before: My Brothers seruant's Were then my fellowes, **now** they are my men (PTTT17:1, 228).

Gonzallo. Eu lembro que você realmente suplantou seu irmão.

Prospero. Verdade: E olhe como minhas roupas ficam bem em mim, muito melhores do que antes: Os servos de meu irmão eram meus companheiros, agora eles são meus homens.

(61) Once Princes sate, like stars, about my throne,

And veil'd their crowns to my supremacy:

Then, like the sun, all paid me reverence

For what I was, and all the grateful lov'd me

For what I did bestow; **now** not a glow-worm

But in the chearless night displays more brightness,

And is of greater use, than darken'd Pericles (PTMA18:1, 157).

Antigamente a Princesa se sentava, como as estrelas, sobre meu trono,
 E encobria suas coroas para a minha supremacia:
 Naquela época, como o sol, todos me reverenciavam
 Pelo que eu era, e todos os que eram gratos me amavam
 Pelo que eu concedi; agora até mesmo um vagalume
 Na noite sem alegria mostra mais brilho,
 E é de maior utilidade, do que o ofuscado Pericles.

(62) Your pardon! I forgot,
 Sir! I thought myself still mistress of my actions!
 Still Princess of Castile! — **Now** I remember
 I'm that despised, unhappy thing, your wife! (PTAK19:1, 33).

Me perdoe! Eu me esqueci,
 Senhor! Eu me considerava ainda dona das minhas ações!
 Ainda Princesa de Castela! – Agora eu lembro
 Que eu sou aquela coisa infeliz, desprezada, sua esposa!

(63) Corrig Myles, you have come down in the world lately; a year ago you were a thriving horse-dealer, **now** you are a lazy, ragged fellow (PTCB19:2, 129).

Corrig Myles, você decaiu no mundo ultimamente; um ano atrás você era um próspero comerciante de cavalos, agora você é um sujeito preguiçoso, esfarrapado.

(64) His old friends, the old buyers that loved him so and always found some order to hand him in a pinch — they're all dead, retired. He used to be able to make six, seven calls a day in Boston. **Now** he takes his valises out of the car and puts them back and takes them out again and he's exhausted (PTDS20:1, 54).

Seus amigos antigos, os velhos compradores que o adoravam tanto e sempre encontravam algum pedido para dar a ele em uma emergência – eles estão todos mortos, aposentados. Ele era capaz de fazer seis, sete ligações por dia em Boston. Agora ele tira suas pastas do carro e as coloca de volta e as tira de novo e ele está cansado.

Em (60), o locutor expressa uma avaliação positiva da mudança do EsCo anterior para o EsCo posterior (*much feater then before*), que se constitui na mudança da relação social entre o locutor e os servos de seu irmão. Trata-se, portanto, de um contexto de oposição mais subjetiva. Em momento anterior, os servos de seu irmão eram seus companheiros porque ele também era um servo, ao passo que, no presente, o locutor assume um *status* social superior, passando a comandar os servos do irmão. A construção exhibe paralelismo entre os enunciados em coordenação: os sujeitos são correferenciais, ambos os segmentos apresentam o verbo *be* (sendo suas diferentes flexões em cada segmento, *were X are*, fator importante para a relação sequencial) e os predicativos do sujeito são introduzidos por *my*. Os únicos aspectos de distinção entre os dois segmentos residem

justamente nos circunstanciais de tempo (*then X now*) e nos nomes que caracterizam *my brother's servants (fellowes X men)*. Se *now* não estivesse presente no segundo membro, a relação entre os dois enunciados parece se perder, o que, em nossa análise, evidencia o papel juntivo de *now* no contexto.

Na construção em (61), vemos novamente a correlação modo-temporal passado – presente (*paid/was/lov'd/did bestow X displays*) refletida também pela correlação entre *then* e *now* na formulação de sequencialidade. O contexto também mostra uma avaliação subjetiva do locutor sobre a mudança de um EsCo a outro, apreciando o quanto era adorado por todos no passado e sentindo-se desprezado no presente. O contraste que emerge em meio à relação sequencial se fundamenta principalmente na oposição entre o “brilho” que tinha no passado, comparável ao brilho do sol (*like the sun*) e o “brilho” que tem no presente (ou a ausência dele), ofuscado (*darken'd Pericles*) e inferior ao brilho de um inseto (*not a glow-worm/But in the cheerless night displays more brightness*).

No exemplo em (62), a oposição no tempo é acompanhada não exatamente pela oposição entre os EsCos que caracterizam o passado e o presente, mas entre os “estados de consciência” da locutora. No momento anterior, ela se considerava *mistress* de suas ações e ainda governante, ao passo que, no presente, adquire consciência (*I remember*) de que está, na verdade, subordinada ao marido. A oposição tem caráter altamente subjetivo, na medida em que é possível identificar uma avaliação negativa da locutora de sua submissão ao marido (*despised, unhappy*), avaliação que é fundada em crenças a respeito do papel da mulher na sociedade e no lar. Apesar de a oposição se dar essencialmente entre “estados de consciência”, o contexto também permite inferir uma relação sequencial e, conseqüentemente, uma oposição entre os EsCos, na medida em que o advérbio *still*, por expressar um intervalo de tempo que teve início no passado e continua no presente, acaba por revelar que houve um tempo passado em que a locutora era livre para tomar suas próprias decisões.

No contexto em (63), os enunciados em coordenação exibem estruturas paralelas, distinguindo-se apenas nos espaços sentenciais que se referem a circunstâncias de tempo (*a year ago X now*) e aos EsCos (*thriving horse-dealer X lazy, ragged fellow*). As formas verbais, que, juntamente com os circunstanciais de tempo, constroem sequencialidade por meio da variação modo-temporal, também derivam da mesma raiz (*be*). Crenças subjetivas são fundamentais para a formulação da oposição, pois, para interpretá-la, é preciso conceber *horse-dealer* como uma posição social melhor do que *lazy, ragged fellow*. Os qualificadores *thriving* e *lazy* funcionam como

pistas fornecidas pelo locutor para a interpretação de seu ponto de vista, que certamente vai ao encontro do que em geral julga a opinião pública: a mudança de *horse-dealer* para *lazy, ragged fellow* é uma mudança contrária a expectativas socialmente definidas, que preconizam um dever de ascensão social contínua.

Em (64), no primeiro membro coordenado, a locutora sugere a alta produtividade do marido no passado, mas apresenta, no segundo, uma sequência de eventos que, por seu caráter repetitivo, indicam improdutividade do marido no presente. Esse, portanto, é mais um contexto, tal como (57) e (58), em que as inferências de oposição dependem de suposições que podem ser elaboradas a partir dos enunciados em relação. A sequencialidade emerge não apenas da correlação modo-temporal (*used X takes*), mas a expressão adverbial *in Boston*, de valor espacial, também contribui para a relação sequencial, na medida em que o espaço referido faz alusão a um intervalo de tempo particular, no passado, em que o marido da locutora trabalhava em Boston. São frequentes nos dados os contextos em que *now* veicula o tempo presente e o tempo passado está indiretamente expresso por circunstanciais de espaço. Os EsCos descritos em (64) representam propriedades objetivas do mundo, mas a avaliação negativa da locutora sobre a mudança no tempo (da produtividade para a improdutividade do marido) confere uma natureza mais subjetiva à oposição.

Na Tabela 16, sistematizamos as frequências dos três tipos contextuais descritos, em perspectiva longitudinal. Como se pode observar na tabela, as frequências de todos os tipos contextuais são bastante variáveis ao longo das sincronias, evidência de que não há, de acordo com nossos dados, uma correlação entre os tipos de contexto e intervalos de tempo particulares. Todos os arranjos estão presentes já em XVII-1 e em todas as demais sincronias, com apenas uma exceção (o estágio IV, com 0% em XVIII-2), que não representa a ausência dos contextos do tipo na sincronia, já que eles são frequentes em períodos anteriores. Tal exceção provavelmente resulta dos textos que constituem o *corpus* do período.

Tabela 16. Frequências dos estágios contextuais favoráveis à oposição semântica

	XVII/1	XVII/2	XVIII/1	XVIII/2	XIX/1	XIX/2	XX/1	XX/2 - XXI
Estágio II	2/16 (12,5%)	4/24 (16,7%)	3/10 (30%)	3/12 (25%)	6/20 (30%)	1/12 (8,3%)	1/9 (11,1%)	5/22 (22,7%)
Estágio III	11/16 (68,7%)	19/24 (79,2%)	5/10 (50%)	9/12 (75%)	10/20 (50%)	9/12 (75%)	7/9 (77,8%)	14/22 (63,7%)
Estágio IV	3/16 (18,8%)	1/24 (4,1%)	2/10 (20%)	0/12 (0%)	4/20 (20%)	2/12 (16,7%)	1/9 (11,1%)	3/22 (13,6%)

Se, de um lado, os dados quantitativos sugerem que todos os tipos contextuais têm papel na mudança em todas as sincronias, de outro, eles permitem atribuir aos contextos do estágio III um maior peso ao longo do processo, na medida em que têm a maior frequência em todos os períodos, representando no mínimo 50% dos contextos polissêmicos e alcançando, na maior parte das sincronias, frequências superiores a 60%. Assumindo que a frequência de uso é um fator que instiga mudança (BYBEE, 2003), parece possível admitir que, se esse é o tipo contextual mais frequente, é, por consequência, aquele que mais contribui para a associação de *now* aos novos traços de forma e significado. É relevante o fato de os contextos polissêmicos mais frequentes nos dados serem aqueles que aliam às condições semântico-pragmáticas condições morfossintáticas, tendo em vista tratar-se de uma instância de gramaticalização. Essa questão é retomada para discussão no Capítulo 07.

As frequências dos diferentes contextos polissêmicos revelam ainda mais um aspecto importante: considerando que os contextos associados aos estágios III e IV têm em comum a *coordenação* de enunciados, é também possível admitir que esse tipo de relação é fator de peso na mudança, na medida em que, se adotarmos apenas o critério “relação coordenativa” para a distinção entre os tipos contextuais, são significativamente maiores as frequências dos tipos que se configuram em construções coordenadas, conforme mostra a Tabela 17. Nesse sentido, os contextos em que *now* participa de coordenação são, segundo nossos dados, os mais favoráveis à mudança não apenas do ponto de vista qualitativo (estabelecendo um elo comum entre os enunciados e levando à sua disposição paratática), mas também quantitativo.

Tabela 17. Frequências dos estágios contextuais favoráveis à oposição semântica, à luz da correlação entre os estágios III e IV

	XVII/1	XVII/2	XVIII/1	XVIII/2	XIX/1	XIX/2	XX/1	XX/2 - XXI
Estágio II	2/16 (12,5%)	4/24 (16,7%)	3/10 (30%)	3/12 (25%)	6/20 (30%)	1/12 (8,3%)	1/9 (11,1%)	5/22 (22,7%)
Estágios III e IV	14/16 (87,5%)	20/24 (83,3%)	7/10 (70%)	9/12 (75%)	14/20 (70%)	11/12 (91,7%)	8/9 (88,9%)	17/22 (77,3%)

De tempo à quebra de expectativa

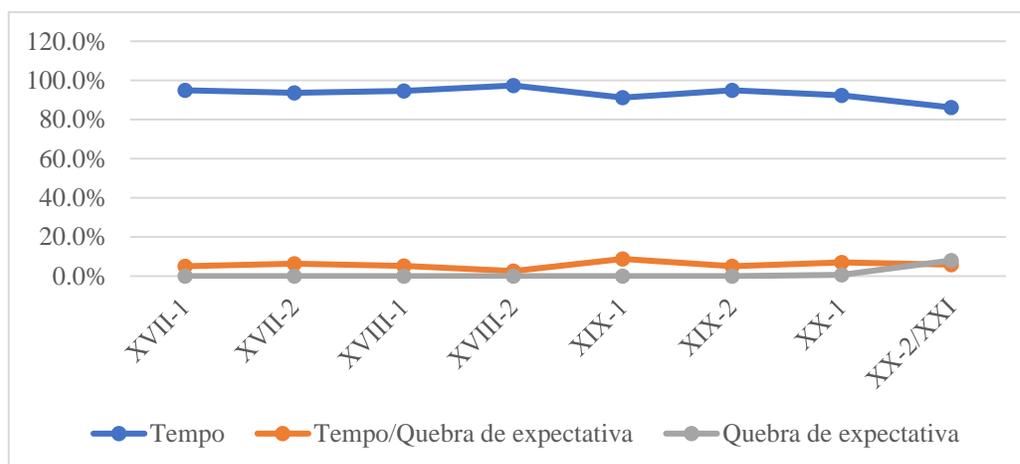
Para um panorama geral do percurso que leva aos contextos de quebra de expectativa com *now*, apresentamos, na Tabela 18 e no Gráfico 06, na página seguinte, as frequências dos contextos de polissemia entre tempo e quebra de expectativa em relação aos contextos temporais e aos contextos alvo.

A Tabela 18 e o Gráfico 06 sugerem que o desenvolvimento dos contextos de junção com *now* para expressão de quebra de expectativa também é recente no inglês, o que será melhor avaliado no Capítulo 07, a partir do controle dos padrões por gênero. O fato de que os contextos alvo suplantam os contextos polissêmicos na última sincronia vai ao encontro da hipótese, já sinalizada, de que, nas trajetórias de *now* rumo a significados contrastivos, a contribuição da frequência de uso para a generalização das inferências não se dá a partir do aumento dos usos polissêmicos em um período de tempo particular, conforme preveem tendências em mudança (cf. Capítulo 07).

Os três estágios contextuais identificados nas trajetórias analisadas anteriormente também foram encontrados entre os contextos que alimentam a trajetória agora em análise. Há, entretanto, uma particularidade na trajetória de *now* em direção à quebra de expectativa: aqui, a variedade de relações temporais que alimentam a mudança é maior, tendo sido identificadas nos dados quatro tipos de relações.

Tabela 18. A trajetória de tempo à quebra de expectativa de *now* em perspectiva longitudinal

	XVII-1	XVII-2	XVIII-1	XVIII-2	XIX-1	XIX-2	XX-1	XX-2/XXI
Tempo	286/301 (95%)	205/219 (93,6%)	160/169 (94,7%)	148/152 (97,4%)	207/227 (91,2%)	152/160 (95%)	132/143 (92,3%)	119/138 (86,2%)
Tempo/Quebra de expectativa	15/301 (5%)	14/219 (6,4%)	9/169 (5,3%)	4/152 (2,6%)	20/227 (8,8%)	8/160 (5%)	10/143 (7%)	8/138 (5,8%)
Quebra de expectativa	0/302 (0%)	0/219 (0%)	0/169 (0%)	0/152 (0%)	0/227 (0%)	0/160 (0%)	1/143 (0,7%)	11/138 (8%)

Gráfico 06. A trajetória de tempo à quebra de expectativa de *now* em perspectiva longitudinal

Um deles é similar àquele identificado nos percursos rumo à oposição semântica, constituindo-se em uma *relação de sequencialidade* entre um momento anterior e um momento posterior, o último expresso por *now*. O EsCo que constitui o momento anterior alimenta expectativas, fundadas em conhecimento de mundo e/ou crenças subjetivas, que são frustradas pelo EsCo posterior, de modo a se instaurar um conflito entre os EsCos que se sucedem no tempo.

Um outro tipo de relação se estabelece entre um EsCo caracterizado por uma *habitualidade* no tempo, isto é, rotineiro, que não ocorre em intervalo de tempo específico, e um EsCo que se desenrola especificamente no momento presente. A quebra de expectativa emerge de uma espécie de interrupção, pelo EsCo do presente, do EsCo habitual. Nesse caso, as expectativas, também fundadas em crenças subjetivas, derivam principalmente do próprio valor temporal de habitualidade: EsCos habituais, justamente por sua natureza iterativa, são esperados a persistir ao longo do tempo, de modo que sua interrupção (a cessação da habitualidade) quebra expectativas.

Em um terceiro tipo, configura-se uma relação entre o tempo presente e um *tempo futuro hipotético*, que emerge de expectativas contextualmente habilitadas. Um dos enunciados em relação linguística alimenta a expectativa de que um dado EsCo vai se desenvolver em um momento imediatamente futuro. O EsCo que de fato se concretiza no presente, entretanto, frustra tal expectativa.

No quarto tipo, o primeiro enunciado da coordenação contém elementos que permitem construir expectativas de que um EsCo já iniciado em tempo passado permanece o mesmo no presente, configurando-se, assim, o significado de *continuidade temporal*. O segundo enunciado coordenado indica que o EsCo presente é diferente do anterior em algum aspecto, frustrando a expectativa de continuidade. Os quatro tipos de relação temporal serão exemplificados ao longo da análise.

O **estágio II** da trajetória envolve contextos em que o enunciado que *now* integra está em relação linguística com um outro enunciado, mas a relação não é coordenação (cf. Seção 5.1). Dois tipos de arranjo são possíveis nos dados: (i) uma oração principal está relacionada a uma oração de natureza *adverbial*, conforme (65) e (66), (ii) uma oração principal está relacionada a uma oração *relativa*, conforme (67) e (68).

(65) Mainly left her without excuse by offering all means to informe her iudgment better, which the Parliament hath never yet offered at, although **now** there is a fitt oportunity for them, by owning her and her wants (CADM17:1, 383).

Sobretudo a deixaram sem desculpas oferecendo todos os meios para esclarecer seu julgamento melhor, o que o Parlamento nunca porém ofereceu, embora agora haja uma boa oportunidade para eles, detendo ela e seus desejos.

(66) If Powres Diuine Behold our humane Actions (as they doe) I doubt not then, but Innocence shall make False Accusation blush, and Tyrannie Tremble at Patience. You (my Lord) best know my past life Hath beene as continent, as chaste, as true, As I am **now** vnhappy (PTWT17:1, 25).

Se os Poderes Divinos observam nossas Ações humanas (como eles fazem) eu não duvido então, que a Inocência tornará Falsa a Acusação envergonhada, e a Tirania tremerá sob a Paciência. Você (meu Senhor) bem sabe que a minha vida passada foi tão moderada, tão casta, tão correta, quanto eu sou agora infeliz.

(67) That I so often trouble you, assure yr Selfe ytt is butt the effectes of a very much disquyetted minde, for I cannot greeve a lyttle to finde that I, wch haue binn a wyllinge Companion & partaker in yr harde fortunes, should **now** be made so greate a stranger to yr proceedinges in yr better estate (CAJM17:1, 349).

Que eu sempre te incomodo, afirme você mesmo, isso é apenas os efeitos de uma mente inquieta, pois eu não posso lamentar um pouco ao descobrir que eu, que tenho sido uma companhia e parceira

disposta/voluntária nas suas difíceis fortunas, deva agora se tornar uma grande estranha nas tramitações de seu melhor patrimônio.

(68) They have offered me, these Editor people of that same Review, the amplest scope and room to write whatsoever I will for them: the fools, they should have closed with me this time twelvemonth, when I was anxious for, and they declined the very terms they are *treating* upon me **now!** (CAACL19:1, 323).

Eles me ofereceram, essas pessoas da Editora da mesma Revista, o escopo e o espaço mais amplos para escrever o que quer que eu queira para eles: os tolos, eles deveriam ter fechado comigo naquela época para doze meses, quando eu estava ansioso por isso, e eles rejeitaram os mesmos termos que eles estão negociando comigo agora!

Em (65), *although*, juntor que tipicamente veicula quebra de expectativa, torna esse significado explícito na construção. Admitimos que há uma relação de sequencialidade entre um tempo passado, referido por *never*, e o tempo presente, referido por *now*. O presente, entretanto, funciona como uma extensão do passado, e a quebra de expectativa se deve justamente à persistência do EsCo passado no momento atual, já que o presente exhibe condições concebidas pelo escrevente como favoráveis à mudança do EsCo que observa desde o passado: há, no presente, uma oportunidade para que o parlamento ofereça meios para um julgamento melhor; apesar da oportunidade, os meios não são oferecidos, o que frustra as expectativas do escrevente. Assim, a quebra de expectativa está intimamente relacionada ao presente, que é veiculado na construção por *now* e pela morfologia verbal (*is*).

Em (66), a oração de que *now* faz parte se configura em uma oração hipotática adverbial em relação a uma oração matriz. Há entre elas uma relação de sequencialidade, construída pela correlação modo-temporal dos tempos verbais (*hath beene X am*) e também pela correlação entre *now* e o modificador *past*. Crenças subjetivas habilitam expectativas a partir dos adjetivos que o locutor utiliza para caracterizar sua vida passada: eles evocam um modo de vida que tende a ser socialmente concebido como bom e correto, e, em geral, espera-se que esse modo de vida resulte em felicidade para quem o adota. Desse modo, a oração que *now* integra, ao caracterizar o estado emotivo do locutor como *unhappy*, vai de encontro às expectativas que podem emergir da oração matriz.

Na construção em (67), inferências de quebra de expectativa podem novamente ser disparadas a partir da sequencialidade entre um tempo anterior (*have binn*) e um tempo posterior (*should now be*). A expressão adverbial *in yr harde fortunes* parece também ter um papel na construção da relação sequencial, na medida em que evoca circunstâncias de um momento passado. A sequencialidade se estabelece entre a oração com *now* (uma oração matriz) e a oração relativa

iniciada por *weh* (*which*). O que alimenta expectativas é o modo como a locutora caracteriza, na relativa, sua participação na vida do marido em tempo passado. As expressões *wyllinge companion* e *partaker*, bem como a especificação de que foi sua companheira em tempos difíceis da vida do marido (*harde fortunes*), trabalham em conjunto para construir o retrato de uma boa esposa. É comum, dentre crenças socialmente compartilhadas, a expectativa de que a dedicação constante a outras pessoas (cônjuges ou não) seja recompensada, ou, pelo menos, que ela resulte em respeito e gratidão por parte do beneficiado. Na oração matriz, a descrição da locutora sobre o tratamento que recebe do marido no presente frustra expectativas de recompensa ou gratidão.

Por fim, em (68), *now* ocupa novamente uma oração relativa, que constitui uma relação sequencial com um conjunto de orações⁷¹ que compõem um enunciado matriz. Para as inferências de quebra de expectativa, tem papel relevante, no enunciado matriz, a oração temporal *when I was anxious for*, que entra em conflito com *they declined the very terms*. O fato de a editora ter recusado o contrato com o escrevente em circunstâncias muito favoráveis à sua efetivação (ele estava ansioso para conseguir o trabalho) pode levar à expectativa de que o contrato não tem chances de concretização, expectativa que é frustrada no momento presente, em que a editora está discutindo os mesmos termos do contrato que foram rejeitados no passado. É relevante o destaque que o próprio escrevente dá a *treating*, possivelmente indicando, com isso, uma espécie de contradição na atitude dos editores: estão *discutindo* termos (o que significa que provavelmente estão dispostos a aceitar mudanças que o escrevente possa desejar) que *rejeitaram* quando tinham o escrevente ansioso pelo trabalho.

Em uma outra análise interpretativa, o contexto também parece permitir inferências de oposição semântica, ao invés de quebra de expectativa. Nessa análise, o foco do contraste estaria no simples confronto entre a atitude dos editores em momento anterior e sua atitude no presente. No entanto, optamos pela primeira interpretação especialmente pelo caráter de contradição que o escrevente busca associar às atitudes dos editores. Além do destaque de *treating*, ele também encerra o enunciado com um ponto de exclamação, que entendemos como uma busca por expressividade e, com ela, por mostrar a quebra de expectativas que as atitudes dos editores nele produzem.

⁷¹ Consideramos como o enunciado matriz o seguinte conjunto de orações: *the fools, they should have closed with me this time twelvemonth, when I was anxious for, and they declined the very terms*. A oração relativa nesse contexto, *they are treating upon me now!*, não é introduzida por pronome relativo, o que é muito frequente no inglês.

No **estágio III**, estão contextos em que a relação semântico-pragmática entre os enunciados é expressa por meio de coordenação, e *now* ocupa diferentes posições sentenciais (cf. Seção 5.1). Os exemplos de (69) a (79) são representativos.

(69) O Sir, You haue vndone a man of fourescore three, That thought to fill his graue in quiet: yea, To dye vpon the bed my father dy'de, To lye close by his honest bones; but **now** some Hangman must put on my shrowd, and lay me Where no Priest shouels-in dust (PTWT17:1, 65).

Ó senhor, você derrubou um homem de oitenta e três anos, Que pensava que iria para sua cova em paz: sim, Para morrer no leito que o meu pai morreu, Para repousar perto de seus ossos honestos; mas agora algum carrasco deve colocar meu manto, e me deitar onde nenhum sacerdote cava a poeira (=que não é abençoado por nenhum sacerdote⁷²).

(70) I would alwayes chuse to liue in the practise of those things, which are undoubtedly the best, and not take up that which I must defend by doubtfull arguments. Much more I could say upon these subjects, but **now** I will only tell you, that as I will not censure those who educate youth in them; so I will take my owne liberty not to practise with them; knowing I must walke by my light, they by theirs (CADM17:1, 449).

Eu sempre escolheria viver na prática daquelas coisas, que são sem dúvida as melhores, e não assumir aquilo que eu devo defender com argumentos tão duvidosos. Muito mais eu poderia dizer sobre essas questões, mas agora vou te dizer apenas, que eu não vou censurar aqueles que educam a juventude com base neles (nos argumentos duvidosos); então eu vou tomar a liberdade de não praticá-los; sabendo que eu devo caminhar pela minha luz, eles pela deles.

(71) I could run on but the Clocke calls me to some what else not halfe soe pleasing, and for my long Letter I thought it might haue beene a discourse vpon our Directoryes, but **now** it cannot bee (CADM17:1, 437).

Eu poderia continuar mas o Relógio me chama para outra coisa nem pela metade tão prazerosa, e pela minha longa Carta eu pensei que poderia ter sido um discurso sobre os nossos Diretórios, mas agora não pode ser.

(72) The later was a matchless young piece of Confidence, who broke open a house at Islington; a Crime rarely attempted by that Sex: she had four times before been tryed for several Offences, but **now** could not obtain further indulgence (PROB17:2, 53).

O último⁷³ foi um caso inigualável de Confiança, que invadiu uma casa em Islington; um Crime raramente empreendido por aquele Sexo: ela foi quatro vezes antes julgada por diversas Infrações, mas agora não podia obter mais indulgência.

(73) Do not neglect to write to her; she is much gratified with your Letters and were poor indeed if the postage were not cheap to her. Mrs Welsh is still in Liverpool; but **now** heartily tired of it, and urgent to get home (CACL19:1, 219).

⁷² Em uma versão moderna da peça, encontramos a seguinte adaptação do trecho final: “but now some hangman will prepare my corpse and bury me in the unhallowed ground” (mas agora algum carrasco vai preparar meu corpo e me enterrar no chão desonrado).

⁷³ “O último” faz referência ao último julgamento realizado na sessão. Os enunciados que antecedem o trecho dizem respeito a outro julgamento.

Não deixe de escrever para ela; ela está muito grata por suas Cartas e estaria carente de fato se a postagem não fosse barata para ela. A senhora Welsh está ainda em Liverpool; mas agora extremamente cansada de lá, e com pressa para chegar em casa.

(74) The Woman disappears into the dark. Now the area at the kitchen table brightens. Linda is sitting where she was at the kitchen table, but **now** is mending a pair of her silk stockings (PTDS20:1, 41).

A Mulher desaparece na escuridão. Agora a área da mesa da cozinha se ilumina. Linda está sentada onde ela estava na mesa da cozinha, mas agora está remendando um par de suas meias de seda.

(75) I did informe yow of the receipt of Mr. Chambers letter & of my resolutions to come if God did frame matters so as I did desire yow to cooperat therin with me. I haue many thoughts wherewith I am full fraught but cannot **now** utter them. (CADM17:1, 463).

Eu informei você do recibo da carta do senhor Chambers & das minhas próximas resoluções se Deus realmente projetar questões como aquelas que eu desejava que você cooperasse comigo. Eu tenho muitos pensamentos com os quais eu estou inquieto mas não posso agora expressá-los.

(76) And coming two days after to a Rag-Shop, being next Door, he was taken upon Suspicion, and upon search of his Lodging, the Plate was found in his trunck, whereupon he Confessed that he Knockt the woman Down with his fist, and that he committed the Robbery, &c. Yet **now** at the Bar he Pleaded, Not Guilty, to both Indictments (PROB17:2, 05).

E vindo dois dias depois a um brechó, que era na porta seguinte, ele foi pego sob suspeita, e com uma busca em seu alojamento, o prato foi encontrado em seu baú, ao que ele confessou que ele derrubou a mulher com seu punho, e que ele cometeu o roubo, &c. Entretanto agora no tribunal ele se alegou não culpado, pelas duas acusações.

(77) Well, on Saturday I shall write at all events; and with regard to Wednesday shall gather instruction from your Letters.— As to money I think your own plan is the best: to get what you need from Alick, whom we can repay. I meant that Naso should pay (*to*) you the (*price of the article on*) Taylor at Dumfries: however I will not **now** trouble him (CACL19:1, 170).

Bem, no sábado eu devo escrever sobre todos os eventos; e com relação à quarta devo receber instruções de suas cartas. – Com relação a dinheiro eu acho que o seu próprio plano é o melhor: pegar o que você precisa de Alick, que nós podemos reembolsar. Eu sugeri que Naso deveria pagar (a) você o (preço do artigo em) Taylor em Dumfries: entretanto eu não vou agora incomodá-lo.

(78) HOWARD (starting to go off): I've got to see some people, kid.
WILLY (stopping him). I'm talking about your father! There were promises made across this desk! You mustn't tell me you've got people to see — I put thirty-four years into this firm, Howard, and **now** I can't pay my insurance! You can't eat the orange and throw the peel away — a man is not a piece of fruit! (PTDS20:1, 71).

Howard. Eu tenho que encontrar algumas pessoas, cara.

Willy. Eu estou falando sobre o seu pai! Promessas foram feitas nessa mesa! Você não pode me dizer que você tem pessoas para encontrar – Eu coloquei trinta e quatro anos nessa firma, Howard, e agora eu não posso pagar o meu seguro!

(79) I have brought my Son into the World with great pains, bred him with tender care, much pains and great cost; and must he **now** be hang'd for killing a Man in a quarrel? when he should be a comfort and staff of my age, is he to be my ages affliction? (PTCP17:2, 182).

Eu trouxe meu filho ao mundo com grandes dores, o criei com terno carinho, muitas dores e muito custo; e deve ele agora ser enforcado por matar um homem em uma briga? Quando ele deveria ser um conforto e apoio para minha velhice, será ele a minha aflição?

Em (69), admitimos que o primeiro segmento não apenas dispara inferências de quebra de expectativa, mas veicula esse significado de forma explícita. A semântica do verbo *thought* revela que o locutor tinha, em momento passado, expectativas em relação ao lugar onde seria enterrado: *thought* no contexto parece equivaler a *acreditava, esperava*. As expectativas que alimentou em momento anterior são frustradas pelo EsCo presente, em que o locutor será enterrado em um lugar que não contém as características que esperava. A quebra de expectativa, portanto, está associada a uma relação de sequencialidade no tempo.

Na construção em (70), o primeiro segmento da coordenação habilita a expectativa de que o locutor escreverá mais sobre os assuntos em questão. Uma vez que, nesse caso, expectativas fazem referência a EsCos ainda não concretizados no mundo, emerge do primeiro segmento um tempo futuro hipotético, que entra em conflito com o tempo presente, que está de fato se concretizando. A relação temporal em jogo, portanto, se dá entre o momento presente, que *now* ajuda a constituir, e o momento imediatamente futuro, de valor não factual. O advérbio *only* no segundo segmento é mais uma marca de quebra de expectativa (HEINE *et al.*, 1991), indicando que o locutor irá escrever sobre menos assuntos do que o *esperado*.

Em (71), temos mais um exemplo em que o verbo *thought* funciona como indício explícito de que o locutor alimenta expectativas, que, pela constituição modo-temporal do verbo, se estabelecem em momento anterior. As expectativas são desconstruídas no momento presente, que apresenta impedimentos (não explicitados pelo escrevente) para sua concretização. Novamente, portanto, uma relação de sequencialidade dá suporte à quebra de expectativa.

Em (72), *now*, juntamente com o verbo modal *could*, faz referência a um momento imediatamente anterior. O exemplo foi retirado da transcrição de um julgamento, em que o escrivão está relatando os acontecimentos que acabou de observar. Embora faça referência a um momento anterior em relação ao momento da enunciação, *now* veicula tempo posterior em relação ao tempo expresso no primeiro segmento coordenado. A relação de sequencialidade entre os dois segmentos

se torna evidente pela correlação entre *before* e *now*. Para a formulação do EsCo veiculado no primeiro segmento como o EsCo mais passado, é fundamental o uso do pretérito perfeito (*had...been*). A quebra de expectativa atrelada à relação temporal é fortemente baseada no caráter reiterativo (*four times*) do EsCo anterior: se a réu já foi julgada por quatro vezes, e, nas quatro, recebeu indulgência, pode-se esperar que, no atual julgamento, ela também receberá; no presente, entretanto, isso não se efetiva. Não apenas essa suposição é necessária, mas também a de que, nas outras vezes em que foi julgada, recebeu indulgência. Em nenhum outro momento do texto, além do segundo segmento, a noção de indulgência é mencionada, e, ainda assim, o locutor modifica *indulgence* com o advérbio *further*, evidência de que ela está pressuposta no primeiro segmento, a partir de crenças subjetivamente fundadas: EsCos que se repetem no tempo tendem a persistir e, quando não persistem, quebram expectativas.

No exemplo em (73), o primeiro segmento, especialmente a partir do advérbio *still*, que indica continuidade no tempo, habilita a expectativa de que um EsCo observado em momento anterior permanece o mesmo no presente. O segundo segmento vai de encontro à noção de permanência, expressando uma mudança no EsCo do momento anterior. Não há, entretanto, uma total negação do EsCo anterior, na medida em que Mrs. Welsh ainda está no mesmo lugar em que estava antes. O EsCo apenas não é o mesmo porque seus sentimentos em relação ao lugar se modificaram. As inferências de quebra de expectativa, portanto, são disparadas pela mudança no desenvolvimento contínuo de um EsCo.

Para mostrar a relevância dessa relação temporal dentre os contextos polissêmicos favoráveis à quebra de expectativa na trajetória de *now*, apresentamos em (74) um exemplo similar a (73). Na construção em (74), a oração adverbial *where she was*, no primeiro segmento, tem um efeito semelhante ao de *still* no exemplo (73), permitindo pressupor continuidade do EsCo anterior no momento presente. O segundo segmento indica que não há uma total convergência entre o EsCo anterior e o EsCo atual, que é diferente daquele pelo fato de que, embora o local onde Linda está seja o mesmo, a tarefa que está desempenhando é outra (embora o contexto não permita identificar qual seja).

No exemplo em (75), temos um arranjo contextual em que *now* não está contíguo a *but*. A relação temporal que caracteriza o contexto é semelhante àquela observada em (70). O primeiro segmento habilita expectativas em relação a um tempo imediatamente futuro: a agitação que os pensamentos do escrevente nele produzem permite hipotetizar que ele falará deles para o

interlocutor em algum momento subsequente na carta. Há, no entanto, circunstâncias no momento presente que o impedem de fazer isso, de modo que o EsCo atual frustra a expectativa relacionada a um EsCo hipotético.

Em (76), o juntor que explicita a coordenação, *yet*, é um típico marcador de quebra de expectativa (HEINE *et al.*, 1991). Assim como nos contextos com *but*, esse significado não tem estatuto apenas pragmático no contexto em análise, mas emerge enquanto significado codificado. A confissão do réu, enunciada no primeiro segmento e associada a um momento anterior, conduz a expectativas em relação ao desfecho do julgamento: se o próprio réu confessou o crime, ele é culpado. O EsCo no presente, em que o réu está em julgamento, vai de encontro à conclusão habilitada pelo EsCo anterior. Nesse caso, portanto, a quebra de expectativa emerge em meio a uma relação de sequencialidade no tempo. É mais um exemplo em que uma leitura de oposição semântica seria possível (antes, o réu confessou o crime, agora, o nega), mas a semântica de *yet* evidencia que o locutor concebe a relação entre o EsCo anterior e o EsCo posterior como uma relação que produz quebra de expectativa.

A construção em (77) exemplifica os contextos polissêmicos em que a junção é explicitada por *however*. O escrevente está discutindo meios de o interlocutor obter dinheiro. No primeiro membro coordenado, a sugestão que apresentou em momento passado valida a expectativa de que cobrar o pagamento por um artigo produzido pelo interlocutor é uma forma de conseguir o dinheiro de que precisa. Sua rejeição, no momento presente, por solicitar o pagamento em questão exclui essa possibilidade, frustrando, assim, a expectativa derivada do EsCo anterior.

O exemplo em (78) é representativo de um tipo contextual frequente dentre os contextos associados ao estágio III. Nesse tipo, *now* está contíguo ao juntor multifuncional *and*, que, diferentemente de *but*, *yet* e *however*, não carrega semântica contrastiva. Se, de um lado, os tipos contextuais até agora descritos, por colocarem em saliência o significado alvo devido à presença de jutores contrastivos típicos, fornecem condições importantes para a mudança, de outro, os contextos de junção com *and* exibem uma contribuição singular: sendo *and* dependente do entorno contextual para a interpretação contrastiva, esses contextos favorecem uma busca por elementos contextuais que explicitem a relação de sentido entre os enunciados. Uma vez que a relação contrastiva emerge da relação temporal e *now* é um dos componentes que a expressam, o processo de interpretação disparado pelos contextos em análise favorece (e mesmo depende de) a associação de *now* a contraste.

Em (78), há uma relação de sequencialidade entre um EsCo anterior e um EsCo posterior, construída tanto pela correlação modo-temporal (*put X can't*) quanto pela correlação entre *now* e *thirty-four years* (complemento verbal de *put*). O primeiro segmento da coordenação legitima uma expectativa resultante de uma crença socialmente partilhada: a dedicação ao trabalho deve produzir benefícios e recompensas, principalmente em termos de condições financeiras. Nesse sentido, o EsCo passado, em que o locutor se dedicou à empresa ao longo de trinta e quatro anos, permite esperar que o EsCo presente se caracterize por uma estabilidade financeira. O EsCo que o locutor de fato vivencia, entretanto, vai de encontro às expectativas. A evidência que ele apresenta para expressar incompatibilidade entre os dois EsCos (a incapacidade de pagar um determinado seguro) habilita a quebra de expectativa pelo fato de que seguros tendem a ser concebidos (alguns mais do que outros), em algumas classes sociais, como necessidades básicas da vida. O conflito, assim, entre EsCo esperado e EsCo concretizado se acentua com o aspecto prolongado do tempo de trabalho na empresa e o aspecto elementar daquilo que o locutor tem dificuldades para pagar. A quebra de expectativa não se sustentaria se o que o locutor não pudesse pagar no presente fosse algo considerado trivial.

Na construção em (79), também representativa de contextos em que a junção é sinalizada por *and*, mas em que *now* não está contíguo ao juntor, a leitura de quebra de expectativa também é fortemente fundada em crenças socialmente partilhadas. Em geral, espera-se que as dificuldades enfrentadas pelos pais ao longo da criação dos filhos sejam recompensadas por alegrias proporcionadas por eles. O primeiro segmento da relação coordenada evoca essa expectativa, ao se constituir de uma série de orações que explicitam o esforço da mãe para criar o filho e, principalmente, as dificuldades (*great pains, much pains, great cost*). A expectativa de recompensa alimentada pela mãe está, inclusive, explícita no enunciado seguinte (*when he should be a comfort and staff of my age*). O EsCo que se configura no presente é incompatível com tal expectativa, na medida em que o comportamento do filho, ao invés de conforto, resulta em tristeza e insatisfação para a mãe.

Na trajetória em análise, também identificamos contextos em que *now* ocupa a posição inicial do segundo segmento coordenado, funcionando como advérbio juntivo. Os contextos do tipo, correlacionados ao **estágio IV** da trajetória, exibem baixa frequência em nossos dados, sendo as construções de (80) a (83) todos exemplos encontrados.

(80) When you shall know your Mistris Ha's deseru'd Prison, then abound in Teares, As I come out: this Action I now goe on, Is for my better grace. Adieu, my Lord, I neuer wish'd to see you sorry, **now** I trust I shall: my Women come, you haue leaue (PTWT17:1).

Quando vocês entenderem que sua Senhora mereceu ir para a prisão, então chorem, quando eu aparecer: essa ação que eu agora desempenho, é para a minha maior honra. Adeus, meu Senhor, eu nunca quis te ver infeliz, agora eu acredito que eu vou: venham minhas Mulheres, vocês têm permissão.

(81) POLLY. Follow them, Filch, to the Court. And when the Trial is over, bring me a particular Account of his Behaviour, and of every thing that happen'd--You'll find me here with Miss Lucy. [Exit Filch.] But why is all this Musick?

LUCY. The Prisoners, whose Trials are put off 'till next Session, are diverting themselves.

POLLY. Sure there is nothing so charming as Music! I'm fond of it to Distraction! –But alas! – **now**, all Mirth seems an Insult upon my Affliction. –Let us retire, my dear Lucy, and indulge our Sorrows. – The noisy Crew, you see, are coming upon us (PTBO18:1, 129).

POLLY. Siga-os, Filch, até a corte. E quando o julgamento estiver terminado, me traga uma descrição detalhada de seu comportamento, e de todas as coisas que aconteceram – Você me encontrará aqui com a senhorita Lucy. [Sai Filch.] Mas por que tudo aqui é Música?

LUCY. Os prisioneiros, cujos julgamentos foram adiados até a próxima sessão, estão se distraindo.

POLLY. Com certeza não há nada mais encantador do que Música! Eu adoro música para Distração! – Mas *alas*⁷⁴! – Agora, qualquer diversão parece um insulto diante da minha Aflição. – Vamos nos retirar, Lucy, e ceder às nossas lamentações.

(82) Why then he is restored to honour and happinefs; and I am fallen into the contempt, the scorn, which motives fo mean as thofe imputed to me would well have merited! And who will believe them other than they have appeared? When he was poor, I feemed to abandon him. **Now** he no longer needs my friendship, I fly to afford him aid (PTMT18:2, 62).

Por que então ele está restituído com honra e felicidade; e eu estou mergulhada no desprezo, o escárnio, que motiva tanta maldade quanto aqueles que me acusaram teriam bem merecido! E quem vai acreditar neles, a não ser que eles tivessem aparecido? Quando ele era pobre, eu pareci abandoná-lo. Agora ele não mais precisa da minha amizade, eu corro para oferecer a ele ajuda!

(83) I have simply had the busiest year of my life and have been so drained of the fluid of expression—so tapped into the public pitcher—that my whole correspondence has dried up and died of thirst. Then, somehow, you had become inaccessible to the mind as well as to the body, and I had the feeling that, in the midst of such desperate larks, any news of mine would be mere irrelevant drivel to you. **Now**, however, you must take it, such as it is (CAHJ19:2, 231).

Eu simplesmente tive o ano mais atarefado da minha vida e tenho estado tão esgotado do fluxo da expressão – tão explorado pelo público – que toda a minha correspondência secou e morreu de sede. Então, de certo modo, você se tornou inacessível para a mente e também para o corpo, e eu tive a impressão de que, no meio de tantas futilidades urgentes, quaisquer notícias minhas seriam um disparate irrelevante para você. Agora, entretanto, você deve recebê-las, do modo como são.

⁷⁴ Optamos por não traduzir *alas* pelo fato de se tratar de uma expressão idiomática, que não tem uma contraparte similar em português. De acordo com o Dicionário Oxford, é utilizada para exprimir sofrimento, pena ou preocupação (<https://en.oxforddictionaries.com/definition/alas>).

Na construção em (80), a quebra de expectativa emerge a partir de uma relação de sequencialidade entre um intervalo de tempo passado e um momento imediatamente futuro, sendo sustentada tanto pelos tempos verbais (*wish'd X shall*) quanto pelas expressões de natureza adverbial (*never X now*). Assumimos que o verbo *wish'd*, no primeiro segmento, de modo similar a *thought* em (69) e (71), tem inerente à sua semântica a noção de expectativa: querer (ou não) algo equivale a *esperar* (ou não) por algo. Nessa perspectiva, ao dizer que nunca quis ver o interlocutor infeliz, o locutor explicita uma expectativa, que será frustrada no momento imediatamente seguinte.

Em (81), embora haja uma expressão interjetiva entre as orações em relação, assumimos que a coordenação se mantém, tendo a expressão apenas uma função parentética no contexto. A oração *I'm fond of it to Distraction*, ao fazer referência a uma atitude apreciativa do locutor, evoca habitualidade, definindo seu comportamento em relação à música como algo permanente, não associado a um período de tempo particular. Isso pode gerar a expectativa de que irá apreciar o fato de estar ouvindo música no presente. Há, entretanto, circunstâncias (*my affliction*) no momento atual que o levam a um posicionamento diferente do esperado: aquilo que ele (sempre) adora representa para ele um insulto no presente.

No exemplo apresentado em (82), admitimos que há mais de uma possibilidade interpretativa do papel de *now* no contexto. Considerando apenas o período *Now he no longer needs my friendship, I fly to afford him aid* e a relação de sentido entre as orações separadas por vírgula, é possível atribuir a *now* um valor de causalidade com estatuto pragmático, e, nessa interpretação, teríamos um contexto envolvido em outra trajetória de mudança atravessada por *now* no inglês, que, também partindo da fonte temporal, segue em direção a significados causais. Considerando, por outro lado, a construção complexa iniciada por *now* e a construção complexa imediatamente anterior (*when he was poor, I seemed to abandon him*), é possível uma análise em termos de quebra de expectativa (inferida). Assumimos que os dois significados, causa e quebra de expectativa, não são mutuamente exclusivos, especialmente pelo fato de ambos se constituírem na construção em significados pragmáticos. Nesse sentido, uma vez que o contexto mostra condições favoráveis ao desenvolvimento da trajetória que nos interessa aqui, optamos por incorporá-lo dentre os contextos que habilitam a polissemia tempo/quebra de expectativa, sem ignorar a possível leitura de causalidade.

A relação temporal que legitima inferências de quebra de expectativa é novamente sequencialidade, havendo em cada segmento coordenado orações adverbiais que não apenas fornecem informações de tempo, mas associam tais informações a EsCos que entram em relação de oposição. Além da oposição entre as orações adverbiais, instaura-se também oposição entre as orações matrizes. Embora dois pares de opostos se estabeleçam⁷⁵ e forneçam, portanto, condições para inferências de oposição semântica, assumimos que o contexto evoca quebra de expectativa pelo fato de que uma contradição pode ser lida entre as duas construções complexas, e, em nossa análise, o valor de contradição está entrelaçado com expectativas sobre aquilo que é “normal” no mundo. No exemplo em questão, a construção complexa do primeiro segmento por si só frustra expectativas: existe a crença social de que se deve ajudar as pessoas quando precisam. O fato de o locutor abandonar aquele a que está se referindo vai de encontro a essa expectativa, justamente pelas circunstâncias que caracterizam o momento anterior (*he was poor*). Entre as duas construções complexas, a quebra de expectativa emerge a partir dessa relação contraditória entre a negação da ajuda e o momento em que a ajuda foi necessária: se o locutor não o ajudou num momento em que precisou, é possível esperar que ele não se disponha a ajudá-lo em outras possíveis situações. No segundo segmento, contudo, essa expectativa não se concretiza, já que o locutor o oferece ajuda num momento em que não é necessária.

No exemplo (83), o segundo membro da junção contém o juntor contrastivo *however*, mas, em razão da posição inicial de *now*, o contexto preenche todos os critérios necessários para o estágio IV (relação coordenativa, *now* disposto no segundo membro coordenado, *now* em posição inicial no segundo membro). Esse é mais um contexto em que o próprio enunciador explicita que tem expectativas. No primeiro membro coordenado, *I had the feeling* expressa a suposição do locutor, em momento passado, de que suas correspondências não seriam relevantes para o interlocutor e de que, por isso, ele não gostaria de recebê-las. No momento presente, ele mesmo desconstrói sua expectativa em relação ao posicionamento do interlocutor, julgando que ele irá recebê-las do modo como são.

Em uma outra análise interpretativa, é possível inferir contraste por oposição semântica, se se assumir que o locutor apenas está colocando em confronto sua atitude negativa, em momento anterior, em relação ao envio de correspondência para o interlocutor, e sua atitude positiva em relação a isso no presente. Nem sempre é possível ter clareza quanto ao tipo de relação contrastiva

⁷⁵ *When he was poor X Now he no longer needs my friendship; I seemed to abandon him X I fly to afford him aid.*

que os falantes/escreventes buscam formular, de modo que, para alguns casos dos contextos de polissemia, foi preciso que decidíssemos a favor da leitura que é, em nossa interpretação, mais saliente.

No percurso de *now* em direção à oposição semântica, vimos que os contextos correlacionados ao estágio III são os que têm, de acordo com nossos dados, o maior peso na mudança, do ponto de vista quantitativo. No percurso em direção à quebra de expectativa, a saliência desses contextos ao longo da mudança, em termos de frequência de uso, é significativamente maior, conforme mostra a Tabela 19.

Tabela 19. Frequências dos estágios contextuais favoráveis à quebra de expectativa

	XVII/1	XVII/2	XVIII/1	XVIII/2	XIX/1	XIX/2	XX/1	XX/2 - XXI
Estágio II	5/15 (33,4%)	1/14 (7,1%)	0/9 (0%)	0/4 (0%)	5/20 (25%)	0/8 (0%)	0/10 (0%)	0/8 (0%)
Estágio III	9/15 (60%)	13/14 (92,8%)	8/9 (88,9%)	3/4 (75%)	15/20 (75%)	7/8 (87,5%)	10/10 (100%)	8/8 (100%)
Estágio IV	1/15 (6,6%)	0/14 (0%)	1/9 (11,1%)	1/4 (25%)	0/20 (0%)	1/8 (12,5%)	0/10 (0%)	0/8 (0%)

A frequência nula dos estágios II e IV em várias sincronias não significa a inexistência de tais tipos contextuais nesses períodos, já que estamos lidando com um universo limitado de dados. No entanto, as diferenças significativas, nesse universo limitado, entre as frequências do estágio III e os estágios II e IV são fortes indícios, em nossa perspectiva, de que os contextos em que *now* participa de uma relação coordenada explicitada por um juntor típico (contrastivo ou não), atuando em conjunto com esse juntor e outros elementos, no segundo membro, para a formulação de quebra de expectativa, são os contextos de maior peso na trajetória.

É possível que a maior frequência de tais contextos nas últimas sincronias tenha relação com o aparecimento dos contextos alvo apenas a partir de XX-1 no inglês, e essa hipótese parece válida também para a trajetória de *now* rumo à oposição semântica. Na Seção 5.1, verifica-se que, em português, no desenvolvimento de oposição semântica e também no de quebra de expectativa, os contextos associados ao estágio IV têm frequências importantes a partir de XVIII-2 e de XIX-1, respectivamente, ao passo que, em inglês, esses contextos mostram frequências consideravelmente mais baixas nos dois desenvolvimentos. Essa diferença entre as duas línguas é, para nós, uma possível explicação para o aparecimento de contextos exclusivamente contrastivos

nos dados do português já a partir de XIX-1 (embora com frequências ainda baixas) e seu aparecimento mais tardio, nos dados do inglês, a partir de XX-1.

Tal correlação é plausível, em nossa interpretação, pelo fato de que os contextos do estágio IV são aqueles em que *agora* e *now* já adquirem propriedades juntivas. Com isso tudo, julgamos que nossos dados fornecem indícios de que o desenvolvimento de *now* em juntor contrastivo é de fato mais recente do que o desenvolvimento de *agora*, sem perder de vista, no entanto, o possível enviesamento dos dados por conta da constituição dos *corpora* das últimas sincronias. É interessante observar que esse enviesamento pode corroborar a hipótese apresentada, pois, apesar dele, os dados do português já mostram (poucas) ocorrências contrastivas em XIX-1.

5.3. Síntese e encaminhamentos

Neste capítulo, propusemos uma reconstrução para as trajetórias de mudança atravessadas pelas construções com *agora* e *now* em direção a significados contrastivos. Para analisar as remodelações contextuais ao longo do tempo, definimos critérios que avaliaram a maior ou menor proximidade dos contextos de polissemia em relação aos contextos alvo. O critério principal foi o *tipo de relação linguística*, que buscou distinguir contextos em que a polissemia tempo/contraste é expressa através de relações coordenadas de contextos em que é expressa através de outros tipos de relação. Aos contextos que apresentaram coordenação entre os enunciados foram aplicados mais dois critérios: *ordem das orações*, que analisou se a oração ocupada por *agora* e *now* está anteposta ou posposta à outra oração com que se relaciona, e *posição sentencial*, que buscou distinguir contextos em que *agora* e *now* encabeçam o segundo membro da coordenação de contextos em que ocupam outras posições sentenciais.

Como os dados mostraram que tanto os contextos contrastivos com *agora* quanto os contextos contrastivos com *now* podem expressar duas nuances de contraste (oposição semântica e quebra de expectativa), o desenvolvimento de cada uma delas foi analisado individualmente nas duas línguas, a fim de reconhecer as especializações contextuais que resultaram em cada uma. Os dados revelaram que ambas têm origem em relações de desigualdade temporal e que a conjugação dessas relações com outros traços contextuais é o que leva à emergência das duas diferentes nuances.

Apesar das especializações contextuais que foram discutidas ao longo do capítulo, os dados indicam que os percursos de tempo à oposição semântica e de tempo à quebra de expectativa são notadamente similares, tanto entre as duas línguas quanto no interior de cada uma. Por esse motivo, para as quatro trajetórias analisadas, reconstruímos as mudanças a partir de quatro estágios contextuais identificados em todas elas, propostos com base nos resultados da aplicação dos três critérios, acima recuperados, aos contextos polissêmicos. O Quadro 08, ao apresentar os quatro estágios, sintetiza as trajetórias de *agora* e *now* em direção a contraste e, ao mesmo tempo, evidencia seus aspectos de regularidade.

Quadro 08. As trajetórias rumo a contraste: síntese dos estágios contextuais

	Tipo de relação linguística	Ordem das orações	Posição sentencial
Estágio I Significado: desigualdade temporal	Sem relação linguística	_____	_____
Estágio II Significado: tempo/contraste	Subordinação ou hipotaxe	Anteposição ou posposição	Variável
Estágio III Significado: tempo/contraste	Coordenação	Posposição	Variável
Estágio IV Significado: tempo/contraste	Coordenação	Posposição	Inicial

No Capítulo 07, esses estágios são novamente retomados, com o objetivo de estabelecer uma correlação entre nosso trabalho e o modelo de contextos proposto por Diewald (2002). Essa recapitulação contará com uma síntese de cada estágio mais orientada a aspectos semântico-pragmáticos específicos que se mostraram relevantes no desenvolvimento das trajetórias.

O capítulo permite observar que as análises qualitativas dos contextos polissêmicos se mostram, nas mudanças de tempo a contraste, mais seguras do que as frequências de uso para extrairmos pistas do desenvolvimento das mudanças. Uma razão está em algumas limitações dos *corpora* de análise, como, por exemplo, a diferença entre o *corpus* constituído para o XVIII-2 e os

demais *corpora* do português⁷⁶. Além disso, nas trajetórias de *now* rumo à oposição semântica e à quebra de expectativa, a frequência longitudinal dos diferentes estágios contextuais não é sugestiva de períodos específicos em que a reanálise teria se processado. Desse modo, vimos que o conjunto de resultados obtidos com a análise das mudanças de tempo a contraste aponta para um outro possível papel da frequência de uso no processo de generalização das inferências, que será discutido no Capítulo 07.

Embora não forneça pistas sobre o quando das mudanças, os dados quantitativos concernentes aos diferentes estágios contextuais mostraram que, nas quatro trajetórias analisadas, os estágios III e IV, se considerados em conjunto, são os mais frequentes em praticamente todas as sincronias. Considerando que os contextos representativos de tais estágios, por terem em comum a coordenação oracional, reúnem condições tanto de forma quanto de significado para as mudanças, sua maior frequência em todas as trajetórias rumo a contraste tem implicações de natureza tanto teórica quanto metodológica, relacionadas a tipos de contextos que seriam substanciais em instâncias de gramaticalização. Essas implicações são discutidas no Capítulo 07.

A análise do tipo de oposição semântica, desenvolvida apenas para os dados do português, corrobora tendências filogenéticas, que preveem que significados mais subjetivos sejam mais tardios. Além da aplicação do critério tipo de oposição inferida aos dados do inglês, fica também como objetivo de trabalhos futuros a investigação de critérios que podem medir graus maiores e menores de subjetividade no contraste por quebra de expectativa, de modo a avaliar, tanto para as construções com *agora* quanto para as construções com *now*, o processo de subjetivização desse significado (ainda enquanto significado inferido) ao longo do tempo e o grau de subjetividade que prevalece nos contextos que veiculam exclusivamente quebra de expectativa, no português e no inglês contemporâneos.

Em reflexões ainda preliminares, um caminho possível que vemos para essa análise é apurar a que tipo de evento as expectativas em jogo estão atreladas, se se relacionam a eventos sociofísicos observados no mundo ou a eventos do mundo mental, tais como expectativas em relação a comportamentos e crenças⁷⁷. Pretendemos explorar a questão em pesquisa futura. Acreditamos que

⁷⁶ No percurso rumo à oposição semântica atravessado por *agora*, por exemplo, vimos que os indícios de natureza quantitativa apontam o XVIII-2 como o provável período de reanálise. No entanto, a diferente constituição do *corpus* dessa sincronia em relação às demais pode ser um fator de enviesamento.

⁷⁷ Exemplos encontrados nos dados do primeiro e segundo tipos são, respectivamente:

essa via de análise seja produtiva também para o estudo de outras construções contrastivas, tanto para o exame de subjetivização quanto para a apreensão de nuances mais finas de significado.

Além do grau de subjetividade, julgamos ainda relevante que pesquisas futuras analisem os tipos mais específicos de quebra de expectativa expressos nas construções contrastivas com *agora* e *now*. Longhin (2003), ao investigar o desenvolvimento de *só que*, também juntor contrastivo (mas perifrástico), identifica quebra de expectativa como o significado mais amplo da perífrase e reconhece diferentes nuances de quebra de expectativa.

No próximo capítulo, apresentamos a análise dos contextos favoráveis ao desenvolvimento dos usos de *agora* e *now* para expressão de transição textual.

O que parecia bem singular e extraordinário era que, tendo a tempestade, durante a noite feito tantos estragos, **agora** não aparecia vestígio algum.

Ah! nota, Doroteu, que ação tão feia! Aquele bruto chefe que não paga, As pessoas mais nobres, o cortejo Sequer por um criado, **agora** manda que o seu próprio Robério, o seu bom aio Ande de porta em porta, qual mendigo, Pedindo para um bode a benta esmola!

6. As mudanças rumo à transição textual

Este capítulo coloca em foco os contextos de polissemia que fornecem condições para o desenvolvimento dos contextos de transição com *agora* e *now*, evidenciando, portanto, os processos de metonimização que operam nessas trajetórias.

Os dados mostram dois tipos de polissemia favoráveis à mudança. Em um deles, há traços contextuais que enriquecem o significado temporal com inferências de uma transição entre EsCos no mundo, que denominamos *transição referencial*. Trata-se de uma mudança de um EsCo a outro, em que *agora* e *now*, referindo o EsCo posterior, não apenas expressam posterioridade temporal, mas também ajudam a constituir uma *relação de sequencialidade* entre os dois EsCos. Ao participar dessa relação, *agora* e *now* contribuem para organizar e ordenar os EsCos no mundo. No outro tipo de polissemia, a transição entre EsCos ganha traços de transição entre (sub)tópicos discursivos, de modo que a organização no mundo se mescla com a organização do texto em desenvolvimento. Nesse caso, admitimos que tempo está em relação polissêmica com uma *transição referencial/textual*.

Tendo em vista o objetivo de apreender a gradualidade das mudanças, buscamos reconstruir a trajetória de tempo à transição textual com base em critérios que viabilizam a identificação dos contextos polissêmicos mais e menos próximos dos contextos alvo, assim como procedemos na investigação do desenvolvimento dos significados contrastivos. Assumindo que os contextos que enriquecem tempo com inferências de transição tanto referencial quanto textual apresentam maior conjunto de condições para a reanálise de *agora* e *now* como os elementos que sinalizam a transição entre (sub)tópicos, propomos que eles representam estágios mais avançados da mudança, ao passo que os contextos em que tempo se combina com transição exclusivamente referencial se associam a estágios mais iniciais. Nessa perspectiva, a análise dos contextos de polissemia tempo/transição tem como critério principal o *tipo de transição inferida*.

Enquanto, no domínio dos sentidos, transição textual é o traço típico dos contextos alvo, no âmbito da morfossintaxe, a propriedade típica de tais contextos é a posição inicial de *agora* e *now* na sentença que ocupam (cf. Capítulo 04). Admitindo que, nos contextos de polissemia, essa posição é favorável à reinterpretação de *agora* e *now* como os elementos que articulam os enunciados e explicitam a transição (seja ela referencial ou referencial/textual), também adotamos a *posição de 'agora' e 'now'* como critério para análise dos contextos polissêmicos. Em posição

inicial, os itens estão na fronteira dos enunciados, posição morfosintática que reflete a fronteira entre unidades discursivas. O critério semântico-pragmático (tipo de transição inferida), entretanto, é o que tem maior peso na análise, à medida que, conforme discutimos e exemplificamos adiante, os contextos de polissemia entre tempo e transição referencial/textual contêm marcas explícitas de transição entre (sub)tópicos e, portanto, favorecem a associação de *agora* e *now* com esse significado, independentemente da posição ocupada pelos itens.

Combinando os dois critérios e atribuindo maior peso ao tipo de transição inferida, correlacionamos os contextos de polissemia a quatro estágios contextuais, propondo que, do primeiro ao quarto estágio, os arranjos se mostram cada vez mais próximos dos contextos alvo prototípicos: **(I)** contextos de polissemia entre tempo e *transição referencial*, nos quais *agora* e *now* não ocupam posição inicial, estando pospostos a um ou mais constituintes, **(II)** contextos de polissemia entre tempo e *transição referencial*, nos quais *agora* e *now* ocupam posição inicial, **(III)** contextos de polissemia entre tempo e *transição referencial/textual*, nos quais *agora* e *now* não ocupam posição inicial, mas há elementos contextuais que possibilitam sua associação com o novo significado, **(IV)** contextos de polissemia entre tempo e *transição referencial/textual*, nos quais *agora* e *now* ocupam posição inicial. Exemplos de cada tipo de contexto podem ser observados nas análises dos percursos de *agora* e *now*.

Dentre os vários contextos em que uma transição está sendo veiculada, seja entre EsCos no mundo ou entre (sub)tópicos no textos, emergindo como significado inferido (nos contextos polissêmicos) ou como significado predominante (nos contextos alvo), é possível identificar tanto casos em que ela pode ser pressuposta por esquemas de mundo, que geram expectativas em relação ao que deve ocorrer antes e ao que deve ocorrer depois, quanto casos em que a ordenação entre as instâncias em transição resulta de uma interpretação mais particularizada do locutor.

Em qualquer uma das possibilidades, é importante ter em vista que modos de organização são sempre resultantes da avaliação subjetiva dos falantes/escreventes sobre como coisas, pessoas, eventos, assuntos estão em relação (no mundo ou no texto), mesmo nos casos em que a transição é prevista por esquemas de mundo, já que tais esquemas são subjetivamente fundados. Nesse sentido, os contextos em que o significado de *agora* e *now* é enriquecido com nuances de transição (de qualquer natureza) já fornecem condições para sua *subjetivização*. Mas a subjetividade de seu significado, em nossa análise, vai se tornando cada vez maior conforme a organização no mundo vai sendo reinterpretada como uma organização no texto, dado o maior grau de abstração do mundo

textual em relação ao mundo sociofísico. Nos contextos de polissemia entre tempo e transição referencial/textual, portanto, os significados temporais de *agora* e *now* ganham ainda mais em subjetividade.

6.1. O percurso das construções com *agora*

Do total das ocorrências de *agora* extraídas do *corpus* (1757), 226 (12,9%) participam de contextos que condicionam a adição de transição referencial e/ou transição textual ao significado temporal. O Gráfico 07 e a Tabela 20, abaixo, mostram a distribuição de tais contextos ao longo das sincronias, em relação aos contextos fonte e aos contextos alvo, sem ainda fazer distinção entre os dois tipos de relação polissêmica identificados.

Gráfico 07. A trajetória de tempo à transição de *agora* em perspectiva longitudinal

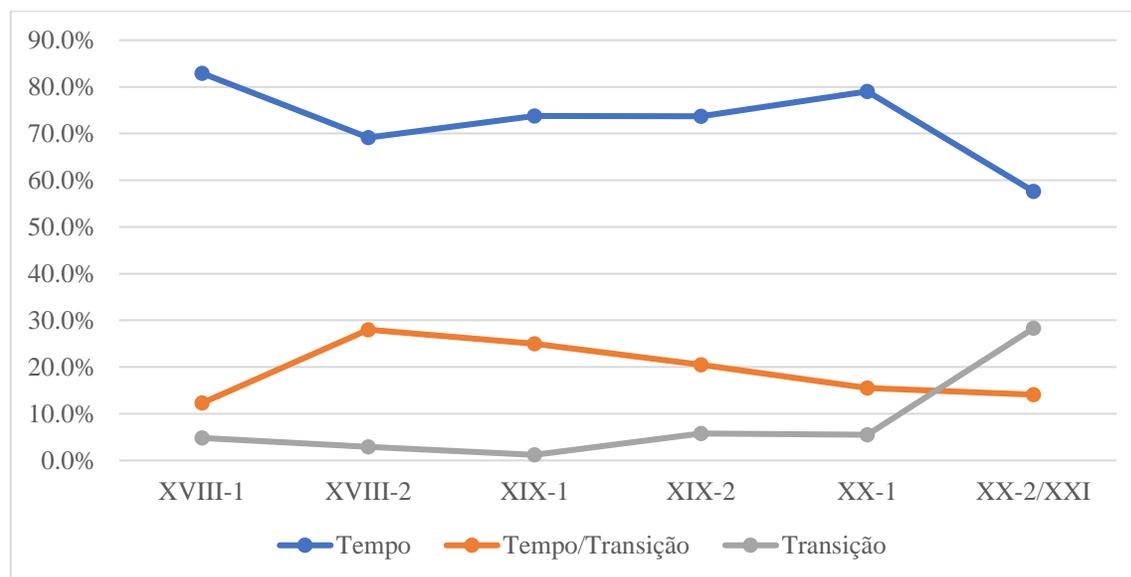


Tabela 20. A trajetória de tempo à transição de *agora* em perspectiva longitudinal

	XVIII-1	XVIII-2	XIX-1	XIX-2	XX-1	XX-2/XXI
Tempo	189/228 (82,9%)	121/175 (69,1%)	124/168 (73,8%)	115/156 (73,7%)	188/238 (79%)	155/269 (57,6%)
Tempo/Transição	28/228 (12,3%)	49/175 (28%)	42/168 (25%)	32/156 (20,5%)	37/238 (15,5%)	38/269 (14,1%)
Transição	11/228 (4,8%)	5/175 (2,9%)	2/168 (1,2%)	9/156 (5,8%)	13/238 (5,5%)	76/269 (28,3%)

A Tabela 20 e o Gráfico 07, que mostram um panorama mais geral da trajetória, permitem observar que os contextos de polissemia estão presentes nos dados de todos os períodos, assim como os contextos alvo. Assim, de acordo com nossos dados, a mudança de *agora* em direção aos usos como MD já está em desenvolvimento na primeira metade do século XVIII. Os contextos alvo, entretanto, têm frequência baixa até o XX-1. De XVIII-1 até esse período, sua frequência se mantém relativamente estável, com exceção apenas da frequência em XIX-1, em que esses contextos mostram uma redução nos dados. Avaliamos essa redução como um possível efeito dos dados. Os gêneros que constituem o *corpus* dessa sincronia não são diferentes daqueles presentes nas demais, mas é possível que escolhas particulares dos falantes/escritores no período tenham desencadeado o menor uso de *agora* como MD.

Verifica-se que a frequência dos contextos polissêmicos tem um pico em XVIII-2 e XIX-1, o que valida a hipótese de que, nesses períodos, se processa a generalização das inferências, conforme expectativas derivadas do modelo da IITSC e de estudos de mudança (cf. Capítulo 02). A análise qualitativa dos contextos polissêmicos de ambos os períodos permite sustentar essa hipótese, conforme mostramos adiante.

Os contextos alvo aumentam significativamente na última sincronia. No Gráfico 07, é importante observar que a linha representativa dos contextos exclusivamente temporais é descendente, enquanto a linha representativa dos contextos de transição é crescente. Aqui nos deparamos novamente com a necessidade, também identificada no desenvolvimento de *agora* e *now* em juntores contrastivos, de avaliar o peso dos gêneros que constituem o *corpus* do XX-2/XXI para a diferença tão importante da frequência dos contextos alvo nessa sincronia em relação à sua frequência nas demais (cf. Capítulo 07).

À luz dos critérios de análise estabelecidos, conduzimos o exame qualitativo dos contextos de polissemia em duas etapas principais (tanto para a trajetória de *agora* quanto para a de *now*, conforme seção adiante), uma que se baseia apenas no critério semântico-pragmático (tipo de transição inferida) e outra que conjuga esse critério com o critério morfossintático (posição de *agora*). A análise mais fina da polissemia tempo/transição à luz do critério tipo de transição inferida fornece indícios importantes da propagação da mudança em português, conforme mostra a Tabela 21 abaixo.

Tabela 21. Os contextos de polissemia envolvidos na trajetória tempo > transição de *agora*

	XVIII-1	XVIII-2	XIX-1	XIX-2	XX-1	XX-2/XXI
Tempo/Transição referencial	15/28 (53,6%)	9/49 (18,4%)	18/42 (42,8%)	11/32 (34,4%)	26/37 (70,3%)	28/38 (73,7%)
Tempo/Transição referencial-textual	13/28 (46,4%)	40/49 (81,6%)	24/42 (57,2%)	21/32 (65,6%)	11/37 (29,7%)	10/38 (26,3%)

Conforme argumentamos na seção introdutória deste capítulo, a polissemia entre tempo e transição referencial é fator importante para a mudança, na medida em que já permite atribuir a *agora* e a *now* o significado pragmático de transição e a função de ordenação que o acompanha. Mas, também conforme argumentamos, é o acréscimo de nuances de transição textual que tem maior peso para a reinterpretação de *agora* e de *now*. A Tabela 21 mostra que há três sincronias consecutivas em que a polissemia tempo/transição referencial-textual tem frequências mais altas do que a polissemia tempo/transição referencial: XVIII-2, XIX-1 e XIX-2, sendo o período de XVIII-2 aquele que contém a maior frequência. O panorama geral fornecido pela Tabela 20 e pelo Gráfico 07 permite hipotetizar que justamente os períodos de XVIII-2 e XIX-1 são os períodos de reanálise. A análise qualitativa que a Tabela 20 mostra corrobora essa hipótese. Para nós, mais relevante do que um aumento dos contextos polissêmicos em geral é um aumento (ou mesmo uma frequência constante, mas suficiente) de tipos específicos de contextos polissêmicos, aqueles que mais fornecem condições para a mudança. As altas frequências da polissemia tempo/transição referencial-textual na segunda metade do século XVIII e nas duas sincronias do XIX são, para nós, uma possível explicação do aumento importante dos contextos alvo no século XX.

O fato de a frequência da polissemia em discussão tem o maior percentual em XVIII-2 pode também estar relacionado a particularidades do *corpus* de investigação do período. Conforme o Capítulo 03, a constituição desse *corpus* enfrentou dificuldades, que nos levaram à sua complementação com gêneros diferentes daqueles presentes nas demais sincronias. Embora essa seja uma possibilidade, mantemos a hipótese explicativa de que a reanálise tem pelo menos início em XVIII-2, em virtude de as duas sincronias imediatamente posteriores também exibirem as frequências mais altas da polissemia tempo/transição referencial-textual. Essa consecutividade representa para nós uma espécie de coerência nos dados. Julgamos que, se as diferenças entre os gêneros tivessem um peso tão grande para a maior frequência no XVIII-2, as duas próximas frequências provavelmente também estariam consideravelmente mais distantes dela como estão as

demais. À luz dessa interpretação dos dados, consideramos que as diferenças entre os gêneros podem ter contribuído para uma frequência um pouco mais elevada da polissemia em discussão no XVIII-2, mas não para um enviesamento completo dos resultados.

Quando levamos em conta os resultados da segunda etapa da análise dos contextos polissêmicos, em que há conjugação dos critérios semântico-pragmático e morfossintático, temos novamente evidências de que as três sincronias, XVIII-2, XIX-1 e XIX-2, estão associadas à reanálise. A Tabela 22 mostra os resultados.

Tabela 22. Frequências dos estágios contextuais envolvidos na trajetória tempo > transição de *agora*

	XVIII-1	XVIII-2	XIX-1	XIX-2	XX-1	XX-2/XXI
Estágio I	8/28 (28,6%)	2/49 (4,1%)	5/42 (11,9%)	4/32 (12,5%)	7/37 (18,9%)	9/38 (23,7%)
Estágio II	7/28 (25%)	7/49 (14,3%)	13/42 (30,9%)	7/32 (21,9%)	19/37 (51,4%)	19/38 (50%)
Estágio III	11/28 (39,3%)	18/49 (36,7%)	14/42 (33,4%)	11/32 (34,4%)	5/37 (13,5%)	6/38 (15,8%)
Estágio IV	2/28 (7,1%)	22/49 (44,9%)	10/42 (23,8%)	10/32 (31,2%)	6/37 (16,2%)	4/38 (10,5%)

Conforme a tabela, as maiores frequências dos contextos que aliam condições de significado a condições morfossintáticas estão em XVIII-2, XIX-1 e XIX-2. Novamente, a maior frequência está em XVIII-2. Os resultados das duas etapas de análise mostram, especialmente para as duas últimas sincronias, uma diminuição dos contextos de polissemia entre tempo e transição referencial/textual e um aumento dos contextos de polissemia entre tempo e transição referencial. De modo similar, a Tabela 20 mostra que os contextos polissêmicos em geral reduzem nas duas últimas sincronias. É possível que, com a propagação da mudança em português, haja especialização contextual do significado fonte e do significado alvo, de modo que a combinação dos dois, nos contextos polissêmicos, deixe de ser frequente na língua. O fato de a diminuição de tais contextos se revelar nas três diferentes formas de sistematização dos dados empreendidas aponta para essa especialização. Entretanto, se considerarmos que, para muitos contextos, a combinação de transição referencial com transição textual pode ser pertinente a determinados propósitos comunicativos (como na progressão do texto em aulas universitárias, por exemplo), o desaparecimento dos contextos polissêmicos se torna menos provável. Nesse cenário, a diminuição

de tais contextos em períodos marcados pelo aparecimento dos novos usos seria apenas o resultado da convivência de tais contextos com um novo tipo contextual (os contextos alvo).

Para além das pistas da mudança extraídas da análise quantitativa de aspectos qualitativos particulares, a análise revela fatores contextuais altamente específicos que condicionam as alterações de forma e significado. Conforme sinalizado na seção introdutória, os fatores são, de acordo com nossos dados, de dois tipos principais, que podem ser observados nos exemplos abaixo, que ilustram os quatro diferentes estágios propostos para a trajetória em análise, à luz da combinação dos critérios semântico-pragmático e morfossintático. Os dois tipos de fatores estão presentes tanto na trajetória de *agora* quanto na trajetória de *now* rumo à transição. A análise dos contextos a ser apresentada não deve ser tomada como definitiva, na medida em que ainda vamos apurar a frequência de cada tipo de fator na mudança.

Os contextos em (01) e (02) ilustram, respectivamente, os estágios I e II, os contextos em (03) e (04) representam o estágio III⁷⁸ e o contexto em (05) ilustra o estágio IV.

(01) DOMINGOS - Meu sinhô; si vosmecê nos dá licença, nós vem saudar também o sinhosinho com a nossa festa.

LIMOEIRO - Chegaste a propósito. (Com ar solene). Domingos, de hoje em diante serás um cidadão livre. Aqui tens a tua carta, e na minha fazenda encontrarás o pão e o trabalho que nobilita.

DOMINGOS, ajoelhando-se e abraçando as pernas de Limoeiro - Meu senhor!

LIMOEIRO - Levanta-te. Venha **agora** à festa. (Entram os negros e negras e dançam o batuque) (PTCD19:2, 31, C1).

(02) CARLOS - Os meirinhos entrarão aqui e hão-de levar por força alguma coisa - esse é o seu costume. O que é preciso é enganá-los. ROSA - E como?

CARLOS - Vestindo a senhora o meu hábito, e eu o seu vestido. ROSA - Oh!

CARLOS - Levar-me-ão preso; terá a senhora tempo de fugir. ROSA - Mas...

CARLOS - Ta, ta, ta... Ande, deixe-me fazer uma obra de caridade; para isso é que somos frades. Entre para este quarto, dispa lá o seu vestido e mande-me, assim como a toca e xale.

(...)

JUCA – (traz o vestido, toca e o xale) Está.

CARLOS – Bom. (Despe o hábito). Ora vá, senhor hábito. Bem se diz que o hábito não faz o monge. (Dá o hábito e o chapéu a Juca). Toma, leva à moça. (Juca sai). Agora é que são elas.... Isto é mangas? Diabo, por onde se enfia esta geringonça? Creio que é por aqui... Bravo acertei. Belíssimo! **Agora** a toca. (Põe a toca.) Vamos ao xale... Estou guapo; creio que farei a minha parte de mulher excelentemente (PTON19:1, 46, C2).

⁷⁸ O motivo de apresentarmos dois exemplos para o mesmo estágio e apenas um para os demais está apenas no fato de considerarmos os dois exemplos bastante representativos de dois dos fatores que alimentam inferências de transição textual.

(03) Também, se não tiver a capacidade, modo e agência que se requer na boa disposição e governo de tudo, na eleição dos feitores e oficiais, na boa correspondência com os lavradores, no trato da gente sujeita, na conservação e lavoura das terras que possui, e na verdade e pontualidade com os mercadores e outros seus correspondentes na praça, achará confusão e ignomínia no título de senhor de engenho, donde esperava acrescentamento de estimação e de crédito. Por isso, tendo já falado do que pertence ao cabedal que há de ter, tratarei **agora** de como se há de haver no governo; e primeiramente da compra e conservação das terras e seus arrendamentos aos lavradores que tem (HECO18:1, 174, C2).

(04) (...) como logo no seguinte anno foy universalmente celebrada a Canonização de S. João Capistrano, ratificou este o jus do Patronato, e ficou sendo Patrono do nosso Monarca; e por isso condecorados ambos com o titulo de Fidelissimo, e Zelador da Fé: O' Zelator fidei, Joannes fidelissime!

Até aqui o dia do nascimento do nosso Augusto, e Soberano Monarca D. João Quinto: vamos **agora** ao dia da sua morte. Já sabeis, que morreo em 31 de Julho, (...) (RPHF18:2, 144, C2).

(05) Não querem servir á | Patria?! e quem servirá?! os velhos, os|enfermos, os homens ocupados nos dif-ferentes mysteres da vida, os impuberes?! | Não é possível. E[s]tá da parte das auto-|ridades empregarem os meios compati-|veis para c[...]|hel-os, elles não hão de vi-|ver sempre no matto, a proporção que | forem sahindo d'elle, vão agarrando e | remetendo-os para a capilal, que nisso| farão um serviço relevante no seu paiz e | [ilegível] aos proprios individuos. || **Agora**, amigo, occuparei a tua atten-|ção com o grande acontecimento que | teve lugar na còrte do Brazil, nos uli-|mos dias do mez de Dezembro do anno | p. passado, extendendo-se aos seguintes | dias, começo do anno de 1863 que rege (CAPH19:2, 87, C2).

Em construções como (01) e (02), uma relação de sequencialidade temporal se instaura entre dois enunciados. O que está em sequencialidade são EsCos no mundo. A relação sequencial envolve uma ordenação entre os EsCos e, subjacente à essa ordenação, há uma transição de um EsCo a outro.

Em (01), o EsCo referido na oração que *agora* integra é posterior em relação ao EsCo descrito na oração precedente. Parece que, nesse caso, a ordem em que os EsCos são organizados pode ser subjetivamente pressuposta por conhecimento de mundo e pela experiência sociofísica: ir à festa pressupõe um deslocamento (que se dá tanto no espaço quanto no tempo) e, para se deslocar, o indivíduo, que estava ajoelhado, precisa primeiramente se levantar.

As formas verbais imperativas constituem um traço contextual importante para as inferências de transição de um EsCo ao outro. Ao lançar mão de estruturas imperativas, o locutor assume o papel de organizar e ordenar os EsCos, é ele, na verdade, quem constrói a relação de sequencialidade e que de fato determina a mudança nas ações executadas pelo interlocutor. *Agora*, justamente por seu significado temporal, torna a relação sequencial entre os EsCos explícita. Se não estivesse presente na construção (*Levanta-te. Venha à festa.*), essa relação ainda poderia ser inferida, mas estaria consideravelmente menos explícita. Ao funcionar como o elemento que explicita a sequencialidade entre os EsCos, *agora* também explicita a transição entre eles. E, para

a interpretação de *agora* como o elemento que torna a transição referencial explícita, é traço fundamental do contexto sua associação justamente com o EsCo que é posterior na relação sequencial. A transição entre EsCos só é possível porque existe um EsCo posterior, de modo que esse EsCo pode ser tomado como aquele que consolida a transição referencial. Contextos do tipo constituem, em nossa análise, ao estágio inicial da mudança, na medida em que expressam transição referencial, mas *agora* não está na posição típica do MD.

Contextos como o apresentado em (02) exibem propriedades de significado muito similares às dos contextos representados por (01), mas se caracterizam pela posição inicial de *agora* na sentença que consolida a transição. Como já argumentamos na descrição dos critérios de análise, esse é um correlato morfossintático importante. Essa posição parece tornar ainda mais explícita a mudança de um EsCo a outro, pelo próprio princípio de iconicidade (HAIMAN, 1985): as fronteiras entre os EsCos no mundo parecem ser refletidas pelas fronteiras entre os enunciados na morfossintaxe. É com base nisso que associamos contextos como (02) a um estágio mais avançado da mudança.

No exemplo, o locutor está se vestindo com trajes de mulher e se questionando sobre como colocar uma das peças, o vestido. Quando consegue vestir essa peça, passa a outro traje. Assim, o locutor constrói pela linguagem a situação que vivencia no mundo como uma situação que envolve diferentes etapas. Não há uma ordem pré-estabelecida no mundo para o processo de se vestir. Quem define essa ordem é o locutor, e ele, em sua interpretação subjetiva daquela situação no mundo, entende que primeiro deve vestir uma determinada peça e depois a outra. O modificador que utiliza para caracterizar a etapa cumprida, *belíssimo*, é um traço contextual que indica a conclusão da primeira etapa (ele apenas pode avaliar como desempenhou a primeira tarefa depois de cumpri-la), juntamente com a oração que o precede (*bravo acertei*). Ao introduzir a sentença que anuncia a segunda etapa estabelecida pelo locutor, *agora* torna explícita a transição de uma etapa à outra. Nesse sentido, há todo um entorno contextual que habilita a leitura de transição referencial e a interpretação de *agora* como um dos elementos que consolidam a transição.

É importante notar, no contexto em análise, que a sentença de que *agora* faz parte é uma sentença não constituída de verbo. Para o valor de transição que estamos defendendo para esse contexto, pode parecer, a princípio, que a presença de um verbo seria importante, principalmente de um verbo que indicasse movimento (assim como o verbo da oração integrada por *agora* em (01), *venha*). Entretanto, a construção se constitui de traços contextuais suficientes para a

sustentação do valor de transição referencial: as sentenças precedentes que indicam conclusão de um EsCo, o valor temporal de *agora* que, ao entrar em relação com sentenças que indicam conclusão de uma etapa, ganha o papel de sinalizar o início de outra, o sintagma *a toca*, que, ao apontar para um referente no mundo, acaba por indicar que esse referente será o próximo alvo da atenção do locutor. Além desses traços, é fundamental a relação de sequencialidade entre tempo anterior e tempo posterior, que, como já argumentamos, está na base do significado de transição (de qualquer natureza). O que sustenta a relação sequencial no exemplo é a correlação modo-temporal, traço importante nos contextos polissêmicos entre tempo e transição (tanto referencial quanto textual). O tempo anterior é indicado por *acertei*, e o tempo posterior é expresso justamente por *agora*.

A partir do exemplo (03), temos contextos que enriquecem a transição referencial atestada em contextos como os discutidos acima com o significado de transição textual. Nos contextos de polissemia que habilitam esse significado, há marcas explícitas, de natureza diversa, da transição no texto. Assim, o significado em questão tem estatuto pragmático em termos de sua associação com o significado temporal de *agora* (e de *now*, na trajetória do inglês), mas, considerando as marcas presentes no contexto, assumimos que ele está de fato codificado na construção, justamente por conta das marcas.

No exemplo (03), o enunciado que *agora* integra (que é constituído por várias orações) faz menção explícita ao próximo tópico que o locutor vai focalizar. O verbo *tratar* é traço contextual relevante, na medida em que tem valor metatextual. Mas não só o enunciado de que *agora* faz parte está orientado à organização do texto. O enunciado precedente também participa da expressão da transição tópica, uma vez que faz uma espécie de síntese do tópico anterior. Na verdade, trata-se de uma transição entre subtópicos; ambos estão centrados em um tópico maior, referente a um determinado conjunto de bens que está em discussão. A sequencialidade é construída pela correlação modo-temporal: *tendo já falado* indica o tempo anterior, e *tratarei agora* indica o tempo posterior.

São frequentes nos dados contextos desse tipo. Assumimos que eles têm papel significativo na mudança, já que ambos os enunciados em relação desempenham função metalinguística. Estão tratando de fatos do texto, da organização do texto. Mas estão também tratando de fatos do mundo, pois falar sobre coisas é uma ação realizada no mundo. Em (03), o enunciado *tendo já falado do que pertence ao cabedal (...)* descreve tanto uma ação que o locutor executou anteriormente quanto

o subtópico a que seu texto estava orientado anteriormente. Do mesmo modo, o enunciado *tratarei agora de como se há de haver no governo (...)* descreve tanto uma ação que o locutor vai passar a realizar quanto um novo subtópico. Nesses contextos, portanto, a relação sequencial entre EsCos é também uma relação sequencial entre unidades do texto, de modo que transição referencial se combina com transição textual. O contexto em discussão mostra um dos dois fatores que condicionam o enriquecimento pragmático de transição textual: verbos e outras expressões de natureza metatextual que explicitam a organização do texto. Tanto *tratar* quanto *falar* adquirem valor metalinguístico em contextos como (03).

O segundo fator identificado nos dados se manifesta em arranjos morfossintáticos similares àqueles que contêm o primeiro fator. Assim, independentemente do tipo de fator em jogo, os contextos polissêmicos em que nuances de transição textual emergem são todos constituídos de sentenças inteiras ou sintagmas que tornam a organização do texto explícita.

O segundo tipo de fator pode ser observado no exemplo (04). A oração que *agora* ocupa é introduzida pelo verbo *ir*, que se desenvolveu em língua portuguesa (assim como em outras línguas) em verbo auxiliar, mas, em seus usos como verbo pleno, ainda veicula seu significado de origem, movimento espacial. Em (04), verifica-se que *vamos* não está sendo empregado como verbo auxiliar, mas como verbo pleno, já que não faz parte de locução verbal. Mas o complemento circunstancial que recebe inviabiliza o significado de movimento espacial: não é possível, no mundo, fisicamente se deslocar para o dia da morte de alguém. Em vista dessa impossibilidade, o movimento espacial é necessariamente, para que a sentença faça sentido, reinterpretado como um *movimento textual*. Desse modo, *vamos* adquire o estatuto de marca explícita de transição textual. Além do verbo *ir*, os dados mostram outros verbos de movimento que, nos contextos de polissemia entre tempo e transição referencial/textual, expressam movimento textual, e não movimento físico. *Entrar e passar*, juntamente com *ir*, parecem ser os mais recorrentes.

O exemplo (04), além do segundo fator apresentado, também mostra uma estrutura parecida com a observada em (03), no sentido de que o enunciado precedente ao enunciado que *agora* integra explicita o subtópico anterior (o dia do nascimento do indivíduo homenageado), e o enunciado de que *agora* faz parte explicita o subtópico seguinte. Só o que muda entre os dois exemplos, em termos de configuração morfossintática, é a estratégia de transição textual mobilizada. Em (03), o locutor lança mão de um verbo metatextual, em (04), de um verbo de movimento.

O exemplo (05) ilustra os contextos que representam, para nós, o estágio mais avançado da mudança, pois além de nuances de transição textual, há também fator morfossintático relevante para a reanálise (a posição inicial). O exemplo não exhibe a mesma arquitetura morfossintática dos dois contextos anteriormente analisados, no sentido de que a transição textual é explicitada apenas pelo enunciado que *agora* integra. Se apenas o enunciado integrado por *agora* explicita a transição ou se o enunciado precedente também o faz não é uma questão que traz consequências para a análise, em nosso entendimento. É claro que, se o enunciado de que *agora* faz parte e o enunciado precedente colocam em foco a organização do texto, a transição textual vai estar mais saliente. No entanto, não julgamos relevante essa distinção, pelo fato de que, em ambos os casos, instaura-se, em nossa perspectiva, uma relação de sequencialidade entre (sub)tópico anterior e (sub)tópico posterior, mesmo que o (sub)tópico anterior não esteja sendo retomado no enunciado precedente. Ele está, de qualquer modo, presente no(s) enunciado(s) precedente. Assim, avaliamos a presença de *agora* e de outros dispositivos gramaticais que forneçam informações de tempo como fator suficiente para que uma relação sequencial se estabeleça entre o enunciado que *agora* integra e todo o conjunto de enunciados anteriores. Em (05), por exemplo, a sequencialidade pode ser apreendida do significado temporal de *agora* combinado com o valor de futuro expresso em *ocuparei*.

O que, no enunciado que *agora* integra, explicita a transição textual é o predicado *ocuparei a tua atenção* e o próprio *agora*, que tem escopo sobre todo esse predicado. Admitimos, assim, que, nesse contexto, *agora* não funciona mais como advérbio intra-oracional, mas como advérbio sentencial, em virtude, sobretudo, de se estar posicionado na periferia esquerda da sentença. O predicado *ocuparei a tua atenção* tem função metatextual, de modo que entendemos que, nesse contexto, atua o primeiro tipo de fator identificado.

Os contextos polissêmicos em que transição referencial se alia à transição textual ganham em subjetividade e também em intersubjetividade. Algum grau de subjetividade⁷⁹ já pode ser identificado nos contextos em que tempo se combina apenas com transição referencial, à medida que, como já sinalizamos, modos de organização do mundo são sempre subjetivamente fundados. Os contextos em que tempo se combina com transição referencial/textual contêm grau ainda maior de subjetividade, já que está em jogo a perspectiva do indivíduo tanto sobre a organização de EsCos

⁷⁹ Em um sentido amplo, subjetividade sempre está presente no uso da língua. Aqui nos referimos especificamente à subjetividade enquanto a sinalização da perspectiva interna do falante/escrevente sobre algum aspecto do texto, conforme a concepção de Traugott e Dasher (2004) e Traugott (2010a).

no mundo quanto sobre a organização de (sub)tópicos do texto, e o mundo textual é mais abstrato do que o mundo real. Explicitar o modo como enunciados estão organizados é um tipo de atenção do locutor direcionada ao interlocutor. É, portanto, uma atitude intersubjetiva (cf. Capítulo 02). Nesse sentido, admitimos que a trajetória de *agora* e também a trajetória de *now*, apresentada a seguir, em direção aos usos como MDs para expressar transição textual atravessa tanto *subjetivização* quanto *intersubjetivização* de significados.

6.2. O percurso das construções com *now*

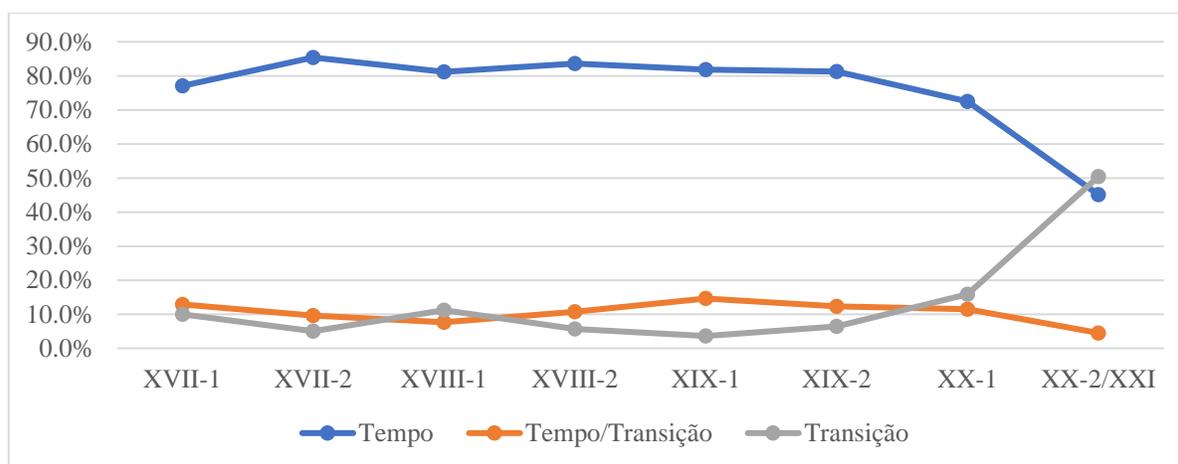
Conforme procedemos na seção anterior, para traçar um panorama geral da trajetória percorrida por *now* em direção aos contextos de transição, apresentamos, na Tabela 23 e no Gráfico 08, abaixo, as frequências dos contextos relevantes à trajetória, em perspectiva longitudinal. Do total das ocorrências extraídas do *corpus* do inglês (2.465), 198 (8%) correspondem aos contextos polissêmicos tempo/transição.

A tabela e o gráfico mostram que esse percurso se caracteriza pela inversão, na última sincronia de análise, das linhas correspondentes aos contextos fonte e aos contextos alvo, o que sugere uma ampla disseminação dos usos de *now* como marcador discursivo no inglês contemporâneo. Outro indício de disseminação é o fato de que a superação dos contextos fonte pelos contextos alvo é acompanhada pelo aspecto descendente da linha representativa dos contextos de polissemia, que têm sua menor frequência na última sincronia. Somando tais fatores ao percentual de 10% dos contextos alvo já em XVII-1, tem-se evidências nos dados para levantar a hipótese de que a mudança de tempo à transição textual constitui um processo já bem consolidado no inglês.

Os dados não mostram um intervalo de tempo particular associado ao período de reanálise, o que pode também constituir indício de um papel da frequência dos contextos polissêmicos diferente daquele previsto pela IITSC, conforme discutimos no Capítulo 07.

Tabela 23. A trajetória de tempo à transição de *now* em perspectiva longitudinal

	XVII-1	XVII-2	XVIII-1	XVIII-2	XIX-1	XIX-2	XX-1	XX-2/XXI
Tempo	286/371 (77,1%)	205/240 (85,4%)	160/197 (81,2%)	148/177 (83,6%)	207/253 (81,8%)	152/187 (81,3%)	132/182 (72,5%)	119/264 (45,1%)
Tempo/Transição	48/371 (12,9%)	23/240 (9,6%)	15/197 (7,6%)	19/177 (10,7%)	37/253 (14,6%)	23/187 (12,3%)	21/182 (11,5%)	12/264 (4,5%)
Transição	37/371 (10%)	12/240 (5%)	22/197 (11,2%)	10/177 (5,7%)	9/253 (3,6%)	12/187 (6,4%)	29/182 (15,9%)	133/264 (50,4%)

Gráfico 08. A trajetória de tempo à transição de *now* em perspectiva longitudinal

A Tabela 24 mostra a frequência longitudinal de ambas as possibilidades de relação polisêmica entre tempo e transição, exemplificadas adiante.

Tabela 24. Os contextos de polissemia envolvidos na trajetória de tempo à transição de *now*

	XVII-1	XVII-2	XVIII-1	XVIII-2	XIX-1	XIX-2	XX-1	XX-2/XXI
Tempo/Transição referencial	24/48 (50%)	14/23 (60,9%)	11/15 (73,3%)	13/19 (68,4%)	16/37 (43,2%)	19/23 (82,6%)	15/21 (71,4%)	7/12 (58,3%)
Tempo/Transição referencial-textual	24/48 (50%)	9/23 (39,1%)	4/15 (26,7%)	6/19 (31,6%)	21/37 (56,8%)	4/23 (17,4%)	6/21 (28,6%)	5/12 (41,7%)

A tabela permite observar que os contextos de polissemia entre tempo e transição referencial têm maior frequência na maior parte das sincronias, com exceção de XVII-1, em que as frequências dos dois tipos se igualam, e de XIX-1. O significado de transição referencial nos parece

constituir um significado básico à vivência humana, na medida em que, nas mais variadas atividades sociais, construímos relações sequenciais entre EsCos, em uma busca constante por organizar o mundo ao nosso redor. Por outro lado, a combinação entre transição referencial e transição textual parece resultar em um significado mais específico, com finalidades comunicativas mais específicas.

O caráter mais básico e a natureza mais específica do que estamos denominando transição referencial e transição referencial/textual, respectivamente, parecem explicar a maior frequência, no inglês, dos contextos em que tempo se combina com transição exclusivamente referencial. Na trajetória do português, conforme seção anterior, metade das sincronias analisadas mostram uma frequência maior dos contextos de tempo/transição referencial-textual. Assim, do ponto de vista quantitativo, parece que esses contextos atuaram de maneiras diferentes nas trajetórias do português e do inglês. Embora, no percurso de *now*, em quase todas as sincronias a frequência de tempo/transição referencial seja maior, tempo/transição referencial-textual não deixa de ter frequência significativa ao longo do tempo. Conforme discutiremos no Capítulo 07, a pesquisa parece mostrar novos papéis da frequência de uso para a reanálise de forma e significado.

Como sinalizado na seção introdutória do capítulo, a trajetória de *now* rumo aos usos como MD também exhibe os quatro diferentes tipos de contextos polissêmicos atestados na trajetória de *agora*. Os exemplos de (06) a (09) ilustram, respectivamente, os estágios I, II, III e IV.

(06) You are heavy, you mean; you roll through the world like a hogshead of whisky; but you only want tapping for pure spirits to flow out spontaneously. Give me your arm. Hold that glove **now**. You are from Ballinasloe, I think? (PTCB19:2, 114).

Você está pesado, você está dizendo; você rola através do mundo como um barril de whisky; mas você só quer derramar aguardente para escorrer espontaneamente. Me dê seu braço. Segure aquela luva agora. Você é de Ballinasloe, eu acho?

(07) Goody Busy, and the rest of my Friends who came with me, pray, walk in. **Now** let all here attend and witness to the Truths I am about to utter (PTCB18:1, 79).

Goody Busy, e o restante dos meus amigos que vieram comigo, por favor, entrem. Agora todos participem e testemunhem as verdades que eu estou prestes a pronunciar.

(08) I think also in the Hypothesis I lately sent you. I say I applied it in other Hypotheses; for in this of Mr Hook I think it is much more natural to suppose the pulses equally swift & to differ only in bigness, because it is so in the air, & the laws of undulation are without doubt the same in æther that they are in air.

Having thus answered, as I conceive, your objection in particular; I shall **now** for a conclusion remind you of what I have formerly said in general to the same purpose: so that I may at once cut off all

objections that may be raised for the future either from this or any other Hypothesis whatever. CAIN17:2, 289

Eu também penso na Hipótese que eu recentemente te enviei. Eu digo que eu a apliquei em outras Hipóteses; pois nessa do Senhor Hook eu acho que é muito mais natural supor os impulsos igualmente rápidos & diferindo apenas em tamanho, porque é assim no ar, & as leis da ondulação são sem dúvida as mesmas em qualquer coisa que esteja no ar.

Tendo então respondido, como eu suponho, sua objeção em particular; eu devo agora para uma conclusão lembrar você do que eu anteriormente dizia para o mesmo propósito: para que eu possa de uma vez eliminar todas as objeções que possam surgir no futuro seja dessa ou de qualquer outra Hipótese.

(09) Alright. so the point is the point i just wanna make is that that that always, you n- the first thing you need to think about is to look at it from multiple, um angles. okay, um, **now** we're gonna go on and talk about the materials of sculpture, and again remember when we talked about painting we divided, it into water based paint and oil based (UNMI20:2/21, 279).

Muito bem. Então o ponto é o ponto que eu simplesmente quero estabelecer e que que sempre, você pra a primeira coisa em que você precisa pensar é olhar para isso de múltiplos, um ângulos. Okay, um, agora nós vamos continuar e falar sobre os materiais da escultura, e de novo se lembrem de quando nós falamos sobre pintura nós a dividimos em pintura na água e pintura a óleo.

Em (06), *now* está envolvido em uma sequência de ações que o falante requer que o interlocutor realize, conforme mostra a forma imperativa dos verbos (*give* e *hold*). No contexto, existe uma ordem pré-definida entre as ações, e *now*, ao indicar a ação que deve ser executada posteriormente, não apenas indica que a ação seguinte deve se efetivar em um momento imediatamente futuro, posterior em relação à ação anterior, mas também tem um papel na organização entre elas, expressando pragmaticamente a transição de uma à outra. É possível atestar o elo coesivo que *now* estabelece entre as duas ações pela exclusão do item da segunda oração. Com sua exclusão, é ainda possível identificar uma relação sequencial entre elas, mas a ordenação que se pode depreender na construção em que *now* está presente parece se perder e a ordem entre elas parece se tornar aleatória.

Em (07), *now* também contribui para sinalizar a transição referencial. Novamente, o item ajuda a construir uma ordenação entre os EsCos em relação: primeiramente, as pessoas devem entrar para posteriormente participarem do que vai acontecer. Assim, *now*, além de expressar tempo imediatamente futuro, também estabelece uma relação de sequencialidade entre o EsCo anterior e o EsCo posterior, como consequência do valor pragmático de transição que assume no contexto.

A construção em (08) mostra uma configuração muito similar àquela observada nos contextos (03) e (04) da trajetória de *agora*. O locutor explicita, na oração precedente à oração que contém *now*, o tópico textual que acabou de ser desenvolvido, como uma espécie de síntese do

texto anterior, e explícita, na oração que *now* ocupa, o tópico para o qual o texto vai se direcionar em seguida. Como discutido na seção anterior, esse tipo de contexto mostra uma atenção explícita do locutor à organização do texto, e *now* faz parte justamente da oração que indica a transição para um outro tópico. É importante notar que a transição textual emerge em meio à transição referencial, uma vez que ainda é possível recuperar a ordenação entre eventos do mundo. A combinação de transição referencial com transição textual se dá na medida em que os eventos que estão se desenrolando no mundo (responder a uma objeção e passar a uma conclusão) têm consequências para o domínio do texto. O tipo de fator que contribui para tornar a transição textual explícita é o fator primeiramente discutido na seção anterior: a metatextualidade. Nesse caso, a atenção ao texto é expressa principalmente por *conclusion*, que qualifica o próximo tópico como uma conclusão.

No exemplo em (09), a oração *we're gonna go on and talk about the materials of sculpture* indica tanto uma mudança no mundo físico (falar sobre um tema X é um EsCo que professor e alunos vão realizar no mundo) quanto, e principalmente, no mundo do texto. O verbo *go on* pode expressar tanto um movimento espacial, no mundo físico, quanto um movimento textual, evidência da conjugação de transição entre EsCos com transição entre (sub)tópicos discursivos. O verbo *talk* também tem papel importante para a construção da metatextualidade, especialmente por sua combinação com tempo futuro (*we're gonna...talk*). Ao explicitar que “vai falar” sobre os materiais da escultura, o professor indica a próxima direção de seu texto.

Na Tabela 25, mostramos a distribuição longitudinal de cada estágio proposto.

Tabela 25. Frequências dos estágios contextuais envolvidos na trajetória tempo > transição de *now*

	XVII-1	XVII-2	XVIII-1	XVIII-2	XIX-1	XIX-2	XX-1	XX-2/XXI
Estágio I	10/48 (20,8%)	5/23 (21,7%)	5/15 (33,4%)	7/19 (36,8%)	8/37 (21,6%)	7/23 (30,4%)	4/21 (19%)	3/12 (25%)
Estágio II	14/48 (29,2%)	9/23 (39,2%)	6/15 (40%)	6/19 (31,6%)	7/37 (18,9%)	12/23 (52,2%)	10/21 (47,6%)	4/12 (33,3%)
Estágio III	15/48 (31,2%)	5/23 (21,7%)	2/15 (13,3%)	4/19 (21,1%)	19/37 (51,4%)	2/23 (8,7%)	1/21 (4,8%)	3/12 (25%)
Estágio IV	9/48 (18,8%)	4/23 (17,4%)	2/15 (13,3%)	2/19 (10,5%)	3/37 (8,1%)	2/23 (8,7%)	6/21 (28,6%)	2/12 (16,7%)

A tabela mostra que todos os tipos contextuais estão presentes, com frequências bastante variáveis, em todas as sincronias. Desse modo, os dados indiciam que, nesse percurso de mudança, assim como nos percursos que resultam nos usos contrastivos, não há uma correlação entre os

diferentes tipos de contextos polissêmicos e períodos de tempo particulares. É interessante, entretanto, observar que a maior frequência dos contextos associados ao estágio IV, que agregam condições de significado a condições morfosintáticas, se dá em XX-1, sincronia que precede aquela em que os contextos alvo exibem aumento considerável de frequência, superando os contextos fonte. De um lado, esse aumento pode ser reflexo da propagação dos novos usos para gêneros que estão presentes apenas na última sincronia (cf. Capítulo 07). De outro, é possível que o aumento dos contextos alvo seja consequência do crescimento, no período anterior, dos contextos de polissemia que são mais favoráveis à mudança. Nessa via interpretativa, o aumento de tais contextos constituiria um fator para a generalização das inferências do novo significado e da nova função.

6.3. Síntese e encaminhamentos

Este capítulo apresentou a análise das motivações para a emergência dos usos de *agora* e *now* como MDs que veiculam transição textual. Os dados sugerem que as duas trajetórias estão em desenvolvimento já desde as primeiras sincronias analisadas e que ambas são disparadas pela nuance de sequencialidade temporal, que, aliada a outros fatores, ganha contornos de desigualdade. Trata-se, contudo, de um tipo de desigualdade distinto daquele que alimenta as trajetórias rumo a contraste. No desenvolvimento de transição, a desigualdade se manifesta como uma mudança no tempo, de um EsCo A para um EsCo B, e *agora* e *now* contribuem para a sinalização dessa mudança. No Capítulo 07, são explicadas as diferenças entre a desigualdade que alimenta contraste e a desigualdade que alimenta transição.

Nas duas línguas, o percurso tempo > transição textual é atravessado por dois tipos de polissemia: *tempo/transição referencial*, habilitada por contextos que enriquecem o significado temporal com inferências de uma transição entre EsCos no mundo, e *tempo/transição referencial-textual*, instanciada por contextos em que a mudança entre EsCos desencadeia mudança também entre os tópicos focalizados na interação.

Nossa análise atribuiu à polissemia entre tempo e transição referencial/textual maior peso para a emergência dos novos usos, de modo que o critério principal de análise foi o *tipo de transição inferida*. Uma vez que, enquanto MDs, *agora* e *now* têm como traço típico a posição inicial na sentença que ocupam, a análise também empregou o critério *posição de 'agora' e 'now'*.

Combinando os dois critérios, mas atribuindo maior peso para o critério semântico, a análise das duas trajetórias foi operacionalizada a partir de quatro estágios contextuais, que permitem observar a ampla regularidade dos percursos de *agora* e *now* rumo aos usos como MDs. O Quadro 09, apresentando esses estágios, sintetiza os dois percursos.

Quadro 09. As trajetórias rumo à transição: síntese dos estágios contextuais

	Tipo de transição inferida	Posição sentencial
Estágio I	Transição referencial	Variável
Estágio II	Transição referencial	Variável
Estágio III	Transição referencial/textual	Variável
Estágio IV	Transição referencial/textual	Inicial

No Capítulo 07, assim como faremos para os estágios contextuais envolvidos nas trajetórias de tempo a contraste, retomaremos os estágios contextuais envolvidos nos percursos de tempo à transição para uma correlação com o modelo de Diewald (2002). Na recapitulação dos quatro estágios, apresentamos uma síntese que contém maiores especificações de propriedades de forma e significado de cada estágio.

O capítulo mostrou que as frequências dos dois tipos de transição que podem ser inferidas dos contextos de polissemia são bastante variáveis ao longo do tempo, não havendo correlações (por nós esperadas, a princípio) entre intervalos de tempo específicos e o aumento dos contextos que habilitam inferências de transição referencial/textual. Assim, para ambas as trajetórias rumo à transição, não foi possível extrair pistas dos períodos de reanálise a partir dos dados quantitativos. Eles revelam, no entanto, um aspecto importante: os contextos de polissemia tempo/transição referencial-textual exibem frequências significativas em todas as sincronias no português e no inglês, mesmo naquelas em que são superados pelos contextos de polissemia tempo/transição referencial. Considerando a relevância dos primeiros para as mudanças, pelo fato de, conforme discutido no capítulo, conterem marcas explícitas de transição textual, as frequências importantes que mostram em perspectiva longitudinal vão ao encontro de nossa hipótese, discutida no Capítulo 07, sobre um papel da frequência de uso diferente daquele amplamente reconhecido na literatura.

Os resultados apresentados neste capítulo também apontam para a primazia, em nosso trabalho, das análises de natureza qualitativa, que foram mais decisivas no levantamento de hipóteses explicativas sobre os fatos de mudança. A pesquisa mostrou que a principal motivação

para a emergência dos contextos de transição com *agora* e *now* está em verbos e expressões nominais que exprimem metatextualidade, particularmente orientada à organização textual.

Como as duas trajetórias mostram usos de *agora* e *now* como MDs já desde as primeiras sincronias aqui analisadas, sinalizamos, para pesquisas futuras, a relevância de uma reanálise dessas trajetórias a partir de um recuo temporal maior. Isso poderia, dentre outras coisas, legitimar hipóteses sobre os períodos em que surgem as primeiras ocorrências dos MDs e averiguar se as inferências de transição referencial/textual emergem mais tardiamente do que as inferências de transição exclusivamente referencial. Esse último aspecto é particularmente interessante para a análise do processo de intersubjetivização que acompanha a gramaticalização dos MDs *agora* e *now*.

7. Implicações teórico-metodológicas

Neste capítulo, retomamos os resultados principais do trabalho sob um novo olhar, a fim de discutir suas implicações para o modelo teórico-metodológico adotado. Como sinalizamos na *Introdução*, a pesquisa teve como ponto de partida a hipótese, fundamentada em evidências empíricas de mudança (TRAUGOTT, 1995; KORTMANN, 1997), de que os usos temporais de *agora* e *now* alimentam os usos não temporais. O primeiro objetivo do trabalho estava em confirmar (ou não) as relações de derivação inicialmente hipotetizadas. A investigação das mudanças à luz de seus contextos de desenvolvimento levou à confirmação de tais relações, indiciando, do ponto de vista teórico, a produtividade da fonte temporal para a emergência de novos significados e, do ponto de vista metodológico, a relevância do viés contextual de análise para a apreensão de relações de derivação.

As análises fundamentadas em contextos foram operacionalizadas a partir das propostas de Heine (2002) e Diewald (2002) (cf. Capítulo 03). Ambas as propostas postulam que entre os estágios iniciais e finais da mudança existem estágios intermediários em que tanto o significado fonte quanto o significado alvo estão disponíveis e admitem que, em tais estágios intermediários, o que habilita a emergência do novo significado são inferências evocadas por contextos específicos.

É esse pressuposto que torna ambas as propostas convergentes com a IITSC e que faz de ambas, por consequência, recursos metodológicos produtivos para as análises em torno de inferências convidadas. Os Capítulos 05 e 06 colocaram em foco justamente os contextos que, nas propostas dos autores, correspondem aos estágios intermediários das trajetórias tempo > contraste e tempo > transição textual (contextos *bridging*, na proposta de Heine, e contextos *untypical* e *critical*, na proposta de Diewald). Os estágios iniciais e finais das mudanças, por sua vez, estão descritos no Capítulo 04, em que caracterizamos os contextos fonte e os contextos alvo.

Embora os estágios previstos pelos modelos possam ser reconhecidos nos Capítulos 04, 05 e 06, os retomamos nesta seção para um diálogo mais explícito com as propostas de Heine e Diewald, à luz de um novo objetivo: identificar possíveis implicações de nossas análises para os modelos.

Conforme o Capítulo 03, apesar de bastante similares, os modelos de Heine e Diewald exibem diferenças sobretudo em relação aos tipos de contextos envolvidos no estágio de polissemia. Para Diewald, é relevante distinguir contextos que apresentam condições apenas para

a reanálise de significado (contextos *untypical*) de contextos que agregam condições para a reanálise de significado a condições para a reanálise morfossintática (contextos *critical*). Na proposta de Heine, por outro lado, os contextos de polissemia (contextos *bridging*) são descritos apenas em termos de significado, não sendo distinguidos de contextos em que características morfossintáticas também estariam em jogo.

Essa diferença reflete, em nossa interpretação, diferentes tipos de mudança, de modo que, para algumas instâncias, a distinção entre contextos *untypical* e contextos *critical* seria relevante para captar aspectos que uma abordagem em termos de contextos *bridging* não identificaria, ao passo que, em outros casos, apenas aspectos de ordem semântico-pragmática seriam suficientes para a apreensão da mudança. Traugott (2012), investigando o estatuto dos contextos que atuam como gatilho de mudança, coteja os modelos de Heine e de Diewald e discute em especial os contextos de polissemia em cada modelo. À luz de evidências do inglês, a autora chega à conclusão de que a distinção proposta por Diewald é particularmente importante para trajetórias de mudança que experimentam gramaticalização. Segundo a autora,

“inferential pragmatics are key to enabling grammaticalization, but bridging contexts understood in terms of pragmatics and semantics alone are too restrictive to trigger grammaticalization. Indeed, we would in fact expect that changes in the manipulation of inferential pragmatics should be accompanied by other developments, such as the structural shifts that Diewald identifies with critical contexts (...)” (TRAUGOTT, 2012, p. 243)⁸⁰.

Nas instâncias investigadas neste trabalho, a distinção proposta por Diewald e ratificada por Traugott se mostrou altamente relevante na formulação de hipóteses explicativas sobre a gradualidade das mudanças, possibilitando a identificação dos contextos que, do ponto de vista qualitativo, provavelmente tiveram maior peso para as reinterpretações de forma e significado. O modelo de Diewald, portanto, norteou as decisões metodológicas que culminaram na reconstrução aqui proposta para as mudanças atravessadas por *agora* e *now*. Desse modo, como é possível observar nos capítulos de análise, nossos dados reúnem evidências para sustentar a hipótese de que teriam papel chave em processos de gramaticalização contextos que conjugam fatores morfossintáticos e fatores semântico-pragmáticos.

⁸⁰ “Inferências pragmáticas são cruciais para o desencadeamento da gramaticalização, mas contextos *bridging* compreendidos apenas em termos de pragmática e semântica são muito restritos para disparar gramaticalização. De fato, deve-se realmente esperar que mudanças na manipulação de inferências pragmáticas seja acompanhada por outros desenvolvimentos, tais como as mudanças estruturais que Diewald associa com os contextos *critical*”.

Embora Traugott (2012, p. 244) assumo o posicionamento de que contextos *critical* são mais apropriados do que contextos *bridging* para explicar o gatilho da gramaticalização, a autora sugere uma reformulação na proposta de Diewald (2002). Ao descrever o estágio de mudança que denomina *critical*, Diewald afirma que, em tal estágio, fatores semânticos e estruturais estariam acumulados em UM contexto *critical* específico (DIEWALD, 2002, p. 109). Com base nas evidências do inglês, Traugott argumenta que o estágio *critical* deve ser compreendido em um sentido mais amplo, pois não está necessariamente restrito a apenas um contexto particular, devendo, assim, ser concebido como um estágio caracterizado por contexto(s) que reúne(m) condições pragmáticas, semânticas e estruturais (TRAUGOTT, 2012, p. 244). Conforme a autora, ao se investigar uma instância de gramaticalização, é mais importante identificar o conjunto de contextos de origem da nova forma gramatical do que colocar em foco apenas um tipo contextual (TRAUGOTT, 2012, p. 243).

Particularmente nas trajetórias de tempo a contraste, os dados mostram dois diferentes tipos de arranjos contextuais que agregam fatores de forma e fatores de significado, de modo que estariam em jogo, nessas trajetórias, mais de um contexto *critical*. Essa interpretação das mudanças tem em sua base uma concepção particular das reanálises morfossintáticas que constituem a gramaticalização. Para discutir essa questão e também explicitar a correlação entre nossas análises e o modelo de Diewald, rerepresentamos, no Quadro 10, os estágios propostos para as mudanças rumo a contraste e, no Quadro 11, os estágios propostos para as mudanças rumo à transição textual, à luz das etapas de desenvolvimento previstas no modelo. Como ambas as trajetórias de mudança mostraram estágios evolutivos similares para o português e o inglês, não apresentamos quadros diferentes para cada língua. Nas mudanças de tempo a contraste, conforme o Capítulo 05, é possível distinguir contextos polissêmicos que favorecem a especialização para contraste por oposição semântica e contextos que favorecem a especialização para contraste por quebra de expectativa. O Quadro 10, entretanto, por pretender uma retomada mais sintética dos estágios, não contempla essa distinção, tratando os contextos de polissemia apenas em termos de tempo/contraste.

Quadro 10. Estágios evolutivos das mudanças de tempo a contraste, à luz do modelo de Diewald (2002)

Contexto	Estágio evolutivo	Características	Exemplo
Contextos originais		<i>Agora</i> e <i>now</i> atuam como advérbios circunstanciais, expressando relações temporais entre o tempo de EsCos e o tempo da enunciação. As nuances temporais possíveis são: simultaneidade, anterioridade imediata e posterioridade imediata. Os itens participam de diferentes tipos de construções, nas quais exibem mobilidade sentencial, traço típico da categoria adverbial.	Essa fortuna devo estimar para o melhor acerto da nossa correspondência; e, porque agora falamos de amor, escuta, Filena, a frase das melhores expressões. (18:1) His wife interested me somewhat: in face and in character she reminded me of one who now lies beneath the ground. (19:1)
Contextos <i>untypical</i>	Estágio I	<i>Agora</i> e <i>now</i> veiculam as mesmas relações temporais dos contextos fonte, mas o contexto maior de que fazem parte habilita inferências sutis de uma diferença entre dois EsCos, cada um situado em diferentes intervalos de tempo. Apenas um dos EsCos está localmente codificado, de modo que as condições para leitura de diferença estão disseminadas em contextos mais amplos, que extrapolam as fronteiras da construção de que <i>agora</i> e <i>now</i> participam. A flutuação por diferentes posições sentenciais ainda é observada.	Maldito de todos os diabos, agora estás mudo? Dize-lhe alguma cousa, com que se desenfade e se alegre. (18:1) I'm now a Lady indeed. A fine House, fine Cloaths, and Servants to command. And this Sir John is the finest, handsomest Gentleman. (18:1)
	Estágio II	As inferências de diferença que têm início no estágio anterior avançam para inferências de contraste (por oposição semântica ou por quebra de expectativa), em virtude de arranjos contextuais em que os EsCos em relação temporal estão ambos localmente codificados em construções linguísticas de tipos variados. A distinção fundamental entre esse estágio e os estágios subsequentes está no fato de que a relação temporal não se manifesta em uma relação de coordenação entre os enunciados que veiculam cada EsCo. O que habilita inferências de contraste é a conjugação de traços que indiciam que os EsCos constituem diferentes intervalos de tempo (como a correlação modo-temporal e advérbios temporais) com traços que indiciam que os EsCos não apenas se desenvolvem em diferentes tempos, mas mostram também algum tipo de incompatibilidade (como enunciadores lexicais que contêm pontos de vista socialmente concebidos como conflituosos ou orações que, na construção, veiculam significados interpretados como incompatíveis). <i>Agora</i> e <i>now</i> ainda podem ocupar diferentes posições sentenciais.	Esta jovem cheia de encantos, que a pouco vos atrahia pela sua modestia, por suas maneiras doces, mas, graves, e reportadas, por certo acanhamento pudibundo, e por isso mais gracioso, agora a vereis desgranhada, como huma Bachante, destemida como huma furia (...). (19:1) And Dolabella, who was once his friend, Upon some private grudge, now seeks his ruin. (17:2)

Contextos <i>critical</i>	Estágio III	Os traços contextuais que habilitam inferências de contraste são similares aos que habilitam as inferências no estágio anterior. A diferença é que a relação temporal entre os EsCos se manifesta em uma relação coordenativa, o que representa ganhos de significado, pois os EsCos passam a ser interpretados como instâncias de um integrador comum, e também ganhos em termos de morfossintaxe, na medida em que a relação temporal se organiza em uma relação paratática entre os enunciados. Outro aspecto relevante do estágio é que, na relação coordenativa, <i>agora</i> e <i>now</i> ocupam o segundo membro, justamente o membro que integram nos contextos alvo prototípicos. No segundo membro, entretanto, ainda flutuam em diferentes posições, mas nunca ocupam, em tal estágio, a posição inicial da sentença, que, na maioria dos contextos representativos, é preenchida por jutores contrastivos ou multifuncionais que explicitam a coordenação entre os enunciados.	A amizade e o amor o acompanharão e sostiverão algum tempo; mas agora longe de sua casa e de seus irmãos, sentiu-se em um ermo. (19:2) When i was working full time even with my child at home just the frustration of getting home i was so stressed with work and now being part time i'm so much more relaxed. (20:2/21)
	Estágio IV	De modo similar ao estágio III, a relação temporal entre EsCos é expressa através de uma relação de coordenação, mas, aqui, <i>agora</i> e <i>now</i> ocupam a posição inicial do segundo membro, atuando como advérbios juntivos. Trata-se, portanto, do contexto mais propício para a reanálise tanto de significado quanto morfossintática.	Noutro tempo ninguém se retirava dos amigos, sem que dissesse adeus. Agora é moda sairmos dos congressos em segredo. (18:2) My Brothers seruant's Were then my fellowes, now they are my men. (17:1)
Contextos <i>isolating</i>	Estágio V	A partir daqui, passam a existir contextos incompatíveis com o significado fonte, de modo que esse significado e o (novo) significado contrastivo estão associados a contextos específicos, que favorecem uma interpretação e excluem a outra.	Então o problema de percurso ela sempre encontra um jeito de contornar essas vias de, de acesso mais congestionadas, agora o problema de trânsito realmente ela não tem como fugir a ele. (20:2/21) The bourgeoisie has created a world market, now it's not like people weren't trading across national boundaries before. (20:2/21)

Quadro 11. Estágios evolutivos das mudanças de tempo à transição textual, à luz do modelo de Diewald (2002)

Contexto	Estágio evolutivo	Características	Exemplo
Contextos originais	_____	<i>Agora</i> e <i>now</i> atuam como advérbios circunstanciais, expressando relações temporais entre o tempo de EsCos e o tempo da enunciação. As nuances temporais possíveis são: simultaneidade, anterioridade imediata e posterioridade imediata. Os itens participam de diferentes tipos de construções, nas quais exibem mobilidade sentencial, traço típico da categoria adverbial.	Essa fortuna devo estimar para o melhor acerto da nossa correspondência; e, porque agora falamos de amor, escuta, Filena, a frase das melhores expressões. (18:1) His wife interested me somewhat: in face and in character she reminded me of one who now lies beneath the ground. (19:1)
Contextos <i>untypical</i>	Estágio I	<i>Agora</i> e <i>now</i> ainda atuam como advérbios circunstanciais, podendo expressar as três relações temporais identificadas nos contextos fonte. Enquanto advérbios, os itens exibem mobilidade sentencial. Apesar de o significado e a função originais prevalecerem, o contexto habilita inferências de transição referencial, através de elementos (como estruturas imperativas e a correlação modo-temporal) que indicam uma sequência de EsCos no mundo. <i>Agora</i> e <i>now</i> não ocupam a posição típica do MD.	DOMINGOS, ajoelhando-se e abraçando as pernas de Limoeiro - Meu senhor! LIMOEIRO - Levanta-te. Venha agora à festa. (19:2) (...)you only want tapping for pure spirits to flow out spontaneously. Give me your arm. Hold that glove now . (19:2)
	Estágio II	De modo similar ao estágio I, o contexto habilita inferências de transição referencial, mas aqui <i>agora</i> e <i>now</i> ocupam a posição inicial da sentença. Apesar dessa posição, que é traço favorável à reanálise morfossintática, as inferências de transição referencial não são suficientes para a reanálise de significado.	Diabo, por onde se enfia esta geringonça? Creio que é por aqui... Bravo acertei. Belíssimo! Agora a toca. Good Busy, and the rest of my Friends who came with me, pray, walk in. Now let all here attend and witness to the Truths I am about to utter. (18:1)
	Estágio III	A transição referencial ganha traços de transição textual, configurando-se polissemia entre tempo e transição referencial/textual, em virtude de marcas contextuais que explicitam que a transição no mundo está entrelaçada com uma transição no texto (tais como verbos de movimento que são reinterpretados como expressando movimento no texto e verbos ou expressões metatextuais, que, de algum modo, indiciam transição no texto. O significado, nesse estágio, favorece, portanto, a reanálise semântico-pragmática, mas <i>agora</i> e <i>now</i> não ocupam	Até aqui o dia do nascimento do nosso Augusto, e Soberano Monarca D. João Quinto: vamos agora ao dia da sua morte. (18:2) Having thus answered, as I conceive, your objection in particular; I shall now for a conclusion remind you of what I have formerly said in general to the same purpose. (17:2)

		a posição inicial da sentença, o que inviabiliza a reanálise morfossintática.	
Contextos <i>critical</i>	Estágio IV	A polissemia entre tempo e transição referencial/textual se manifesta em um contexto que tem <i>agora</i> e <i>now</i> em posição inicial, havendo, desse modo, elementos tanto para a reanálise de significado quanto para a reanálise morfossintática.	(...) elles não hão de vi- ver sempre no matto, a proporção que forem sahindo delle, vão agarrando e remetendo-os para a capilal, que nisso farão um serviço relevante no seu paiz e [ilegível] aos proprios individuos. Agora , amigo, occuparei a tua atten- ção com o grande acontecimento que teve lugar na còrte do Brazil, nos ul- mos dias (...). (19:2) The first thing you need to think about is to look at it from multiple, um angles. okay, um, now we're gonna go on and talk about the materials of sculpture. (20:2/21)
Contextos <i>isolating</i>	Estágio V	A partir daqui, passam a existir contextos em que uma leitura apenas em termos de transição textual está disponível, excluindo a possibilidade de uma leitura em termos do significado temporal. Significado fonte e alvo, portanto, passam a constituir contextos “isolados”, que se distinguem também em termos de morfossintaxe.	Mas, eh, quer dizer, agora ela finalmente ficou tudo como eu queria. Agora um dos motivos que eu vim morar aqui foi porque eu tenho um filho, que está com nove anos, (...). (20:2/21) You'll have more and more of these oxides all ready to uh uh to prevent severe contact by some passing marauding, asperity. that's the hypothesis now how do you verify or prove this? (20:2/21)

A reapresentação dos estágios evolutivos das trajetórias tempo > contraste e tempo > transição mostra uma variedade de contextos *untypical*, como previsto no modelo de Diewald (2002) (cf. Capítulo 03). No interior desse tipo contextual, propusemos uma gradualidade entre os arranjos contextuais aí situados, conforme mais e menos próximos dos contextos alvo. Julgamos que essa gradualidade, atestada em nossos dados, mas não prevista no modelo de Diewald (2002), pode apontar para uma via de análise que agregaria aos estudos de mudança baseados no modelo

uma perspectiva de gradiência não apenas entre os estágios contextuais previstos, mas também no interior de cada estágio. A relevância dessa perspectiva, que certamente dependeria do fenômeno investigado, está na possibilidade de identificar os contextos que reúnem maior conjunto de fatores para a mudança, o que, por consequência, poderia também levar a uma maior compreensão do papel dos contextos no processo.

No caso da trajetória tempo > contraste, a gradualidade foi também identificada entre os contextos *critical*. Isso porque admitimos que, além dos contextos em que *agora* e *now* já ocupam a posição típica de juntores contrastivos, também se configuram em contextos *critical* aqueles em que, embora os itens não figurem nessa posição, a arquitetura morfossintática da construção de que fazem parte já exhibe propriedades típicas dos contextos alvo. Esse posicionamento deriva do pressuposto de que o processo de gramaticalização não afeta apenas o item que se gramaticaliza, mas toda a construção de que ele participa (TRAUGOTT, 1988; TRAUGOTT; KÖNIG, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; TRAUGOTT, 2010ab; TRAUGOTT, 2012; BYBEE, 2015). O que nos leva a assumir que os contextos em questão já contêm elementos favoráveis à reanálise morfossintática (de toda a construção) são as seguintes propriedades, que, conforme o Capítulo 05, os colocam à frente dos contextos relacionados aos estágios anteriores: (i) pelo fato de a relação temporal entre EsCos ser expressa através de uma relação coordenativa entre os enunciados, a arquitetura morfossintática se configura em parataxe; (ii) *agora* e *now* estão posicionados no segundo membro da estrutura paratática, o que é altamente relevante dado o papel do segundo membro para a formulação do significado de contraste.

A progressão gradual identificada entre os contextos polissêmicos é de natureza qualitativa, não sendo acompanhada, em nossos dados, por uma progressão temporal, no sentido de contextos que reúnem mais condições para a mudança serem atestados apenas em intervalos de tempo mais tardios. Como é possível observar nos Capítulos 05 e 06, em quase todas as trajetórias de mudança investigadas, todos os tipos de contextos polissêmicos, com algumas poucas exceções, aparecem nos dados em praticamente todas as sincronias analisadas. Isso tem, em nossa perspectiva, implicações tanto teóricas quanto metodológicas para o trabalho com fenômenos de mudança.

Do ponto de vista teórico, nos leva a repensar os caminhos para a generalização das inferências de novos significados, enquanto, do ponto de vista metodológico, a questão que se coloca diz respeito ao papel da frequência de uso na mudança e ao modo como ela pode ser explorada para a interpretação dos fatos.

Observamos na literatura um grande conjunto de evidências empíricas de que a generalização tende a estar associada a períodos de tempo específicos, geralmente mais tardios, nos quais os contextos de polissemia experimentam um aumento considerável de frequência, que promove a generalização (cf. Capítulo 02). Mauri e Ramat (2012), por exemplo, com base em evidências empíricas de três instâncias de mudança do italiano (cf. Capítulo 02), identificam uma possível correlação entre um aumento significativo dos contextos polissêmicos e o estágio de generalização, já que esse aumento tende a ser acompanhado ou pelo menos seguido da emergência das primeiras ocorrências do novo significado não mais enquanto significado inferido, mas enquanto novo significado codificado. Nossos dados não confirmam essa tendência e sugerem que pode haver outras vias, além de um considerável aumento na frequência das IINs em sincronias específicas, para a generalização.

Por nossos dados não mostrarem diferenças significativas entre as frequências dos contextos polissêmicos em geral nas diferentes sincronias, tanto no percurso tempo > contraste quanto no percurso tempo > transição, entendemos que a via para a generalização de inferências convidadas que se revela em tais percursos se caracteriza pela *constância* ao longo do tempo dos contextos de polissemia. A continuidade de usos polissêmicos, ainda que não em frequências elevadas em sincronias particulares, também constitui, em nossa análise, um caminho para que a frequência instigue a repetição de tais usos e a consequente associação das construções em mudança com novos traços de forma e significado. Conforme Bybee (2003, p. 604), o papel da frequência na emergência de novos padrões reside justamente na repetição da associação da construção em mudança com novos traços.

Nesse sentido, vemos nas trajetórias de *agora* e *now* rumo aos novos padrões histórias de usos polissêmicos em continuidade, o que levou à repetição da associação de *agora* e *now* com novos significados inferidos e à consequente generalização das inferências. Aliada à constância longitudinal dos usos polissêmicos, está, conforme os dados, a maior frequência, no interior desse conjunto de usos, dos contextos que aliam condições favoráveis à mudança de significado a condições favoráveis à mudança morfossintática. Esse aspecto qualitativo dos tipos de contextos polissêmicos mais frequentes nos dados também é fator de peso para as mudanças, na medida em que leva a um acúmulo de maior conjunto de condições.

Ao longo do trabalho, sinalizamos a importância de cautela com hipóteses baseadas na frequência de uso, tendo em vista particularidades dos *corpora* de algumas sincronias. Indicamos,

sobretudo, a necessidade de cuidado com afirmações a partir dos dados do XVIII-2 no *corpus* do português, pelo fato de essa sincronia se constituir de gêneros não presentes nas demais (cf. Capítulo 03). Conforme prevê o modelo de Tradições Discursivas (KOCH, 1997; ÖESTERREICHER, 1997; KABATEK, 2005; LONGHIN, 2014), nem todos os estados de língua apresentam os mesmos gêneros textuais, em virtude das contínuas transformações sociais, que têm por consequência a remodelação contínua das tradições discursivas. Em vista da inevitável diferença que haveria entre a constituição do *corpus* de XVIII-2 e a constituição das demais sincronias, buscamos compensar a impossibilidade de equivalência entre os tipos de textos das sincronias com similaridades entre eles, coletando para o XVIII-2 textos que tivessem ao menos propósitos comunicativos similares aos dos textos reunidos para as demais sincronias.

Além disso, indicamos a necessidade de cuidado na interpretação das frequências significativamente mais altas dos novos padrões de uso na última sincronia de análise, XX-2/XXI, em relação às frequências baixas ou inexistentes de tais padrões nas demais sincronias, na medida em que essas diferenças na frequência podem ser reflexo de particularidades dos *corpora* do XX-2/XXX, no português e no inglês (cf. Capítulo 03).

Reconhecendo o cuidado necessário em função de dificuldades inevitáveis na constituição de *corpora* diacrônicos, julgamos que a principal contribuição do trabalho está nas análises qualitativas dos contextos, que, a nosso ver, evidenciam a importância não só de levantar fatores condicionadores de mudanças, mas também de investigar o modo como eles se conjugam e o modo como permitem delinear o percurso. Parece possível admitir que, se, de um lado, há dificuldades em se obter pistas do desenvolvimento das mudanças a partir de aspectos quantitativos, em virtude dos desafios do trabalho com dados históricos, de outro, os contextos permitem traçar contornos mais claros, em decorrência dos aspectos qualitativos de desenvolvimento que elucidam.

À luz do pressuposto, central no modelo de Tradições Discursivas, de que o tipo de texto predispõe ou desfavorece o uso de determinadas construções linguísticas (LONGHIN, 2014, p. 57), mostrou-se relevante o exame de possíveis correlações entre os diferentes padrões encontrados nos dados e os tipos de texto que compõem nossos *corpora*. Para tanto, apuramos a distribuição de cada padrão de uso através dos gêneros. A Tabela 26 exhibe os resultados para o português e a Tabela 27, os resultados para o inglês.

Tabela 26. Frequência dos padrões de uso por gênero textual no *corpus* do português

	Tempo	Tempo/Contraste	Contraste	Tempo/Transição	Transição
Peças	367/893 (41,1%)	147/404 (36,4%)	8/88 (9,1%)	95/226 (42%)	20/105 (19,1%)
Cartas	248/893 (27,8%)	93/404 (23%)	4/88 (4,5%)	43/226 (19%)	8/105 (7,6%)
Notícias	72/893 (8,1%)	28/404 (7%)	4/88 (4,5%)	16/226 (7,1%)	4/105 (3,8%)
Aulas universitárias	12/893 (1,3%)	1/404 (0,2%)	1/88 (1,2%)	4/226 (1,8%)	9/105 (8,6%)
Inquéritos	60/893 (6,7%)	71/404 (17,6%)	60/88 (68,2%)	8/226 (3,5%)	52/105 (49,5%)
Memória histórica	13/893 (1,4%)	7/404 (1,7%)	0/88 (0%)	3/226 (1,3%)	1/105 (0,9%)
História econômica	14/893 (1,5%)	1/404 (0,2%)	0/88 (0%)	7/226 (3,1%)	0/105 (0%)
Romances	46/893 (5,3%)	28/404 (6,9%)	4/88 (4,5%)	6/226 (2,7%)	2/105 (1,9%)
Entrevistas	12/893 (1,3%)	0/404 (0%)	7/88 (8%)	0/226 (0%)	5/105 (4,8%)
Alografia	4/893 (0,5%)	2/404 (0,5%)	0/88 (0%)	2/226 (0,9%)	4/105 (3,8%)
Relato descritivo	8/893 (0,9%)	2/404 (0,5%)	0/88 (0%)	4/226 (1,8%)	0/105 (0%)
Écloga	0/893 (0%)	2/404 (0,5%)	0/88 (0%)	0/226 (0%)	0/105 (0%)
Honras panegíricas	18/893 (2%)	13/404 (3,2%)	0/88 (0%)	9/226 (4%)	0/105 (0%)
Poesia	19/893 (2,1%)	9/404 (2,3%)	0/88 (0%)	29/226 (12,8%)	0/105 (0%)

Tabela 27. Frequência dos padrões de uso por gênero textual no *corpus* do inglês

	Tempo	Tempo/Contraste	Contraste	Tempo/Transição	Transição
Peças	691/1409 (49%)	100/275 (36,4%)	1/17 (5,9%)	121/198 (61,2%)	97/264 (36,7%)
Cartas	473/1409 (33,6%)	104/275 (37,8%)	1/17 (5,9%)	62/198 (31,3%)	51/264 (19,3%)
Processos	155/1409 (11%)	36/275 (13,1%)	0/17 (0%)	6/198 (3%)	0/264 (0%)
Aulas e outros textos universitários	49/1409 (3,5%)	21/275 (7,6%)	10/17 (58,8%)	8/198 (4%)	106/264 (40,2%)
Inquéritos	35/1409 (2,5%)	13/275 (4,7%)	4/17 (23,5%)	1/198 (0,5%)	7/264 (2,7%)
Entrevista	6/1409 (0,4%)	1/275 (0,4%)	1/17 (5,9%)	0/198 (0%)	3/264 (1,1%)

As tabelas mostram que, no português, os inquéritos contêm a maior parte dos usos contrastivos (68,2%), ao passo que, no inglês, aulas e outros textos universitários são os que contêm a maior frequência de tais usos (58,8%), que também têm frequência relevante em inquéritos (23,5%). É importante, em nossa análise, o fato de que os usos contrastivos, embora não em frequências elevadas, sejam também encontrados em gêneros presentes em todas ou quase todas as sincronias. No português, considerando as frequências do padrão contrastivo em peças, cartas, notícias e romances, elas resultam no total de 22,6% das ocorrências desse padrão. No inglês, a soma das ocorrências contrastivas em cartas e peças totalizam 11,8%. Apesar de serem frequências menores, elas ainda permitem assumir que os gêneros em questão são favoráveis aos usos juntivos. E o fato de esses gêneros estarem presentes em sincronias anteriores ao XX-2/XXI dá suporte à hipótese, mencionada no Capítulo 05, de que as construções contrastivas com *agora* e *now* são de fato recentes no português e no inglês.

Uma vez que aulas universitárias (e outros textos similares) e conversações espontâneas (que, em nossa interpretação, são a base dos inquéritos) são em gêneros já existentes em períodos anteriores a XX-2/XXI, embora sem registro, não é possível sustentar a hipótese de que os usos contrastivos estejam se propagando primeiramente para novos gêneros, hipótese considerada em alguns pontos das análises. Em épocas passadas, esses usos podem já ter sido frequentes em conversações espontâneas e em aulas ou outros eventos universitários.

O que nos parece uma explicação possível para a maior frequência dos usos contrastivos em tais gêneros é o fato de serem gêneros que, por suas finalidades comunicativas, contêm um teor argumentativo mais acentuado do que os demais. Embora sequências textuais argumentativas estejam presentes nos mais variados tipos de textos, aulas e outros textos universitários, bem como conversações espontâneas no contexto de inquéritos, parecem conter um grau mais elevado de predisposição à atividade de argumentar.

Schwenter (2000) e Traugott (2010a) reconhecem a tendência de contextos fortemente argumentativos favorecerem o desenvolvimento de novos recursos para a argumentação. Trata-se de contextos dialógicos, caracterizados pela evocação de pontos de vista que caminham em direções argumentativas contrárias. Assim, os usos de *agora* e *now* como juntores contrastivos parecem estar se propagando primeiramente em contextos de natureza altamente dialógica.

Já os usos para expressão de transição textual parecem estar um pouco mais distribuídos entre os gêneros. Embora também sejam mais frequentes em inquéritos (49,5%), no português, e

em aulas e outros textos universitários (40,2%), no inglês, são também frequentes, nas duas línguas, em peças teatrais e, no inglês, em cartas. Isso vai ao encontro do que a análise diacrônica mostra. Em ambas as línguas, tais usos se mostram presentes nos dados já desde as primeiras sincronias, o que sugere tratar-se de trajetórias em desenvolvimento há mais tempo em suas respectivas línguas. O fato de estarem em desenvolvimento há mais tempo é uma possível explicação para sua presença em tipos mais variados de texto. Julgamos possível que os gêneros que ainda contêm as maiores frequências dos contextos de transição constituam tipos textuais em que esses contextos primeiramente se propagaram, pois inquéritos e aulas universitárias (bem com outros textos dessa natureza), ao mesmo tempo em que são textos inerentemente argumentativos, são também textos caracterizados por um grau elevado de atenção do falante ao ouvinte. Esse traço favorece, a nosso ver, a busca constante por novos recursos de organização textual.

Os Quadros 10 e 11, apresentados acima, evidenciam que as trajetórias tempo > contraste e tempo > transição se desenvolveram de maneira bastante similar no português e no inglês. Em ambas as línguas, as mudanças de tempo a contraste são motivadas por contextos que aliam uma relação de desigualdade temporal a elementos que indiciam que a desigualdade no tempo é acompanhada pela desigualdade entre os EsCos em relação temporal. A desigualdade temporal é alimentada pela correlação modo-temporal e, em muitos casos, também pela correlação entre *agora* e *now* com outros advérbios circunstanciais, que veiculam intervalos de tempo anteriores àqueles referidos pelos itens. Já a desigualdade entre EsCos é alimentada por traços que variam a depender do tipo de contraste que pode ser inferido. Nas duas línguas, inferências de oposição semântica emergem em contextos constituídos por enunciadores lexicais (DUCROT, 2009) que carregam pontos de vista socialmente concebidos como antagônicos ou por sentenças inteiras que ganham valor de oposição no contexto, em virtude de crenças subjetivas. Os contextos favoráveis a inferências de oposição tendem a exibir um importante correlato morfossintático que torna a dupla oposição (entre tempos e entre EsCos) mais saliente: o paralelismo morfossintático, que leva ao preenchimento de lacunas similares com os termos e expressões cujos significados são construídos como incompatíveis.

As inferências de quebra de expectativa, por sua vez, são disparadas por uma configuração contextual que também se mostra similar no português e no inglês. Trata-se de um contexto em que um dos EsCos em relação evoca expectativas de um determinado efeito, que é negado pelo outro EsCo. Dentre os fatores que produzem expectativas, o que notamos como mais recorrente

são expressões adverbiais que indicam que o EsCo a que se referem se repete ao longo do tempo ou tem longa duração. A repetição ou duração do EsCo funciona como uma espécie de evidência de que dado efeito vai ser decorrente daquele EsCo. Partículas negativas, por outro lado, estão entre os fatores que mais frequentemente nos dados sinalizam a não materialização do efeito e, por consequência, a frustração das expectativas evocadas pelo primeiro EsCo.

Os fatores que condicionam as mudanças de tempo à transição textual também são similares nas duas línguas. Ambas mostram contextos que disparam polissemia entre tempo e transição apenas referencial e contextos que disparam polissemia entre tempo e transição duplamente referencial e textual. O que adiciona traços de transição textual são, em ambas as línguas, verbos e outras expressões metatextuais que tornam explícita a correlação entre mudança no mundo e mudança no texto.

Traugott e Dasher (2004) levantam duas hipóteses que parecem fornecer explicações possíveis para português e inglês terem atravessado instâncias de mudança tão similares. Os autores acreditam que estruturas conceituais similares⁸¹ entre línguas podem levar a similaridades em sua morfossintaxe (TRAUGOTT; DASHER, 2004, p. 08). Isso implica que significados similares teriam representações morfossintáticas similares. Para além disso, hipotetizam que, se línguas diferentes compartilham as mesmas estruturas conceituais, as mesmas inferências convidadas podem surgir (TRAUGOTT; DASHER, 2004, p. 17)⁸². As duas hipóteses parecem estar intimamente relacionadas, embora essa relação não seja explicitada pelos autores. Estruturas conceituais similares motivariam inferências convidadas similares justamente porque seriam expressas através de estruturas morfossintáticas similares. Com base nessa relação, levantamos a seguinte hipótese explicativa para as regularidades de mudança que este trabalho evidencia para o português e o inglês: as duas línguas compartilham estruturas conceituais de tempo similares, e, por isso, expressam essas estruturas através de arranjos contextuais similares, que, por sua vez, teriam disparado inferências convidadas similares. As evidências que nosso trabalho reúne para essa hipótese estão nas similaridades identificadas entre os contextos favorecedores nas duas línguas, desde os estágios iniciais até os estágios finais das mudanças.

⁸¹ Os autores definem estruturas conceituais como estruturas altamente abstratas relativamente estáveis na espécie humana (tais como MOVIMENTO, LUGAR, CONDIÇÃO) (TRAUGOTT; DASHER, 2004, p. 07).

⁸² Como exemplo, os autores mencionam inferências de causalidade, que tendem a emergir do significado de posterioridade temporal. De acordo com a hipótese, tempo posterior, enquanto uma estrutura conceitual, sempre convidaria inferências de causalidade em línguas que compartilham tal estrutura.

Além de um confronto entre as trajetórias rumo a contraste e entre as trajetórias rumo à transição nas duas línguas, é relevante um exame comparativo também entre os dois percursos, independentemente da língua em que se desenvolvem, tendo em vista que ambos têm origem no domínio de tempo. E, ainda, no interior desse domínio, a relação que alimenta ambos é uma relação de desigualdade temporal. O que os torna percursos de mudança distintos é a conjugação da desigualdade temporal com outros traços contextuais. Assim, observa-se uma fonte similar que atravessa especializações, e isso é relevante para pensar as semelhanças e as diferenças entre os juntores e os MDs.

Defendemos que ambos os percursos têm origem em uma relação de desigualdade temporal com base no fato de que seus contextos de desenvolvimento envolvem uma *mudança no tempo*, de um EsCo A para um EsCo B. A decisão por também tratar a mudança no tempo que alimenta inferências de transição como um tipo de desigualdade nos permitiu tratar de modo unificado a relação temporal que é base comum para a emergência de contraste e de transição. Essa relação poderia ser também descrita como uma relação de sequencialidade, mas há outros tipos de relação em jogo nas trajetórias rumo a contraste (cf. Capítulo 05), de modo que a nuance de sequencialidade não é capaz de abrigar todos os tipos de polissemia que favorecem contraste. Desigualdade, por outro lado, permite essa uniformização, na medida em que, independentemente da relação temporal que evoca inferências de contraste, ela sempre instaura algum tipo de desigualdade entre tempos. De modo similar, nos contextos favoráveis à emergência de transição, também se verifica uma desigualdade entre tempos, e, aqui, trata-se sempre de uma desigualdade entre tempo anterior e tempo posterior. Como há mudança de uma situação a outra, a desigualdade entre tempos também é, nessa trajetória, acompanhada de uma desigualdade entre EsCos.

Ambos os padrões resultantes das mudanças investigadas no trabalho, contraste e transição, têm natureza *relacional* (que, conforme discutido no Capítulo 02, é comum às várias formas gramaticais), pois ambos atuam na articulação de enunciados, traço que remonta aos papéis que *agora* e *now* desempenham ainda nos contextos de polissemia, sinalizando vínculos entre EsCos no mundo e estabelecendo algum tipo de ordenação entre eles. E, justamente por sua função de articuladores de enunciados, tanto juntores quanto MDs ocupam a posição inicial das sentenças. As duas trajetórias, portanto, são instâncias de mudança em que articulação de elementos do mundo se remodela em articulação de elementos do texto.

Sendo desigualdade temporal a nuance comum a ambos os padrões, é sua conjugação com outros traços contextuais que leva a especializações, que resultam em diferentes percursos de mudança. O principal fator de especialização, em nossa análise, é que, na trajetória rumo a contraste, a indicação de mudança tem por finalidade comunicativa a comparação entre EsCos, ao passo que, na trajetória rumo à transição, não existe a finalidade de comparar, mas apenas a de indicar que uma dada situação no mundo (e, em alguns casos, também no texto) vai mudar. Para sustentar esse argumento, rerepresentamos abaixo um exemplo de contexto favorável a contraste e um exemplo de contexto favorável à transição. Como, nesse momento, não está em jogo o confronto entre línguas, mobilizamos apenas exemplos do português.

(01) Noutro tempo ninguém se retirava dos amigos, sem que dissesse adeus. **Agora** é moda sairmos dos congressos em segredo. (POCC18:2, 44, C2).

(02) DOMINGOS, ajoelhando-se e abraçando as pernas de Limoeiro - Meu senhor!
LIMOEIRO - Levanta-te. Venha **agora** à festa. (PTCD19:2, 31, C1).

Em (01), observa-se uma comparação entre comportamentos sociais em diferentes intervalos de tempo. Justamente em virtude da comparação que subjaz os contextos que alimentam contraste, os dois EsCos são descritos à luz de um mesmo parâmetro⁸³, que constitui, nos contextos em que tempo/contraste é expresso através da coordenação dos enunciados, o integrador comum postulado por Lang (2000) (cf. Capítulo 04). Já em (02), o locutor não estabelece comparação entre os diferentes EsCos. O que permite inferir desigualdade entre um EsCo e outro é a simples passagem de uma ação X para uma ação Y, não havendo parâmetro que as unifique em termos de algum aspecto. Disso decorre a diferença que, no Capítulo 04, mobilizamos como o principal critério para defender que contraste e transição constituem diferentes padrões semântico-pragmáticos: no primeiro, os enunciados compartilham um integrador comum, enquanto, no segundo, não estão assim integrados, por mais relacionados que sejam os tópicos envolvidos na transição. A passagem de um (sub)tópico a outro é evidência de que não há integração – no sentido proposto por Lang (2000) para a coordenação oracional –, mas apenas uma relação entre (sub)tópico anterior e (sub)tópico posterior, mais ou menos estreita a depender do ambiente textual.

⁸³ No exemplo (01), o parâmetro em jogo é o modo de se retirar de eventos sociais.

Considerações Finais

Neste trabalho, reunimos evidências do papel chave dos contextos de uso para o desenvolvimento de mudanças de forma e significado. As evidências foram extraídas de instâncias de mudança similares atravessadas pelas construções com *agora* (port.) e pelas construções com *now* (ing.). Os contextos se revelaram uma via de análise produtiva tanto para a confirmação das relações de derivação entre os usos temporais e não temporais quanto para a observação de regularidades translinguísticas de mudança.

O trabalho mostra desafios particularmente de natureza metodológica para os estudos de mudança, dadas as dificuldades de coleta de materiais para épocas passadas. Sugere a primazia do viés qualitativo para as análises, não como uma negação do papel fundamental dos resultados de natureza quantitativa, mas como uma estratégia para se alcançar pistas de mudança que podem se tornar obscuras diante das dificuldades do trabalho com dados históricos.

As trajetórias de tempo a contraste e de tempo a transição, investigadas neste trabalho, constituem tendências, sustentadas por evidências empíricas (cf. Capítulo 02), que colocam em destaque o domínio temporal como um canal de derivação produtivo nas línguas. A produtividade de processos de metonimização, como aqueles descritos nos Capítulos 05 e 06, a partir de fontes temporais está intimamente relacionada à produtividade da categoria semântico-cognitiva de tempo para processos de metaforização. Tempo é uma das categorias básicas à experiência humana (HEINE *et al.*, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; BYBEE, 2015), o que a torna cognitivamente mais acessível do que outras e, portanto, frequentemente mobilizada para a expressão de categorias mais complexas. Por trás dos processos de metonimização que os contextos de desenvolvimento de contraste e os contextos de desenvolvimento de transição mostram, estão as metáforas tempo > contraste e tempo > texto.

Nesse sentido, relações contrastivas são com frequência mapeadas em termos de relações temporais, e progressão textual é com frequência mapeada em termos de progressão temporal. Os dois tipos de metaforização são micro-tendências que fazem parte de macro-processos, a gramaticalização e a subjetivização. Nosso trabalho reúne evidências, já amplamente atestadas na literatura (cf. Capítulo 02), de que os contextos fornecem a chave para a confirmação das relações de derivação instauradas por ambos os processos e para a extração das regularidades translinguísticas que eles instanciam. Julgamos, assim, que o trabalho corrobora o papel

imprescindível que tem sido atribuído ao domínio contextual, evidenciando sua relevância tanto teórica quanto metodológica para os estudos de mudança.

REFERÊNCIAS

- AIJMER, K. I think – an English modal particle. In: SWAN, T.; WESTVIK, O. J. (Ed.). **Modality in Germanic Languages: historical and comparative perspectives**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997. p. 1-48. (Trends in Linguistics: Studies and Monographs).
- _____. **English discourse markers: evidence from a corpus**. Amsterdam: John Benjamins, 2002.
- ANTONIO, J. D. Os usos de agora em elocuições formais e em entrevistas orais. **Revista de Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 189-214, 2009.
- BALLY, C. **Linguistique générale et linguistique historique**. Berne: Éditions Francke, 1965.
- BERTULEZA, C. D. S. **Os usos dos itens antes, agora e depois em gêneros acadêmicos**. 2013. 107 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2013.
- BOULIN, M. Now and xianzai: a contrastive study of two deictic adverbs. In: FOSTER, A. (Ed.). **Languages in contrast**. Amsterdam: John Benjamins, 2017. p. 1-17.
- BYBEE, J. Cognitive processes in grammaticalization. In: TOMASELO, M. (Ed). **The New Psychology of Language**. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2002. p. 145-168.
- _____. **Language Change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- _____. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- _____. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (Ed.). **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623.
- CACOULOS, R. T; SCHWENTER, S. Towards an operational notion of subjectification. In: ANNUAL MEETING OF THE BERKELEY LINGUISTICS SOCIETY, 31., 2005, Berkeley. **Berkeley Linguistics Society Proceedings**. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 2005. p. 347-358.
- CARTER, S.; ALTSHULER, D. Now with subordinate clauses. In: SEMANTICS AND LINGUISTIC THEORY CONFERENCE, 27., 2017, Maryland. **Proceedings of Semantic and Linguistic Theory Conference**. Maryland: Linguistic Society of America, 2017. p. 1-6.
- COSERIU, E. **Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística**. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- COUTINHO, I. L. **Pontos de gramática histórica**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

CRISTOFARO, S. **Subordination**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DIEWALD, G. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, I. (Ed.). **New reflections on grammaticalization**. Philadelphia: John Benjamins, 2002. p. 103-120.

_____. Pragmaticalization (defined) as grammaticalization of discourse functions. **Linguistics**, Hawthorne, v. 49, n. 2, p. 365-390, 2011.

DUCROT, O. **Princípios de semântica linguística**. São Paulo: Cultrix, 1977.

_____. **Slovenian Lectures: introduction into argumentative semantics**. Ljubljana: Pedagoški Inštitut, 2009.

DUQUE, P. H. **O elemento agora sob o enfoque da gramaticalização**. 2002. 139 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

FABRI, K. M. C. **O funcionamento textual-discursivo do já e do agora em diferentes tipos de textos orais e escritos da língua portuguesa**. 2013. 233 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

FARACO, C. A. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola, 2005.

FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FINELL, A. The repertoire of topic changers in personal, intimate letters: a diachronic study of Osborne and Woof. In: RISSANEN, M. et al. (Ed.). **History of Englishes: new methods and interpretations in historical linguistics**. Berlin: De Gruyter Mouton, 1992. p. 720-735.

FRASER, B. An approach to discourse markers. **Journal of Pragmatics**, Amsterdam, 14, p. 383-395, 1990.

_____. Types of English discourse markers. **Acta Linguistica Hungarica**, Budapest, v. 38, p. 19-33, 1988.

GONÇALVES, F. R. **Vocabulário da Língua Portuguesa**. Coimbra: Coimbra Editora, 1966.

GRYNER, H. A emergência das construções contrastivas introduzidas por agora. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. (Org.) **Anthony Julius Naro e a Linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p. 207-218.

HAIMAN, J. **Natural syntax: iconicity and erosion**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

HASPELMATH, M. Coordination. In: SHOPEN, T. (Ed.). **Language Typology and Syntactic Description**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 1-51.

HEINE, B. On the role of context in grammaticalization. In: WISCHER, I. (Ed.). **New reflections on grammaticalization**. Philadelphia: John Benjamins, 2002. p. 83-101.

HEINE, B. et al. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HEINE, B.; KUTEVA, T. **The genesis of grammar: a reconstruction**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

ILARI, R. et al. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. T. (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2002. v. 1. p. 53-120.

JUBRAN, C. et al. **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2015.

KABATEK, J. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico. **Lexis**, Lima, v. 29, n. 2, p. 151-177, 2005.

KOCH, P. Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen status und ihrer dynamik. FRANK, B.; HAYE, T.; TOPHINKE, D. (Org.). **ScriptaOra**, Tübingen, v. 99, p. 43-79, 1997.

KORTMANN, B. **Adverbial subordination: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LAKOFF, R. If's and's and but's about conjunction. In: FILLMORE, C.; LANGEDOEN, D. (Ed.). **Studies in linguistic semantics**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1971. p. 114-149.

LANG, E. **The semantics of coordination**. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

LANG, E. Adversative connectors on distinct levels of discourse: a re-examination of Eve Sweetser's three-level approach. In: COUPER-KUHLEN; E., KORTMANN, B. (Ed.). **Cause, condition, concession, contrast: cognitive and discourse perspectives**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 235-256.

LANGACKER, R. **Foundations of cognitive grammar**. Redwood City: Stanford University Press, 1987.

LEÃO, A. V. **O período hipotético iniciado por se**. Belo Horizonte: Imprensa da UFMG, 1961.

LEE, E. Discourse properties of now. **Journal of Linguistics**, Cambridge, v. 53, n. 3, p. 613-640, 2017.

LIMA, A. P.; SILVA, J. A. A.; SOUSA, V. V. Agora: um item linguístico gramaticalizado: análise no corpus de português popular de Vitória da Conquista. **Colóquio do Museu Pedagógico**, Vitória da Conquista, v. 10, n. 1, p. 3191-3204, 2013.

LINS, M. P. P. Gramaticalização de agora. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, n. 1, p. 135-154, 2007.

LONGHIN, S. R. **As construções clivadas**: uma abordagem diacrônica. 1999. 195 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

LONGHIN, S. R. **A gramaticalização da perífrase conjuncional só que**. 2003. 212 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

LONGHIN, S. R. **Tradições discursivas**: conceito, história e aquisição. São Paulo: Cortez, 2014.

LONGHIN, S. R. Emergência de juntores contrastivos na história do português: contexto, polissemia e subjetivização. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 18, p. 263-299, 2016a.

LONGHIN, S. R. Regularidades em mudança semântica: um estudo de caso no domínio da junção. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 130-145, 2016b.

LONGHIN, S. R.; SONCIN, G. Da subordinação à coordenação: evidências pragmáticas, prosódicas e sintáticas. **Revista Internacional de Linguística Iberoamericana**, Madrid, 2018. No prelo.

LONGHIN-THOMAZI, S. R.; RODRIGUES, A. T. C. Coordenação em foco: relações pragmáticas de foco em construções complexas. **Lusorama**, [S. 1.], v. 85/86, p. 107-136, 2011.

MANOLIU, M. M. From deixis ad oculos to discourse markers via deixis ad phantasma. In: SMITH, J. C.; BENTLEY, D. (Ed.). **Historical linguistics 1995**: general issues and non-Germanic languages. Philadelphia: John Benjamins, 2000. p. 243-260.

MARTELLOTA, M. E. Gramaticalização de operadores argumentativos. In: VOTRE, S.; CEZÁRIO, M. M.; MARTELOTTA, M. E. **Gramaticalização no português do Brasil**: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, 1996. p. 106-122.

MAURI, C. The parallelisms of clausal coordination. **Revue de Sémantique et Pragmatique**, Orléans, n. 24, p. 145-175, 2008.

MAURI, C.; RAMAT, A. G. The development of adversative connectives in Italian: stages and factors at play. **Linguistics**, Antwerp, v. 50, p. 191-239, 2012.

MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. **Scientia**: rivista internazionale di sintesi scientifica, Bologna, v. 12, n. 26, p. 131-148, 1912.

MIGGE, B. Functions and uses of now in the speech of newcomers to Ireland. In: AMADOR-MORENO, C. P.; McCAFFERTY, K.; VAUGHAN, E. (Ed.). **Pragmatic markers in Irish English**. Amsterdam: John Benjamins, 2015. p. 390-407.

NASCENTES, A. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1966.

NAYLOR, A. R. Os níveis de atuação do mas no discurso. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 28, p. 37-44, 1995.

NEVES, M. H. M. Circunstanciais. In: ILARI, R. (Org.). **Palavras de classe aberta**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 329-343.

_____. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000.

_____. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

NUNES, J. J. **Compêndio de gramática histórica portuguesa**: fonética e morfologia. Lisboa: Livraria Clássica, 1956.

OCHS, E. Linguistic resources for socializing humanity. In: GUMPERZ, J. J.; LEVINSON, S. C. (Ed.). **Rethinking linguistic relativity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 407-437.

ÖESTERREICHER, W. Zur fundierung von diskurstraditionen. In: FRANK, B.; HAYE, T.; TOPHINKE, D. (Org.). **Gattungen mittelalterlicher schriftlichkeit**. Tübingen: Gunter Narr, 1997. p. 19-41.

OLIVEIRA, M. J. **Conectores adversativos na fala do natalense**: uma análise funcionalista com implicações para o ensino. 2009. 133 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

PEZATTI, E. G.; LONGHIN, S. R. As construções coordenadas. In: NEVES, M. H. M. (Org.). **A construção das orações complexas**. São Paulo: Contexto, 2016. v. 5, p. 13-68.

PHILIPPSEN, N. I. Deslizamentos funcionais do item agora: a gramaticalização em processo. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 49, p. 64-82, 2011.

QUIRK, R. et al. **A comprehensive grammar of the English language**. New York: Longman, 1985.

RAMAT, A. G.; MAURI, C. The grammaticalization of coordinating interclausal connectives. In: NARROG, H.; HEINE, B. (Ed.). **The Oxford Handbook of Grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 656-667.

REDEKER, G. Discourse markers as attentional cues to discourse structure: poster presented at the psycholinguistic poster session. In: ANNUAL MEETING OF THE LINGUISTIC SOCIETY, 28., 1993, Los Angeles. **Meeting Handbook Linguistic Society of America**. Los Angeles: Linguistic Society of America, 1993. p. 1-26.

RIBEIRO, P. S. **A variação no uso dos marcadores explícitos e implícitos de contraste: – mas, agora e zero – no português falado no Rio de Janeiro**. 2011. 128 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

RISSO, M. S. “Agora... o que eu acho é o seguinte”: um aspecto da articulação do discurso no português culto falado. In: CASTILHO, A. T.; BASÍLIO, M. (Org.). **Gramática do português falado**. São Paulo: FAPESP, 1996. v. 4. p. 31-60.

_____. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In: JUBRAN, C. S. (Org.). **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 391-452.

ROCHA, A. P. A. Mudanças semânticas apresentadas por embora e agora em português: reflexões sobre o papel da categoria cognitiva tempo. **Domínios de Lingu@agem**, Uberlândia, v. 6, p. 5-17, 2009.

RODRIGUES, F. C. D. **Padrões de uso e gramaticalização de agora e então**. 2009. 309 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 3.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SCHIFFRIN, D. **Discourse markers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SCHWENTER, S. **Pragmatics of conditional marking**: implicature, scalarity, and exclusivity. London: Routledge, 1999.

_____. Some reflections on o sea: a discourse marker in spanish. **Journal of Pragmatics**, Amsterdam, v. 25, p. 855-874, 1996.

_____. Viewpoints and polysemy: linking adversative and causal meanings of discourse markers. In: COUPER-KUHLER, E.; KORTMANN, B. (Ed.). **Cause, condition, concession, contrast**: cognitive and discourse perspectives. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 257-281.

SCHWENTER, S.; TRAUGOTT, E. Invoking scalarity: the development of in fact. **Journal of Historical Pragmatics**, Amsterdam, v. 1, p. 7-25, 2000.

SILVA, C. R.; OLIVEIRA, M. J. O advérbio agora em processo de gramaticalização: é preciso ensinar que/como/por que a língua muda. **Revista do GELNE**, Natal, v. 14, n. 1, p. 57-76, 2012.

SKEAT, W. W. **An etymological dictionary of the English language**. Mineola: Dover Publications, 2005.

SOUZA JÚNIOR, R. C. **A multifuncionalidade do item agora em tiras de quadrinhos: da gramática ao discurso**. 2005. 82 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

SWEETSER, E. **From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

_____. Grammaticalization and semantic bleaching. In: ANNUAL MEETING OF THE BERKELEY LINGUISTICS SOCIETY, 14., 1988, Berkeley. **Proceedings of the Fourteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1988. p. 389-405.

TRAUGOTT, E. Dialogic contexts as motivations for syntactic change. In: CLOUTIER, R.; HAMILTON-BREHM, A. M.; KRETZSCHMAR, W. (Ed.). **Variation and change in English grammar and lexicon**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010b. p. 11-27.

_____. From less to more situated in language: the unidirectionality of semantic change. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON ENGLISH HISTORICAL LINGUISTICS, 5., 1990, Amsterdam. **Papers 5 International Conference on English Historical Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1990. p. 497-517.

_____. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (Ed.). **Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010a. p. 29-71.

_____. Pragmatic strengthening and grammaticalization. In: ANNUAL MEETING OF THE BERKELEY LINGUISTICS SOCIETY, 14., 1988, Berkeley. **Proceedings of the Fourteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1988. p. 406-416.

_____. The role of pragmatics in semantic change. In: INTERNATIONAL PRAGMATICS CONFERENCE, 6., 1998, Antwerp. **Selected papers 6 International Pragmatics Conference**. Antwerp: International Pragmatics Association, 1999. p. 93-102.

_____. The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON HISTORICAL LINGUISTICS, 12., 1995, Manchester. **Paper 12 International Conference on Historical Linguistics**. Manchester: University of Manchester, 1995. p. 1-23.

_____. The status of onset contexts in analysis of micro-changes. In: KYTÖ, M. (Ed.). **English Corpus Linguistics: Crossing Paths**. Amsterdam: Editions Rodopi, 2012. p. 221-255.

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. (Ed.). **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

TRAUGOTT, E.; KÖNIG, E. The semantic-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Ed.). **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 189-218.

TERMO DE REPRODUÇÃO XEROGRÁFICA

Autorizo a reprodução xerográfica do presente Trabalho de Conclusão, na íntegra ou em partes, para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, 21 / 09 / 2018

Luís Ferrari

Assinatura do autor